

Escola Superior de Educação João de Deus
Mestrado em Ensino dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico
Estágio Profissional I, II, III e IV

Relatório de Estágio Profissional

Ana Filipa Pereira Robalo

Lisboa, julho de 2012

Escola Superior de Educação João de Deus
Mestrado em Ensino dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico
Estágio Profissional I, II, III e IV

Relatório de Estágio Profissional

Ana Filipa Pereira Robalo

Relatório apresentado para a obtenção do Grau de Mestre em Ensino dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico, sob a orientação da Professora Doutora Teresa da Silveira-Botelho

Lisboa, julho de 2012

Agradecimentos

Agradeço,

Ao Professor Doutor António Ponces de Carvalho, Diretor desta Instituição, a oportunidade dada para frequentar este curso;

A todos os professores que me ajudaram nesta etapa concedendo-me todo o empenho e dedicação. Com especial atenção à minha Orientadora de Mestrado, a Professora Doutora Teresa da Silveira-Botelho, à qual agradeço toda a exigência, paciência e força nos momentos mais complicados. Obrigada por acreditar nas minhas capacidades.

A todas as pessoas, que trabalham no Jardim-Escola João de Deus dos Olivais, que me ajudaram e proporcionaram grandes momentos de aprendizagem e, em especial, à professora Sandra Ramalinho pela disponibilidade e ajuda;

Às minhas colegas de curso Cláudia Cardoso, Cláudia Canastra e Joana Martins, que sempre me apoiaram nos melhores e piores momentos ao longo destes anos em comum;

Aos meus pais por todo o esforço que fizeram para que eu conseguisse seguir os meus sonhos. Em todos os momentos tiveram uma palavra especial de incentivo ajudando-me a superar momentos menos bons. São os melhores pais do mundo;

Ao meu namorado, que foi, sem dúvida, uma ajuda fundamental. Obrigada pelas horas de conversa, pelos conselhos, pelas chamadas de atenção e pela força para continuar a lutar pelo que sempre desejei;

A todas as crianças, pela franca e enriquecedora partilha de experiências vividas e sem as quais este trabalho não seria possível.

ÍNDICE

Índice de Figuras.....	xi
Índice de Quadros.....	xii
INTRODUÇÃO.....	1
1. Identificação do local de estágio.....	3
2. Descrição da estrutura do relatório.....	4
3. Metodologia utilizada.....	5
4. Pertinência do estágio.....	6
5. Cronograma.....	7
CAPÍTULO 1 – RELATOS DIÁRIOS.....	11
1.1. 1. ^a SECÇÃO – 4.º ANO.....	13
1.1.1. Caracterização da turma.....	13
1.1.2. Caracterização do espaço.....	14
1.1.3. Horário.....	15
1.1.4. Relatos diários.....	15
1.2. 2. ^a SECÇÃO – 1.º ANO.....	34
1.2.1. Caracterização da turma.....	34
1.2.2. Caracterização do espaço.....	35
1.2.3. Horário.....	36
1.2.4. Relatos diários.....	36
1.3. 3. ^a SECÇÃO – ESTÁGIO INTENSIVO.....	56
1.3.1. Caracterização da escola.....	56
1.3.2. Caracterização da turma.....	56
1.3.3. Horário.....	57
1.3.4. Resumo do estágio.....	57
1.4. 4. ^a SECÇÃO – 2.º ANO.....	58
1.4.1. Caracterização da turma.....	58
1.4.2. Caracterização do espaço.....	59
1.4.3. Horário.....	60
1.4.4. Relatos diários.....	60
1.5. 5. ^a SECÇÃO – 3.º ANO.....	76
1.5.1. Caracterização da turma.....	76
1.5.2. Caracterização do espaço.....	76

1.5.3. Horário.....	77
1.5.4. Relatos diários.....	78
1.6. 6. ^a SECÇÃO – 2.º CICLO.....	99
1.6.1. Caraterização da escola.....	99
1.6.2. Caraterização das turmas.....	100
1.6.3. Horário.....	102
1.6.4. Relatos diários.....	102
1.7. 7. ^a SECÇÃO – ESTÁGIO INTENSIVO.....	151
1.7.1. Caraterização da escola.....	151
1.7.2. Caraterização da turma.....	151
1.7.3. Horário.....	152
1.7.4. Resumo do estágio.....	152
1.8. 8. ^a SECÇÃO– 4.º ANO.....	154
1.8.1. Caraterização da turma.....	154
1.8.2. Horário.....	154
1.8.3. Relatos diários.....	155
CAPÍTULO 2 – PLANIFICAÇÕES.....	175
2.1. Descrição do capítulo.....	176
2.2. A planificação e a importância de planificar.....	176
2.3. Planificações do 1.º Ciclo do Ensino Básico.....	179
2.4. Planificações do 2.º Ciclo do Ensino Básico.....	188
CAPÍTULO 3 – DISPOSITIVOS DE AVALIAÇÃO.....	201
3.1. Descrição do capítulo.....	203
3.2. A avaliação e a importância de avaliar.....	203
3.3. Dispositivos de avaliação do 1.º Ciclo do Ensino Básico.....	206
3.4. Dispositivos de avaliação do 2.º Ciclo do Ensino Básico.....	225
REFLEXÃO FINAL.....	249
1. Considerações finais.....	251
2. Limitações.....	254
3. Novas pesquisas.....	255
Referências Bibliográficas.....	257
Anexos.....	269

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – <i>Imagem do Jardim-Escola João de Deus – Olivais</i>	4
Figura 2 – <i>Sala de aula do 4.º Ano</i>	14
Figura 3 – <i>Calculadoras Pappy</i>	21
Figura 4 – <i>Sala de aula do 1.º ano</i>	35
Figura 5 – <i>Cuisenaire</i>	37
Figura 6 – <i>Construção do sofá com o 5.º Dom</i>	45
Figura 7 – <i>Sala de aula do 2.º ano</i>	59
Figura 8 – <i>Sala de aula do 3.º ano</i>	77
Figura 9 – <i>Eu a preparar a experiência</i>	96
Figura 10 – <i>Aluno a trabalhar com o material Cuisenaire</i>	97
Figura 11 – <i>Alunos na feira do livro na biblioteca da escola</i>	124
Figura 12 – <i>Alunos a trabalharem com os poliminós</i>	161
Figura 13 – <i>Resultados da avaliação da atividade sobre os Pronomes pessoais</i>	211
Figura 14 – <i>Resultados da avaliação da atividade sobre Desafios Matemáticos</i>	218
Figura 15 – <i>Resultados da avaliação da atividade de Estudo do Meio</i>	224
Figura 16 – <i>Resultados da avaliação da atividade de Língua Portuguesa</i>	229
Figura 17 – <i>Resultados da avaliação da atividade de Matemática</i>	234
Figura 18 – <i>Resultados da avaliação da atividade de História e Geografia de Portugal</i>	246

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 – Cronograma de estágio no 1.º Ciclo do Ensino Básico.....	9
Quadro 2 – Cronograma de estágio no 2.º Ciclo do Ensino Básico e no 4.º Ano.....	9
Quadro 3 – Horário do 4.º ano	15
Quadro 4 – Horário do 1.º ano.....	36
Quadro 5 – Horário do 2.º ano.....	60
Quadro 6 – Horário do 3.º ano	78
Quadro 7 – Horário do 2.º Ciclo.....	102
Quadro 8 – Horário do 6.º ano B.....	152
Quadro 9 – Horário do 4.º ano.....	155
Quadro 10 – Plano de aula de Língua Portuguesa.....	179
Quadro 11 – Plano de aula de Matemática.....	182
Quadro 12 – Plano de aula de Estudo do Meio.....	184
Quadro 13 – Plano de aula de Língua Portuguesa.....	188
Quadro 14 – Plano de aula de Matemática.....	191
Quadro 15 – Plano de aula de Ciências da Natureza.....	194
Quadro 16 – Plano de aula de História e Geografia de Portugal.....	197
Quadro 17 – Escala de Likert.....	205
Quadro 18 – Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade de Língua Portuguesa.....	209
Quadro 19 – Grelha de avaliação da atividade de Língua Portuguesa.....	210
Quadro 20 – Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade de Matemática.....	216
Quadro 21 – Grelha de avaliação da atividade de Matemática.....	217
Quadro 22 – Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade de Estudo do Meio.....	222
Quadro 23 – Grelha de avaliação da atividade de Estudo do Meio.....	223
Quadro 24 – Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade de Língua Portuguesa.....	227
Quadro 25 – Grelha de avaliação da atividade de Língua Portuguesa.....	228
Quadro 26 – Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade de Matemática.....	232
Quadro 27 – Grelha de avaliação da atividade de Matemática.....	233

Quadro 28 – Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade de Ciências da Natureza.....	238
Quadro 29 – Grelha de avaliação da atividade de Ciências da Natureza.....	239
Quadro 30 – Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade de História e Geografia.....	244
Quadro 31 – Grelha de avaliação da atividade de História e Geografia de Portugal.....	245

Introdução

Para completar o Mestrado em Ensino do 1.º/2.º Ciclos do Ensino Básico e no âmbito das unidades curriculares Estágio Profissional I, II, III e IV, foi-nos exigido a elaboração de um relatório de Estágio Profissional.

Este relatório abarca o estágio vivenciado nas duas valências diferentes, 1.º e 2.º Ciclos e teve a duração de dois anos consecutivos dividido em quatro semestres.

O estágio decorreu no Jardim-Escola dos Olivais e numa escola pública em Lisboa.

Está organizado por capítulos, começa com uma introdução e termina com a reflexão final.

1. Identificação do local de estágio

No decorrer deste semestre o estágio foi realizado no Jardim-Escola João de Deus dos Olivais. Este é um dos muitos Jardins-Escolas João de Deus espalhados por todo o país, contendo alunos do Pré-Escolar até ao 1.º Ciclo do Ensino Básico.

O Jardim-Escola João de Deus de Olivais-Sul foi inaugurado no dia 5 de fevereiro de 1975, com a frequência de alunos dos Bibes Amarelo, Encarnado e Azul.

Alguns anos mais tarde, o Jardim-Escola sofreu algumas obras de ampliação e, passou a ter alunos dos Bibes Castanho e Verde.

Finalmente, no ano letivo 1996/1997, o Jardim-Escola voltou a sofrer obras de ampliação, desta vez para abarcar os alunos dos 3.º e 4.º Anos do Ensino Básico.

Encontra-se localizado na parte Ocidental de Lisboa, no Bairro dos Olivais. Tem uma zona industrial e comercial, dispondo ainda de vários serviços sociais (Hospital do SAMS, Polícia, Escolas, Bombeiros...).

Com a Expo 98, o Bairro dos Olivais beneficiou de novas infraestruturas, tais como: melhores vias de acesso, desenvolvimento do comércio e alargamento da rede do metropolitano. O Jardim-Escola contém duas alas distintas com ligação entre estas. Estando de frente para a entrada do Jardim-Escola, mais precisamente no pátio, do lado esquerdo temos a ala dedicada ao pré-escolar e ao 1.º ano do Ensino Básico.

Nesta parte da escola existem duas salas de bibe azul (5 anos), uma sala de bibe amarelo (3 anos), (que no interior é dividida em duas partes), o salão, onde encontramos duas turmas de bibe encarnado (4 anos), sendo este a sala destes alunos. Contém ainda duas salas do 1.º ano (bibe castanho) e o refeitório.

Na entrada principal, localizada a meio destas duas alas, encontramos casas de

banho e a secretaria. No rés do chão da ala direita estão duas salas de bibe verde (2.º ano) e duas salas de bibe azul claro (3.º ano). No andar superior desta mesma ala, encontra-se o ginásio da escola, comum a todos os alunos, uma sala de estagiárias, e duas salas de bibe azul escuro (4.º ano).

No exterior, existem dois pátios que se encontram divididos. Um dos pátios encontra-se na ala do Pré-Escolar e o outro na parte do 1.º Ciclo, como se pode verificar na figura 1.



Figura 1 – Imagem do Jardim-Escola João de Deus - Olivais

2. Descrição da estrutura do relatório

O presente relatório de Estágio Profissional foi realizado no âmbito do Estágio Profissional e elaborado com base na realização do estágio de observação e de intervenção.

O relatório foi o resultado visível e objetivo do meu trabalho enquanto estagiária. Tenta representar um olhar crítico sobre aquilo que observei e realizei, bem como os métodos utilizados.

Este relatório inicia-se com o capítulo da introdução, onde irei caracterizar o local de realização do estágio, a metodologia utilizada, a pertinência do estágio e o cronograma do mesmo.

O capítulo 1 encontra-se dividido em 8 secções, onde cada uma se refere a um período de estágio diferente fazendo uma breve caracterização da turma, sala e crianças para passar então para os relatos diários seguidos das devidas inferências e fundamentação teórica. No capítulo 2 estão presentes 7 planificações bem como toda a

explicação referente às mesmas. Das planificações apresentadas três são referentes ao 1.º Ciclo, sendo uma de cada área curricular: Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio. As restantes quatro planificações dizem respeito ao 2.º Ciclo, sendo uma de cada área curricular: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências da Natureza e História e Geografia de Portugal.

No capítulo 3 encontram-se os dispositivos de avaliação com a referida explicação/análise de cada dispositivo apresentado. Três dispositivos de avaliação para o 1.º Ciclo e quatro dispositivos de avaliação para o 2.º Ciclo, um para cada área curricular.

Para terminar, encontram-se as referências bibliográficas e os anexos, precedidos pela reflexão final onde faço um balanço do período de estágio.

3. Metodologia utilizada

As metodologias seleccionadas para a concretização deste trabalho foram duas: a análise documental e a observação. Uma vez que não é permitido ir escrevendo à medida que vamos observando, todos os relatos feitos foram escritos posteriormente à observação. Este facto não permite ao descrever grandes detalhes. Contudo, se relatados pouco tempo depois da observação, é possível narrar acontecimentos importantes, e muitos deles relevantes, para uma aprendizagem significativa.

A observação, segundo Ludke e André (2008):

(...) ocupa um lugar privilegiado nas novas abordagens de pesquisa educacional. Usada como o principal método de investigação ou associada a outras técnicas de recolha, a observação possibilita um contacto pessoal e estreito do pesquisador com o fenómeno pesquisado, o que apresenta uma série de vantagens. A experiência directa é sem dúvida o melhor teste de verificação da ocorrência de um determinado fenómeno. (p.26)

Sendo o principal instrumento de investigação, o observador pode recorrer aos conhecimentos e experiências pessoais como auxiliares no processo de compreensão e interpretação do fenómeno estudado. Na medida em que o observador acompanha as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar apreender a sua visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os rodeia e às suas próprias ações.

A análise documental permite analisar e avaliar qualquer tipo de documento ou material escrito que sirva para informar o professor das competências adquiridas.

Segundo Phillips (1974, citado por Ludke e André, 2008), são considerados documentos “quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de

informação sobre o comportamento humano”.(p.38)

Os documentos constituem uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentem afirmações e declarações do pesquisador. Representam ainda uma fonte “natural” de informação. Informação essa que é vital ao professor para que consiga ter percepção dos conhecimentos adquiridos e deste modo colmatar todas as “falhas” identificadas.

Este Relatório de Estágio Profissional foi redigido de acordo com o novo Acordo Ortográfico.

Metodologicamente, este relatório foi realizado de acordo com as normas da American Psychological Association (APA) e Azevedo (2000), de forma a organizar a construção do trabalho que realizei.

4. Pertinência do estágio

O estágio profissional é um processo de aprendizagem indispensável a um profissional que deseja estar preparado para enfrentar os desafios de uma profissão tão exigente como aquela que é a de um professor.

Está no estágio a oportunidade de assimilar a teoria e a prática, aprender as peculiaridades e dificuldades da profissão, dando a conhecer a realidade do dia a dia de um professor.

À medida que o aluno estagiário tem contacto com as tarefas que o estágio lhe proporciona, começa então a assimilar tudo aquilo que tem aprendido e até mesmo aquilo que ainda vai aprender teoricamente.

As aulas ensinam conceitos e teorias que são necessárias aos futuros profissionais e a vivência do trabalho permite assimilar vários elementos, que foram ensinados teoricamente. Torna-se possível identificar deficiências e falhas, onde o estágio é o momento mais apropriado para extrair benefícios dos erros.

Mialaret (1981) defende que o contacto com a realidade escolar permite ao jovem professor descobrir o ambiente para o qual é preparado, pois nesta profissão:

(...) o objecto da nossa função educativa são seres humanos, neste caso crianças, é inconcebível uma formação académica sem qualquer contacto com a realidade, sem qualquer experiência e sem qualquer exemplo de professor que guie os primeiros passos do futuro profissional. (p.100)

Não se pretende com isto menosprezar a importância da parte teórica, mas sim, partilhando da ideia de Alarcão (1996), colocar os futuros educadores /professores o quanto antes em situação de experiência direta “(...) não criando um fosso entre teoria e prática, mas antes possibilitando o “aprender fazendo”. (p.83)

A prática pedagógica deve ser, assim, uma atividade planificada, sistematizada, faseada e consciente que o aluno estagiário realiza sob a orientação do professor formador com vista à aquisição de hábitos, habilidades e competências conducentes ao exercício docente. A prática pedagógica é, por conseguinte, um meio eficaz que conduz o aluno ao saber, ao saber fazer e ao saber ser do futuro profissional. Aproxima o aluno da realidade e permite-lhe aprender fazendo.

Pode-se concluir, que os requisitos de um bom professor, tais como o domínio da disciplina que leciona ou especialidade, o domínio metodológico ou, melhor, a competência pedagógica, a motivação para ensinar e o horizonte cultural, se adquirem, em parte, através de práticas pedagógicas.

Mialaret (1981) defende que qualquer estágio só se tornará eficiente e significativo se for bem conduzido e aqui se refere o papel do supervisor, ou seja, do educador/professor que, com a sua grande experiência e sabedoria, nos ajuda e guia as nossas aprendizagens e crescimento profissional e, até, pessoal. Seguindo ainda a mesma ideia do autor “ (...) um estágio bem conduzido (...) dá os seus frutos durante vários anos”. (p.101). A Prática Pedagógica torna-se, deste modo, um benefício muito útil para o futuro professor realizar eficazmente o seu futuro trabalho.

O estágio no 1.º Ciclo do Ensino Básico, em relação ao 2.º Ciclo, requer uma maior preocupação pois a faixa etária dos alunos implica que a relação pedagógica esteja muito mais dependente da relação pessoal. Formosinho (1998) defende que, para além da dependência da relação pedagógica da relação pessoal, existe uma maior responsabilidade do professor pelos aspetos de “(...) desenvolvimento global da criança, ao nível afectivo, ao nível emocional, ao nível social e ao nível moral.” (p. 14)

Existem assim características associadas aos professores do Ensino Primário que são fundamentais para as crianças e que nos remetem para o foro emocional.

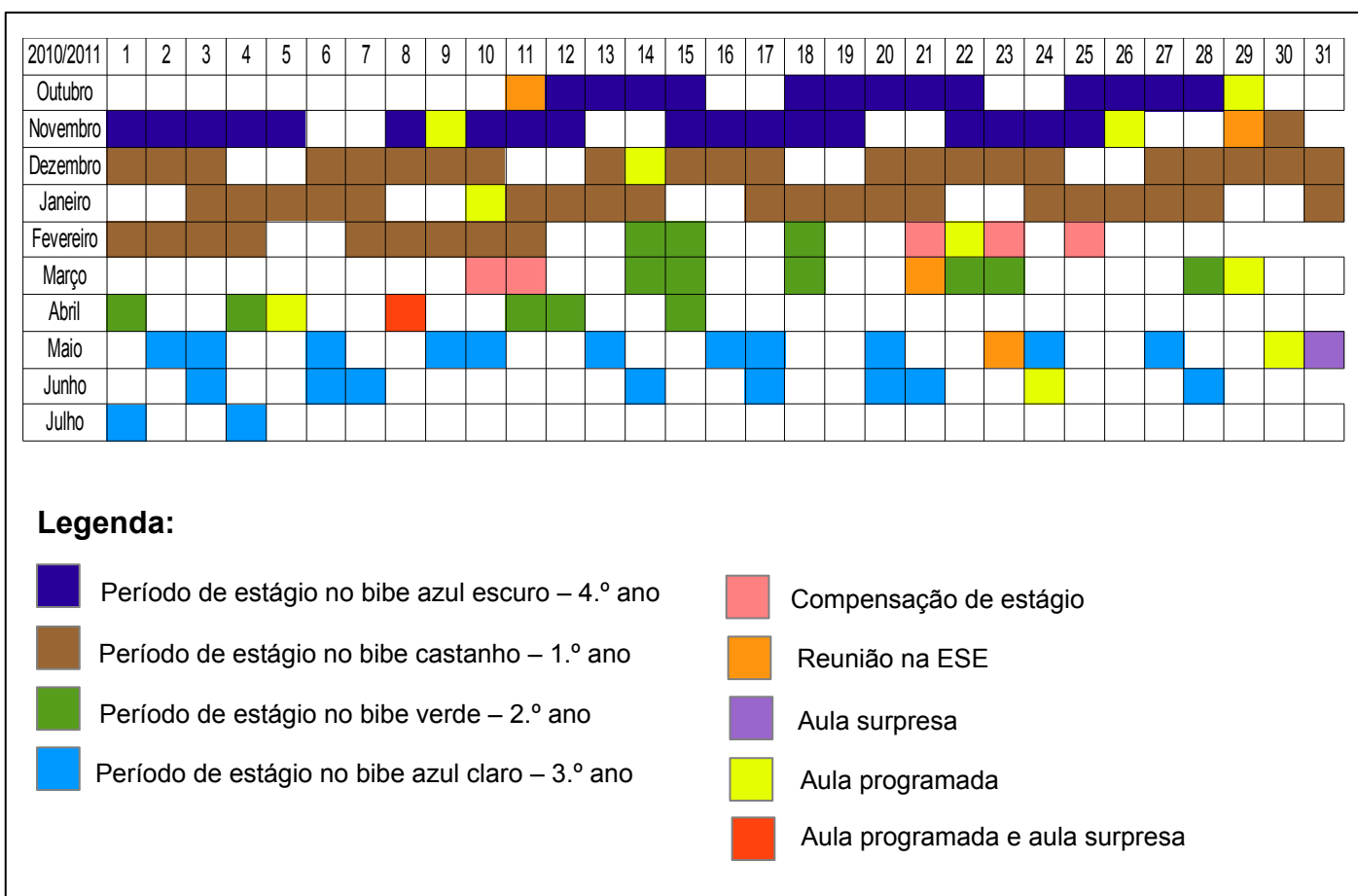
5. Cronograma

Nos cronogramas que se seguem (presente nos Quadros 1 e 2) , consta o período de estágio realizado ao longo de cada mês do Estágio Profissional I, II, III e IV no 1.º Ciclo

do Ensino Básico nos Jardins-Escolas João de Deus e no 2.º Ciclo, bem como as datas em que compensei dias de estágio, assisti a reuniões da Prática Pedagógica, as aulas surpresa, as aulas programadas/surpresa. Cada cor no cronograma representa um momento diferente ao longo do estágio.

No cronograma constam todos os dias do mês de modo a facilitar a visualização da duração dos diferentes estágios.

Quadro 1 – Cronograma de estágio no 1.º Ciclo do Ensino Básico



Quadro 2 – Cronograma de estágio no 2.º Ciclo do Ensino Básico e no 4.º Ano

2011/2012	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30
Setembro																														
Outubro																														
Novembro																														
Dezembro																														
Janeiro																														
Fevereiro																														
Março																														
Abril																														
Maio																														
Junho																														

Legenda:

	Aula programada		Período de estágio no 2.º Ciclo
	2 aulas programadas		Aula avaliada pela professora de Prática Pedagógica
	Reunião na ESE		Período de estágio no 1.º Ciclo

Cada um dos momentos de estágio do 1.º Ciclo teve a duração de cerca de um mês, realizado às segundas, terças e sextas entre as 9 horas e as 13 horas, no final do qual recebíamos uma avaliação sobre a nossa prestação nesse ano de escolaridade que nos era entregue numa reunião na Escola Superior de Educação com a equipa da Prática Pedagógica.

Esta avaliação incluía as datas das aulas programada e surpresa, os aspetos positivos que tínhamos evidenciado ao desenvolver as atividades bem como os aspetos a melhorar.

O estágio realizado no 2.º Ciclo foi desde setembro de 2011 a março de 2012, cerca de 7 meses. O estágio foi realizado às terças e sextas entre as 9 horas e as 17 horas, acompanhei várias turmas do 5.º e 6.º anos, para garantir que assista às quatro áreas curriculares: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências da Natureza e História e Geografia de Portugal.

CAPÍTULO 1

RELATOS DIÁRIOS

Descrição do capítulo:

O presente capítulo encontra-se dividido em 8 secções, sendo que cada secção corresponde ao tempo de estágio passado em cada turma.

Este capítulo diz respeito à descrição diária das práticas pedagógicas observadas em sala de aula, assim como as estratégias aplicadas e estão apresentadas pela seguinte ordem: 1.º momento, no 4.º ano (Bibe azul escuro); o 2.º momento, no 1.º ano (Bibe castanho); o 3.º momento, no 2.º ano (Bibe verde); 4.º momento, no Estágio Intensivo; 5.º momento, 3.º ano (Bibe azul claro); no 6.º momento, no 7.º momento, Estágio Intensivo e, no 8.º momento no 4.º ano (Bibe azul escuro).

Em cada secção será referida a faixa etária da turma, o período de estágio, a caracterização da turma e do espaço bem como o horário.

Por fim, serão apresentados relatos diários de todos os dias de estágio expostos cronologicamente e sempre com a indicação do dia em que se realizaram. A seguir aos relatos surgirão inferências e a respetiva fundamentação teórica onde se procura inferir e fundamentar o observado, de modo a compreender o que é necessário para se ser um bom professor inclusivé, que comportamentos e metodologias devem ser explorados ou evitados.

1.1. 1.ª SECÇÃO – 4.º ANO

Duração do estágio: 18 de outubro de 2010 a 29 de novembro de 2010

Faixa etária: 9/10 anos de idade

1.1.1. Caracterização da turma:

O 4.º ano do Jardim-Escola dos Olivais, é uma turma muito homogénea no que toca aos ritmos de aprendizagem. É composta por 22 crianças, das quais 9 são do sexo feminino e 13 do sexo masculino. A turma apresenta grandes capacidades de aprendizagem sendo elevado o grau de conhecimento.

De uma forma geral, as crianças desta turma demonstram motivação e interesse pelas diversas aprendizagens. São muito participativas, colaborativas e alguns alunos possuem grande capacidade imaginativa e criativa.

Alguns alunos mais trabalhadores e com uma boa capacidade de concentração encontram-se estrategicamente posicionados dentro da sala de aula de modo a incentivar os colegas, que se encontram posicionados à volta destes, que se distraem mais facilmente.

Este ano de escolaridade é muito marcado pelo desenvolvimento da memória, tal como defendem Papalia, Olds e Feldman (2001) inspirados na teoria de Piaget. A criança entre os 9/10 anos tem uma capacidade superior de “(...) observar rapidamente uma cena, reparando nos seus componentes importantes e recordar objectos pela mesma ordem em que foram observados.” (p. 432), o progresso na memória influenciará e ajudará o desenvolvimento cognitivo da criança ajudando-a obter sucesso escolar se, a este componente, juntar outros fatores fundamentais.

1.1.2. Caracterização do espaço

Na sala, a turma está arrumada por filas, três filas de 2 mesas cada. As mesas estão dispostas de frente para o quadro. A sala é grande e bastante bem iluminada por janelas laterais com vista para o recreio e alguns prédios (Figura 2).



Figura 2 – Sala de aula do 4.º Ano

As paredes da sala encontram-se decoradas com trabalhos cujos temas foram abordados pela turma em sala de aula. Nas paredes perpendiculares à porta encontramos os trabalhos individuais mais recentes, que foram realizados pelos alunos.

Na parede onde se encontra o quadro, a professora colocou um boneco grande muito engraçado e, à frente, encontram-se escritas as palavras que são mais difíceis para a maioria dos alunos.

Os *dossiers* dos alunos e todo o material de apoio às aulas encontram-se dentro ou em cima de armários presentes e dispostos pela sala.

1.1.3. Horário

No quadro 3 encontra-se o horário da turma, retirado do modelo do horário fornecido pela professora da sala. Neste constatamos que a parte da manhã é reservada exclusivamente para as áreas de Língua Portuguesa e Matemática. Para a área de Estudo do Meio estão reservadas duas horas semanais bem como para História de Portugal. Com apenas uma hora semanal encontramos: Biblioteca, Educação Física, Formação Cívica, Expressão Plástica, Inglês, Área Projeto, Estudo Acompanhado, Música, Computadores, Assembleia de Turma e Experiências.

Quadro 3 – Horário do 4.º ano

Horas	2ª. feira	3ª. feira	4ª. feira	5ª. feira	6ª. feira
9h – 10h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
10h – 11h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
RECREIO					
11h30 – 12h	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
12h – 12h50	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
13h – 14h30	ALMOÇO				
14h30 – 15h20	Biblioteca	Educação Física	Inglês	Estudo Acompanhado	Computadores
15h20 – 16h10	Estudo do Meio	Formação Cívica	Área Projeto	Estudo do Meio	Assembleia de Turma
16h10 – 17h	História	Expressão Plástica	História	Música	Experiências
SAÍDA					

1.1.4. Relatos Diários

segunda-feira, 11 de outubro de 2010

No primeiro dia de estágio estive numa reunião na Escola Superior de Educação João de Deus (ESEJDEUS) a fim de esclarecer algumas questões sobre a Prática Pedagógica deste semestre. Os principais tópicos focados nesta reunião foram: local de

estágio e respetivas turmas, onde cada par de estágio efetuará a sua prática pedagógica e esclarecimento do regulamento desta Unidade Curricular.

Inferências

A minha escolha quanto à colega de estágio baseou-se na proximidade que tenho com a mesma, quer a nível pessoal, como a nível profissional, uma vez que já tínhamos sido par de estágio nos semestres anteriores e tudo sempre tinha corrido bem.

terça-feira, 12 de outubro de 2010

O dia de estágio começou com uma reunião com a diretora do Jardim-Escola para esclarecer dúvidas sobre o estágio.

Na sala, os alunos encontravam-se a resolver uma ficha de trabalho a qual continha o texto : “ A princesa e a ervilha”, seguido de perguntas de interpretação sobre o mesmo. Durante a resolução da ficha de trabalho, a professora ordenou que parassem temporariamente o que estavam a fazer para que os minutos seguintes fossem ocupados com a elaboração de um ditado. Terminado o ditado, os alunos continuaram a resolver a ficha de trabalho de Língua Portuguesa, à qual se sucedeu o intervalo da manhã.

Findo o intervalo, os alunos voltaram para a sala de aula, na qual foi feita uma revisão sobre a multiplicação e divisão por : 10, 100, 1000 e 0,1; 0,01 e 0,001.

Por último, os alunos fizeram uma ficha de trabalho intitulada:” O problema do mês”, na qual constava uma fatura de eletricidade e algumas perguntas sobre a mesma.

Inferências/Fundamentação Teórica

O facto da professora proporcionar aos alunos um contacto com uma situação do quotidiano, como a análise de uma fatura da eletricidade, é vital, uma vez que é essencial que o aluno perceba o funcionamento da sociedade onde está inserido. À medida que o faz vai exercitando as suas aptidões cognitivas. Já Ribeiro (1997) diz que:

as capacidades de compreensão e análise da realidade física e social não se traduzem apenas num capital de conhecimentos adquiridos, mas sobretudo em processos cognitivos de análise e resolução de problemas, os quais se exercem sobre um conjunto de conhecimentos ou informações fundamentais. (p. 41)

Cabe então ao professor organizar este tipo de aprendizagem, ajudando o aluno no desenvolvimento das suas capacidades cognitivas e pessoais.

sexta-feira, 15 de outubro de 2010

O presente dia de estágio decorreu de uma forma diferente, pois realizámos uma visita de estudo ao centro de interpretação da Batalha de Aljubarrota, que decorreu das 8:30 às 16:30. Durante todo o período em que estivemos dentro de centro de interpretação fomos guiados por várias pessoas que nos foram explicando vários factos desta épica batalha. Num destes momentos fomos para uma sala onde visualizámos um filme, que tentava recriar meticulosamente a batalha.

Inferências/Fundamentação Teórica

As visitas de estudo constituem uma ótima estratégia no que diz respeito à aquisição de conhecimentos e no contacto com o mundo que nos rodeia. Segundo Almeida (1998): “(...) uma visita de estudo é uma viagem organizada pela escola e levada a cabo com objetivos educacionais, na qual os alunos podem observar e estudar os objetos de estudo nos seus locais funcionais.” (p.51)

A visita de estudo realizada permitiu conhecer uma parte da história do nosso país de uma forma diferente da habitual. Por muito que o professor arranje materiais inovadores nada substitui o contacto com a realidade. Já Maglione (1989, citado por Almeida, 1998) defende que “nada pode substituir a saída por mais sofisticado que seja o material usado nas aulas.” (p. 54).

Os alunos quando confrontados com esta saída da rotina ficam empolgados e a sua participação é total. Para Mouro (1987, citado por Almeida, 1998) a perspetiva: “(...) de um dia diferente fora da escola motiva e excita os alunos a tal ponto que a sua adesão é total. Será sempre um dia diferente e que jamais sairá da memória dos seus participantes.” (p. 55)

A motivação foi tal que, o empenho dos alunos foi visível ao longo de toda a visita de estudo. O entusiasmo era geral e foram surgindo várias dúvidas e interesses em saber cada vez mais sobre esta época.

segunda-feira, 18 de outubro de 2010

A aula começou com a resolução de uma ficha de trabalho. Nessa ficha pedia-se aos alunos que resolvessem palavras cruzadas, cujo tema principal era a flexão nominal (singular / plural ; feminino / masculino). Terminada esta ficha, os alunos realizaram um ditado de palavras.

Mais tarde, foram avaliados ao nível da gramática (análise morfológica, análise sintática e conjugação de verbos em seis tempos diferentes do Presente do Indicativo). As perguntas de gramática eram das mais variadas possível, de modo a que a professora tivesse uma melhor perceção das aprendizagens já adquiridas pelos alunos, servindo deste modo de teste diagnóstico.

À medida que os alunos iam terminando os trabalhos, a professora deu autorização para que fossem buscar um jogo e estivessem no lugar a jogar mas sem fazer barulho, não perturbando assim os colegas que ainda estavam a concluir o trabalho. Esse objetivo foi alcançado com sucesso.

Inferências/Fundamentação Teórica

A concretização de exercícios como forma de perceber o que os alunos sabem, ajuda o professor a ter uma melhor perceção de como vai iniciar o seu trabalho com aqueles alunos.

A avaliação diagnóstica para Abrantes e Araújo (2002) é:

(...) extremamente importante porque pode fornecer ao professor elementos que lhe permitirão adequar o tipo de trabalhos que vai desenvolver às características e conhecimentos dos alunos com que irá trabalhar. Mas comporta também certos riscos, se o professor não valorizar o seu carácter temporário. (p. 39)

Esta avaliação deve ser sempre tomada em conta, por parte do professor ao longo de todo o ano pois, a partir desta, o professor consegue adaptar mais facilmente os métodos de ensino aos alunos em questão facilitando o processo de aprendizagem da turma.

terça-feira, 19 de outubro de 2010

O dia iniciou-se com a aula de Matemática na qual os alunos resolveram uma ficha de trabalho com situações problemáticas. A agitação dos alunos levou a que alguns alunos mudassem de lugar.

Na área de Língua Portuguesa o tema explorado foi a conjugação de verbos no modo indicativo e no modo condicional. Antes de prosseguir com a conjugação de alguns verbos, a professora ditou a definição de verbo, modo indicativo e modo condicional. Este ditado foi avaliado e assentes os resultados na grelha de avaliação.

Inferências/Fundamentação Teórica

A ideia de avaliação está associada à ideia de aprendizagem: avalia-se para aprender e para decidir sobre as condições e os modos indutores dessa aprendizagem. Segundo Leite e Fernandes (2002) a avaliação formativa pressupõe: "(...) um conjunto de práticas varadas que se integram no processo de ensino-aprendizagem e que procuram contribuir para que os alunos se apropriem melhor das aprendizagens curricularmente estabelecidas como importantes." (p.41)

Assim, de uma forma simples, a professora conseguiu avaliar os seus alunos quanto aos erros ortográficos. A presença desta avaliação é essencial, dado que não se deve avaliar os alunos apenas em momentos específicos de avaliação mas sim num processo contínuo, ao longo de todo o ano, verificando a aprendizagem feita pelos alunos de conteúdos curricularmente obrigatórios.

sexta-feira, 22 de outubro de 2010

O dia de aulas iniciou-se com a construção do sofá utilizando o 5º Dom de Froebell. A construção do sofá foi realizada pelos alunos, individualmente, ao mesmo tempo que a professora ia relembrando a execução da mesma, aproveitando a mesma para, posteriormente, realizar uma ficha de trabalho com situações problemáticas. Concluída a área da Matemática foi altura de passar para a área de Língua Portuguesa na qual foi pedida aos alunos que fizessem uma cópia de um texto do manual escolar para avaliação.

A aula terminou com a professora da sala a explorar uma ficha de trabalho intitulada “és bom observador?” em que estava a ser testada a capacidade de caracterização física de cada aluno.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nesta turma de vinte e dois alunos, existem cinco alunos com maiores dificuldades, comparativamente ao resto da turma. Como tal, cada aluno encontra-se estrategicamente posicionado num lugar. Os alunos com mais dificuldades encontram-se sentados na primeira fila, mesmo junto ao quadro.

Existe uma grande necessidade de ter em conta cada aluno como um indivíduo único e não uma turma como um todo. Segundo Sousa (2001):

(...) cada criança é um ser único e especial, merecedor de todo o carinho e atenção por parte do professor. Haverá que se ter o cuidado de nunca considerar as crianças como um todo, um colectivo, mas como um conjunto de pessoas diferentes, com motivações, interesses, desejos e capacidades diferentes, o que levará necessariamente a uma educação personalizada e nunca a programações colectivas. (p.158)

O professor deverá ter a preocupação de nunca comparar personalidades, trabalhos, ações ou maneiras diferentes de apreender o mundo. É a diversidade que proporciona a qualidade e a evolução.

segunda-feira, 25 de outubro de 2010

No decorrer desta manhã de estágio não foi a professora titular que esteve à frente da turma, mas sim outra professora.

Chegado o momento de começar a trabalhar, foi feita uma avaliação das operações matemáticas. A professora passou todos os exercícios no quadro e os alunos copiaram para a folha de matemática, previamente distribuída por um aluno. À medida que algumas crianças iam terminando a resolução dos exercícios, a professora, tal como faz a professora titular da sala, permitiu que os alunos fizessem alguns jogos no lugar, mas em silêncio. Por fim, já todos os alunos tinham concluído os exercícios de avaliação, quando de repente estava toda a turma a jogar jogos didáticos e a professora a entregar as bolachas. A entrega das bolachas é uma rotina que antecede o intervalo. Contudo, depois

de entregar as bolachas a todos os alunos, a professora decidiu corrigir oralmente uma ficha que foi para trabalho de casa.

A seguir ao intervalo, foi feita a leitura silenciosa de um texto do manual escolar, por parte dos alunos. Uma vez feita a leitura pela professora prosseguiu com a exploração do texto oralmente. Seguiu-se um ditado desse mesmo texto.

Inferências/Fundamentação Teórica

Esta poderá não ter sido a melhor estratégia de correção, pois para além de as crianças estarem já a comer bolachas enquanto escreviam, muitas delas não estavam a ouvir nada da correção que estava a ser feita. Assim, a gestão do tempo de aula não foi a mais apropriada, tendo existido tempo “morto”, que poderia ter sido aproveitado para a correção da ficha, não ocupando assim uma pequena parte do recreio dos alunos. Para além destas possibilidades a existência de tempos “mortos” pode causar diferentes consequências. Também Morgado (2004) diz-nos que: “Esta situação que consensualmente se considera ser de evitar, pode facilitar a emergência de situações menos positivas como comportamentos de indisciplina, desmotivação, etc.” (p. 94)

No caso da turma em questão, a indisciplina não se verificou uma vez que esse não é um comportamento normal daqueles alunos, mas o mesmo não se pode dizer da desmotivação dos alunos, que já só queriam ir brincar.

terça-feira, 26 de outubro de 2010

A professora da sala foi avaliada pela diretora da escola enquanto ensinava os alunos a utilizar um novo material de trabalho, as Calculadoras Pappy (Figura 2).

Na área de Língua Portuguesa foram explorados dois conceitos: onomatopeias e nomes coletivos. Esta abordagem foi realizada através de uma ficha de trabalho.

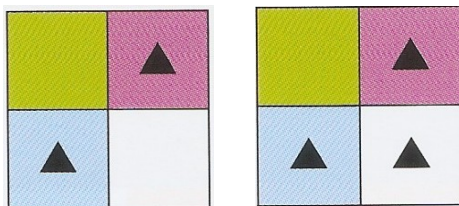


Figura 3 – *Calculadoras Pappy*

Inferências/Fundamentação Teórica

As Calculadoras Pappy consistem numa série de placas ou painéis, divididos em quatro partes; cada uma das partes tem uma cor diferente e a cada cor está associado um número. Para assinalar a representação dos números, pode-se utilizar qualquer tipo de material (massas, feijões, pedras, ...) que ocupe o espaço permitido pelo quarto do quadrado. Cada calculadora representa uma ordem e cada conjunto de três calculadoras equivalem a uma classe. Com esta atividade, a professora envolveu os alunos num momento importante de aprendizagem.

É importante que o professor crie situações matemáticas significativas e promova ambientes de aprendizagem desafiante. Ponte e Serrazina (2000) defendem que o professor:

(...) deve assegurar-se que os alunos têm interpretações ricas para os conceitos matemáticos fundamentais – ou seja, são capazes de os relacionar com diversas outras ideias e conceitos – e que têm interpretações corretas desses conceitos – ou seja, consistentes com o significado usual em Matemática. (p. 51)

São estas interpretações ricas que acompanharão o aluno ao longo do seu percurso escolar e para o resto da vida, ajudando-o a superar determinadas dificuldades nesta área.

A supervisão feita à professora permite que esta tenha um *feedback* do seu desempenho o que a ajudará a desenvolver e melhorar as suas metodologias de ensino para que mais eficazmente transmita conhecimentos aos seus alunos. Esta prática revela-se assim necessária para a constante evolução do professor ao longo do seu percurso profissional.

sexta-feira, 29 de outubro de 2010

Neste dia de estágio dei aula a manhã toda abordando a área de Língua Portuguesa, Estudo do Meio e Matemática. A Língua Portuguesa adotei a estratégia de explicar os conteúdos através do diálogo, lançando questões como: “Será que escrevemos cartas sempre com a mesma estrutura? E se for para um amigo? Ou para um advogado? A estrutura é igual? E a linguagem é a mesma?”. Os alunos responderam a todas estas perguntas e ficaram a conhecer a estrutura da carta formal e a estrutura da carta informal. Uma vez adquirido o conhecimento, os alunos tiveram de o aplicar

escrevendo uma carta para outro colega. Cada aluno começava por tirar um papel de um saco, o qual continha o nome do colega a quem teriam de escrever e o respetivo “cargo” desse mesmo colega. A partir daí, o aluno tinha de saber identificar que tipo de carta ia escrever. Quando as cartas já estavam prontas, os alunos iam colocá-la na caixa do correio da sala e, no final da manhã, foram distribuídas.

Chegada a aula de História usei como estratégia um *Powerpoint* tendo usado ao mesmo tempo uma ficha com algumas lacunas, que as crianças tinham de ir preenchendo à medida que iam passando os slides do *Powerpoint*.

Na área da Matemática entreguei uma ficha de trabalho com desafios de lógica.

Inferências/Fundamentação Teórica

A criação de momentos de escrita, nesta etapa em que os alunos se encontram, não pode ser descurada a fim de continuar a desenvolver nos alunos uma consciência textual, que tem de ser treinada sempre que surja oportunidade, dando todas as ferramentas necessárias ao aluno para que, sozinho, consiga obter com sucesso o resultado pretendido. Também Sousa (2008) diz-nos que: “o professor deverá promover o alargamento da competência textual de cada criança e fomentar a sua competência metatextual, ensinando os mecanismos de textualização e possibilitando uma consciencialização das estratégias mobilizadas ou a mobilizar durante o processo.” (p.15)

Aliando a motivação que foi criada em sala de aula à necessidade de escrita, foi possível obter textos muito criativos e com grande rigor sendo este inserido num contexto significativo. Segundo Silva (2008):

A criação de contextos significativos é indispensável para que as tarefas de escrita ganhem sentido e não se transformem em meros exercícios fastidiosos. A produção de escritos em ligação com os projectos que decorrem na sala de aula, e não como uma tarefa descontextualizada, traduz-se num maior empenho dos alunos, fruto da compreensão do valor social da escrita. (pp.118 e 119)

Daí que toda a troca de mensagens ou de correspondência contribua para o desenvolvimento simultâneo da função e forma da escrita. O que, aliado a um contexto lógico, incentiva os alunos à realização desta atividade.

terça-feira, 2 de novembro de 2010

A minha colega de estágio deu aula a manhã inteira, tendo iniciado com a área de Língua Portuguesa. O conteúdo da aula era a análise de um texto, à qual se seguiram perguntas de interpretação e de conhecimento da língua. Cada aluno teve de criar um título para a história, proporcionando ao aluno uma capacidade de invenção/imaginação.

Na aula de Estudo do Meio os alunos continuaram a explorar o tema dos continentes e oceanos identificando-os e localizando-os num mapa.

A Matemática foi explorado o pictograma aproveitando o tema das outras duas áreas.

Inferências/Fundamentação Teórica

A interdisciplinaridade é concebida como uma prática de conexão das disciplinas. Ela põe em obra processos de aprendizagem integradores e visa a aquisição de saberes estruturados e transferíveis. Fourez, Maingain e Dufour (2008) dizem-nos que o processo interdisciplinar visa desenvolver nos alunos: “(...) a aptidão para representar uma problemática, recorrendo, consoante os casos, a diversos pontos de vista a diversas experiências de vida ou a diversas disciplinas.” (p. 75)

É importante que o professor recorra à interdisciplinaridade para desenvolver os conteúdos não olhando assim para cada área curricular por si só mas sim estabelecendo pontes entre as mesmas.

O modo como os alunos exploraram a área de Estudo do Meio vai de encontro àquilo que as Metas de Aprendizagem do 1.º Ciclo nos dizem relativamente aos alunos do 4.º ano: “o aluno utiliza o globo terrestre e o planisfério para localizar lugares ou elementos naturais e humanos no Mundo (continentes, países, cidades, rios, cadeias montanhosas).” Assim, a estratégia utilizada demonstrou ter uma elevada intencionalidade pedagógica.

sexta-feira, 5 de novembro de 2010

O dia de estágio foi marcado pela resolução de provas de aferição de Língua Portuguesa, correspondentes a anos anteriores, como meio de preparação para as mesmas.

Inferências/Fundamentação Teórica

Estas provas visam controlar os níveis de desempenho dos alunos e a avaliação da eficácia do sistema. Estas constituem uma avaliação intercalar que se enquadra no tipo de avaliação sumativa. Segundo Ribeiro e Ribeiro (1989): “A avaliação sumativa procede a um balanço de resultados no final de um segmento de ensino-aprendizagem, acrescentando novos dados aos recolhidos pela avaliação formativa e contribuindo para uma apreciação mais equilibrada do trabalho realizado.” (p. 359)

A informação que advém desta prova transmite aos professores, aos alunos e aos encarregados de educação, os conhecimentos e a preparação com que o aluno ficou após a transmissão dos conhecimentos.

segunda-feira, 8 de novembro de 2010

A professora iniciou o dia de aulas com a leitura, interpretação e análise textual de um excerto da obra de William Shakespeare.

A seguir ao intervalo foram corrigidos os desafios de Língua Portuguesa, que foram mandados fazer para trabalho de casa. A principal finalidade deste trabalho era que as crianças o fizessem com os pais ou os avós.

Inferências/Fundamentação Teórica

Os alunos mostram-se empolgados quando leem o trabalho que fizeram em conjunto com a família. Chegam a relatar qual foi o familiar que o ajudou na tarefa e, inclusivé, partilham ideias e experiências que esse familiar transmitiu.

Esta triangulação é essencial para um correto desenvolvimento da criança. Esta precisa de sentir todos estes fatores unidos, para que, de uma forma equilibrada consiga gerir o fator escola/ família. Como salienta Diogo (1998), “(...) a interação entre os encarregados de educação e os professores tem por finalidade a socialização da criança, a sua iniciação na vida em sociedade e a preparação do seu futuro.” (p.59). Villas-Boas (2000) também se refere a este assunto dizendo que: “A influência parental desempenha um papel preponderante tanto no desenvolvimento cognitivo da criança como no seu aproveitamento.” (p. 6).

Esta interação é assim, vital para o aluno, tornando-se num ponto chave do seu desenvolvimento a nível social, pessoal, emocional e psicológico.

terça-feira, 9 de novembro de 2010

Este dia de estágio ficou marcado pela minha prestação na aula que dei, que teve a duração de uma manhã inteira, na qual tive de abordar três áreas. Os temas propostos pela professora da sala para a minha aula foram: onomatopeias (na área de Língua Portuguesa), o movimento de rotação e translação (na área de Estudo do Meio) e, por fim, a noção de volume (na área de Matemática). Durante toda a manhã de aulas adotei a estratégia de colocá-los em grupos.

Na área disciplinar de Língua Portuguesa revi a noção de onomatopeias e ensinei dois conceitos novos: palavras onomatopáicas e verbos unipessoais. Depois de ter dialogado um pouco com os alunos, realizei um jogo de reconhecimento de onomatopeias. Jogo esse, onde cada grupo tinha cartões com imagens referentes aos sons que eram apresentados. Os alunos tinham de ouvir alguns sons e ordenar corretamente os cartões pela ordem que iam sendo apresentados.

No Estudo do Meio revi os movimentos de rotação e de translação. Esta revisão foi efetuada com exemplos práticos para conseguir responder a todas as dúvidas.

Para exemplificar, levei um candeeiro, que era referenciado como sendo o sol, e um globo terrestre grande. Quando surgiam dúvidas, originava momentos de debate para os alunos chegarem a uma conclusão.

Para consolidar e deixar que os alunos explorassem este tema à vontade, no final, entreguei a cada grupo um globo terrestre, uma lanterna e dois bonecos. Estes bonecos eram colados no globo terrestre e incidindo a luz da lanterna para o mesmo, conseguiam perceber em que zona era dia ou noite.

Os alunos tentaram colocar os bonecos nos sítios onde suscitava maior curiosidade, como foi o caso do pólo Norte e do pólo Sul. Deste modo, cada grupo/aluno podia explorar livremente, manipulando o material sem qualquer tipo de restrição ou impedimento.

A matemática introduzi o conceito de volume, noção nunca antes estudada pelos alunos. Através de uma atividade prática, os alunos chegaram facilmente ao conceito de volume.

Concluída a experiência, introduzi novamente a tática do jogo, mas desta vez com a intenção de praticar reduções.

No final, às equipas vencedoras, dei a oportunidade de escolherem um jogo que gostassem de jogar com toda a turma.

Inferências/Fundamentação Teórica

No decorrer do trabalho de grupo alguns alunos não aceitam a opinião dos outros e tentam a todo o custo mostrar que a sua “teoria”, sobre o assunto em questão, é a correta. Ocorre ainda, muitas vezes, uma disputa quando o trabalho em questão é prático. Ou seja, sendo um trabalho prático todos querem fazer, mas alguns alunos não o permitem. É, exatamente, através desta técnica, trabalho de grupo, que se vai desenvolver, em todas as crianças, o sentido de partilha e aceitação.

O trabalho em grupo proporciona ao aluno uma relação dinâmica com outros saberes, outras técnicas, outros modos de pensar, outras opiniões, outros modos de agir e de reagir. Este conjunto de características permite aos alunos sentirem-se à vontade para exprimir ideias ainda pouco trabalhadas e para comentar as ideias propostas pelos outros. Estas experiências são importantes para preparar apresentações e discussões com toda a turma. Pato (1995) reporta que:

no grupo todos devem sentir que têm a sua oportunidade para dizer e fazer; todos devem ir aprendendo a integrar o que de positivo é (ou pode vir a ser) o melhor das competências e das atitudes de cada um. O crescimento do grupo vai depender, essencialmente, da prática desta abertura. Reciprocamente, um bom clima de trabalho predispõe os alunos para a aceitação da diversidade de capacidades, de competências e de atitudes e permite-lhes verificar quanto essa diversidade pode ser enriquecedora para a aprendizagem de todos. (p. 49)

Esta confrontação de opiniões entre alunos ajuda-os a compreender a necessidade que existe em partilhar com os outros as nossas ideias e ao mesmo tempo tentar compreender o raciocínio dos outros e aceitá-los concordando ou não com estes. A fim de os ajudar nesta busca do conceito de partilha criei ainda um sistema de pontuação para que todos conseguissem reagir positivamente a qualquer resultado obtido pelas diversas equipas.

Assim, todos os grupos começavam com dez pontos e, à medida que a aula ia decorrendo, os pontos iam sendo retirados ou repostos, consoante as respostas, comportamentos e atitudes de cada aluno/equipa.

Ao trabalharem em grupo os alunos puderam testar modelos experimentais os quais são uma mais valia na construção dos conhecimentos. Isso verificou-se na área de Estudo do Meio quando os alunos foram solicitados a manipular os materiais. Pois, facilmente, conseguiram chegar a conclusões dissipando todas as dúvidas iniciais.

sexta-feira, 12 de novembro de 2010

A minha colega deu aula a manhã inteira, iniciando com a área de Matemática, na qual o conceito novo a introduzir era os múltiplos de um número inteiro. Os materiais usados nesta aula foram os algarismos móveis e as barrinhas de papel de diversas cores e tamanhos (o Cuisenaire mas em papel).

Na área de Língua Portuguesa foi entregue um texto sobre o rei D. Filipe II sendo esta área explorada ao mesmo tempo que História.

Inferências/Fundamentação Teórica

O uso deste material em sala de aula proporciona aos alunos o uso de representações que ajudarão a desenvolver imagens mentais das ideias matemáticas. Segundo Ponte e Serrazina (2000):

(...) as representações tendem a ser valiosas na medida em que apoiam a compreensão e solução de problemas, fornecem formas significativas de registo de um método ou de uma solução e fornecem um ponto de partida a partir do qual os alunos podem desenvolver uma apreciação de outras representações. (p. 43)

Estas representações ajudarão o aluno a chegar ao raciocínio pretendido e permitirão ainda ajudar em posteriores raciocínios podendo o aluno, mais tarde, não sentir necessidade destas mesmas representações. O professor tem de estar preparado para, a qualquer altura, aplicá-las ajudando o aluno nas suas dificuldades.

segunda-feira, 15 de novembro de 2010

Nesta manhã de aulas foram realizados exercícios de revisão para a Prova de Aferição. Terminado o intervalo, foi altura de corrigir os trabalhos de casa.

terça-feira, 16 de novembro de 2010

Iniciou-se a aula com a resolução do trabalho de casa de Matemática. No decorrer da correção a professora foi tomando atenção aos alunos que tinham errado, ou não, às perguntas, uma vez que a prova de Matemática é já na próxima quinta-feira. Assim, a professora conseguiu tirar algumas conclusões quanto à preparação de alguns alunos.

Prosseguiu-se a construção e exploração de um pictograma. Por fim, foi a preparação da peça de natal conjuntamente com a outra turma de 4º ano.

Inferências/Fundamentação Teórica

A professora incentivou os alunos com mais dificuldades, fazendo com que estes estivessem com atenção à correção. Morgado (2001) refere que cabe ao professor “(...) «alimentar» a necessidade ou motivação para aprender, o que se torna mais fácil se percebermos quais as necessidades e motivações existentes nos alunos.” (p. 31). Esta capacidade motivadora da professora é possível porque, melhor que ninguém, conhece a sua turma e assim consegue facilmente motivar os seus alunos.

sexta-feira, 19 de novembro de 2010

Devido à organização da cimeira da Nato a Lisboa, muitos alunos faltaram. Assim, de uma turma de vinte e dois alunos, vimos reduzido este número para apenas dez alunos no dia de hoje.

Embora só estivessem na sala de aula dez alunos, a professora titular da sala realizou com eles um ditado musical com a música “O balão do João”.

Na aula de cerâmica o professor desta disciplina adotou a metodologia de deixar que cada aluno construísse com o barro algo sobre o tema do natal. No clube de ciências foi realizada uma experiência para demonstrar os constituintes do ar.

Inferências/Fundamentação Teórica

A aula de cerâmica é um momento de desenvolvimento artístico e, tal como refere Kowalski (2000):

Dar lugar ao exercício de capacidades ligadas à criatividade artística, terá implicações no desenvolvimento da criança, entre outras razões, pela procura activa de soluções e estratégias, pelo assumir de posições pessoais, pela aceitação da diferença, pelo cultivo de relações de sensibilidade, pela afectividade que inclui, pela introdução às artes que proporciona. Tem valor por si, e é indissociável do desenvolvimento global, alimenta, organiza e materializa, em produtos criativos, relações sensíveis com pessoas, coisas e ideias. É um primeiro passo da educação estética e está de acordo com os aspectos gerais da educação básica. (p. 125)

Tal como nos refere a autora, a criação de momentos artísticos prazerosos para os alunos acarreta inúmeras vantagens a todos os níveis, sendo por isso fundamental que estes momentos sejam repetidos ao longo do tempo.

segunda-feira, 22 de novembro de 2010

Iniciou-se outro dia de estágio com a correção da prova mensal de matemática, a qual foi corrigida oralmente depois de ditas as notas em voz alta e entregues as mesmas. Os resultados obtidos foram bons apesar de, três alunos terem tido negativa. Seguidamente foram resolvidas situações problemáticas.

No final, foi realizado um jogo que tinha como finalidade testar os conhecimentos dos alunos nas áreas de Língua Portuguesa e Matemática.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nem todos os alunos reagem bem quando a professora diz a nota em voz alta, especialmente aqueles alunos cuja nota não é tão boa como a dos colegas em geral.

Apesar da reação de alguns alunos, este tipo de avaliação pretende, segundo Arends (1995) “informar os professores acerca dos conhecimentos e das competências anteriores dos alunos para ajudar na planificação.” (p.229). A planificação será então feita tendo em conta todos os alunos que compõem a turma.

Pais e Monteiro (1996) referem que, deste modo, a avaliação formativa “(...) assegura que os processos se vão adequando às características dos alunos, permitindo a adaptação do ensino às diferenças individuais.” (p.44)

Este tipo de avaliação revela-se assim bastante pertinente para que o professor consiga auxiliar o aluno nas suas dificuldades e o ajude a evoluir ao longo do tempo. Esta avaliação permite regular o processo de ensino/aprendizagem.

terça-feira, 23 de novembro de 2010

Chegados os alunos à sala de aula depois do momento de acolhimento da manhã, foi altura de fazer uma breve revisão sobre as linhas da circunferência através de uma ficha informativa. Esta revisão foi feita de um modo diferente do habitual. A estratégia usada consistia em ler o apontamento com a matéria e, de seguida, numa outra folha, escrever aquilo que ainda restava na memória, podendo sempre recorrer ao apontamento em caso de dúvida. Algum tempo depois, foi realizada uma ficha de trabalho com situações problemáticas sobre as probabilidades de um dado.

Mais à frente, aprenderam como se elaborava corretamente um convite, aplicando posteriormente, esse conhecimento.

Por fim, foi realizada uma ficha de trabalho como meio de consolidação da matéria dada sobre interjeições.

Inferências/Fundamentação Teórica

Fazer uso da memória é desenvolver capacidades de raciocínio e de estudo capazes de ajudar o aluno no seu desenvolvimento. Varela (2004) refere-se à memória como uma capacidade que “(...) nos ajuda a analisar, compreender e comparar a informação para depois a poder sintetizar e integrar. Para estudar é imprescindível desenvolver a memória, ter boas técnicas mnemónicas e adoptar uma estratégia para recordar o que se aprendeu.” (p. 157)

Tal como nos diz este autor, a memória é um auxílio para o aluno e desenvolver esta capacidade é um aspeto a ter em conta pelo professor na sua rotina diária em sala de aula.

sexta-feira, 26 de novembro de 2010

Hoje foi a minha aula programada de 60 minutos, ao longo dos quais tive de abordar três áreas. O tema escolhido para abordar nesta aula foi o telefone.

Para que fosse possível abordar as três áreas, foi preciso gerir muito bem o tempo fator esse que não foi alcançado com sucesso.

Em Língua Portuguesa fiz a leitura, interpretação e análise de um texto literário intitulado: “Histórias ao telefone”, de Gianni Rodari.

Na área de Estudo do Meio abordei o aparecimento do telefone e de como foi evoluindo ao longo do tempo. Levei copos de iogurte para demonstrar, de uma forma rudimentar, como se propaga o som através de um fio. Dessa experiência feita com alguns alunos, passei a realizar outra experiência, mas desta vez com um circuito fechado de dois telefones, para que compreendessem vários fatores.

Na área da Matemática decifrei com eles alguns enigmas, faltando tempo para dar o conceito de capicua.

Concluída a minha aula, foi a vez da minha colega de estágio dar aula avaliada sobre a máquina fotográfica.

Inferências/Fundamentação Teórica

Para grande parte dos assuntos que são estudados em sala de aula o aluno já possui um determinado conceito ou representação que acredita ser verdadeira e à qual geralmente está muito apegado por razões afetivas e de segurança psicológica. Estas representações são construídas a partir do senso comum e da vivência empírica.

Após apresentar o tema da aula de Estudo do Meio centrei-me em tentar compreender o pensamento dos alunos em relação à propagação do som através de um fio, detetando desta forma as concepções alternativas dos alunos. Cachapuz (1995) diz-nos que as concepções alternativas são: “(...) ideias que aparecem como alternativas a versões científicas de momento aceites, não podendo ser encaradas como distrações, lapsos de memória ou erros de cálculo, mas sim como potenciais modelos explicativos resultantes de um esforço consciente de teorização.” (p. 361)

O meu ponto de partida para explicar aos alunos como se propaga o som através de um fio, foi feito a partir das concepções alternativas que me apresentaram pois, segundo Roldão (1995): “A não consideração destas concepções alternativas pelo

professor pode dificultar ou inviabilizar a aquisição dos conceitos científicos, na medida em que estes não aparecem como convincentes enquanto o aluno se mantiver apegado às suas concepções anteriores.” (p. 64)

Para “combater” falsas concepções dos alunos o uso do material em causa ajudou a comprovar que determinadas ideias não são as reais e, assim, facilmente os alunos se mostraram recetivos a interiorizar a explicação cientificamente aceite sobre o funcionamento do telefone.

segunda-feira, 29 de novembro de 2010

Hoje foi o último dia de estágio na sala do 4º ano. Antes do intervalo das 11 horas, realizou-se a correção do trabalho de casa, que consistia numa ficha de trabalho de matemática. Esta correção foi feita oralmente pela professora que, pontualmente, perguntava a alguns alunos a resposta à questão. Seguidamente foram realizados exercícios de revisão para a prova de Língua Portuguesa. Os exercícios foram passados no quadro, pelo que os alunos tinham de passar para a folha pautada tudo aquilo que estava no quadro.

Depois do intervalo foi feita a avaliação da tabuada e, posteriormente, a leitura de um texto cuja principal mensagem pretendia transmitir valores explorando a área de formação cívica.

Antes de terminar a aula os alunos fizeram um ditado seguido de um problema matemático.

Inferências/Fundamentação Teórica

A concretização de momentos de reflexão sobre atitudes e valores em conjunto, permite uma eficiente consciencialização dos atos praticados.

As atitudes-valores relacionados com o nosso semelhante, com a escola e com a própria aprendizagem, segundo Trillo, Bolívar, Pinto, Caride, Rubal e Zabalza (2000): “Revelam-se sem dúvida fundamentais, porque configuram as estruturas pessoais básicas sobre as quais assenta qualquer possibilidade de progredir na aprendizagem. Trata-se de atitudes muito básicas e que afectam fundamentalmente todo o período escolar dos alunos/as.” (p. 32)

Assim, ter em conta o desenvolvimento de valores, especialmente nestas idades, é um passo fundamental na formação destes jovens pois, o nosso desenvolvimento enquanto pessoas individuais e membros de um grupo está vinculado às atitudes que desenvolvemos.

Ao terminar este período de estágio no 4.º ano, chego à conclusão de que esta é uma fase do crescimento da criança muito interessante, pois permite ao professor explorar cada vez mais as capacidades dos alunos, o que torna este ano de escolaridade muito desafiante. Os alunos revelam um grande interesse em querer saber sempre mais e demonstram um grande conhecimento do mundo que os rodeia, nomeadamente nos assuntos polémicos que acontecem na nossa sociedade, os quais diariamente são comentados na sala de aula e no recreio. A par destes conhecimentos, não poderia deixar de referir o acompanhamento que os alunos dão ao avanço tecnológico.

Ao nível da afetividade, a maioria dos alunos nesta faixa etária não requer muito o contacto físico mas, apesar disso, necessitam sempre de um aconchego verbal e de uma palavra de incentivo capaz de os fazer sentir integrados na comunidade escolar e na turma onde estão inseridos.

1.2. 2.ª SECÇÃO – 1.º ano

Duração do estágio: 30 de novembro de 2010 a 11 de fevereiro de 2011

Faixa etária: 6/7 anos de idade

1.2.1. Caracterização da turma:

A turma é constituída por vinte e sete alunos, apresentando todos eles grandes capacidades de aprendizagem e um grande interesse. Dos vinte e sete alunos, 4 apresentam mais dificuldades de aprendizagem comparativamente ao resto da turma. É uma turma calma e trabalhadora. Os alunos com mais dificuldades são aqueles que mais facilmente se desinteressam por aquilo que está a ser feito. Consequentemente são os alunos que têm sempre mais trabalho em atraso. Cinco alunos da turma revelam capacidades significativas de aprendizagem, contudo, à menor dificuldade, procuram junto do professor/estagiário uma ajuda. Ajuda essa que se revela desnecessária. Contrariamente a estes, seis alunos da turma tentam sempre fazer apressadamente todos os trabalhos com o intuito de serem os primeiros a acabar.

Esta fase de transição do pré-escolar para a escolaridade é marcada por um desenvolvimento cognitivo na criança. Lourenço (1997) baseando-se na teoria de Piaget diz que a criança nesta idade (6 anos): “(...) já é capaz de ir além da informação que lhe é dada perceptivamente e pensar segundo categorias gerais ou simbólicas, isto é, por intermédio de conceitos globais.” (p. 264). É então altura para estimular a cognição, envolvendo a criança num ambiente de aprendizagem.

1.2.2. Caracterização do espaço:

Comparativamente a outras salas de aula do Jardim-Escola as salas do 1.º ano são bastantes amplas permitindo assim um espaço maior para a zona dos livros intitulada de “biblioteca de sala de aula” e também uma zona onde conseguem realizar vários jogos didáticos.

Em termos físicos a sala apresenta-se muito bem decorada tornando-se acolhedora e apelativa à aprendizagem, como se pode observar na Figura 3. A sala contém dois quadros colocados na mesma parede mas com alguma distância um do outro permitindo que todos os alunos consigam ver o que está escrito. No espaço compreendido entre os dois quadros encontram-se expostas algumas matérias de um forma esquematizada, ajudando os alunos a memorizar diariamente cada vez que olham para lá.

Existem dois acessos à sala, um dos acessos é interno. Significa isto que tem contacto com o interior do Jardim-Escola. O outro acesso dá para o exterior através do qual muitos pais utilizam para entregar as crianças (Figura 4).



Figura 4 – Sala de aula do 1.º ano

1.2.3. Horário:

No quadro 4 encontra-se o horário da turma do 1.º ano retirado do modelo fornecido pela professora da sala. Este horário contempla todas as áreas do conhecimento que estão previstas na Organização Curricular e Programas do 1.º Ciclo, Ministério da Educação (ME) (1998), dando relevância à área curricular de Língua Portuguesa e Matemática. Estas duas áreas são trabalhadas todos os dias da semana e sempre no horário da manhã. Já a área de Estudo do Meio está integrada em três dias da semana. Neste horário da turma os alunos têm uma hora semanal de Música, outra de Educação Física e outra de Inglês. Duas horas semanais são para a Expressão Plástica. Neste horário encontramos ainda horas dedicadas às Atividades Curriculares não Disciplinares (ACND) e Biblioteca / Informática.

Quadro 4 – Horário do 1.º ano

<u>Horas</u>	<u>2ª. feira</u>	<u>3ª. feira</u>	<u>4ª. feira</u>	<u>5ª. feira</u>	<u>6ª. feira</u>
9h – 10h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
10h – 11h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
RECREIO					
11h30 – 12h	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
12h – 12h50	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Música	Matemática
13h – 14h30	ALMOÇO				
14h30 – 15h20	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Área de Projecto	Computadores	Inglês
15h20 – 16h10	Estudo Acompanhado	Educação Física	Experiências	Expressão Plástica	Biblioteca
16h10 – 17h	Formação Cívica	Assembleia de Turma	Estudo do Meio	Expressão Plástica	Estudo do Meio
SAÍDA					

1.2.4. Relatos diários:

terça-feira, 30 de novembro de 2010

O dia de estágio ficou marcado pela mudança para a sala do 1.º ano.

Enquanto não chegavam todos os alunos a professora pediu a minha ajuda e a da minha colega para auxiliar os alunos na leitura. Chegados todos os alunos, o material trabalhado foi o material Cuisenaire (Figura 5).



Figura 5 – *Cuisenaire*

Este material foi explorado através da concretização de itinerários. As instruções dadas foram na oralidade. Para designar três casas para a direita, por exemplo, a professora batia as palmas três vezes e dava a coordenada. E assim sucessivamente ao longo do exercício. Para não usar sempre a mesma estratégia, a professora optou por, em alguns casos, referir quantidades. Passo a explicar: em vez de dizer dez casas, dizia uma dezena e perguntava a um aluno quanto era uma dezena.

Inferências/Fundamentação Teórica

Utilizando diferentes metodologias a professora consegue, com sucesso, desenvolver nos alunos capacidades matemáticas fundamentais que ajudarão na compreensão de alguns conceitos. Morgado (2004) diz-nos que “(...) o desenvolvimento de processos educativos de qualidade e, portanto, inclusivos no que respeita à sala de aula, passará definitivamente pela capacidade demonstrada pelo professor no sentido de introduzir progressiva e estruturadamente formas de diferenciação nos seus processos de trabalho.” (p. 53)

Assim, este processo de aprendizagem depende da capacidade de diferenciação de estratégias do professor o que, quando alcançada, trará inúmeras vantagens para toda a turma.

sexta-feira, 3 de dezembro de 2010

Neste vigésimo dia de estágio foram feitos vários trabalhos quer por parte dos alunos, como por parte da professora e de nós, estagiárias. O dia iniciou-se com a

distribuição de uma ficha de trabalho cuja resolução necessitava que os alunos relembassem alguns conceitos já adquiridos, tais como: simetria, fração, lateralidade e reconhecimento de figuras geométricas. Para explorar a lateralidade e o reconhecimento de figuras geométricas os alunos tinham à disposição figuras geométricas, as quais tinham de colar numa folha seguindo as indicações dadas pela professora.

Depois de resolvida a ficha de trabalho foi a vez de realizarem exercícios de Língua Portuguesa.

Findo o intervalo, começou a resolução de outra ficha de trabalho, que continha situações problemáticas como forma de relembrar o conceito de dobro. Por último, tinham de fazer a tabuada do dois, estando esta por ordem aleatória.

Inferências/Fundamentação Teórica

De entre todas as capacidades que têm de ser desenvolvidas na criança, a lateralidade representa uma capacidade fundamental. Jesus (2002) defende que: “devem ser organizadas actividades criteriosamente escolhidas por forma a possibilitar à criança o desenvolvimento da lateralidade quer ocular, quer auditiva, quer manual, quer pedal.” (p. 49).

O desenvolvimento da lateralidade não carece de uma área específica de desenvolvimento. Assim sendo, esta capacidade pode e deve ser explorada sempre que possível independentemente da disciplina que está a ser lecionada no momento.

segunda-feira, 6 de dezembro de 2010

Hoje foi dia de os alunos realizarem a prova de Língua Portuguesa. Antes de começar a prova, e porque ainda faltavam chegar alunos, a professora fez uma breve revisão oral do conteúdo que iria aparecer na prova. Depois dessa breve revisão, ainda deu tempo para que alguns alunos lessem a sua lição do dia, tendo a professora ido ao lugar de cada aluno individualmente.

Passado pouco tempo chegaram os alunos que faltavam e deu-se início à prova. A professora entregou a prova a todos os alunos e de seguida começou a ler todas as perguntas da prova.

Depois de realizados exercícios de Matemática os alunos foram ensaiar a peça de natal.

Inferências/Fundamentação Teórica

A insistência, por parte da professora, em proporcionar sempre que possível a leitura individual de cada aluno, dota toda a turma de conhecimentos de caráter geral e específico. Sousa e Costa (2010) in “O texto no ensino inicial da leitura e da escrita” partilham esta mesma ideia quando nos dizem que através da leitura

as crianças vão construindo, deste modo, uma cultura textual que lhes permite participar na cultura discursiva textual da escola. Com o acesso à literatura (e também aos textos das áreas disciplinares), as crianças adquirem balizas culturais que os textos lhes oferecem: valores, modos de ver e de pensar, formas de escrever e de dizer. (p.75)

Aquilo que pode ser encarada como uma mera leitura é, no fundo, uma “ferramenta” poderosa no processo de aprendizagem e que precisa de ser explorada sempre que seja possível.

terça-feira, 7 de dezembro de 2010

Foi distribuída uma ficha de trabalho de Matemática com alguns exercícios. Para a resolverem tinham de colocar os números por ordem decrescente e rodear os números ímpares. Por último, tinham de decompor dois números. Enquanto realizavam esta tarefa, eu e a minha colega fomos para junto de alguns alunos dando início à leitura individual da lição do dia.

A meio da manhã fomos a uma visita de estudo que decorreu no museu Calouste Gulbenkian, onde fomos ver uma exposição intitulada “Caixa das memórias”. A exposição foi conduzida por uma guia, a qual fez com eles algumas análises de quadros e esculturas.

Inferências/Fundamentação Teórica

O comportamento dos alunos muda completamente quando se encontram em ambientes diferentes dos habituais. Alguns dos alunos revelaram conhecimentos gerais sobre arte. Mais especificamente sobre algumas esculturas e quadros. Ao contrário destes, outros alunos não revelam conhecimentos a este nível e mostram que têm dificuldades em apreciar e reconhecer determinadas características de arte.

A importância e a riqueza da arte vêm exatamente da sua capacidade de reunir todas as dimensões humanas - a emotiva, a racional, a mística, a corporal. O tipo de experiência que a arte é capaz de proporcionar é único, e não pode ser substituído por nenhuma outra área do conhecimento humano. Já Rodrigues (2002) defende que saber:

(...) ver uma imagem, um objeto ou uma obra de arte é saber compreender a forma e a função, a cor, a matéria e a textura, a estrutura e a composição e outros elementos específicos das Artes Plásticas, numa inevitável relação com a vida, sem deixar de proporcionar o sentido do Belo. (p.11)

A arte revela-se assim importante na vida da criança, pois colabora para o seu desenvolvimento expressivo e para o desenvolvimento da sua criatividade, tornando-a num indivíduo mais sensível e que vê o mundo com outros olhos. Os seres humanos são dotados de criatividade e possuem a capacidade de aprender e de ensinar. A criatividade da criança precisa ser trabalhada e desenvolvida, e é por meio deste tipo de intervenções que isso será possível.

sexta-feira, 10 de dezembro de 2010

O dia foi marcado pela concretização de aulas surpresas, às quais eu e a minha colega fomos assistir, tendo permanecido na nossa sala apenas 20 minutos.

A primeira aula surpresa ocorreu no 2.º ano. Foi pedido à minha colega que, perante um texto do manual de leitura, fizesse a interpretação do mesmo e respetiva análise gramatical. Para a parte gramatical foram exigidos tópicos específicos, tais como: nomes próprios, comuns e coletivos, sílaba tónica, sinais de pontuação e tipos de frase. A minha colega iniciou a aula pedindo a alguns alunos para lerem o texto em voz alta. Feita a leitura do texto seguiram-se as perguntas de interpretação. Concluídas as perguntas de interpretação foram feitas perguntas quanto ao número de sílabas, sinais de pontuação e, posteriormente, classificação quanto à sílaba tónica, não tendo feito pergunta nenhuma sobre os tipos de frase.

Na segunda aula surpresa a que assisti, no 3.º ano, foi pedido à minha colega que, a partir de um texto, fosse explorado o discurso direto e o discurso indireto. No decorrer da aula foi feita a leitura do texto a partir do qual, a minha colega introduziu os conteúdos pedidos.

Inferências/Fundamentação Teórica

A visita das professoras da Prática Pedagógica ao nosso local de estágio e a concretização de aulas surpresa são essenciais, fundamentalmente, pelo parecer que nos dão no final da aula. Este parecer é um momento importante na formação dos estagiários, pois é através do diálogo que estes tomam consciência dos seus progressos e/ou dificuldades em relação às aprendizagens que têm que desenvolver. Segundo Fernandes (2005) os estagiários durante a sua formação precisam de saber “(...) aprender, interpretar e relacionar com as qualidades que desenvolvam e utilizar para perceber como melhorar as suas aprendizagens.” (p. 83)

Este desenvolvimento só é possível com estes pareceres e com as avaliações constantes do trabalho e desempenho ao longo do estágio e tal como afirma Zeichner (1993):

expondo e examinando as suas teorias práticas, para si próprio e para os seus colegas, o professor tem mais hipóteses de se aperceber das suas falhas. “É através das críticas dadas pelas professoras experientes, que nos confrontamos com os nossos erros e assim progredimos enquanto docentes, de forma a tornarmo-nos mais ativos e dinâmicos. (p.21)

As reuniões após as aulas lecionadas, ajudam-nos assim a evoluir relativamente à nossa prestação enquanto futuros profissionais.

segunda-feira, 13 de dezembro de 2010

Ao longo de toda a manhã de estágio eu e a minha colega estivemos a pintar cenários para a festa de Natal, que se irá realizar no dia 16 de dezembro no Jardim-Escola. Enquanto isso, a professora lia em voz alta todas as questões relativas à prova de avaliação do 1.º Período de Estudo do Meio.

Depois de lida toda a prova, os alunos começaram a resolvê-la. Momentos depois, dois alunos chegaram atrasados e a professora teve o cuidado de ler a prova toda para cada criança, individualmente, tal como fez anteriormente com o resto da turma.

Depois do intervalo os alunos realizaram uma cópia de um texto do manual seguindo-se uma ficha de Matemática com o propósito de explorar o cálculo mental.

Inferências/Fundamentação Teórica

A realização de avaliações no final de cada período permite, ao professor, obter mais uma informação dos seus alunos . Também Ribeiro e Ribeiro (1989) defende que esta avaliação corresponde “(...) a um balanço de resultados no final de um segmento de ensino-aprendizagem, acrescentando novos dados aos recolhidos pela avaliação formativa e contribuindo para uma apreciação mais equilibrada do trabalho realizado.” (p. 359). Deste modo, esta avaliação no final de cada período apresenta-se como um pilar fundamental na relação ensino/aprendizagem.

terça-feira, 14 de dezembro de 2010

A professora deu início à leitura, mas desta vez, pedia a cada aluno para ler em “voz alta” enquanto todos os outros alunos ouviam com atenção a leitura do colega. Enquanto decorria a leitura, eu e a minha colega organizávamos a sala de aula, de modo a desocupar um canto da sala para que fosse possível sentar todos os alunos para a dinamização de uma história.

Às 9:20 iniciámos a nossa aula onde, depois de todos os alunos instalados, as luzes foram apagadas e ficaram apenas duas velas acesas. A história falava de uma “mesa mágica” na qual foi explorada a letra “S”. À medida que líamos a história, concordámos com os alunos que, cada vez que fosse dita a palavra “mágica”, os alunos teriam de abanar as mãos, como que se estivessem a mandar pozinhos mágicos. A história foi dinamizada utilizando diferentes estratégias: pedindo que olhando para a imagem, tentassem interpretar o que estava a acontecer, pedindo que tentassem adivinhar o que ia acontecer e tentando adivinhar quais seriam as palavras mágicas para que a mesa fizesse magia.

Seguidamente, através do texto lido, foram explorados conteúdos gramaticais de língua portuguesa, tais como: classificação de uma palavra quanto ao número de sílabas, grafia correta de algumas palavras, ordenação de frases e classificação de uma palavra quanto à sílaba tónica.

Concluída a história, foi altura de ouvir a leitura de alguns alunos, individualmente, como é habitual. Quando todos os alunos já tinham lido procedeu-se à conclusão dos trabalhos em atraso.

Antes do almoço, os alunos foram ensaiar a peça de natal.

Inferências/Fundamentação Teórica

A audição da leitura por outra pessoa apresenta, segundo Moraes (1997), "(...) uma tripla função, cognitiva, linguística e afectiva." (p.164). Estas funções colocam o aluno numa posição agradável e segura em relação à aprendizagem. Seguindo ainda a ideologia deste autor, é possível perceber que a nível linguístico:

(...) a audição dos livros permite clarificar um conjunto muito variado de relações entre a linguagem escrita e a linguagem falada: o sentido da leitura, as fronteiras entre as palavras, a relação entre o comprimento das palavras faladas e as palavras escritas, a frequência de ocorrência das letras e dos sons. (p. 165)

Tendo este ato pedagógico múltiplas funções desencadeará no aluno uma consciencialização das diferenças que existem entre os diferentes tipos de linguagem. Este esclarecimento permitirá ao aluno, no futuro, fazer um correto emprego das palavras escritas e faladas.

quinta-feira, 16 de dezembro de 2010

Hoje fui assistir à festa de natal no jardim-escola da Estrela.

Inferências/Fundamentação Teórica

As festas desempenham um papel fundamental nas escolas pois permitem a união entre as crianças para a concretização de um mesmo objetivo e possibilitam também, um envolvimento dos pais na educação dos filhos, ajudando a melhorar o aproveitamento destes. Marques, Davies e Silva (1993) dizem-nos que:

a melhor maneira de criar continuidade entre as escolas e os valores e culturas das famílias é abrir as escolas aos pais, criar espaços para eles se reunirem proporcionar comunicação frequente, tratá-los como verdadeiros membros da comunidade educativa. (p. 33)

Só a partir desta partilha é possível os pais influenciarem, apoiarem e encorajarem os alunos e envolverem-se nas atividades escolares dos filhos.

"Depois da família" é a escola que exerce a influência máxima também na transmissão de valores, da cultura e das tradições. A festa de natal é uma das

atividades que durante o ano escolar une a comunidade à escola, fazendo com que os alunos se interessem em mostrar o trabalho elaborado.

Com a representação dos alunos na peça de Natal o professor, como nos diz Alves (1994), pretende que “(...) todos os seus alunos participem, querem também que todos eles estejam satisfeitos, e esta reacção é sobretudo real em expressão dramática, onde o prazer deveria ser uma emanção natural do grupo de trabalho.” (p. 202). Une-se então o prazer dos alunos pelo trabalho em conjunto com a presença da família. Esta dualidade de fatores combinados acarreta múltiplas significações positivas para a criança.

segunda-feira, 3 de janeiro de 2011

Nesta primeira aula depois das férias de natal a professora solicitou que os alunos descrevessem as suas férias não obrigando nenhum aluno a partilhar a sua experiência se assim o desejasse. Terminado o tempo de conversa, foi altura de começar a trabalhar na área de Matemática explorando uma ficha de revisão dos conteúdos adquiridos no 1.º período.

A seguir ao intervalo, foi realizada a leitura da lição do dia e a exploração de uma ficha sobre a letra “g”.

Inferências/Fundamentação Teórica

Segundo o Ministério da Educação (2004), o Programa de Língua Portuguesa do 1.º Ciclo do Ensino Básico distribui-se, ao longo dos quatro anos de escolaridade, por dois blocos: o da Comunicação Oral e o da Comunicação Escrita. Solicitar às crianças que falem sobre o seu quotidiano, responde, na perfeição, ao propugnado no âmbito da Comunicação Oral: “Expressar-se por iniciativa própria: em momentos privilegiados de comunicação oral (conversas, diálogos, debates)” (p. 142)

O professor ao dispensar algum tempo de aula para ouvir as experiências pelas quais os alunos passaram está a cumprir o que lhe é solicitado pelo Programa mas, ao mesmo tempo estabelece com os alunos uma boa relação.

Segundo a ideologia de Morgado (2001) importa valorizar :

(...) a cultura do quotidiano no seu contacto com a cultura escolar, constituindo-se a comunicação um instrumento privilegiado dessa valorização. No mesmo sentido, é de reforçar a ideia de que se torna necessário estimular permanentemente a comunicação nos alunos, evitando que, pela explicitação de juízos de valores acerca da maior ou menor competência demonstrada, estes tendam a desenvolver mecanismos inibitórios dos comportamentos de comunicação. Por outro lado, importa relembrar o papel preponderante que a comunicação, nomeadamente a verbal, desempenha na estruturação do pensamento e na organização dos comportamentos. (p.36)

Assim, aliado à aprendizagem de conteúdos do programa está o desenvolvimento inerente de capacidades do foro comportamental e sentimental.

terça-feira, 4 de janeiro de 2011

Este dia teve início com a rotina diária da leitura passando depois para a realização de um exercício caligráfico. O texto falava de um menino que tinha um barco de papel. Através deste tema, os alunos elaboraram uma dobragem do barco e um ditado.

Após o intervalo, foi altura da área disciplinar de Matemática na qual foram abordados os conteúdos das frações. A partir de um texto lido pelos alunos, cuja personagem principal foi usada para recontar a história, foi construído o sofá com o 5.º Dom de Froebell (como pode ser observado na figura 6) e dessa maneira foi explorado de forma mais apelativa o conteúdo a desenvolver.



Figura 6 – Construção do sofá com o 5.º Dom

A professora prosseguiu a aula entregando uma ficha de trabalho, na qual constava o desenho da construção e duas perguntas de escolha múltipla. Há medida que os alunos iam lendo, solicitados pela professora, iam respondendo às perguntas e realizando os exercícios todos em conjunto.

Inferências/Fundamentação Teórica

Foi visível o entusiasmo dos alunos ao manipularem o material. Todos os alunos se mostraram atentos e empenhados em fazer a construção. Uma vez realizada a construção do sofá todos os alunos revelaram vontade de fazer mais construções. De uma forma simples e recorrendo ao pensamento concreto, os alunos mostram facilidade em passar ao pensamento abstrato. Surgindo alguma dúvida, o pensamento concreto é estimulado para que posteriormente, na altura indicada, o aluno obtenha a capacidade de pensamento abstrato.

Os materiais manipuláveis são essenciais no processo de ensino-aprendizagem, permitindo a mudança de um conceito concreto para abstrato e permitindo também, que de uma forma lúdica, a criança aprenda. Pimm (1996, citado por Caldeira, 2009), afirma que “a utilização dos materiais manipuláveis tem como objetivo a passagem da “ponte” mental, entre o concreto e o abstrato.” (p.32).

Se o professor souber explorar adequadamente os materiais é uma mais valia para o aluno pois ajuda-o na sua aprendizagem. Canals (2001, citado por Caldeira, 2009), argumenta que “nós” professores:

(...) se soubermos propor a experimentação de forma adequada a cada idade e, a partir daí, fomentar o diálogo e a interação necessária, o material, longe de ser um obstáculo que nos faz perder tempo e dificulta o salto para a abstracção, facilitará esse processo, porque fomentará a descoberta e tornará possível uma aprendizagem sólida e significativa. (p.33)

Moreira e Oliveira (2003), referem que:

(...) com o material há oportunidade de desenvolver o ensino de (...) construções, bem como o iniciamento ao pensamento matemático intuitivo a nível da geometria do número, da medida, das frações e da classificação”. (p.33)

Trabalhar o 5.º Dom de Froebell em sala de aula, de uma forma correta e acertiva, proporciona aos alunos momentos lúdicos, prazerosos e de muita aprendizagem. Este tipo de trabalho acontece com alguma frequência nesta sala do 1.º ano.

sexta-feira, 7 de janeiro de 2011

Chegados à sala de aula, iniciou-se o trabalho com a concretização de uma ficha de trabalho de Língua Portuguesa, na qual era pedido que perante uma imagem criassem

três frases sobre a mesma. A realização desta ficha de trabalho tinha um propósito lógico “para ser introduzida” nesta altura: a preparação para a realização da composição.

Após este, foi altura de trabalhar na área da matemática. Foi distribuída a ficha de trabalho e explicado o que era para fazer. Na ficha de trabalho, uma das coisas que tinha para fazer era a resolução de problemas. Nessa parte, a professora leu os enunciados e foi perguntando o que é que se tinha de fazer.

Inferências/Fundamentação Teórica

A escrita, nesta faixa etária, é um processo muito complexo pois exige já algum domínio da língua.

Barbeiro e Pereira (2007) dizem-nos que: “A escrita exige a capacidade de seleccionar e combinar as expressões linguísticas, organizando-as numa unidade de nível superior, para construir uma representação do conhecimento, correspondente aos conteúdos que se quer expressar.” (p. 15)

O professor, ao proporcionar estes momentos, em sala de aula, desenvolve nos alunos o domínio da escrita. Segundo ainda os mesmos autores, estas atividades fazem com que: “(...) os aspectos mecânicos (desenho das letras) e convencionais (designadamente a forma ortográfica) são automatizados, sem necessidade, a cada passo, de um processamento ou decisão consciente.” (p. 15)

Assim, o professor consegue, de uma forma diferente, desenvolver nos alunos o domínio gráfico e ortográfico.

segunda-feira, 10 de janeiro de 2011

O presente dia de estágio foi marcado pela minha aula, que durou toda a manhã.

Foi-me proposto dar os números ordinais até ao vigésimo, as formas de frase: afirmativa e negativa e a escola.

De modo a fazer interdisciplinaridade entre as três áreas decidir fazer um jogo, tendo como tema principal a escola. Para este jogo decidi organizar grupos de sete alunos de modo a incentivar o trabalho em equipa.

Depois de irem à casa de banho, os alunos foram distribuídos pelas mesas que estavam em grupo e para os acalmar, comecei por perguntar como tinha sido o fim de

semana. Nenhum aluno foi obrigado a falar, deixando assim todos os alunos à vontade para partilhar ou não a sua experiência.

Seguidamente à conversa, aproveitei uma frase que disseram e escrevi no quadro para que os alunos reconhecessem que era uma frase. Aproveitando a mesma, introduzi o tema de Língua Portuguesa, tendo dado vários exemplos para me certificar que ninguém ficava com dúvidas. Para concluir, entreguei uma ficha de trabalho na qual fui pedindo aos alunos para lerem e expliquei os exemplos. Concluída a ficha de trabalho deu-se início ao jogo. O jogo consistia em conquistar cartões de cores diferentes, em que cada cor representava uma parte da escola. Para conquistarem os cartões, cada grupo teria de acertar nas respostas às perguntas feitas. A meio do jogo, expliquei o que são números ordinais dando até ao vigésimo.

Quando já todos os grupos tinham conquistado os cartões todos, foi feita uma revisão dos conteúdos abordados nas três áreas. No final, foi dado algum tempo para que colassem os cartões à cartolina de jogo e pintassem os desenhos que estavam na ficha de trabalho de Língua Portuguesa.

Inferências/Fundamentação Teórica

Esta confrontação, com a resolução de problemas e os colegas, proporciona ao aluno momentos significativos. Astolfi, Peterfalvi e Vérin (1998) alegam que os alunos quando:

(...) confrontados com a resolução de um problema podem apresentar progressos intelectuais significativos, mesmo quando nenhum deles dispõe da «resposta correcta». Para tal, é necessário que se encontrem em situação de conflito quanto às respostas contrastadas que propõem e ao mesmo tempo em situação de cooperação quanto à necessidade de se ajustarem para construírem uma resposta comum. (p.69)

Estas confrontações para a chegada de um consenso comum entre os alunos gera autênticas aprendizagens pedagógicas e sociais.

terça-feira, 11 de janeiro de 2011

Cumprida a rotina, os alunos foram para a sala de aula e iniciámos a leitura individual. Depois de já termos lido com alguns alunos, a professora pediu para

interromper, a fim de, cada aluno ler um parágrafo do texto do manual de leitura. No final de quatro alunos lerem o texto todo, a professora leu o texto e fez algumas perguntas de interpretação e de gramática.

Foi realizada uma cópia do texto e o abecedário maiúsculo.

Concluído o trabalho, foi feito um ditado mágico. Para fazer um ditado mágico, a professora escreveu, no quadro, algumas palavras difíceis que estavam na cópia dando alguns minutos aos alunos para decorarem estas palavras. Seguidamente, apagava-se uma palavra e os alunos tinham de a escrever na folha. E assim aconteceu com as dez palavras do quadro.

O intervalo hoje foi mais prolongado, porque o horário foi trocado devido à saída do bibe encarnado até ao teatro. Como tal, os alunos tiveram de almoçar uma hora antes.

No decorrer do almoço constatei que muitos alunos não sabem pegar nos talheres, fator que deve ser trabalhado diariamente.

Inferências/Fundamentação Teórica

Uma boa parte do sucesso, do professor e dos alunos, depende segundo Roldão (1999): “(...) do modo como o conteúdo e a estratégia de aprendizagem reúnam condições para proporcionar a interiorização significativa de algo de novo, ou seja a aprendizagem.” (p. 65)

O uso de estratégias diversificadas ajuda o aluno a aprender mais facilmente juntando à aprendizagem o lado lúdico. A realização de um ditado diferente do habitual constitui um novo desafio e portanto um momento significativo de aprendizagem.

(Durante o resto do mês faltei ao estágio devido a problemas de saúde. Contudo, o estágio foi compensado posteriormente).

sexta-feira, 11 de fevereiro de 2011

Uma vez que, no dia anterior, os alunos tinham feito uma visita de estudo à Kidzânia, iniciaram o dia com uma ficha de trabalho sobre o que tinham feito na visita de estudo. E uma vez que, na Kidzânia, podiam experimentar as várias profissões existentes, a pergunta final era que profissão é que cada um gostava de ter.

Resolveram ainda uma proposta de trabalho que explorava o singular/plural e os nomes coletivos. À medida que resolviam as fichas de trabalho, procedemos à rotina diária da leitura da lição do dia.

Seguiu-se a aula de ginástica na qual para além de ser explorado os arcos os alunos ensaiaram a coreografia para a festa de final do ano.

Inferências/Fundamentação Teórica

Esta revisão dos conteúdos apreendidos numa visita de estudo permite ao professor ajudar os seus alunos a reter o que é essencial. Lebrun (2002) defende que:

(...) é importante utilizar ou recuperar os conhecimentos ou experiências anteriores, contextualizar os conhecimentos que se pretende adquirir (que sentido? que problema? que utilidade?) a fim de favorecer a transferência, isto é, uma utilização dos conhecimentos adquiridos para além da situação escolar. (p. 145)

Caso não seja feita uma utilização dos conhecimentos adquiridos fora do contexto escolar, de nada valeu a saída para os alunos. O professor deve proporcionar sempre esta oportunidade de aprendizagem “exigindo” dos seus alunos uma análise da aprendizagem feita no exterior da escola, integrando assim a visita de estudo no processo de ensino-aprendizagem.

segunda-feira, 21 de fevereiro de 2011- compensação de estágio no

1.º ano (das 9h às 5h)

Foi feita a leitura diária mas desta vez foi pedido para fazer também a interpretação do texto. Isto para que os alunos comecem a tentar compreender aquilo que leem e para que o professor consiga perceber também o desenvolvimento do aluno.

Numa das fichas de trabalho realizadas, três alunos tinham as respostas iguais o que fez com que a professora fosse falar com os três para prevenir que voltasse a acontecer.

A Língua Portuguesa foi feita uma cópia e substituição de imagens pelo respetivo nome. Foi feita a escrita das mesmas frases, mas na forma negativa bem como a

classificação de palavras quanto ao género, número, ligação dos nomes coletivos aos nomes comuns e exercícios com antónimos.

A Matemática foi dado o quádruplo e a quarta parte. Fizeram-se exercícios com a metade, a terça parte, a quarta parte, o dobro, o triplo e o quádruplo. Mais tarde surgiram exercícios de identificação de conjuntos de unidades e operações.

Inferências/Fundamentação Teórica

A interpretação do texto não é mais do que compreensão da leitura. O aluno, nesta fase, tem de conseguir compreender o que está a ler. E, por compreensão da leitura, entende-se, tal como nos refere Sim-Sim (2007): “(...) a atribuição de significado ao que se lê, quer se trate de palavras, de frases ou de um texto.” (p. 7). E, tal como na compreensão do oral, o importante na leitura, ainda segundo esta autora é: “(...) a apreensão do significado da mensagem, resultando o nível de compreensão da interacção do leitor com o texto.” (p.7)

Através da compreensão do texto o aluno aprenderá cada vez mais à medida que vai exercitando esta capacidade de interpretação. Será então oportuno proporcionar aos alunos momentos com diferentes tipos de textos.

terça-feira, 22 de fevereiro de 2011

Dei aula a manhã toda. Apenas alguns alunos leram, pois tive de começar a aula. Comecei a aula com Língua Portuguesa entregando um texto e fazendo a interpretação oral e escrita.

Para ajudar os alunos a recontarem a história do texto, recorri a slides com imagens.

Na aula de Estudo do Meio sobre os répteis comecei por explorar as características da tartaruga, uma vez que esta era a personagem principal do texto apresentado em Língua Portuguesa.

Depois de vistas algumas características da tartaruga, através do diálogo e de alguns slides, introduzi a classe dos répteis, dando mais características específicas e exemplos de répteis. Para ajudar a assimilar as características dos répteis todos os alunos tiveram a oportunidade de tocar numa tartaruga.

Na área de Matemática construí com eles um pictograma, o qual não foi explorado por falta de tempo. O pictograma indicava-nos quantas tartarugas nasceram ao longo de uma semana.

Inferências/Fundamentação Teórica

As situações experimentais no ensino das ciências no 1.º Ciclo facilitam o processo de aquisição de conhecimentos. Pois, segundo Sá (2002) “As atividades práticas/experimentais não são simples manipulações físicas executadas de forma mecânica (...) são acções com uma forte intencionalidade, profundamente associadas aos processos mentais dos alunos.” (p. 47)

Ao tocarem na tartaruga os alunos puderam comprovar as características dos répteis passando a aceitar e a interiorizar facilmente os conceitos referidos.

Se em todas as faixas etárias este tipo de pedagogia é essencial, nesta faixa etária é indispensável fazendo toda a diferença na aquisição do saber pois a combinação do pensamento e da ação conduz a aprendizagens de superior qualidade.

quarta-feira, 23 de fevereiro de 2011

A rotina diária da leitura foi quebrada tendo sido alterado este momento por uma ficha de avaliação de Matemática sobre a tabuada do 3 e do 4. Fui solicitada pela professora para ajudar alguns alunos com dificuldades, tendo-o feito com o auxílio de estratégias diferentes.

Fiz com eles um ditado mudo e um exercício sobre formação de frases com o caso da letra “R”.

Inferências/Fundamentação Teórica

Na área de Matemática foi essencial arranjar estratégias diferentes.

Para Abrantes, Serrazina e Oliveira (1999): “Ajudar os alunos a desenvolver estratégias que lhes permitam aprender a tabuada, como forma de facilitar o cálculo mental, o cálculo escrito e a estimação, contribui para que compreendam relações entre os números e raciocinem matematicamente.” (p. 43)

Este auxílio confere aos alunos capacidades matemáticas capazes de os ajudar a superar desafios em futuros exercícios.

sexta-feira, 25 de fevereiro de 2011

Da parte da manhã foi feita a leitura diária com os alunos de modo a esperar pelos muitos alunos que ainda faltavam. Quando chegaram todos os alunos, foi realizada a prova de avaliação de Língua Portuguesa.

Chegando à hora de Educação Física os alunos tiveram ginástica. Havia um circuito montado, no qual todos os alunos teriam de passar.

Da parte da tarde foi feito um exercício de organização de uma mesa de refeição através de uma ficha de trabalho. Para conseguirem realizar este exercício, os alunos tinham de começar por recortar todos os instrumentos utilizados durante uma refeição. Ao mesmo tempo que a professora ia fazendo no quadro, os alunos iam fazendo no lugar. Com este exercício foi explorada a lateralidade.

No final do dia, antes do lanche, li à turma uma história durante a qual eu fui pedindo a participação de todos os alunos.

Inferências/Fundamentação Teórica

Ensinar os alunos a colocar a mesa constitui um fator de integração importante na nossa sociedade e, tal como refere Roldão (1999) o currículo pode entender-se como “(...) aquilo que se espera fazer aprender na escola, de acordo com o que se considera relevante e necessário na sociedade, num dado tempo e contexto.” (p. 47)

Juntamente aos conteúdos do programa, aprender mecanismos diários do quotidiano também têm de fazer parte integrante da aprendizagem na escola, pois só assim faz sentido.

quinta-feira, 10 de março de 2011

Os alunos começaram o dia com a realização de uma cópia e de um ditado.

Uma vez que já tinham trabalhado muito, a professora proporcionou-lhes um momento de descontração através de uma ficha com palavras cruzadas.

Mais tarde foi proposto aos alunos que testassem as suas aprendizagens sobre os dias da semana através de uma ficha de trabalho. Para além de terem de saber os dias da semana tinham ainda de fazer uma relação com os diversos dias e semanas.

Na hora de computadores os alunos tiveram a oportunidade de trabalharem no *Word*. Exploraram livremente o *Word* sem qualquer tipo de imposição ou controlo.

Na aula de expressão plástica os alunos elaboraram a prenda para o dia do pai.

Inferências/Fundamentação Teórica

Este tipo de utilização do computador pode ter um grande impacto na aprendizagem da escrita, se for utilizado com iniciativa e imaginação pedagógicas. Como refere Ponte (1997) “Os alunos, bem conduzidos, rapidamente se apercebem da facilidade com que podem escrever histórias, emendar os erros, completá-las e reformulá-las.” (p. 77)

A prática desta atividade leva a um aumento da aprendizagem tanto em quantidade como em qualidade. Citando ainda o mesmo autor, “o processamento de texto pode conduzir a grandes transformações na aprendizagem da escrita e no desenvolvimento do gosto pela comunicação. Ele pode conduzir a um renovado interesse na comunicação escrita tradicional e não tradicional e, como tal, pode ser um instrumento de trabalho muito útil nas mais diversas disciplinas.” (p. 77)

Ao explorarem o *Word* os alunos facilmente se familiarizam com o programa e desenvolvem, não só as técnicas computacionais, como os conhecimentos linguísticos.

sexta-feira, 11 de março de 2011

Depois da habitual ida à casa de banho, antes de irem para a sala de aula, foi altura de começar a trabalhar. A professora distribuiu a todos os alunos uma folha com o ditado musical. Nessa folha, consta a letra da música com espaços em branco, os quais os alunos terão de preencher à medida que vão ouvindo a música. Todos os alunos entenderam corretamente a explicação, mostrando que a comunicação da professora para com os alunos foi conseguida. Isto porque foi a primeira vez que fizeram um ditado musical com esta professora. Alguns alunos já tinham feito em anos anteriores, mas outros ainda não tinham feito nenhum.

A professora autorizou-me a dar uma aula de materiais, uma vez que nunca tinha dado e tinha vontade de treinar. Decidi dar a decomposição de números com o material Cuisenaire. Comecei por fazer uma breve revisão do valor e da cor das peças do Cuisenaire. Deparei-me com uma turma maioritariamente conhecedora do material, contudo ainda detetei alunos com dúvidas quanto ao valor das peças. Depois de revistas estas características, optei por construir a escada, mas de uma forma aleatória, fazendo perguntas para que os alunos chegassem à peça pretendida. As perguntas feitas pretendiam explorar também, para além da cor e do valor das peças, a noção de dúzia, meia dúzia, dezena e meia dezena. Explorei estes últimos conteúdos pois já me tinha apercebido da dificuldade de alguns alunos. Depois do intervalo continuei a trabalhar com o Cuisenaire até à hora de educação física.

À medida que arrumava os dossiers dos alunos, tive a oportunidade de assistir à aula de Inglês. Assim que o professor de Inglês chegou à sala os alunos estavam entusiasmados para contar como tinha sido o carnaval bem como as palavras novas em inglês que já sabiam. A aula baseou-se muito em músicas e em jogos utilizando sempre e apenas palavras em inglês.

Inferências/Fundamentação Teórica

De modo a captar o interesse dos alunos o professor utilizou sempre estratégias lúdicas e apelativas para que os alunos se interessem e ganhem gosto pela língua inglesa. Abrantes (2001) no Currículo Nacional do Ensino Básico diz que o desenvolvimento de competências nesta fase deve-se centrar “(...) na promoção de uma relação afectiva com a língua estrangeira. A sensibilização à diversidade linguística e cultural exige que aos aprendentes sejam dadas oportunidades de se envolverem em tarefas e actos comunicativos que lhes proporcionem vivências estimulantes.” (p. 41)

O professor consegue assim, sem dúvida alguma, estimular os alunos a desenvolver esta competência tão necessária no futuro. Uma vez que o Inglês é uma Língua Universal cada vez mais falada no mundo o aluno deve ser portador do conhecimento dessa língua para que mais tarde beneficie desse conhecimento.

Ao terminar o meu estágio nesta sala de aula do 1.º ano fico com a ideia de que esta faixa etária, ao contrário do 4.º ano, necessita de uma grande cumplicidade entre a

professora e os alunos a nível afetivo. Nestas idades os alunos requerem muito o contacto físico e tentam muitas vezes, encontrar um aconchego maternal na professora.

A nível de transmissão de conhecimentos é exigida uma grande capacidade de compreensão e paciência sendo muitas vezes necessário repetir incessantemente os mesmos conteúdos até que os alunos os consigam assimilar.

Quanto mais lúdicas forem as aulas nesta etapa da aprendizagem mais entusiasmados ficam os alunos para continuar o seu percurso.

1.3. 3.^a SECÇÃO – ESTÁGIO INTENSIVO

1.º Estágio intensivo

Período de estágio: de 28 de fevereiro de 2011 a 4 de março de 2011

Faixa etária: 7/8 anos

1.3.1. Caracterização da escola:

A escola EB1 com Jardim de Infância onde estagiei é sede do Agrupamento horizontal. Esta escola encontra-se localizada no Concelho de Sintra, tendo ao seu redor uma grande zona comercial.

As crianças que frequentam a escola são maioritariamente de uma classe social mais baixa revelando até algumas carências a nível alimentar e recursos materiais.

1.3.2. Caracterização da turma:

A turma é constituída por vinte e um alunos, dos quais quatro alunos têm mais dificuldades de aprendizagem tendo estes apoio escolar.

A turma é constituída por crianças de classe baixa e com hábitos de trabalho reduzidos. Metade dos alunos mostra-se interessado em tudo aquilo que é explorado em sala de aula contudo, a outra parte da turma apesar de ir fazendo as coisas distrai-se muito facilmente tentando sempre arranjar outros meios de distração.

1.3.3. Horário:

Não me foi facultado o horário da turma.

1.3.4. Resumo do estágio

Durante este estágio os meus dias foram sempre diferentes uma vez que a professora, a qual eu deveria acompanhar nestes dias, faltou constantemente, conseguindo acompanhar a turma desta professora apenas dois dias. Assim, todos os dias fui colocada em salas diferentes. Em todas as salas pelas quais passei verifiquei que a estratégia utilizada é sempre a mesma, fichas de trabalho.

Nunca presenciei uma aula em que fossem utilizadas estratégias diferentes, pois o que pude observar foram sempre resolução de fichas de trabalho. A preocupação dos professores era pouca ou mesmo nula, sendo que a abordagem feita a qualquer conteúdo era feita oralmente, não sendo o discurso acessível a todos os alunos o que, à posteriori, fez com que em termos cognitivos alguns alunos não conseguissem acompanhar originando uma elevada percentagem de alunos com insucesso escolar e com um défice cognitivo.

Na sala de aula são os alunos que, no final, estão encarregues de limpar a sala o que inclui a limpeza das mesas, do quadro e do chão.

Já a nível social estas crianças revelam uma grande capacidade para socializar com outros alunos e com os adultos sendo que, por vezes, a nível comportamental estes não o saibam adequar ao local em questão.

Inferências/Fundamentação Teórica

Quando um professor chega a esta altura da sua carreira em que não diversifica e não se preocupa no modo como transmite os conhecimentos aos alunos, necessita de refletir sobre o seu desempenho.

Fonseca et al. (2008) refere que:

devemos ter presente que há muitas formas diferentes de abordar os mesmos temas, muitos materiais inovadores para construir ou já construídos para usar com as crianças, mais ou menos criatividade da parte dos professores para propor actividades e problemas mas é essencial que neste processo esteja sempre presente que a aprendizagem que as crianças façam seja significativa. (p. 74)

Ao repor ou implementar pela primeira vez diferentes estratégias como forma de transmitir conteúdos, o professor sentir-se-à satisfeito com o seu desempenho profissional e, também, motivado ao ver os seus alunos a evoluir.

Ao contrário dos estágios anteriores em que estamos com a turma e com o professor apenas numa parte do dia, o estágio intensivo permite ver realmente como é o dia de um professor e, permite também ficar a conhecer melhor a turma. Com esta realidade facilmente o professor estagiário de como será o seu futuro.

1.4. 4.^a SECÇÃO – 2.º Ano

Duração do estágio: 14 de fevereiro de 2011 a 27 de abril de 2011

Faixa etária: 7/8 anos de idade

1.4.1. Caracterização da turma:

A turma do 2.º ano é composta por 28 alunos, 17 do sexo feminino e 11 do sexo masculino. Todas as crianças têm 7 anos de idade.

Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica do Jardim-Escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

É uma turma que no geral (aproximadamente 25 alunos da turma num universo de 28), apresenta um bom ritmo de aprendizagem, com alunos motivados e participativos, quer oralmente, quer nas diferentes atividades que lhes são propostas diariamente. Isto deve-se em grande parte ao fato de já terem uma frequência de pré-escolar, que lhes fornece os pré-requisitos essenciais para um bom progresso a nível escolar.

Há no entanto alguns alunos, que a nível de trabalho escrito, apresentam ritmos diferentes, pois são mais vagarosos na concretização dos mesmos, muitas vezes não por não saberem realizá-los, mas porque se distraem com alguma facilidade.

Há três alunos que requerem um trabalho individualizado e acompanhado pela presença de um adulto. Apresentam alguns problemas de lateralização, desenvolvimento da motricidade fina e por vezes sinais de dislexia. Demonstram pouca autonomia, uma vez que apresentam ainda algumas dificuldades na leitura e interpretação daquilo que lhes é solicitado. Pelo facto de ainda não lerem fluentemente, é-lhes difícil exprimirem-se através da escrita, pois quando o fazem dão ainda bastantes erros ortográficos e as ideias nem sempre estão articuladas corretamente. Também na área da Matemática (2 destes 3

alunos) apresentam dificuldades na resolução de situações problemáticas e operações, bem como no cálculo mental.

A faixa etária neste ano de escolaridade ronda os 7/8 anos. Nesta idade as crianças revelam avanços nas capacidades cognitivas. Papalia, Olds e Feldman (2001), seguindo a teoria piagetiana caracterizam as crianças nesta etapa como tendo: “(...) uma compreensão maior das diferenças entre fantasia e realidade, classificação, relações lógicas, causa e efeito, conceitos espaciais e conservação, e são mais competentes com os números.” (p. 420)

Seguindo a linha de pensamento de Piaget as crianças nestas idades são agora capazes de pensar logicamente, porque podem ter em consideração múltiplos aspetos de uma situação, em vez de se centrarem num único aspeto.

1.4.2. Caracterização do espaço:

O espaço de sala de aula está organizado de forma estratégica de modo a captar a atenção de todos os alunos. As mesas de sala de aula não se encontram distribuídas todas do mesmo modo. A maioria das mesas encontram-se dispostas duas a duas contudo, na fila que está mais próxima das janelas e de uma das saídas da sala de aula este facto não se verifica, pois quatro alunos estão sozinhos e apenas os dois alunos que estão mais próximo do quadro é que estão juntos.

O quadro encontra-se disposto à frente dos alunos, de modo a permitir uma boa visualização por parte de todos (Figura 7). Mesmo ao lado do quadro está a secretária da professora a qual contém os trabalhos que os alunos vão terminando ao longo do dia.



Figura 7 – Sala de aula do 2.º ano

Ao fundo da sala é possível observar os trabalhos mais recentes dos alunos que se encontram expostos em dois quadros de cortiça. Ao fundo da sala, também se encontram, dois armários, nos quais a professora contém os dossiers individuais dos alunos e algum material de apoio para as suas aulas bem como todo o material necessário para a realização de trabalhos.

1.4.3. Horário:

No quadro 5 encontra-se o Horário da turma retirado do modelo do horário fornecido pela professora da sala. O horário do 2.º ano não difere muito do horário do 1.º ano tendo em conta o tempo previsto em currículo para lecionar as áreas curriculares de Matemática, Língua Portuguesa, Estudo do Meio, Educação Física, Educação Musical, Inglês, Expressão Plástica e ainda ACND.

Quadro 5 – Horário do 2.º ano

<u>Horas</u>	<u>2ª. feira</u>	<u>3ª. feira</u>	<u>4ª. feira</u>	<u>5ª. feira</u>	<u>6ª. feira</u>
9h – 10h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
10h – 11h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
RECREIO					
11h30 – 12h	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
12h – 12h50	Educação Física	Língua Portuguesa	Matemática	Estudo do Meio	Matemática
13h – 14h30	ALMOÇO				
14h30 – 15h20	Matemática	Estudo do Meio	Estudo Acompanhado	Música	Estudo do Meio
15h20 – 16h10	Computadores	Área de Projeto	Estudo do meio	Inglês	Formação Cívica
16h10 – 17h	Arrumação de trabalhos	Biblioteca	Expressão Plástica	Estudo do Meio	Assembleia de Turma
SAÍDA					

1.4.4. Relatos diários

segunda-feira, 14 de fevereiro de 2011

O dia de estágio foi marcado pela mudança de sala para o 2.º ano (bibe verde). As aulas começaram com a leitura de um texto do manual por parte de todos os alunos. Todos os alunos acompanhavam a leitura do texto e a professora ia dizendo o nome do aluno que tinha de continuar a ler.

Seguiu-se a análise, interpretação do texto e o ditado, durante o qual a professora se manteve sempre na carteira da frente, junto de uma aluna que apresenta grandes dificuldades. Para essa aluna, a professora teve o cuidado de pronunciar lentamente palavra a palavra de modo a ajudar a aluna.

Depois do intervalo foi distribuída uma ficha de matemática só com leitura de números sendo esta interrompida pela aula de educação física, onde os alunos aprenderam uma dança tradicional portuguesa.

Inferências/Fundamentação Teórica

A leitura partilhada e em voz alta tende a tornar-se, com o tempo, numa gratificante leitura solitária e silenciosa, permitindo ao leitor sentir as palavras. Segundo Veloso (2001) “(...) o ler em voz alta, com uma óbvia preparação prévia, mostra às crianças a musicalidade da palavra e a sua riqueza semântica.” (p. 24)

A prioridade dos docentes em cumprir o extenso currículo leva a que seja mais difícil a realização da leitura recreativa no tempo escolar. Como refere Veloso (2001) “As práticas que se adoptam no 1.º Ciclo são muito condicionadas pelos conteúdos contidos nos programas, o que leva os professores a excluírem do quotidiano escolar momentos de pura fruição do texto, considerando uma mera perda de tempo. (p. 23). Assim sendo, a biblioteca aparece assim como um espaço propício para este tipo de leitura.

terça-feira, 15 de fevereiro de 2011

Tal como no dia anterior, a aula começou com a leitura da lição do dia. Cada criança ia lendo em voz alta a sua lição. Contrariamente ao dia anterior, em que todos os alunos leram a mesma lição, hoje cada aluno leu a sua lição, existindo alunos que vão mais avançados no livro de leitura do que outros.

Depois da leitura, foi altura de trabalhar com o geoplano. Através deste material, a professora explorou os ângulos, as figuras geométricas, a simetria, a lateralidade e a noção espacial.

Reviu ainda a noção de ângulo giro e ângulo raso. Revistas estas noções, foi altura de explorar as simetrias. Para explorar este conteúdo a professora entregou uma ficha de trabalho na qual estava representado três figuras, tal como se estivessem no geoplano.

A próxima ficha foi de Língua Portuguesa onde constavam várias notícias cabendo aos alunos assinalar todas as palavras terminadas em “ça”, “ço” e “çu”.

A meio da realização desta ficha, fomos interrompidas por duas formadoras que vieram à nossa sala para uma ação de formação sobre segurança. Foram abordados temas como: as regras de segurança em casa, na rua, em caso de incêndio, durante a ocorrência de sismos e, também, os perigos da internet.

Inferências/Fundamentação Teórica

O geoplano é um material manipulativo e estruturado para a análise de figuras geométricas, apresentando um grande interesse pedagógico. Segundo Caldeira (2009): “Este material é excelente pela sua mobilidade e para que as crianças explorem problemas geométricos, registem no papel ponteadado, os seus desenhos, de forma a desenvolverem a sua destreza.” (p.409)

O geoplano desperta a curiosidade e estimula o aluno a criar hipóteses e a chegar às próprias soluções, organizando as ideias e refletindo sobre a atividade, ajudando a desenvolver várias capacidades, tais como: coordenação motora, memória, perceção da forma, tamanhos, cores e lateralização. Para Serrazina e Matos (1988), trata-se de “(...) uma descoberta activa, raciocínio indutivo, elaboração e teste de inferências e conjecturas e o desenvolvimento da percepção visual e da imaginação.” (p. 10)

O geoplano é um dos materiais manipulativos que permite aos alunos transformar o abstrato numa forma concreta facilitando a compreensão dos conceitos matemáticos pelos alunos.

Neste dia a presença na sala das formadoras proporcionou um tempo diferente, uma aprendizagem diferenciada sobre um tema tão importante como a segurança. Os alunos gostaram muito e participaram ativamente.

sexta-feira, 18 de fevereiro de 2011

Iniciou-se o dia com a habitual leitura em voz alta. De seguida, realizou-se um ditado no qual a professora foi auxiliando os alunos com mais dificuldades pronunciando com mais calma. Estes alunos fazem apenas metade do ditado, parando de o fazer quando a professora avisa. Os restantes alunos continuam o ditado até ao fim. Ainda em Língua Portuguesa, concluiu-se a expressão escrita.

A Matemática realizaram-se exercícios no quadro sobre problemas de lógica. Estes exercícios de Matemática foram feitos em conjunto com toda a turma e aceitando todos os raciocínios.

Inferências/Fundamentação Teórica

A comunicação dos raciocínios matemáticos “em conjunto” com toda a turma ajuda os alunos a evoluírem na construção dos conhecimentos para além de, os ajudar a evoluir também no campo do discurso oral, fator este importantíssimo na nossa sociedade.

Segundo o programa de Matemática do Ensino Básico, ME (2004) “os alunos devem ser capazes de comunicar as suas ideias e interpretar as ideias dos outros, organizando e clarificando o seu pensamento matemático.” (p. 5)

Desta forma, os alunos desmistificam as suas ideias matemáticas construindo e consolidando os conhecimentos já adquiridos ou ainda por adquirir.

Os alunos desta turma reagem bem à transmissão de pensamentos por parte de outros colegas o que também permite à professora proporcionar momentos como este.

segunda-feira, 14 de março de 2011

O primeiro trabalho realizado na sala de aula foi a avaliação da leitura de números seguindo-se a realização de exercícios como forma de explorar um pictograma.

Depois do intervalo foi feito um ditado.

Na aula de Educação Física os alunos foram avaliados em dois tipos de corrida de velocidade e foram ainda avaliados na patinagem.

Inferências/Fundamentação Teórica

O ditado é uma prática tradicional que visa o ensino da leitura e da escrita. O ditado favorece a aprendizagem do vocabulário, desenvolve a capacidade de ouvir e proporciona uma prática ativa e estruturada na escrita de palavras num contexto. Condemarín e Chadwick (1987) dizem que “(...) o exercício de registar com precisão as palavras exactas de orações ou parágrafos pode ser importante para desenvolver uma melhor percepção do uso dos matizes semânticos e sintácticos da linguagem.” (p. 186)

Os ditados devem acarretar um propósito significativo para os alunos e um aumento de dificuldade progressivo ajudando o aluno a aprender corretamente a sua ortografia.

terça-feira, 15 de março de 2011

Durante toda a manhã até à hora do intervalo os alunos trabalharam com os Calculadores Multibásicos (Figura 7) explorando a adição, a leitura de números, números absolutos e relativos.

Aproveitando ainda este material, foi introduzido um novo conceito, a prova dos nove da adição.



Figura 7 – *Calculadores Multibásicos*

Depois do intervalo, todos os alunos do 1º ciclo dirigiram-se para o ginásio onde os alunos tiveram direito a conversar com uma escritora/ilustradora de histórias, a fazer perguntas e a pedir um autógrafo do livro à escritora.

Depois do evento com a escritora, os alunos que não tinham livros para autografar voltaram à sala de aula com a professora. Com esses alunos, a professora realizou a leitura em voz alta. Todos leram o mesmo texto e a professora foi tirando apontamentos das leituras dos alunos.

Inferências/Fundamentação Teórica

A criança, nesta fase, precisa de perceber o significado das operações e o modo de as calcular.

Segundo Caldeira (2009): “ Os calculadores multibásicos permitem aprofundar a compreensão da essência do número e das quatro operações aritméticas.” (p. 208).

A utilização de material manipulativo facilita a aprendizagem das operações bem como mais conceitos matemáticos importantes para a criança. Esta manipulação dos materiais necessita de ser trabalhada constantemente em sala de aula para que os alunos interiorizem os mecanismos de resolução das operações.

No domínio oral e escrito a leitura de histórias para Mata (2008) revela-se importante pois “não só apoia a construção de sentido em torno da escrita, como também enriquece a interação da criança com a leitura.” (p. 80)

Segundo ainda a mesma autora, a leitura de histórias pode, assim, ser muito mais do que o cumprir de uma rotina de uma forma estereotipada e pouco rica. Ela pode ser uma actividade muito agradável, fonte de inúmeras reflexões e partilhas e um elemento central na formação de «pequenos leitores envolvidos» que conseguem aproveitá-la para irem muito mais além do que aquilo que está escrito nas páginas que a registam. (p.80)

Ao contactarem com uma escritora/ilustradora de histórias os alunos sentem-se motivados e encorajados a ler, querendo depois ficar a par do que falam os livros desta autora. Sousa (1999) refere que “a escola terá de saber encontrar estratégias que promovam a reconciliação com a leitura, que proporcionem prazer, que alarguem os horizontes” (p.22-23). Esta estratégia de trazer ao Jardim–Escola uma escritora será uma boa maneira de o fazer.

sexta-feira, 18 de março de 2011

O presente dia de estágio foi reservado para a preparação para a prova de Língua Portuguesa. Todos os alunos leram o mesmo texto, intitulado de: “ O jardim da Tina”.

Depois da leitura a professora fez perguntas de interpretação, conseguindo fazer a ligação com a área de Estudo do Meio. Uma vez que, no texto, falava de plantas a professora aproveitou para explorar as partes constituintes da planta.

As perguntas de funcionamento da língua foram das mais variadas possível: sinónimos, classificação de palavras quanto ao número de sílabas, classificação de palavras quanto à sílaba tónica, classificação morfológica de palavras, entre outras.

Revistos todos os conteúdos, a turma dirigiu-se ao ginásio da escola, tal como todos os alunos do 1.º ciclo, para assistirem a uma peça de teatro. Esta peça de teatro

tinha como objetivo sensibilizar os alunos para a importância de uma alimentação saudável.

Inferências/Fundamentação Teórica

A Expressão Dramática é um dos meios mais completos de educação e que segundo Sousa (2001) “ A amplitude da sua acção, abrangendo quase todos os aspectos importantes do desenvolvimento da criança e a grande diversificação de formas que pode tomar, podendo ser regulada conforme os objectivos, as idades e os meios de que se dispõe, tornam-na por excelência a principal forma de actividade educativa.” (p. 35)

A emoção artística leva a criança a um mundo de fantasia e de sonho que corresponde àquilo que esta procura nesta faixa etária. Num espetáculo bem feito há perfeito entendimento entre os anseios ainda desconhecidos da criança e a realidade inexplicável do mundo misterioso que a rodeia.

segunda-feira, 21 de março de 2011

Neste dia houve reunião de prática pedagógica no museu com os alunos dos mestrados de Educação Pré-Escolar, Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, Ensino do 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico. Estavam presentes todas as professoras da Prática Pedagógica inclusivé o Diretor da Escola Superior de Educação João de Deus. Foram lidas, em voz alta, as avaliações do 2.º momento de avaliação de todos os alunos referente ao estágio nos vários Jardins-Escolas.

Inferências/Fundamentação Teórica

As reuniões de Prática Pedagógica são de extrema importância, pois torna o estagiário mais atento à sua formação cabendo à escola, enquanto lugar privilegiado da educação, responsabilizar-se pelas condições de aprendizagem. Segundo Alves (2002): “À escola caberá, então, interrogar-se sobre os saberes indispensáveis ao exercício dessa actividade profissional, e sobre a melhor forma de transmitir e avaliar com eficácia esses saberes.” (p.138)

A avaliação e as reuniões são um momento de ajuda para o aluno estagiário na sua formação profissional sendo estes momentos preponderantes para uma prática educativa mais acertada no futuro.

terça-feira, 22 de março de 2011

Procedeu-se à leitura do dia, tendo esta ficado a meio para a minha colega de estágio começar as aulas de manhã inteira.

No decorrer de toda a manhã a minha colega de estágio explicou o que é a área vocabular das palavras, falou sobre o sistema solar e fez a análise de gráfico.

Até ao intervalo da manhã, foram dadas duas áreas: Língua Portuguesa e Estudo do Meio. Começou-se por ler um texto e posterior interpretação. A partir daí passou-se para a explicação de área vocabular com exemplos bem concretos.

Na área de Estudo do Meio o sistema solar foi explorado com a ajuda de um *Powerpoint*. Já na área de Matemática, a minha colega explicou tudo o que era para fazer e interpretou com eles o gráfico presente na ficha de trabalho.

Quando terminou a aula a professora entregou a ficha de avaliação da tabuada.

Inferências e Fundamentação Teórica

Na área do Estudo do Meio como forma de explorar um conteúdo que suscita tanto interesse aos alunos, o sistema solar, a minha colega fez uso das TIC o que, a meu ver, ajudou muito na abordagem do tema. Os alunos estavam completamente interessados naquilo que viam.

A integração e a utilização pedagógica das TIC favorece a aprendizagem desde que, o professor saiba à partida que deve ser feita uma boa utilização das mesmas. Patrocínio (2002) defende que a utilização das TIC: “(...) não é apenas um acessório, um instrumento, uma ferramenta, mas é efectivamente geradora de transformações qualitativas no trabalho escolar e no aluno como cidadão.” (p. 20)

A utilização das novas tecnologias em contexto escolar ajudará tanto o professor como o aluno na medida em que ajudará a desenvolver conteúdos programáticos contribuindo assim de uma forma relevante.

sexta-feira, 25 de março de 2011

No presente dia de estágio os alunos realizaram a prova de Estudo do Meio. Depois de ter entregue uma prova a cada aluno, a professora leu todo o enunciado sem qualquer tipo de explicação dos conteúdos uma vez que era previsto que os alunos tivessem estudado.

Após o intervalo, adiantaram os trabalhos em atraso, seguindo-se a elaboração de uma composição. Ao fazerem a composição, todos os alunos faziam a lápis um rascunho do texto final, num caderno próprio só para esses fins. A composição tinha como tema uma aventura mágica.

Antes da hora do almoço todos os alunos retomaram os trabalhos em atraso.

Inferências/Fundamentação Teórica

O desenvolvimento das competências linguísticas, segundo Oliveira (2010), deve ocorrer: “(...) de forma integrada sem, contudo, esquecer que há um trabalho específico no âmbito de cada uma das competências que não pode ser descurado.” (p. 33)

O professor ao explorar a competência escrita de cada aluno, com a realização de uma composição, pretende desenvolver esta capacidade com o propósito de, a longo prazo, conseguir integrar todas as competências linguísticas adquiridas pelos alunos.

segunda-feira, 28 de março de 2011

Até à hora do intervalo foi explorado o 5.º Dom de Froebell. Enquanto a professora questionou os alunos, estes tinham à frente o material, mas não podiam abri-lo. Depois de ter feito várias perguntas sobre o material, deixou então que os alunos abrissem a caixa e construíssem a figura “o poço”. Para os ajudar a construir, a professora foi desenhando no quadro as peças e foi dando tempo para que os alunos fizessem. Tentou sempre passar pelo lugar dos alunos para os ajudar. Depois de construído o poço, a professora lançou um problema.

Após o intervalo os alunos realizaram trabalhos em atraso.

Na aula de Educação Física foi feita a avaliação de alguns conteúdos já trabalhados pelos alunos.

A avaliação foi feita de uma forma coordenada durante a qual a professora ia solicitando aos alunos a concretização de um exercício passando ao registo dos resultados obtidos.

Inferências/Fundamentação Teórica

Perante a presença de material em sala de aula, o professor como mediador de educação deve possibilitar o acesso dos materiais aos seus alunos, em especial quando tem como finalidade transmitir algum conhecimento. Esse conhecimento será mais facilmente assimilado se o aluno for manipulando o material à medida que o professor o vai explorando oralmente.

Também Ribeiro (1997) é a favor desta ideia argumentando que: “A vivência de situações, a prática de actividades e os exercícios de manipulação, tornam os conteúdos de ensino e aprendizagem mais directamente assimiláveis.” (p. 62) Sendo o material um suporte na aprendizagem do aluno, este torna-se, automaticamente, numa ferramenta de trabalho para o professor facilitando a introdução de novos conteúdos.

terça-feira, 29 de março de 2011

Dei aula a manhã inteira sobre o movimento de rotação e translação da Terra, os pronomes pessoais e a noção de perímetro. Apesar de já ter dado uma aula sobre o movimento de rotação e translação no 4.º ano, decidi não adotar a mesma estratégia, utilizando desta vez uma maquete.

Na área de Língua Portuguesa os pronomes pessoais foram explicados e depois aplicados. Fiz essa referência, mas de uma forma muito vaga.

Para introduzir a noção de perímetro, decidi utilizar o geoplano para explicar.

Inferências/Fundamentação Teórica

A estratégia aplicada na área de Língua Portuguesa foi a de levar os alunos a compreenderem a utilização e importância dos pronomes pessoais. Ao perceberem a importância desta classe de palavras na Língua Portuguesa o aluno vai desenvolver ainda mais competências. Essas competências serão úteis para o aluno, futuramente, enquanto cidadão. Também Duarte (2008) nos diz que:

(...) um conhecimento da língua profundo e extenso permite que cada cidadão domine um conjunto de variedades estilísticas e que saiba em que situações e contextos deve usar cada uma delas: é papel central da escola proporcionar às crianças e jovens actividades que lhes permitam obter este conhecimento e, portanto, aperfeiçoar e diversificar o seu uso da língua. (p. 13)

Não basta o professor ensinar determinado conteúdo de Língua Portuguesa. Existe uma necessidade de explicar aos alunos o porquê de estarem a aprender determinado conteúdo, como utilizá-lo e exercitá-lo para que não restem dúvidas. Só assim, o futuro cidadão conseguirá dominar assertivamente a língua.

Ao iniciar a área de Estudo do Meio com a maquete estimulei bastante a curiosidade e o interesse dos alunos, que procuravam respostas antes sequer de surgirem as perguntas.

Este tipo de procedimento que permite uma exploração e uma descoberta, deve ser usado com frequência, em diferentes contextos e explorando diferentes questões.

Spodek e Saracho (1998) referem que:

as crianças precisam primeiro de explorar as propriedades das coisas e, uma vez tendo feita esta exploração, podem fazer perguntas razoáveis sobre os materiais e os fenómenos que experimentam. (...) Mantendo uma atitude lúdica em relação à aprendizagem de ciências, as crianças podem aprender mais do que se lhes forem ensinados factos científicos específicos por repetição. (p.224)

É muito interessante constatar a forma como os alunos instantaneamente tentam arranjar explicações para aquilo que observam e para tudo aquilo que é dito tanto pelo professor como pelos alunos da turma.

sexta-feira, 1 de abril de 2011

O dia de estágio foi marcado por aulas surpresa. Na aula surpresa que estive presente foi pedido à aluna estagiária uma abordagem às amplitudes dos ângulos.

Na hora do intervalo estive presente na reunião com todos os alunos estagiários, a fim de serem debatidas as aulas.

segunda-feira, 4 de abril de 2011

Foi dia de aulas programadas pelas minhas colegas de Mestrado no Jardim-Escola. Como tal, tive de ir assistir. O tema da aula da minha colega à qual eu fui assistir era sobre o grupo nominal e o grupo verbal na área de Língua Portuguesa. Na área de Estudo do Meio foi explorado o tema dos continentes e oceanos e na área de Matemática frações com a ajuda do material 5.º Dom de Froebell.

Até à hora de saída do estágio fui assistir à reunião.

Inferências/Fundamentação Teórica

A observação de aulas lecionadas por outras colegas de curso permite fazer uma reflexão sobre a prática observada. Segundo a perspetiva de Cunha (2008):

O equilíbrio entre a teoria e a prática poderá possibilitar um verdadeiro diálogo, a partir do qual a prática venha a adquirir uma dimensão epistemológica mais profunda, contribuindo para uma intervenção educativa eficaz e fundamentada. A prática é fonte de construção do conhecimento e a reflexão sobre as práticas, o instrumento dessa construção. (p.78)

Ter a oportunidade de assistir às aulas programadas permite-nos adquirir mais capacidades refletivas e, com isso, a assimilação de uma nova aprendizagem criando assim o equilíbrio entre teoria e prática, tal como nos refere o autor. Existe também uma confrontação entre a nossa maneira de estar e de dar aula com aquela que estamos a presenciar. Assim sendo, no ato da reflexão tudo é tomado em conta beneficiando todos aqueles que estão presentes.

terça-feira, 5 de abril de 2011

Comecei a dar aula da manhã inteira quando, passado dez minutos, fui interrompida pela professora do Jardim-Escola, que pedia a presença da turma no *workshop* de desenho que iria decorrer no ginásio. Depois do *workshop* e do intervalo da manhã continuei a minha aula dando apenas a área de Língua Portuguesa e Estudo do Meio. A aula de Matemática ficou planeada para outro dia de estágio.

Para introduzir vários conceitos na parte da manhã decidi interligar as duas áreas (Língua Portuguesa e Estudo do Meio). À medida que dava Língua Portuguesa dava

também Estudo do Meio. Como suporte, utilizei um *Powerpoint* que me ajudou a clarificar alguns conceitos.

Feita a leitura modelo pedi a alguns alunos para lerem o texto, concluindo com perguntas de interpretação. Aproveitando o facto de o texto ser um e-mail introduzi os meios de comunicação pois era o tema de Estudo do Meio. Com o auxílio do *Powerpoint* mostrei imagens de meios de comunicação, expliquei a diferença entre os meios de comunicação pessoal e social e, por fim apliquei os conhecimentos recorrendo ainda ao *Powerpoint*.

Voltando novamente ao texto fiz perguntas de gramática e aproveitei para introduzir um conceito novo: grupo nominal e grupo verbal. Depois de ter explicado, de ter dado vários exemplos práticos e de ter pedido exemplos aos alunos fiz um ditado de frases para que de seguida aplicassem os novos conhecimentos.

Inferências/Fundamentação Teórica

Uma vez introduzidos os conteúdos de Língua Portuguesa seria impensável não colocar os alunos a aplicar os conhecimentos adquiridos, até porque para Azevedo, F. (2000) o ensino aprendizagem de conteúdos de Língua Portuguesa é “(...) um dos factores mais determinantes na avaliação social de um indivíduo, então a pedagogia da língua tem responsabilidades acrescidas no que toca à aquisição dessa competência.” (p. 83). O professor, ao ensinar conteúdos gramaticais, deverá encarar esta tarefa como fundamental para o aluno existindo a necessidade de assegurar que todos os alunos estão a acompanhar esta aprendizagem.

sexta-feira, 8 de abril de 2011

Comecei a minha aula de matemática que não consegui dar no último dia de estágio. A meio da aula fui interrompida por uma professora de prática pedagógica que me pediu uma aula surpresa de Língua Portuguesa. Foi-me dado um texto e, a partir deste, tinha de dar o grau comparativo de superioridade e o grau comparativo de igualdade. Comecei por fazer a leitura modelo do texto e depois pedi a alguns alunos que lessem o texto. Posteriormente fiz algumas perguntas de interpretação. Para introduzir os graus dos adjetivos pedi a um aluno para ir ao quadro escrever uma frase. “A Tita é bonita”. A partir desta frase fiz a análise morfológica das palavras.

Terminada a minha aula surpresa foi a vez da minha colega dar aula surpresa também mas, desta vez, foi na área de Matemática. Foi-lhe pedido que desse a prova dos nove fora, através dos Calculadores Multibásicos.

Terminadas as aulas surpresa foi altura de ir para a reunião para discutir como tinham corrido as aulas. Discutida a minha aula voltei para a sala e conclui a aula.

Inferências/Fundamentação Teórica

Na aula surpresa, quando identificaram o adjetivo comecei então a explicar o grau dos adjetivos. Ao fazê-lo esqueci-me de dizer logo que o adjetivo da frase estava no grau normal. Era importante por uma questão de organização de ideias. A explicação que dei dos graus dos adjetivos foi “clara” contudo faltou uma maior organização do quadro. Faltou um esquema síntese dos graus dos adjetivos o qual facilitaria a assimilação dos conteúdos.

Perante uma situação pedagógica Charlier (2001) diz que o professor: “(...) escolhe, em meio a um arsenal de condutas disponíveis, aquelas que lhe parecem mais adequadas a uma situação de classe.” (p. 87). Neste caso específico, esta escolha foi feita no próprio momento não existindo uma reflexão anterior sobre que metodologia utilizar. Esta reflexão aconteceu posteriormente à aula. Severino (2007) defende que “A reflexão sobre as representações, elas mesmas construções descentradas, poderá trazer novos conhecimentos, novas construções e novas possibilidades quando se regressa subsequentemente a uma reflexão sobre essa experiência.” (p. 73) Esta aprendizagem através da reflexão do que foi feito permite um processo de mudança de representações ajudando à minha evolução profissional.

segunda-feira, 11 de abril de 2011

Esta semana foi marcada pelo *Roullement*. Este é um período em que os professores podem gozar de uns dias de férias uma vez que, dada a pouca quantidade de alunos no Jardim-Escola, não se justifica ter dois professores do mesmo ano a trabalhar.

Foi-nos proposto, a nós alunos de mestrado, que nos encarregássemos das atividades dos alunos durante toda a semana. Depois de nos organizarmos, decidimos realizar jogos e *workshops*.

Alguns dos jogos que decidimos realizar durante este dia de estágio foram: a

pintura em papel cenário, sacos saltitantes, dança dos balões, burro sem cauda, glutão, bowling, apanhar as bolachas voadoras, jogo do galo humano, estátuas do parque e desenho com giz em cartolina preta.

As atividades ocorreram sem qualquer tipo de incidente. Fizemos os jogos das 9h às 11h e das 11h30m os alunos foram para o intervalo até à hora do almoço.

Inferências/Fundamentação Teórica

A ideia de realizar jogos neste dia surgiu da necessidade que sentimos de proporcionar aos alunos um dia diferente dos habituais ao longo do ano letivo. Tal como nos diz Jesus (2002):

É através do jogo que a criança descobre o mundo que a rodeia, se integra na sociedade e com ela se relaciona e, principalmente, realiza as suas experiências. A criança aprende jogando e dessa forma o Jogo vai influenciar decisivamente a sua personalidade. (p. 61)

Toda esta panóplia de benefícios para a criança e, também, um escape à rotina ajudou-nos a optar pela realização de jogos.

terça-feira, 12 de abril de 2011

Para além de jogos decidimos representar também uma peça de teatro, na qual encenámos a história: "A rainha das cores".

Para além da peça de teatro repetiram-se alguns jogos do dia anterior e para além destes ainda introduzimos mais duas atividades novas: os moinhos de vento e uma zona de músicas.

Inferências/Fundamentação Teórica

Houve uma grande adesão à zona de músicas na qual estiveram presentes alunos de todos os anos o que também se sucedeu na peça de teatro.

A dramatização é encarada como uma arte, sendo no fundo o desenvolvimento da Expressão Corporal. Esta representa uma forma de dizer/transmitir algo sem muitas vezes ser necessário fazer uso da verbalização.

O Ministério da Educação (2006) refere que “(...) os jogos dramáticos permitirão que os alunos desenvolvam progressivamente as possibilidades expressivas do corpo – unindo a intencionalidade do gesto e/ou palavra, à expressão, de um sentimento, ideia ou emoção”. (p.77)

Apesar desta importância, este tipo de arte é pouco valorizado no meio escolar, sendo esta apenas utilizada em épocas festivas quer sejam para os pais ou não. Esta foi uma oportunidade perdida no sentido em que poderíamos ter preparado uma peça cujos atores fossem as próprias crianças, pois o Ministério da Educação (2006) menciona que “(...) a exploração de situações imaginárias, a partir de temas sugeridos pelos alunos ou propostos pelo professor, dará oportunidade a que a criança, pela vivência de diferentes papéis, se reconheça melhor e entenda melhor o outro”. (p.77)

Não conseguimos que fossem as próprias crianças a fazer a dramatização pois fomos informados que teríamos de fazer atividades com os alunos muito próximo do dia em que ocorreriam as mesmas. Mas, não posso deixar de referenciar aqui, que esta forma de arte deve ser desenvolvida nas crianças sempre que seja possível.

sexta-feira, 15 de abril de 2011

No último dia de estágio, antes das férias, repetimos algumas atividades e introduzimos outras: desenho com giz no chão, a caça aos ovos e o Karaoke.

Para além das atividades, voltámos a representar a peça de teatro do dia anterior para as turmas que ainda não tinham assistido.

Inferências

Uma vez que era o último dia a maioria dos alunos explorou as atividades novas.

Ao terminar mais um período de estágio, desta vez no 2.º ano, chego à conclusão de que os alunos nesta faixa etária, tal como no 1.º ano solicitam especial atenção no campo afetivo e emocional estabelecendo uma grande cumplicidade com a professora.

Cognitivamente é necessário que sejam trabalhados os conteúdos de maneiras diferentes e tentando sempre aumentar o grau de dificuldade.

É portanto, uma fase do crescimento da criança muito importante tendo esta de ser acompanhada em todas as etapas. Existe uma relação especial entre a triangulação aluno-escola-família relação esta que considero essencial.

1.5. 5.^a SECÇÃO – 3.º Ano

Duração do estágio: 2 de maio de 2011 a 5 de julho de 2011

Faixa etária: 8/9 anos de idade

1.5.1. Caracterização da turma:

A turma do 3.º ano é constituída por vinte e quatro crianças, sendo que 12 alunas são do sexo feminino e 12 alunos são do sexo masculino. A idade destes alunos ronda os 8/9 anos.

O comportamento da turma é adequado correspondendo àquilo que é pedido pela professora e pelo Jardim – Escola. Tal como todas as turmas e em todos os alunos desta idade, existem dias com um nível de comportamento exemplar e outros, em que existem algumas alterações.

Os alunos revelam interesse e empenho e um sentido de autonomia em todas as tarefas que lhes são propostas existindo, contudo, um ritmo de trabalho diferente entre as crianças.

As crianças na faixa etária dos 8/9 anos desenvolvem o pensamento espacial, no qual Papalia, Olds e Feldman (2001) dizem que estes alunos: “ (...) são mais capazes de compreender, visualizar e usar as relações espaciais.” (p. 424). Apresentam uma melhor conceção da distância de um lugar a outro e do tempo necessário para lá chegar.

1.5.2. Caracterização do espaço:

A sala de aula é ampla, compreendendo um espaço entre mesas que permite uma livre passagem ao longo de toda a sala. As mesas dos alunos estão dispostas estrategicamente pois, uma vez que o ano letivo está quase a terminar, a professora cooperante já os conhece muito bem e sabe exatamente qual o lugar mais vantajoso de aprendizagem para cada aluno.

A sala de aula tem duas portas estando estas colocadas em paredes paralelas. Uma das portas dá para o exterior e a outra porta para além de permitir um acesso ao exterior permite ainda um acesso ao interior do pavilhão a qual nos permite ir até às salas

do 4.º ano ou então à casa de banho do 3.º ano.

Junto à porta que dá apenas para o exterior encontra-se afixado na parede um quadro interativo. No teto encontra-se afixado o respetivo projetor, que permite a emissão de imagem do computador para o quadro. Para além deste quadro encontra-se também o quadro antigo que permite a escrita com giz, tal como se pode ver na figura 8. Este quadro encontra-se numa das paredes laterais da sala junto ao qual estão vários alunos.

Por cima do quadro interativo é possível encontrar uma imagem do Obélix a carregar pedras e a legendar essa imagem está uma frase que diz: palavras difíceis. É junto a este placar que se encontram afixadas as palavras mais difíceis para a turma.

Ao fundo da sala encontram-se placares onde estão expostos trabalhos dos alunos, bem como dois armários grandes nos quais a professora tem os dossiers de todos os alunos e material escolar indispensável para o dia a dia.



Figura 8 – Sala de aula do 3.º ano

1.5.3. Horário:

No quadro 6 encontra-se o horário da turma retirado do modelo do horário fornecido pela Professora da sala. Este horário é muito semelhante ao do 4.º ano e uma vez que o programa seguido na Associação dos Jardins-Escolas João de Deus determina que a área de História de Portugal seja iniciada no 3.º ano, isto assim se sucede. Todas as áreas se mantêm tal como nos horários anteriores.

Quadro 6 – Horário do 3.º ano

<u>Horas</u>	<u>2ª. feira</u>	<u>3ª. feira</u>	<u>4ª. feira</u>	<u>5ª. feira</u>	<u>6ª. feira</u>
9h – 10h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
10h – 11h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
RECREIO					
11h30 – 12h	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
12h – 12h50	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
13h – 14h30	ALMOÇO				
14h30 – 15h20	Expressão Plástica	Estudo do Meio	Área Projeto	Educação Física	História
15h20 – 16h10	Estudo Acompanhado	História	Computadores	Música	Experiências
16h10 – 17h	Estudo do Meio	Biblioteca	Formação Cívica	Inglês	Assembleia de Turma
SAÍDA					

1.5.4. Relatos diários:

segunda-feira, 2 de maio de 2011

A professora corrigiu com os alunos o desafio escolar que foi para casa. O desafio escolar consistia na realização de uma ficha de trabalho, a qual continha exercícios de Língua Portuguesa, na parte da frente, e exercícios de Matemática no verso da folha. A professora começou por explorar a área de Matemática durante todo o período da manhã antes do recreio, trocando assim a disposição das áreas que constam no horário.

Para a correção dos exercícios de Matemática a professora deixou que fosse o aluno que tinha ido ao quadro escolher o próximo colega que iria resolver o exercício seguinte.

À medida que os alunos iam resolvendo os exercícios no quadro os alunos que estavam sentados iam corrigindo no lugar o seu próprio trabalho com uma caneta verde. Esta deve ser uma prática corrente de sala de aula uma vez que nenhum aluno perguntou como tinha de corrigir. Todos sabiam que tinham de ir corrigindo ao mesmo tempo que era feito no quadro e posteriormente corrigido pela professora.

Depois do intervalo foi dado o modo indicativo através de uma ficha informativa e consolidada a matéria com exercícios.

Concluídos os exercícios foi realizado um ditado de palavras em folhas de cor, sendo depois corrigido os desafios escolares de Língua Portuguesa.

Inferências/Fundamentação Teórica

Solicitar a conjugação e identificação de verbos aos alunos faz parte do Programa de Língua Portuguesa do 1.º Ciclo segundo o Ministério da Educação (2004): “Aplicar as formas do Presente, Presente-Futuro, Futuro e Pretérito Perfeito do Indicativo do Indicativo de verbos regulares e irregulares.” (p. 154)

Uma vez mais, e de acordo como Ministério da Educação, a prática desta atividade contempla um conjunto de capacidades a desenvolver e, está presente no quotidiano das aulas de Língua Portuguesa.

terça-feira, 3 de maio de 2011

No presente dia de estágio o horário foi novamente alterado para que dois alunos do 2.º ano de Licenciatura de Educação Básica pudessem dar as suas aulas.

A primeira estagiária a dar aula, a Carla, falou da evolução dos meios de transporte terrestres. O tema foi abordado através do diálogo com os alunos e a projeção de um *Powerpoint* que continha imagens reais dos meios de transporte terrestres.

A aula foi terminada com uma ficha de trabalho como meio de consolidação dos conceitos aprendidos.

O outro colega, o Mário, falou da evolução dos meios de transporte aquático diferenciando-os em meios marítimos e fluviais, explicando a diferença.

Para explicar os conceitos, o Mário foi questionando os alunos e, tal como a Carla projetou um *Powerpoint* com imagens reais.

Para concluir foi entregue uma ficha formativa/informativa.

A seguir, a professora passou no quadro quatro operações para os alunos resolverem. Mas, antes de passarem estes exercícios, tinham de corrigir a ficha de matemática do dia anterior.

Inferências/Fundamentação Teórica

Sempre que é possível a professora organiza momentos de exercitação do cálculo e tentando, por inúmeras vezes, diversificar nas estratégias utilizadas. Segundo Abrantes, Serrazina & Oliveira (1999):

A escola tem a função de ajudar os alunos a desenvolver as suas capacidades e de cultivar a sua disposição para usá-las mesmo que isso envolva algum esforço de pensamento. Só neste contexto faz sentido a “aquisição” de conhecimentos, se pretendemos que estes não se tornem superficiais ou mesmo totalmente irrelevantes na primeira oportunidade. É impensável que uma aprendizagem significativa da Matemática, não proporcione inúmeras oportunidades aos alunos para efectuarem uma grande variedade de cálculos ou para compreenderem a necessidade das definições e do rigor dos termos que utilizam. (p. 22)

Tal como nos dizem os autores, o facto de o professor organizar diversos momentos para exercitar os cálculos é uma mais valia para a turma pois ajuda-os a interiorizar mecanismos de resolução facilitadores da aprendizagem.

sexta-feira, 6 de maio de 2011

Antes de iniciar a aula a professora decidiu conversar com os alunos para apelar ao sentido de responsabilidade e ao comportamento desadequado que estes têm vindo a demonstrar para com o professor de Inglês. A professora justificou que as notas dos testes de Inglês só refletiam o mau comportamento da turma e que qualquer professor “merece respeito” independentemente das disciplinas que lecionam.

Um aluno distribuiu os trabalhos, feitos no dia anterior, já corrigidos. Todos os alunos já sabem que assim que recebem os trabalhos para emendar essa é a primeira tarefa do dia.

Concluídas as correções dos trabalhos foi altura de realizar a avaliação da tabuada e das operações.

Depois do intervalo da manhã foi realizada uma cópia e um ditado do texto: “A pressa do tempo”.

Inferências/Fundamentação Teórica

A professora titular da turma é vista pelos seus alunos como uma referência. Ao tornar-se numa referência para os seus alunos a professora facilmente consegue transmitir valores e atitudes. Morissette & Gingras (1994) pronunciam-se sobre esta questão dizendo que:

(...) para que a informação transmitida na aula se torne eficaz, para que influencie a atitude do aluno, terá de ser feita por alguém convicto do conteúdo da sua própria mensagem, alguém em quem os alunos depositem verdadeira confiança, alguém com prestígio. (p. 153)

Ao ser transmitida informação por alguém de referência para a turma, os alunos tendem a entender e consequentemente diminuem ou deixam de ter comportamentos desadequados.

segunda-feira, 9 de maio de 2011

No presente dia de estágio a professora titular da sala faltou durante grande parte da manhã.

Quem trouxe os alunos para a sala de aula foi a outra professora do 3.º ano, que ficou encarregue das duas turmas. Depois de todos os alunos chegarem à sala a professora passou quatro operações no quadro e dirigiu-se à sua sala.

Na nossa sala fiquei apenas eu e a minha colega de estágio. Uma vez concluídas as operações, nós fizemos com eles a respetiva correção. Quando todos já tinham terminado a professora voltou à nossa sala e passou mais exercícios de Matemática. Os exercícios pediam para os alunos acharem as relações existentes entre dois números com as respetivas unidades de medida e não só. Para além destes exercício, o último era para acharem a área de um terreno retangular.

Quando estavam a resolver os exercícios, apareceu o professor de apoio que se manteve com a turma até aproximadamente às 12h30m, hora em que chegou a professora titular da sala. Posteriormente o professor resolveu os exercícios com os alunos tendo surgido alguma confusão/hesitação da forma correta de conversão das medidas de área para as medidas agrárias.

De seguida foi explorada uma situação problemática, a qual o professor explicou de duas maneiras diferentes. Da primeira vez usou os cálculos e da segunda vez utilizou o raciocínio lógico fazendo a ilustração do problema.

Depois do intervalo os alunos estiveram até à hora do almoço a resolver a prova de aferição de Língua Portuguesa do 4.º ano. Quando os alunos repararam que era uma prova do 4.º ano, ficaram bastante surpresos e empolgados para a resolução da mesma.

Inferências/Fundamentação Teórica

Este processo de correção dos exercícios com a turma tornou-se importantíssimo uma vez que permitiu dar sentido aos conceitos e ideias matemáticas, sendo preciso a

ajuda do professor. Segundo a Commission on Teaching Standards for School Mathematics (1994):

Privilegiar o raciocínio e a argumentação implica que os alunos devem ser encorajados a questionar as ideias uns dos outros e a explicar e defender as suas face ao desafio colocado pelos outros. Os professores deverão ajudá-los a fazê-lo: eles têm de aprender a questionar as conjecturas ou soluções dos outros, respeitando o seu raciocínio e conhecimento. Precisam igualmente de aprender como justificam as suas próprias posições, sem se tornar agressivos ou estar na defensiva. (p. 60)

O professor, ao encorajar e motivar os alunos para a correção com toda a turma, eleva o nível de aprendizagem dos alunos não descurando do papel do professor no que concerne em ajudar os alunos.

terça-feira, 10 de maio de 2011

O dia iniciou-se com a correção dos desafios escolares. Estes desafios visavam a área da Matemática, mais especificamente reduções, multiplicação e divisão por: 10; 100; 1000; 0,1; 0,01; 0,001. A professora foi solicitando aos alunos que explicassem para toda a turma o raciocínio que usaram para resolver os desafios.

O Mário deu aula sobre a agricultura. Para introduzir o tema da aula, vestiu-se de agricultor e foi questionando os alunos. Assim que os alunos descobriram o tema da aula o Mário desmascarou-se não continuando com a sua personagem até ao fim da aula. Para tentar explicar um pouco do que consiste a agricultura utilizou um *Powerpoint* e foi falando com os alunos. Para explicar o que são hortas urbanas, o Mário decidiu utilizar um vídeo no qual constava uma notícia do telejornal ajudando à criação de um vocabulário mais rico para a criança.

Para terminar a aula, lançou o desafio de levarem para casa umas sementes de uma erva aromática e plantarem com os pais, registando a sua evolução.

Para deixar os alunos já preparados para a aula da Carla organizou grupos e a colega explicou de uma forma muito clara a noção de pecuária e todos os conteúdos envolvidos.

Para introduzir a atividade final de consolidação dos conteúdos aprendidos, a Carla distribuiu o material e só depois é que explicou. Por fim, fez a correção oral das atividades.

Inferências/Fundamentação Teórica

Esta etapa crucial do desenvolvimento cognitivo precisa de ser estimulada e a correção dos desafios escolares proporciona esse desenvolvimento. Segundo a Comissão on Teaching Standards for School Mathematics (1994):

Os alunos devem ser estimulados a explicar os raciocínios que seguiram para chegar a determinada conclusão ou para justificar porque razão o seu modo de abordar um problema é apropriado. Dar ênfase ao raciocínio no ensino da Matemática tem por objectivo desenvolver o poder matemático dos alunos de modo que possam chegar a conclusões e justificar as suas afirmações por si próprios, sem confiar apenas na autoridade do professor ou do manual. (p. 98)

A capacidade de argumentação alia-se ao conhecimento matemático dando ao aluno uma bagagem cognitiva elevada que lhe permitirá uma evolução importante e muito significativa, para além de, todos os alunos terem a hipótese de esclarecer dúvidas.

Em relação à aula de Estudo do Meio penso que esta enriqueceu quando o colega utilizou o *Powerpoint* pois para Estanqueiro (2010) “qualquer pessoa aprende melhor aquilo que escuta e vê, ao mesmo tempo” (p.37)

À medida que ia mostrando os slides do *Powerpoint* e como forma de desenvolver o tema, o Mário ia deixando que os alunos partilhassem as suas experiências. Tal como afirma Estanqueiro (2010) “histórias de vida sobre tudo histórias ligadas à matéria, e exemplos concretos são importantes se ajudarem a despertar a curiosidade dos alunos e a focar a sua atenção no essencial”. (p.35)

O professor deve sempre que possível diversificar as estratégias de ensino, e para isso necessita de utilizar recursos variados, incluindo os recursos multimédia, que normalmente, são bons para motivar os alunos e reforçar as suas mensagens.

sexta-feira, 13 de maio de 2011

A área de Matemática foi explorada logo pela manhã, durante a qual foram realizados exercícios de consolidação sobre as reduções, as multiplicações e divisões.

Depois do intervalo, a área de Língua Portuguesa foi explorada através de um texto que apela às diferenças culturais de cada povo. Diferenças essas que se baseavam exatamente na cor da pele de cada povo. Esse texto foi explorado, não na oralidade, mas sim na escrita. Antes de iniciar qualquer tipo de exploração, gramatical e a nível de interpretação, a professora fez a leitura modelo e o texto foi lido mais três vezes para que

todos os alunos lessem. Na última leitura, e uma vez que todos os alunos já tinham lido, a professora pediu apenas aos alunos com mais dificuldades na leitura para lerem novamente.

Inferências/Fundamentação Teórica

Uma educação multicultural deve ser desenvolvida sempre que possível e necessário. Stavenhagen (1996) in “ *Educação: Um Tesouro a Descobrir*” afirma:

Uma educação verdadeiramente multicultural deverá ser capaz de dar resposta, simultaneamente, aos imperativos da integração planetária e nacional, e às necessidades específicas das comunidades locais, rurais ou urbanas com a sua cultura própria. Levará cada um a tomar consciência da diversidade e a respeitar os outros. (p. 221)

Dar a conhecer aos alunos as diferenças culturais ajuda-os a aceitar todos os povos, bem como todos os hábitos e costumes. E, acima de tudo, ensina os alunos a respeitarem todas as pessoas independentemente da cultura onde estejam inseridos.

segunda-feira, 16 de maio de 2011

No dia de hoje, não fugindo à rotina diária, foram distribuídos os trabalhos corrigidos que foram elaborados na aula passada. Como habitualmente, os alunos corrigiram o que estava errado ou incompleto e prosseguiu-se com a correção dos desafios escolares de Matemática.

Uma vez corrigidos os exercícios, foi altura de passarem para uma folha as situações problemáticas que a professora passou no quadro interativo.

Após o intervalo trabalhámos a área de Língua Portuguesa na qual se começou por corrigir os desafios escolares desta área, tal como se fez na área de Matemática.

Uma vez corrigidos os desafios escolares oralmente foi a vez de introduzir matéria nova: os tipos de sujeito. Para aplicar e para a própria professora se assegurar que estes conceitos ficaram adquiridos, foram passadas no quadro algumas frases nas quais os alunos tinham de identificar qual o tipo de sujeito. Para concluir, esta área foi feito um ditado de frases. Frases estas que foram usadas no exercício anterior.

terça-feira, 17 de maio de 2011

A manhã iniciou-se de uma forma diferente pois a professora titular não esteve presente, ficando os alunos a cargo da professora de Expressão Plástica na qual esculpiram cada um, uma barra de sabão azul e branco.

Às 10 horas o professor de apoio assumiu o controlo da turma até à hora do intervalo. Neste período de tempo foi realizada a avaliação de Língua Portuguesa .Uma vez que era um momento de avaliação o professor limitou-se a verificar que nenhum aluno copiava. Depois do intervalo a professora titular da sala chegou e explorou a área de Matemática fazendo operações e leitura de medidas por classe.

Inferências/Fundamentação Teórica

A área de expressão plástica é um momento em que os alunos se libertam e expressam aquilo que pensam e sentem através da arte.

As artes no ensino básico são para Abrantes (2001a):

(...) elementos indispensáveis no desenvolvimento da expressão pessoal, social e cultural do aluno. São formas de saber que articulam imaginação, razão e emoção. Elas perpassam as vidas das pessoas, trazendo novas perspectivas, formas e densidades ao ambiente e à sociedade em que se vive. (p. 149)

Todas as capacidades desenvolvidas com esta área aliam-se à evolução do aluno enquanto ser humano.

sexta-feira, 20 de maio de 2011

Iniciou-se mais um dia de aulas com a entrega dos trabalhos do dia anterior corrigidos. Deu-se início à cópia de uma letra de música dos Clã, mas esta foi feita de uma maneira diferente da habitual, pois desta vez a cópia estava projetada no quadro e todos copiavam do mesmo suporte. A cópia realizada era para avaliação tendo, neste caso, a professora chamado à atenção para os erros.

Quando todos os alunos já tinham concluído a cópia, a professora prosseguiu com o ditado musical. O ditado musical consiste em preencher um texto com espaços em branco à medida que vão ouvindo a música.

Antes do intervalo a professora entregou a avaliação de leitura de números, tarefa esta que foi interrompida para os alunos irem ao intervalo. Findo este intervalo, os alunos continuaram a realização desta avaliação e posterior correção oral da mesma.

Inferências/Fundamentação Teórica

À medida que os alunos iam concluindo o ditado musical, a professora foi elogiando a rapidez com que alguns alunos, com mais dificuldades, já conseguiam acompanhar esta atividade.

Para Sanches (2001): “ O elogio tem de ser oportuno, adequado, no momento exacto e de acordo com o perfil de quem o faz e de quem o recebe.” (p. 58).

Quando o professor “personaliza” o elogio faz com que o aluno se sinta único, acarinhado e capaz de mais e melhor. Foi o que aconteceu neste caso específico.

segunda-feira, 23 de maio de 2011

Nesta manhã, dirigimo-nos à Escola Superior de Educação João de Deus para a avaliação do terceiro momento de estágio onde nos foi entregue a grelha de avaliação deste momento.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nesta reunião é nos dada uma apreciação da nossa prestação ao longo do momento de estágio o qual, deve ser encarado de forma positiva pois só assim conseguiremos evoluir profissionalmente.

Segundo Vieira (1993) a supervisão no contexto da formação do professor é “como uma actuação de monitoração sistemática da prática pedagógica, sobretudo através de procedimentos de reflexão e de experimentação.” (p.28). O supervisor, de acordo com Alarcão (1996) surge como “alguém que deve ajudar, monitorar, criar condições de sucesso, desenvolver aptidões e capacidades no professor.” (p.93)

Para além da opinião da professora titular da turma onde realizamos o nosso estágio as professoras orientadoras da Prática Pedagógica também nos dão o seu parecer o que, se revela bastante pertinente pois como não estão connosco diariamente como a professora da sala acabam por nos dar uma visão diferente em alguns aspetos.

terça-feira, 24 de maio de 2011

Mais um dia em que a professora titular se ausentou tendo sido substituída pela professora de expressão plástica até à hora do intervalo. Durante esta aula foram vários os momentos em que a professora alertou os alunos de que, se não se portassem bem no decorrer da aula, estes teriam de fazer a avaliação de Matemática deixada pela professora titular da sala.

Chegando o professor de apoio à sala, os alunos começaram a explorar a área de Matemática. Quinze minutos antes do almoço a professora titular chegou e pediu a dois alunos para irem ao quadro resolver as operações que todos estavam a resolver no lugar.

Inferências/Fundamentação Teórica

Utilizar uma prova de avaliação para condicionar os alunos em relação ao comportamento pode levar a que estes encarem as provas como uma punição de algo. Papalia, Olds e Feldman (2001) explicam-nos o condicionamento operante defendido por Skinner e refrem que: “(...) o indivíduo aprende a partir das consequências a “operar” no ambiente.” (p. 28)

Significa isto que caso esta atitude seja repetida muitas vezes os alunos passarão a encarar o momento de avaliação como sendo uma consequência de uma atitude negativa que estes tenham tido e não como uma etapa importante do desenvolvimento cognitivo.

sexta-feira, 27 de maio de 2011

A minha colega deu a sua aula de manhã inteira na qual abordou os seguintes temas pela ordem indicada: a poesia, a indústria e situações problemáticas de lógica. Ao longo de toda a aula houve uma sequência lógica dos acontecimentos e explicações dadas.

Os conteúdos expostos foram feitos com o auxílio de um *Powerpoint*.

Inferências

Para além de abordar os conteúdos programáticos preocupou-se em assegurar o

bem estar de todos, tendo ido, ao longo de toda a aula, alertando os alunos para a postura adotada.

segunda-feira, 30 de maio de 2011

Dei aula a amanhã inteira sobre o teatro, o turismo e a noção de múltiplo de um número. A aula teve um fio condutor em todas as áreas passando subtilmente de umas áreas para outras.

De modo a tentar desvendar o tema da aula coloquei um vídeo que dava a conhecer Portugal mostrando alguns dos sítios mais emblemáticos do país. Após perceberem o tema da aula combinei com os alunos que seriam turistas e que tinham de imaginar uma máquina fotográfica a qual os acompanharia ao longo da visita a Portugal. Através de um *Powerpoint*, fui mostrando algumas imagens emblemáticas do nosso país perguntando aos alunos se reconheciam os locais.

Antes de prosseguir para as imagens seguintes dava alguns segundos para que tirassem uma fotografia do local. O entusiasmo era tanto que, quando me esquecia de dar esse tempo, os alunos logo davam o alerta. No decorrer da visita passámos pelo teatro D. Maria II no qual fizemos uma pausa para ir assistir a uma peça de teatro encenada pelos próprios alunos. Antes de encenada a peça falámos um pouco sobre o teatro, a quantidade de trabalhadores que são necessários para que o espetáculo corra bem e o que faz cada um.

Concluída a explicação e a encenação da peça entreguei uma ficha com palavras cruzadas sobre as profissões no teatro. Pouco tempo depois de começarem a realizar a ficha fomos interrompidos por duas professoras de Prática Pedagógica que me pediram para parar a aula para a minha colega dar a sua aula surpresa de Língua Portuguesa sobre palavras homónimas. O conceito foi explicado logo no início da aula, tendo dado vários exemplos para ajudar à compreensão.

Para concluir esta aula, foi pedindo que os alunos dessem os seus próprios exemplos para comprovar se estes tinham percebido.

Depois desta aula prossegui com a minha aula de Matemática. Aproveitando o tema das aulas anteriores fui pelo tema do turismo para iniciar a Matemática com uma situação problemática. Através do problema introduzi o conceito de múltiplo de um número. Para ajudar à percepção deste conceito entreguei uma ficha informativa a qual alguns alunos leram em voz alta.

Questionando os alunos sobre os múltiplos de alguns números prossegui para a assimilação deste novo conhecimento utilizando um jogo da internet aproveitando o quadro interativo. Este jogo tinha uma tabela com números onde cada jogador tinha de identificar os múltiplos de alguns números. Os alunos estavam em equipas as quais competiram neste jogo. Para que jogassem todos os alunos foi chamado um a um das três equipas cada uma com um tempo limite de resposta.

Inferências/Fundamentação Teórica

Havendo a obrigatoriedade de dar as três áreas numa manhã de estágio o professor deve, sempre que possível, fazer interdisciplinaridade de modo a conseguir captar o aluno não se verificando desinteresse quando se entra numa determinada área. Pombo, Guimarães e Levy (1994) definem interdisciplinaridade como sendo uma “forma de combinação entre duas ou mais disciplinas com vista à compreensão de um objecto” (p.8)

Mas, apesar da importância da interdisciplinaridade Jesus (2008) defende que o professor deve “(...) utilizar metodologias de ensino diversificadas e que tornem a explicação das matérias mais clara, compreensível e interessante para os alunos.” (p. 23)

Havendo uma interdisciplinaridade entre as três áreas e apelando a estratégias cativantes os alunos foram acompanhando toda a aula.

terça-feira, 31 de maio de 2011

Foi muito pouco o tempo em que estive presente na sala de aula pois estive noutra sala a assistir a uma aula surpresa da minha colega. O tema proposto para esta aula foi o volume com o 5.º Dom de Froebell numa turma de 4.º ano. Terminada esta aula, a professora de Prática Pedagógica pediu que me dirigisse à minha sala para dar uma aula surpresa. Apenas me foi dito que ia trabalhar com os Calculadores Multibásicos não sabendo o tema. Quando o material já estava distribuído a professora disse-me que ia dar leitura de números. De uma forma breve revi o lugar das peças nas placas dos calculadores e fui fazendo perguntas de leitura de números tal me foi solicitado.

Inferências/Fundamentação Teórica

As perguntas feitas aos alunos não variaram muito tendo explorado quase sempre os mesmos conhecimentos.

Apesar destes aspetos esta aula ajudou-me a evoluir enquanto profissional aprendendo a lidar com a pressão e a avaliar a situação para que numa próxima tente abordar mais conteúdos de um modo significativo e sobretudo levá-los a pensar em todo o tipo de atividades que façam. Pois, segundo Cury (2004): “ (...) os professores fascinantes também cumprem o conteúdo programático, mas o seu objectivo fundamental é ensinar os alunos a serem pensadores e não repetidores de informação.” (p. 70)

Mesmo sendo num momento de ansiedade a aula surpresa, tem de existir sempre a preocupação de os levar a pensar, tornando-os pessoas pensantes com capacidades de raciocínio.

sexta-feira, 3 de junho de 2011

O dia começou com a professora a dizer as notas de avaliação de Matemática. Durante a verbalização das mesmas em voz alta, a professora foi dizendo onde cada aluno tinha errado e o que poderia ter feito para evitar determinados erros. Acabou também por fazer a correção de alguns exercícios, principalmente aqueles nos quais tinham surgido mais dúvidas. Seguidamente, trabalhou-se na área de Língua Portuguesa na qual foi entregue um texto a cada aluno com as respetivas perguntas de interpretação. A professora começou por fazer a leitura modelo do texto, a leitura dos alunos prosseguindo para as perguntas de interpretação.

Prosseguiu-se o ditado e alguns exercícios de Matemática.

Inferências/Fundamentação Teórica

É importante o professor ajudar o aluno dando-lhe indicações do que fez errado e como o poderia ter feito. Desta forma, dificilmente os alunos vão repetir os mesmos erros.

Cabe ao professor conseguir ajudar o aluno pegando no erro. Através do erro, o professor tentará ajudar o aluno a chegar ao raciocínio correto, não o induzindo a uma resposta meramente “automática” sem qualquer raciocínio implícito. Segundo Ponte e Serrazina (2000), “se o erro é considerado como um fenómeno anormal, como uma falta

que sistematicamente é objecto de sanção, o aluno procurará “receitas” para responder certo e recusar-se-á a responder quando tem dúvidas. ” (p. 103)

Como tal, o professor é a chave principal para ajudar o aluno a superar o seu erro. Para que seja bem sucedido o professor só precisa de tentar pegar no erro do aluno e a partir daí tentar ajudar.

segunda-feira, 6 de junho de 2011

O dia iniciou-se com exercícios de Língua Portuguesa que visavam esclarecer dúvidas quanto à conjugação de verbos quer em todos os tempos do modo indicativo como no modo condicional.

Prosseguiu-se a aula com a correção dos desafios escolares de Língua Portuguesa. Dos 24 alunos, 5 não fizeram os desafios e não o trouxeram para a escola. A professora tentou saber o motivo que cada aluno tinha para não fazer e não trazer o trabalho para a escola. Mais uma vez chamou à atenção da importância dos desafios, ainda mais nas vésperas de uma prova. Perante esta realidade avisou estes alunos que no dia seguinte assim que chegasse à sala queria os desafios escolares resolvidos em cima da sua mesa. E, caso isto não se verificasse os alunos em questão iriam levar um recado para casa.

A correção foi feita oralmente tendo todos os alunos respondido a pelo menos uma questão. Enquanto decorria a correção, dois alunos, questionados pela professora, fingiram ter respondido à questão e esta, ao aperceber-se deste facto, interveio dizendo que não gostava que não tivessem feito o exercício e que tivessem mentido quando questionados. A professora apelou para que nenhum aluno mentisse ou ocultasse factos.

Chegados do intervalo, foi altura de aprender a subtrair números complexos. A professora entregou um apontamento com 3 subtrações e explicou no quadro como se realizavam estas mesmas subtrações.

Inferências/Fundamentação Teórica

O aluno ao perceber que fez algo errado tende a mentir como forma de não ter qualquer tipo de consequência face ao ato praticado. A mentira, segundo Ramalho (2007) “ (...) pode surgir após uma asneira, porque a criança já tem capacidade para perceber que errou, mas está em conflito entre a vontade de adesão às regras sociais e o desejo

de não desagradar ao adulto.”

Existe uma preocupação por parte da criança em não desagradar à professora contudo, este comportamento não pode ser aceitável sendo necessário uma atuação para que não volte a acontecer mas também para que seja criado um sentido de responsabilidade na concretização dos trabalhos de casa.

terça-feira, 7 de junho de 2011

A manhã começou na sala do 1.º ano com a aula programada de uma colega, a Rita cujo tema da aula foi os anfíbios. A Rita começou por relembrar as regras de sala de aula adotando a estratégia de usar estrelinhas para demonstrar o comportamento de cada fila. Entregou um texto de Língua Portuguesa o qual continha palavras onomatopaicas. Depois de feita a leitura modelo prosseguiu-se então a leitura de alguns alunos. Uma vez lido o texto, foi a vez de fazer a interpretação do mesmo.

A partir do texto surgiu a área de Estudo do Meio. Nesta área foram exploradas as características das rãs tendo sido projetadas imagens de diversos tipos de rãs, do seu modo de reprodução bem como as várias fases pelas quais passam estes animais. As características foram exploradas e consolidadas com amostras reais das várias fases das rãs e com uma rã maior. Sobraram apenas 15 minutos para a Matemática, tendo esta sido explorada com as peças do material Cuisenaire. O objetivo era fazer um itinerário com as peças e para conseguirem fazer tinham de ouvir as coordenadas, ditadas pela aluna estagiária.

Concluída a aula fomos à reunião voltando depois para a nossa sala de aula onde a turma ainda se encontrava a resolver a prova de Língua Portuguesa.

Depois do intervalo, foram feitas revisões para a prova de Matemática.

Inferências/Fundamentação Teórica

Como a colega já tinha observado, era necessário aplicar uma estratégia capaz de ajudar no bom funcionamento da turma.

As estratégias usadas para controlar o comportamento constituem segundo Domingues (1995) “(...) respostas conscientes às exigências do contexto escolar e da situação pedagógica que impõem constrangimentos e provocam dilemas de diferente natureza.” (p. 45). Estas estratégias visam controlar os alunos criando condições para que

se processe a instrução académica. Nestas idades a criança valoriza muito o lado competitivo pelo que a opção de dar ou retirar estrelas a cada fila/equipa funciona sempre que seja cumprido o acordo feito inicialmente.

terça-feira, 14 de junho de 2011

No dia de hoje duas alunas do 2.º ano de Licenciatura, que estão na nossa sala, deram aula sobre a bússola e a sua construção.

As alunas explicaram, intercaladamente, o que é uma bússola e qual a função da rosa-dos-ventos. A partir daqui, os alunos iniciaram uma atividade prática, na qual tinham de construir uma bússola.

Concluída a aula das colegas estagiárias, os alunos realizaram uma avaliação de operações de Matemática e desafios a Estudo do Meio.

Inferências/Fundamentação Teórica

Nas aulas dadas pelas colegas da Licenciatura foi notável a falta de experiência que ainda têm sendo a prestação muito afetada pelos nervos e pelo receio de errar.

É através da prática pedagógica que as minhas colegas vão superar todos os receios ou medos pois para Peterson (2003), a prática pedagógica “aproxima o aluno da realidade” e “permite-lhe aprender fazendo.” O mesmo autor refere ainda que esta prática “possibilita ao aluno, futuro professor, ou mesmo ao trabalhador-estudante, verificar, descobrir, interrogar e aplicar as teorias adquiridas ao longo da sua formação. “É sem dúvida, uma mais valia desta nossa formação enquanto docentes, podermos experienciar metodologias, testar estratégias e assim procurarmos o nosso “caminho” enquanto docentes. (p.67)

A prática pedagógica constitui uma mais valia na formação do futuro professor ajudando a tornar-se num profissional seguro.

sexta-feira, 17 de junho de 2011

Esta manhã os alunos realizaram a prova de História.

Concluída a prova, a minha colega deu aula de Língua Portuguesa e de Estudo do Meio com o propósito de aplicar dois dispositivos de avaliação que tinha preparado para

colocar mais tarde no seu relatório.

Primeiramente foi lido um texto cujo tema estava relacionado com a lua e, de seguida, aplicou uma ficha de trabalho. A Estudo do Meio a estratégia foi igual diferindo apenas no modo como abordou o tema do sistema solar, através de um *Powerpoint*. Mais uma vez foi aplicada uma ficha de trabalho para verificar os conteúdos assimilados.

Inferências/Fundamentação Teórica

Os alunos mostraram-se bastantes confiantes com a prestação que fizeram na prova de História.

A avaliação, segundo Saraiva (1999), ajuda a “(...) desenvolver uma compreensão dos sucessos e fracassos dos alunos de modo a permitir sugerir e sustentar estratégias que os ajudem a superar as suas dificuldades” (p.142).

Ao encarar a avaliação como um processo construtivo da aprendizagem os alunos vão menos nervosos para as provas o que ajuda no seu desempenho.

segunda-feira, 20 de junho de 2011

A colega de grupo de estágio deu aula de manhã inteira na qual realizou jogos na área de Língua Portuguesa e Estudo do Meio, tal como a professora lhe havia pedido.

O jogo explorado da parte da manhã continha alguns conteúdos de Estudo do Meio, já estudados pelos alunos. A aula iniciou-se com a explicação de todas as regras do jogo em questão. De seguida, foram feitas equipas e era em equipas que tinham de jogar ao longo de toda a manhã de aulas.

O jogo teve início na rua onde os alunos tinham de procurar os envelopes da sua própria equipa. Estes estavam identificados e cada um continha uma palavra que ligando com as outras formavam um conjunto de palavras-chave sobre o tema de cada grupo. Isso levava a que, depois de todas as pistas encontradas o grupo se reunisse e tentasse perceber qual o tema que lhes calhou. Já na sala, os alunos tinham de responder a algumas perguntas que estavam em vários cartões e caso acertassem ganhavam pontos para a equipa caso errassem, perdiam pontos.

Na área de Língua Portuguesa foi explorado um texto sobre ovnis no qual existiam algumas imagens a substituir palavras. Para interpretar o texto foram usadas cartas com perguntas.

Na área da Matemática a minha colega usou a estratégia de fazer ligação com o tema do texto de Língua Portuguesa de modo a chegar ao cálculo da área do triângulo.

Inferências/Fundamentação Teórica

Não sendo feita a recolha de dados sempre da mesma forma o professor consegue avaliar mais eficazmente os seus alunos pois ao juntar a todos os outros tipos de avaliações que já possui perfaz um vasto leque de apreciações.

Fernandes (2005) infere sobre a necessidade de: “(...) diversificar os métodos e instrumentos de recolha de dados.” (p. 81).

Quanto maior for a diversidade de estratégias utilizadas como forma de recolha de informação mais fielmente os alunos serão avaliados.

terça-feira, 21 de junho de 2011

A professora titular da sala ausentou-se hoje, ausência essa que durou até ao final do ano letivo, uma vez que a mesma foi mãe. Assim, o professor de informática/apoio ficou com os alunos e fez a leitura de um texto e interpretação escrita do mesmo.

Depois do intervalo foram explorados exercícios de matemática inclusivé, a interpretação de um gráfico.

Inferências/Fundamentação Teórica

Neste dia foi visível o quão moldados estão os alunos à professora titular pois foram constantes as chamadas de atenção que fizeram ao professor dizendo que a professora titular não faz assim determinadas atividades. Existe uma grande relação de cumplicidade entre a professora e os alunos o que, segundo Gomez, Mir e Serrats (1993) é necessário pois na escola “(...) a criança tem que encontrar relações afectivas e segurança que lhe permitam atingir uma autonomia, a fim de ir fazendo aquisições de forma natural e de acordo de com o seu ritmo de aprendizagem.” (p.57)

A relação então que o professor estabelece com os alunos é um ponto de partida para a transmissão de conhecimentos. Esta relação educativa implica ainda mais uma dimensão humana não sendo redutível apenas ao simples fenómeno de comunicação de um saber, tal como nos diz Sêco (1997), a eficiência “(...) da comunicação pedagógica

não só permanece interdependente da competência linguística dos receptores mas também da capacidade motivacional do transmissor, do seu potencial relacional, da sua disponibilidade afetiva” (p. 61)

A relação educativa assume portanto uma dinâmica essencialmente humana capaz de motivar os alunos e criando laços afetivos fundamentais para o desenvolvimento da criança.

sexta-feira, 24 de junho de 2011

Hoje dei aula a apenas dez alunos visto que o feriado foi na quinta feira e a maioria dos alunos fez ponte. Como tal, a aula foi organizada em três grupos. Cada grupo tinha de responder a perguntas para ganhar pontos e imagens dos reis. Estas imagens eram coladas numa cartolina, que continha uma barra cronológica, na qual os alunos tinham de situar corretamente os reis, dados de um modo aleatório.

Jogavam três alunos de cada vez (um de cada equipa) os quais disputavam pela resposta mais difícil pois era a que valia mais pontos. A sequência de respostas era dada pelo desempenho de cada um dos três alunos, pois cada um tinha à sua frente um botão que dava luz. O primeiro a acender a luz era o premiado para responder à pergunta com mais pontos. A par disto tinha de responder corretamente pois caso não o fizesse não ganhava pontos.

Na aula de Matemática comecei por fazer uma experiência, como se pode verificar na figura 9. Antes da experiência, organizei a sala de maneira a que todos os alunos tivessem um bom ângulo de visão.



Figura 9 – *Eu a preparar a experiência*

Para explicar o conceito de volume, o qual consistia em colocar pedras dentro de um recipiente com água cujo nível de água estava assinalado. Esta experiência foi feita na sequência de um problema de lógica para o qual a solução era colocar pedras dentro do recipiente. Facilmente chegaram à noção de volume tendo passado para o concreto através do material Cuisenaire, como se pode observar na figura 10.

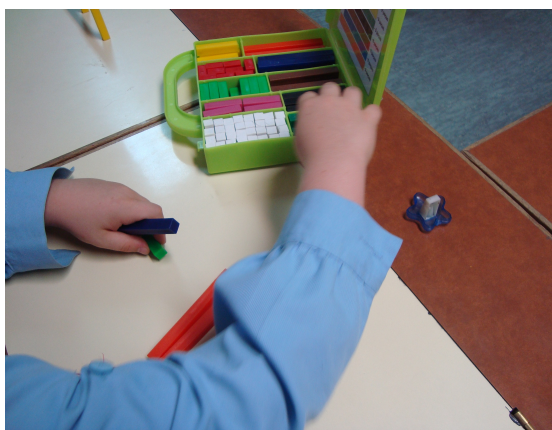


Figura 10 – Aluno a trabalhar com o material Cuisenaire

Inferências/Fundamentação Teórica

A reexploração de um tema já explorado pelas crianças é mais facilmente lembrado quando feito de uma forma lúdica e divertida. A criação de um jogo para explorar a área de História, para Calp *et al.* (2002), surge como forma de “(...) enriquecimento da comunicação através de uma análise e produção de materiais iconográficos (gravuras e fotografias) e, ainda, plantas, frisos cronológicos simples e pequenas genealogias.” (p. 45)

Esta forma de encarar um tema já trabalhado ajudou a um reavivamento e a uma assimilação dos conteúdos, sendo que, o interesse dos alunos nesta tarefa foi significativamente positivo.

terça-feira, 28 de junho de 2011

Em período de *Roullement* foi altura de ir para a outra sala de 3.º ano onde as duas turmas estiveram reunidas. Foram feitos exercícios matemáticos, aos quais não assisti à correção porque fui para a sala da professora de Expressão Plástica ajudar nos preparativos do jantar de finalistas do 4.º ano.

Inferências/Fundamentação Teórica

A Expressão Plástica no 1.º Ciclo deve ser encarada como parte integrante da evolução da criança pois é o meio que a criança tem para expressar aquilo que sente em relação ao mundo que a envolve em vez de se exprimir por palavras ou gestos.

Sousa (2003) menciona, quanto ao interesse pedagógico da área de Expressão Plástica, que:

em educação pela arte, o interesse pedagógico centra-se na criatividade, sendo a acção de criar apenas uma forma de desenvolver esta capacidade. Não interessa tanto o como nem o que a criança desenha ou pinta, mas o que sucede mentalmente, no seu cérebro. (p. 169)

Portanto, é fulcral que existam professores adaptados a intervir, criando nelas o gosto pela arte e, desenvolvendo, simultaneamente, a criatividade.

sexta-feira, 1 de julho de 2011

Novamente na outra sala do 3.º ano mas desta vez com menos alunos ainda. Tal como no dia anterior fui recrutada para ajudar nos preparativos da festa do 4.º ano.

segunda-feira, 4 de julho de 2011

Hoje foi mais um dia da semana de *Roullemant*, durante o qual os alunos estiveram toda a manhã no recreio.

Inferências/Fundamentação Teórica

O recreio é um local da escola onde o aluno socializa com a comunidade escolar. É no recreio que a criança tem a oportunidade de se libertar, de descontraír, de conhecer-se a si, aos outros e à natureza, o que proporciona grandes momentos de diversão e prazer.

Cordeiro (2010) afirma que:

(...) o recreio é um espaço de maior importância. O recreio apresenta uma oportunidade diária para as crianças se envolverem em atividades lúdicas vigorosas e barulhentas, num contexto mais expansivo, no qual desenvolvem a sua motricidade larga ao correrem, saltarem e fazerem vários jogos. (p. 377)

Hohmann e Weikart (1997) referem também a importância da socialização dizendo que:

(...) as brincadeiras de exterior levam a uma maior socialização, uma vez que os alunos se juntam para realizar o mesmo tipo de actividades, a uma representação criativa, a um desenvolvimento da linguagem e literacia, a uma iniciativa e a relações interpessoais, ao movimento, a música, a noção de espaço e de tempo. (pp. 432-433)

As semanas de *Roullemant* contribuem, assim, para uma maior interação entre alunos quer da mesma turma como de outras turmas e inclusivé de outros anos.

Ao terminar o estágio no 3.º ano do Ensino Básico posso concluir que é um ano de muito trabalho para os alunos durante o qual são abordados diversos conteúdos.

Nesta fase os alunos tendem a querer mostrar-se independentes tentando, sempre que possível, mostrar que já são capazes de ser autónomos.

São estabelecidos laços fortes entre o professor e os alunos sendo a afetividade mais visível nas raparigas desta faixa etária. No relacionamento entre os alunos já se nota a distinção grande que estes fazem entre rapazes e raparigas.

1.6. 6.ª SECÇÃO – 2.º CICLO

A partir deste momento o meu estágio foi feito na valência educativa do 2.º Ciclo e como tal, os relatos que se seguem dizem respeito a esses momentos de Prática Pedagógica.

1.6.1. Caraterização da escola:

A Escola Secundária onde realizei o estágio está integrada num Agrupamento de Escolas e integra o Ensino Básico, 2.º Ciclo, e o Ensino Secundário. Situa-se em Lisboa na zona residencial ocidental. O edifício da escola articula-se em três blocos de três andares com espaços verdes para recreios e parque de estacionamento, tendo sido alvo de obras de recuperação recentemente.

As instalações compreendem 25 salas de aula, salas de estudo para o básico e o secundário, Biblioteca e Centro de Recursos. Gabinete de orientação escolar, salas de

informática, laboratórios de Biologia/Geologia e Física/Química, Atelier de Educação Geográfica, Atelier de Expressão Plástica e Cerâmica, Museu, dois ginásios e campos de jogos, sala polivalente, sala de alunos, refeitório, bar e papelaria.

Esta escola estabeleceu um protocolo de cooperação com a ESE JDEUS, razão pela qual podemos estagiar na mesma.

1.6.2. Caraterização das turmas:

Ao longo deste estágio tive a oportunidade de acompanhar cinco turmas sendo duas delas do 5.º ano e três do 6.º ano. O estágio dividiu-se em dois dias da semana: terça-feira e sexta-feira. À terça-feira começava o dia de estágio com o 6.º H na aula de Matemática, de seguida Língua Portuguesa com o 6.º B. O dia terminava com a aula de História e Geografia de Portugal no 6.º E. À sexta-feira o dia começava com Matemática mas desta vez com o 5.º B. Antes do almoço era Estudo Acompanhado na turma do 5.º C. O dia terminava com a aula de Ciências da Natureza no 6.º B.

O 6.º H é uma turma constituída por vinte e oito alunos sendo que 16 alunos são rapazes e 12 são raparigas. Esta turma é muito interessada em tudo o que se faça e com um rendimento de trabalho muito bom. A nível cognitivo todos os alunos têm um alto conhecimento à exceção de três alunos que apresentam mais dificuldades.

O 6.º B é uma turma constituída por 13 rapazes e 15 raparigas. Dois dos alunos da turma são repetentes. O comportamento geral da turma é um tanto agitado, variando consoante o professor e, a nível de aproveitamento, é satisfatório.

O 6.º E é uma turma constituída por 12 rapazes e 16 raparigas existindo 4 alunos repetentes. A nível geral a turma tem um bom aproveitamento existindo contudo, alunos com algumas dificuldades. Uma das alunas, neste tempo de estágio que lá estive, foi apenas duas vezes às aulas e os repetentes por vezes apresentam um comportamento menos adequado em sala de aula.

O 5.º B é uma turma constituída por 19 alunos, sendo que 9 alunos são rapazes e 10 alunas são raparigas. Nesta turma existem 3 alunos com Necessidades Educativas Especiais (NEE) segundo a professora da sala e o professor de NEE, os quais têm acompanhamento especial por parte de técnicos especializados. A turma é muito agitada e com um comportamento pouco exemplar não mostrando, em geral, grande interesse pelo que está a ser feito, à exceção de três alunos que se empenham nas atividades de

aprendizagem.

O 5.º C é uma turma constituída por 20 alunos sendo que 17 alunos são rapazes e 3 alunas são raparigas. Esta discrepância entre rapazes e raparigas é notória principalmente no comportamento. A turma apesar de por vezes se mostrar agitada, é trabalhadora. Existem nesta turma 3 alunos repetentes e com uma postura de desinteresse perante aquilo que é feito. Um aluno tem NEE segundo os professores “titulares da sala” ausentando-se algumas vezes da sala para ir trabalhar para a sala de NEE. Existe uma variedade de culturas nesta turma nomeadamente uma aluna chinesa, um aluno indiano que entretanto desistiu da escola porque voltou para o seu país e dois alunos africanos. O aproveitamento desta turma é satisfatório.

Foi necessário acompanhar várias turmas do 5.º e 6.º ano, não só para compreender melhor como está organizado este ciclo de ensino do ponto de vista curricular, para contactar com mais alunos e para garantir o acompanhamento das quatro áreas curriculares que o mestrado que estou a terminar me habilita na sua docência (História e Geografia de Portugal, Matemática, Ciências da natureza e Língua Portuguesa).

A criança aos 10/11 anos revela, tal como refere Araújo (2002), algumas características do crescimento e desenvolvimento, nomeadamente:

“- Bom controle de grandes e pequenos músculos, apresenta aumento acentuado da força manual;

- Aprecia medir força física e habilidade com os outros.
- Apresenta maior habilidade em generalizar e em pensamento crítico.
- Interesse em explorar e experimentar.”

Todo este conjunto de características salientam-se constantemente nas crianças desta idade.

Os relatos estão organizados por dias de estágio e em cada dia de estágio as disciplinas estão organizadas segundo a ordem em que foram acontecendo. Em cada dia de estágio faço uma inferência seguido da fundamentação teórica sobre algo que achei pertinente desenvolver baseando-me em alguns autores.

1.6.3. Horário:

De seguida apresento o horário que vivenciei durante os meses que estagiei no 2.º Ciclo.

Quadro 7– Horário do 2.º Ciclo

<u>Horas</u>	<u>2ª. feira</u>	<u>3ª. feira</u>	<u>4ª. feira</u>	<u>5ª. feira</u>	<u>6ª. feira</u>
10:00 / 11:45		Matemática 6.º H			Matemática 5.º B
11:45 / 13:15		Língua Portuguesa 6.º B			Estudo Acompanhado 5.º C
14:45 / 16:15		História e Geografia de Portugal 6.º E			Ciências da Natureza 6.º B

1.6.4. Relatos diários:

segunda-feira, 26 de setembro de 2011

No início de mais um ano letivo foi dia de reunião na ESE JDEUS a fim de esclarecer todos os alunos de Mestrado quanto aos horários, pares e locais de estágio bem como dúvidas de elaboração do relatório de estágio profissional.

O meu grupo de estágio passou a ser constituído por mais um colega que se juntou a mim e à minha colega.

Inferências/Fundamentação Teórica

Ter mais um membro no grupo de estágio alarga as nossas capacidades de reflexão o que constitui uma mais valia para ir melhorando no campo profissional e pessoal.

Para além do parecer que os professores me davam após as minhas aulas os meus colegas de estágio faziam o mesmo.

Pacheco (1995) afirma que “(...) a relação de inter-ajuda é explicada pelo conhecimento mútuo que os estagiários têm entre eles, sendo muitas das vezes os núcleos escolhidos de acordo com as amizades criadas ao longo do curso.” (p. 170).

Tomei sempre em consideração aquilo que me diziam e por vezes surgiam até momentos de debate e de reflexão em conjunto os quais foram sempre muito pertinentes ajudando-nos a evoluir.

terça-feira, 27 de setembro de 2011

Este foi o primeiro dia na escola do 2.º Ciclo e a primeira aula que observámos foi Matemática do 6.º H.

Matemática – 6.º H

Inicialmente foi feita uma breve revisão do perímetro da circunferência e do número Pi. O trabalho de casa foi corrigido logo de seguida havendo ainda tempo para a construção do Tangram.

A professora explicou muito bem todos os conteúdos da aula uma vez que se preocupou em arranjar vários exemplos e diferentes linguagens tentando chegar a todos os alunos.

Língua Portuguesa – 6.º B

Nesta aula os alunos trabalharam as características do conto tradicional. Para chegar a estas, a professora foi fazendo perguntas e dando vários exemplos para uma melhor compreensão.

História e Geografia de Portugal – 6.º E

Nos primeiros 45 minutos a professora falou com os alunos sobre o mau comportamento que estes têm demonstrado e voltou a relembrar algumas regras de comportamento essenciais nas aulas.

Por fim, foi feita uma revisão de conteúdos do programa do 5.º ano.

A instabilidade dos alunos levou a que a professora colocasse um aluno na rua contudo, o comportamento manteve-se igual até ao final da aula.

Inferências/Fundamentação Teórica

Antes de o professor se preocupar em transmitir conhecimentos é fulcral que as regras de comportamento estejam bem estabelecidas e consolidadas por todos pois, caso isso não se verifique o professor terá de interromper constantemente a aula para chamar à atenção interrompendo, deste modo, o raciocínio.

Carita e Fernandes (1997) referem que:

(...) a existência de regras explícitas de conduta, que constituam um quadro normativo claro e preciso, constituem um instrumento precioso na regulação da vida social da turma. A não existência dessas regras origina situações de grande ambiguidade em que alunos e professores, não dominando o terreno, tendem, os primeiros a experimentar quais são os limites do permitido e os segundos a adoptarem atitudes dispersas, um pouco ao sabor das circunstâncias e das idiossincrasias de cada um. Por isso, para que a situação não degenere, é útil que, logo nas primeiras aulas, sejam estabelecidas as normas reguladoras da situação pedagógica. (p. 78)

O momento de estabelecimento de regras e cumprimento das mesmas por ambas as partes é uma etapa crucial pois, através das mesmas, o professor dominará melhor o ambiente de sala de aula conseguindo criar um ambiente propício para a aprendizagem.

Este novo momento de estágio é um momento de descoberta pois iniciei uma nova valência numa escola onde nunca tinha estagiado e a nível curricular é um grande contraste do 1.º Ciclo.

sexta-feira, 30 de setembro de 2011

Matemática – 5.º B

A aula de Matemática incidiu sobre a fórmula de Euler e posteriores exercícios de aplicação. Antes de explicar a fórmula a professora preencheu com os alunos uma tabela com as características de alguns sólidos geométricos. Após esse preenchimento os próprios alunos começaram a tirar algumas conclusões as quais vieram a coincidir com a fórmula de Euler. Então, nesse momento, a professora explicou a fórmula e fizeram-se exercícios como meio de aplicação. Ao longo da aula a postura de alguns alunos não era indicada para o local em questão, contudo, não foram chamados à atenção. Por vezes foi difícil a comunicação professor/alunos devido à agitação da turma.

Ao pé de uma aluna com NEE encontrava-se uma colega desta para a ajudar a compreender o que tinha sido dado na aula.

Estudo Acompanhado – 5.º C

A aula de Estudo Acompanhado é partilhada por dois professores. O professor leciona Língua Portuguesa e a professora leciona Matemática. O professor iniciou a aula explorando uma ficha sobre os métodos de estudo e regras de funcionamento de uma aula. De seguida a professora continuou a aula com uma ficha sobre as características dos sólidos geométricos.

Ciências da Natureza – 6.º B

A professora explorou conteúdos novos, os nutrientes e os alimentos. Nesta aula os alunos estavam todos muito agitados, conversadores e com pouco interesse na aula. Foram vários os alunos que andaram a deambular pela sala, não obedecendo às repreensões da professora. Dois alunos chegaram mesmo a andar à pancada levando a que fossem para a rua. Outros três alunos foram mandados para a direção da escola.

Inferências/Fundamentação Teórica

A ajuda voluntária que uma aluna deu a uma colega com dificuldades de aprendizagem ajuda-a a arranjar diferentes modos de explicar algo, tendo de recorrer a todo o seu conhecimento linguístico e capacidades cognitivas.

A interação entre os alunos é benéfica para ambas as partes sendo importante criar momentos propícios de entreajuda entre colegas. Sanches (2001) defende exatamente a mesma ideia argumentando que:

Os alunos que se propõem ensinar/ajudar os outros desenvolvem capacidades e competências quando têm de transformar o seu saber em linguagem adequada à transmissão do mesmo a outrem, para além de todo o desenvolvimento pessoal e social que este comportamento envolve. (p.71)

A cooperação entre colega torna-se mais útil ainda quando um dos alunos tenta explicar algo a outro colega pois este tem tendência a utilizar uma linguagem mais próxima do colega beneficiando este com a aprendizagem e o “explicador” desenvolve capacidades cognitivas.

terça-feira, 4 de outubro de 2011

Matemática – 6.º H

A aula de Matemática foi teórica e prática. A parte teórica da aula incidiu sobre a revisão da área do quadrado e do retângulo. A parte prática esteve relacionada com a exploração da fórmula da área do triângulo. Uma vez que foi introduzido esta nova fórmula, a professora proporcionou um momento prático para que os alunos conseguissem chegar à fórmula da área do triângulo antes que fosse ensinado. Alguns alunos conseguiram alcançar o raciocínio correto ao contrário de outros que chegaram a esta conclusão com a explicação da professora.

Língua Portuguesa – 6.º B

Na aula de Língua Portuguesa a professora utiliza frequentemente uma linguagem adequada à turma pois adequa a mesma à faixa etária e ao vocabulário corrente utilizado pelos alunos para que se consiga fazer entender a toda a turma. Contudo, não descarta a utilização de vocabulário rico para o desenvolvimento dos alunos.

Nesta aula foram dadas as relações entre as palavras (palavras homógrafas, homónimas e homófonas). Para explicar todos estes conceitos a professora utilizou sempre o conhecimento dos alunos alienando-os ao significado das palavras homo e respetivos sufixos. Foi feita a leitura e interpretação oral de um texto intitulado “Dona e os seus dez anõezinhos.”

História e Geografia de Portugal – 6.º E

Na aula de História foram dados alguns conteúdos do programa do ano passado apesar de a maior parte da aula ter sido gasta pela professora a repreender os alunos pelo mau comportamento.

Os trabalhos de casa foram corrigidos seguindo-se uma explicação oral dos conselhos senhoriais com o auxílio do manual.

Apesar de a professora estar constantemente a alertar os alunos para o atraso no “programa” fez com eles alguns jogos lúdicos no quadro interativo.

Inferências/Fundamentação Teórica

Para compreenderem facilmente a área do triângulo, os alunos foram conduzidos numa atividade prática capaz de ajudar nesta tarefa.

Grosso (2004) diz: “Quando estamos a ajudar as crianças a realizar aprendizagens

sobre conceitos matemáticos, vemos aumentar razoavelmente a nossa eficácia se lhes proporcionarmos actividades associadas à manipulação de objectos, explorando a curiosidade natural dos seres humanos.” (p. 28)

Contudo, apesar da importância das actividades de manipulação o mesmo autor refere que: “Essas tarefas devem ser intercaladas com situações mais reflexivas, com maior esforço de memorização, em que se privilegia a actividade mental.” (p. 28) Para que seja uma aprendizagem significativa o professor deve proporcionar os dois tipos de momento de aprendizagem, enriquecendo assim as capacidades cognitivas dos alunos.

Em relação à área de Língua Portuguesa a professora tem o cuidado de tentar alargar o vocabulário dos alunos utilizando com alguma frequência um vocabulário mais rico. Lopes, Velasquez, Fernandes e Bartolo (2004) afirmam que “a aquisição de vocabulário revela-se crucial para o sucesso académico.” (p. 68)

Quanto mais diversificado for o vocabulário utilizado com os alunos maior será a capacidade de compreensão do aluno após perceber o significado das palavras. Este ato acarreta assim múltiplas vantagens para o aluno o qual ficará detentor de um grande conhecimento.

sexta-feira, 7 de outubro de 2011

Matemática – 5.º B

Na aula de Matemática foram introduzidos conceitos novos. A metodologia usada pela professora da sala, para introduzir a posição das retas no plano, foi a de fazer um esquema no quadro com todas as “classificações” pedindo aos alunos, logo no início da aula, para copiarem tudo o que estava no quadro passando à respetiva explicação. A maioria dos alunos precisou de ajuda na resolução da ficha tentando eu e os meus colegas de estágio ajudar. A metodologia que achei mais funcional foi a de utilizar canetas dos próprios alunos para que visualizassem melhor. Antes desta concretização achei essencial fazer a distinção entre retas paralelas e retas concorrentes. A par disto foi mais fácil para os alunos passarem corretamente para a classificação das retas.

Estudo Acompanhado – 5.º C

Na aula de Estudo Acompanhado mais uma vez foram feitos exercícios de Língua Portuguesa e de Matemática. O professor de Língua Portuguesa optou por fazer um teste de atenção com a intenção de alertar os alunos para a importância desta capacidade na resolução de um teste. A professora realizou uma ficha de trabalho sobre retas.

Ciências da Natureza – 6.º B

Na aula de Ciências a professora decidiu mudar de sala com o propósito de pôr fim à instabilidade dos alunos, não tendo resultado. O ambiente na sala causava alguma agitação pois ao mesmo tempo que eram projetados alguns vídeos sobre a alimentação os alunos falavam, cantavam e ainda se ouvia a professora a ralhar com eles. Os alunos que estavam atrasados para a aula chegaram a meio da visualização dos vídeos não sendo permitida a entrada destes alunos na sala. Como tal, estes alunos ficaram todos a brincar no corredor destabilizando outras aulas que estavam a decorrer ao mesmo tempo. Só bem mais tarde é que os alunos entraram na sala ficando sentados ao fundo da sala todos juntos. Esta disposição não foi a correta o que originou uma confusão ao fundo da sala. Alguns alunos chegaram a envolver-se em pancada.

Inferências/Fundamentação Teórica

A área curricular de Estudo Acompanhado surge após a necessidade de criar um momento em que o professor acompanha e ensina o aluno nos seus estudos. O Ministério da Educação (2001) afirma que:

O Estudo Acompanhado visa essencialmente promover a apropriação, pelos alunos, de métodos de estudo, de trabalho e de organização, assim como o desenvolvimento de atitudes e capacidades que favoreçam uma crescente autonomia na realização das suas próprias aprendizagens. Trata-se de desenvolver a capacidade de aprender a aprender. (p. 54)

Se o professor conseguir transmitir aos alunos as técnicas de estudo e caso este saiba aproveitar e adaptar para si estas técnicas, o aluno sairá a beneficiar tanto no presente como no futuro, à medida que as vai pondo em prática nas várias disciplinas com as quais vai tendo contacto.

A indisciplina é um fator que tende a perturbar o bom funcionamento da aula e que, para Carita e Fernandes (1997):

“(...) perturba os professores, afecta-os emocionalmente, mesmo mais do que os problemas de aprendizagem com que habitualmente também têm que se confrontar. Mas a indisciplina mexe mais fundo, sendo frequentemente vivida como uma obstrução à relação ou mesmo como uma desconsideração pessoal ou mesmo ainda como um ataque pessoal. (p. 15)

Sendo importante o bom funcionamento da sala de aula para que seja criado um clima propício à aprendizagem, o professor tem de proporcionar esse bem estar não se deixando afetar e tendo de evitar essas situações.

terça-feira, 11 de outubro de 2011

Matemática – 6.º H

Na aula de Matemática foram revistas as fórmulas para calcular a área do quadrado, do retângulo e do triângulo. Após esta revisão a professora explorou alguns problemas de modo a que os alunos aplicassem as fórmulas. A partir destes exercícios os alunos foram desafiados a resolver um exercício de áreas mas calculando as mesmas por decomposição. Foram os alunos que, sozinhos, chegaram a esta conclusão. Perante este exercício a professora desafiou ainda os alunos para arranjam mais soluções para a resolução deste problema.

Língua Portuguesa – 6.º B

Os alunos foram testados, pela professora, ao nível da compreensão da leitura. Para avaliar este critério a professora começou por ler um texto e os alunos limitavam-se a ouvir. De seguida, foram feitas perguntas pela professora como forma de testar a compreensão dos alunos. A partir destas perguntas a professora conseguiu explorar questões quotidianas que fez com que os alunos apelassem ao raciocínio.

Seguidamente, à medida que um dos alunos ia lendo o texto em voz alta todos tinham de ir sublinhando os recursos estilísticos que fossem encontrando. Para além disso tinham de identificar interjeições e fazer o reconhecimento das partes constituintes de um texto.

História e Geografia de Portugal – 6.º E

A turma tinha menos uma aluna naquele dia, pois tinha sido suspensa devido ao mau comportamento. O resto da turma teve um comportamento exemplar apesar de um aluno ter sido colocado na rua, sem qualquer motivo aparente. Foram entregues fichas com resumos da matéria e a aula desenrolou-se a partir dessa ficha.

Inferências/Fundamentação Teórica

O professor ao entregar aos alunos um texto deve sempre explorá-lo sendo este ato imprescindível pois, para Sousa (1993) “a prática de comunicação que supõe o

desenvolvimento e aperfeiçoamento das capacidades que caracterizam os falantes competentes encontra, assim, na interpretação de textos, o seu momento privilegiado.” (p. 17) . Para além da capacidade comunicativa une-se a esta a capacidade de compreensão quando estamos perante a interpretação de textos. É assim umas mais valia o professor fazer várias vezes a interpretação dos textos que apresenta em sala de aula não esquecendo contudo que, tal como nos diz Allende e Condemarín (1987), “Deve-se evitar que a leitura oral se transforme numa atividade mecânica para o leitor a ponto de esquecer que está lendo para captar significados e transmiti-los.” (p. 115).

Se existir esta preocupação o aluno conseguirá compreender o texto à medida que o vai lendo, estando preparado para a interpretação do texto feito pelo professor.

sexta-feira, 14 de outubro de 2011

Matemática – 5.º B

Numa primeira parte da aula, a professora distribuiu uma proposta de trabalho sobre os ângulos nos quais os alunos mostraram algumas dificuldades. Na segunda parte da aula realizaram uma mini ficha de avaliação sobre os sólidos geométricos.

Estudo Acompanhado – 5.º C

O professor começou por distribuir, por cada fila, uma lista que continha as mesmas palavras, mas organizadas de forma diferente. Depois de concluir os exercícios compararam as diferentes listas e debateram sobre a forma mais fácil de memorizar conteúdos. Foi também realizada uma ficha de trabalho sobre os sólidos geométricos.

Ciências da Natureza – 6.º B

Uma vez que a professora de Ciências precisou de se ausentar por breves momentos, eu e o meu colega decidimos fazer um jogo com a turma mantendo os alunos calmos, interessados e aproveitando também para interagir com estes. Fizemos o jogo da forca com a matéria da disciplina. A professora, quando chegou, continuou o jogo e entregou fichas de trabalho.

Inferências/Fundamentação Teórica

Ao intervir na aula de Ciências da Natureza, eu e o meu colega pretendíamos criar uma relação com os alunos. Esta relação baseou-se no diálogo, na afetividade e sobretudo na criação de regras para poderem participar no jogo. Moura (s.d) refere que:

A intensificação das relações entre professor-aluno, os aspectos afetivos emocionais, a dinâmica das manifestações da sala de aula e formas de comunicação devem ser caracterizadas como pressupostos básicos para o processo da construção do conhecimento e da aprendizagem. (p. 72)

A partir desta relação será mais fácil para nós desenvolver o processo ensino-aprendizagem pois a confiança que os alunos vão depositando em nós e a afetividade que se vai gerando facilita uma aproximação e, conseqüentemente, uma hipótese de os ajudarmos a ultrapassar dificuldades.

terça-feira, 18 de outubro de 2011

Matemática – 6.º H

No início da aula os alunos mudaram de lugar para evitar distrações. Posteriormente a professora fez uma revisão sobre a área do círculo e o perímetro da circunferência explorando as diferenças. Feita a correção do trabalho de casa foram entregues aos alunos uma ficha de trabalho sobre áreas e perímetros. No decorrer da aula pedi à professora para ser eu a explicar um exercício sobre áreas tentando interagir com a turma.

Língua Portuguesa – 6.º B

Eu e os meus colegas de estágio ficámos encarregues de fazer a cotação do teste sumativo que os alunos estavam a resolver, para depois compararmos com as cotações da professora.

História e Geografia de Portugal – 6.º E

A professora iniciou o estudo da revolução de 1383-1385 através do diálogo com os alunos. A meio da aula uma aluna foi colocada na rua e a professora dialogou com os alunos sobre as atitudes que todos têm demonstrado, apelando para uma mudança de atitude.

Continuando a matéria iniciada a professora situou os alunos no manual dizendo o que tinham de sublinhar sobre a matéria.

Inferências/Fundamentação Teórica

Ao repreender os alunos sobre o comportamento que têm revelado, a professora deve tomar em conta as atitudes já adquiridas. Morissette e Gingras (1994) dizem que:

quem ensina, ao querer intervir junto dos alunos no sentido de modificar as suas atitudes ou fazer com que adquiram atitudes novas tem de ter em consideração as já adquiridas e as necessidades imediatas, variar as técnicas e métodos pedagógicos, fazer com que os alunos passem por experiências tão ricas quanto possível, pôr em evidência as competências adquiridas e, finalmente, associar elementos de reforço aos sucessos alcançados. (p. 163)

Se a professora tiver em conta as atitudes já adquiridas dos alunos e se conseguir diversificar as estratégias para chegar a estes, mais facilmente e rapidamente obterá sucesso na mudança de atitudes. Uma vez alcançado esse sucesso à que reforçar esta mudança de atitudes para que se volte a repetir.

sexta-feira, 21 de outubro de 2011

Matemática – 5.º B

A professora introduziu matéria nova tendo realizado uma ficha de trabalho para consolidar. Por fim, realizou com os alunos o jogo do 24.

Estudo Acompanhado – 5.º C

Com o professor os alunos fizeram o jogo do “Quem conta um conto acrescenta um ponto”.

O jogo consistia em colocar cinco alunos fora da sala e contar uma história aos alunos presentes. Depois, um dos alunos da sala teria de contar a outro, que estava fora da sala, a história que ouviu e assim sucessivamente até estarem todos os alunos dentro da sala. Com esta atividade os alunos viram que a história real não chegou ao último aluno a ouvi-la o que mostra que quem conta um conto acrescenta um ponto. Os alunos fizeram ainda uma ficha que continha palavras cruzadas e expressões idiomáticas.

Com a professora os alunos jogaram ao jogo do 24 com o auxílio do quadro interativo.

Ciências da Natureza – 6.º B

A metodologia utilizada na aula de Ciências baseou-se no diálogo com os alunos. Contudo, este diálogo era estabelecido com a turma muito agitada e muito barulhenta, ao mesmo tempo que era ouvido o som de um vídeo que estava a ser projetado por umas alunas que estavam a apresentar um trabalho para a turma.

A professora introduziu o sistema digestivo e realizou uma ficha de trabalho sobre o tema.

Inferências/Fundamentação Teórica

O professor apresenta uma função de mediação nas aprendizagens, de organização de situações de aprendizagem ativas para o aluno contudo, Altet (1997), defende que “Os professores não devem apenas dominar a ou as disciplinas que ensinam e a sua didáctica, mas também conhecer os processos de aquisição dos conhecimentos, os métodos de trabalho em grupo, os métodos de avaliação.” (p. 15)

Se o professor conhecer os processos de aquisição de conhecimentos e souber adaptar a cada turma que tem, conseguirá então obter sucesso na transmissão dos conhecimentos que possui. Tem sido um pouco difícil dadas as características que as alunas desta turma revelam e têm revelado.

terça-feira, 25 de outubro de 2011

A maioria dos alunos do 6.º ano estavam numa visita de estudo com o professor de Religião e Moral o que originou turmas muito pequenas nas aulas.

Matemática – 6.º H

A professora de Matemática apresentou uma postura diferente do habitual, mais descontraída e fez jogos com os alunos durante a aula toda. Os jogos foram realizados no quadro interativo e abordavam conteúdos já aprendidos e trabalhados nas aulas.

Língua Portuguesa – 6.º B

A aula foi reservada para a leitura de um conto por parte da professora que, por vezes, interrompia a leitura para fazer perguntas, quer de compreensão quer de gramática. A nível de gramática, a professora insistiu bastante na identificação de tempos verbais.

História e Geografia de Portugal – 6.º E

Grande parte desta aula foi dada pela professora com a mala à tiracolo. Os alunos visionaram um *Powerpoint* sobre a crise de 1383-1385.

Inferências/Fundamentação Teórica

À medida que a professora solicitava a leitura dos alunos iam fazendo algumas pausas para que, oralmente, os alunos fossem questionados a nível de compreensão e também a nível gramatical. Uma vez que alguns alunos demonstravam algumas

dificuldades em reconhecer o tempo e o modo dos verbos, a professora aproveitou para explorar essas lacunas.

O estudo dos tempos verbais em texto permite, tal como nos diz Sousa e Cardoso (2010) “(...) ultrapassar o campo estrito da morfologia em que, regra geral, as crianças não têm problemas (pelo menos no indicativo) e planificar o seu estudo integrado na compreensão/produção de textos.” (p. 143)

Este estudo integrado dos tempos verbais no contexto de um texto permite ao aluno uma melhor visualização e consequente compreensão dos mesmos tornando-se facilitador quer na oralidade quer na escrita da Língua Portuguesa.

sexta-feira, 28 de outubro de 2011

Matemática – 5.º B

A aula foi dedicada à classificação de polígonos. Os alunos realizaram exercícios de consolidação e ainda uma mini-ficha de avaliação sobre o tema da aula.

Estudo Acompanhado – 5.º C

O professor de Língua Portuguesa adotou uma história de Agatha Christie alterando o nome das personagens para o nome de alguns alunos. Acontece que nem todos os alunos entravam na história o que originou alguma ansiedade aos alunos que não entravam e mesmo alguma frustração.

Ciências da Natureza – 6.º B

Hoje na aula foram feitas revisões passando depois para a realização do teste de avaliação.

Inferências/Fundamentação Teórica

Encorajar os alunos no campo da expressão escrita é uma tarefa que o professor não pode deixar de o fazer, mas, para tal, necessitará de estar munido de muitas e diversas estratégias capazes de suscitar o interesse dos alunos.

Embora surjam na escola muitas ocasiões em que a produção da escrita se torna uma necessidade (escrita funcional), o professor, para Niza (1998), necessita de “(...) utilizar estratégias que provoquem os alunos para a experimentação de outras formas e de outros tipos de escrita.” (p. 304).

O uso desta estratégia levou a que alguns alunos se inspirassem e fizessem a sua

própria história. Para além deste fator todos os alunos se mostraram interessados na audição da história, revelando alguma ansiedade e expectativa para saber se entravam na história ou não.

sexta-feira, 4 de novembro de 2011

Matemática – 5.º B

A professora passou no quadro as diferentes classificações que os triângulos podem ter, quer quanto aos lados como quanto aos ângulos.

Estudo Acompanhado – 5.º C

A aula foi igual à da semana passada onde mais uma vez houve alunos a não serem contemplados na história.

Ciências da Natureza – 6.º B

A professora apresentou alguns filmes sobre o sistema digestivo e sobre a dentição. Não houve qualquer explicação sobre a matéria e a indisciplina reinou mais uma vez na sala de aula.

Inferências/Fundamentação Teórica

É necessário apelar à disciplina durante as aulas. E, Segundo Moreira (2002) existem alguns instrumentos que promovem a disciplina, a fim de criar um ambiente favorável à aprendizagem, entre eles:

(...) implementação de regras (organizar e estabelecer um conjunto de regras acerca do que é ou não é permitido fazer); promoção de um clima relacional, caracterizado pela responsabilização dos intervenientes, respeito mútuo, confiança e afeição; e gestão e organização das actividades de ensino, através de métodos adequados e activos, posturas apropriadas, planificação, organização e comunicação das matérias de formas claras. (p. 60)

Sem o controlo da disciplina utilizando instrumentos que facilitem o processo, o professor não conseguirá fazer-se ouvir e entender, não ocorrendo assim uma transmissão de conhecimentos.

terça-feira, 8 de novembro de 2011

Matemática – 6.º H

Os alunos realizaram uma ficha de trabalho sobre construção de triângulos que serviu para avaliação. Nesta ficha de trabalho os alunos tinham de saber construir triângulos dadas apenas algumas medidas, ou só os lados, ou só os ângulos ou, ainda, ângulos e lados. Depois, quando concluída esta avaliação, os alunos resolveram exercícios do livro de exercícios. Estes exercícios eram sobre complementaridade e suplementaridade de ângulos. A relação que esta professora mantém com os seus alunos é notável pois nota-se uma empatia e respeito de ambas as partes.

Língua Portuguesa – 6.º B

Eu e os meus colegas de estágio estivemos a corrigir fichas de trabalho dos alunos sobre tempos e modos verbais.

História e Geografia de Portugal – 6.º E

Desde que entrámos para a sala de aula até aos últimos quinze minutos de aula as luzes estiveram sempre desligadas o que não ajudou na visualização e correção dos testes que a professora entregou. As notas foram positivas apesar de ainda se registar sete negativas. Houve nove bons e um excelente e o resto da turma teve suficiente.

Inferências/Fundamentação Teórica

Existe uma tendência para se desenvolver, entre certos professores e alguns alunos, relações de grande abertura e proximidade, nas quais se partilham experiências e emoções e se investe intensamente. Abrantes (2003) defende que estas:

(...) relações têm um papel determinante nos sentidos que esses professores e alunos atribuem à escola. Para os jovens com menos recursos culturais e económicos, esses laços constituem, muitas vezes, o vínculo vital (senão o único) que permite a permanência na escola. (p. 101)

Apesar de alguns alunos não gostarem de matemática esse sentimento não é visível nas aulas desta professora pois, a relação que existe entre os alunos e a professora permite um à vontade muito grande mesmo quando apresentam dificuldades.

sexta-feira, 11 de novembro de 2011

Matemática – 5.º B

No início da aula a professora entregou os testes de avaliação cujos resultados variaram registando-se algumas negativas. Depois disso a professora explicou a desigualdade triangular tendo começado por passar no quadro três exemplos diferentes. Uma vez expostos os exemplos no quadro, a professora explicou do que se tratava e pediu a colaboração de alguns alunos. Até ao final da aula foram feitos exercícios de consolidação.

Estudo Acompanhado – 5.º C

O professor de Língua Portuguesa concluiu a história iniciada nas aulas anteriores. Uma vez terminada a história o professor ouviu a opinião de todos os alunos. Colocou um desafio à turma, que consistia em escrever o final desta história, uma vez que ficou por concluir. Apenas cinco alunos aceitaram o desafio. Os restantes alunos concluíram a tarefa de matemática da semana passada com a professora. No final da aula o professor passou um vídeo sobre a lenda de S.Martinho.

Ciências da Natureza – 6.º B

Os alunos fizeram exercícios de consolidação sobre o sistema digestivo. Após a realização destes exercícios a professora colocou um vídeo do corpo humano sobre o fígado. Neste filme era possível perceber como tudo funciona.

Inferências/Fundamentação Teórica

A turma que seguimos em Língua Portuguesa à sexta feira revela um baixo poder de trabalho o que, provoca por vezes, algum atrito entre o professor e os alunos cada vez que lhes é dado um novo trabalho.

Apesar disso, dar a oportunidade aos alunos de serem eles a inventar o final da história é, segundo Rodari (1993), “(...) boa quando as crianças se divertem com ela.” (p.77)

Apesar de os alunos estarem embevecidos a ouvir a história, tudo se alterou quando o professor pediu para que passassem para a escrita o final da história, onde apenas cinco alunos continuaram entusiasmados. O professor que pretende um rendimento elevado no trabalho independente deve, tal como indica Salvador *et al.* (2000), “(...) encorajar os seus alunos a responsabilizarem-se pela tarefa, assegurando-

lhes a ajuda de que necessitam, dispondo de alternativas para os que vão acabando, controlando atentamente a realização.” (p. 168).

Ao não encorajar os alunos facilmente estes se desinteressam por aquilo que está a ser feito ou que está ainda por fazer, sendo complicado voltar a chamá-los à atenção.

terça-feira, 15 de novembro de 2011

Matemática – 6.º H

Iniciou-se a aula com a correção do trabalho de casa e o resto da aula foi dedicado à realização de exercícios de consolidação sobre os ângulos. Os exercícios propostos foram corrigidos pela professora utilizando sempre o diálogo com os alunos e explorando o raciocínio matemático dos mesmos.

Língua Portuguesa – 6.º B

Foram entregues as correções de duas fichas de avaliação: uma de verbos e uma composição. À medida que a professora ia entregando as fichas de avaliação ia pedindo a alguns alunos para fazerem a conjugação de alguns verbos em casa e ia, também, dando algumas recomendações para a melhoria de futuras composições.

História e Geografia de Portugal – 6.º E

Continuação da matéria do 5.º ano sobre a expansão marítima portuguesa. Os conteúdos abordados foram explicados tendo por base algumas curiosidades, muito importantes para uma melhor compreensão.

Inferências/Fundamentação Teórica

A professora de Matemática cria muitos momentos de diálogo e comunicação com os alunos e entre os próprios alunos. Segundo Brickman e Taylor (1991) “(...) a comunicação natural entre o professor e a criança, por um lado, e entre as próprias crianças por outro, é a chave do fortalecimento e do alargamento das capacidades de linguagem das crianças.” (p. 71).

É desta forma que a professora fomenta muito corretamente o envolvimento dos alunos que, tal como nos diz Sanches (2001), “(...) exigir o envolvimento dos alunos é provavelmente o aspeto mais importante das estratégias de aprendizagem.” (p. 45). É por isso que esta professora consegue uma proximidade e uma capacidade de trabalho notável.

sexta-feira, 18 de novembro de 2011

Matemática – 5.º B

Nesta aula a professora ensinou os alunos a construírem triângulos sabendo apenas algumas medidas. Neste ensinamento teve de incluir o modo como se usa o transferidor. Para o fazer, foi utilizando o quadro no qual foi fazendo todas as etapas de construção de um triângulo.

Depois disto, foram realizados exercícios de consolidação sobre a soma dos ângulos internos de um triângulo.

Mesmo no fim da aula a professora entregou uma ficha de trabalho que testava o conhecimento da posição das retas, tema completamente diferente da aula.

Estudo Acompanhado – 5.º C

O professor de Língua Portuguesa apresentou aos alunos um projeto adotado na escola e que será realizado por duas turmas do quinto ano, sendo esta turma uma delas. Após explicar em que consistia o projeto e quais os prémios que poderiam ganhar apareceram na sala dois polícias, cujo propósito visava explicar aos alunos os perigos da internet e o que os alunos têm de fazer para evitar estarem expostos a tais perigos.

Ciências da Natureza – 6.º B

A aula foi dedicada ao sistema digestivo em função do regime alimentar dos animais: ruminantes e granívoros. Foi passado um vídeo sobre animais e alguns alunos apresentaram trabalhos sobre o mesmo tema. A confusão reinou ao longo de toda a aula, chegando mesmo um aluno a ser agressivo com outros, deixando a professora receosa. Foi constante a entrada e saída de alunos na sala sem qualquer justificação. Alguns destes alunos, quando saíram da sala, ficaram a brincar no corredor.

Inferências/Fundamentação Teórica

Quando uma professora revela dificuldades em “controlar” a turma que tem à frente tendencialmente cai no erro de categorizar os alunos o que provoca uma distanciação entre os alunos e o professor.

Jesus (1996) justifica que a categorização:

(...) embora simplifique e confira sentido e estabilidade às relações interpessoais, permitindo mais facilmente compreender o comportamento do outro, pode levar à minimização do papel das situações na explicação desse comportamento, à selecção de informações e à orientação das percepções no sentido de confirmar as hipóteses inicialmente colocadas sobre ele. A atribuição da indisciplina a traços de personalidade do aluno, leva a que, frequentemente, não sejam tomadas atitudes que promovam a modificação do seu comportamento, desresponsabilizando-se o professor em relação ao mesmo. (p. 22)

A utilização desta estratégia só acarreta desvantagens uma vez que, segundo ainda o mesmo autor, a categorização do aluno: “(...) não só se revela inadequada por não permitir resolver as situações de indisciplina, como ainda pode agravá-las se o aluno se categorizar da mesma forma, desenvolvendo comportamentos consonantes com essa categorização.” (p. 22)

O professor deve acreditar no potencial de desenvolvimento do aluno e nas possibilidades da sua educação. É imprescindível que o professor tenha consciência destas possibilidades para que reestruture as suas atitudes na relação pedagógica.

Penso que, para extinguir este tipo de situações, seria necessário estabelecer laços afetivos com as crianças e fortalece-los com o tempo. A imposição e o cumprimento de regras em sala de aula constitui, também aqui, um fator preponderante para colmatar todas estas adversidades. Uma vez estabelecidas estas etapas a relação entre a professora e os alunos seria construída à base do respeito mútuo e da confiança.

terça-feira, 22 de novembro de 2011

Matemática – 6.º H

A primeira parte da aula foi dada pela professora que corrigiu o trabalho de casa e avançou com matéria nova, revendo a noção de potência. De seguida o meu colega deu aula, sendo esta um seguimento da aula da professora.

Nesta aula fora, dadas as operações com potências na qual usou a estratégia de explicar como se fazia e logo de seguida aplicava.

Língua Portuguesa – 6.º B

A professora fez uma revisão da conjugação pronominal simples à qual se sucedeu a explicação da conjugação pronominal reflexa. Para estes conteúdos foram dados vários exemplos e explicados várias vezes de maneiras diferentes.

Concluída a explicação, os alunos leram em voz alta parte de um diário explorando algumas características deste.

História e Geografia de Portugal – 6.º E

A aula da semana passada teve hoje um prolongamento, avançando nas descobertas ao longo da costa africana e revendo, através de resumos e do manual, a matéria dos descobrimentos.

Nesta aula a professora aproveitou o que o aluno (que normalmente vai para a rua em todas as aulas) disse introduzindo-o na história e comprovando a veracidade da afirmação.

No decorrer de toda a aula as luzes não foram acesas e a professora nunca tirou a mala a tiracolo.

Inferências/Fundamentação Teórica

A professora de história, em todas as aulas, gosta de situar os alunos no manual para que depois em casa estes saibam onde estão e o que têm de estudar. Não se limitando apenas a situar os alunos no manual, esta explora todas as imagens, documentos e mapas de modo a tornar-se mais esclarecedor para os alunos.

Todas as vezes que é explorado um documento nesta aula, existe uma grande preocupação por parte da professora em explorá-lo. E esta exploração segundo Proença (1990) “(...) deve ser feita de modo que, a partir dele, o aluno possa, devidamente orientado pelo professor, “descobrir” novos conhecimentos ou considerar os já existentes.” (p. 103). É o que acontece todas as vezes que a professora explora um documento com os alunos. Assim, todo este conjunto de estratégias utilizadas pela professora demonstra uma correta exploração do manual ajudando e facilitando a aprendizagem da História. O modo como os alunos exploram a área de História e Geografia de Portugal vai de encontro àquilo que as Metas de Aprendizagem do 2.º Ciclo nos dizem relativamente aos alunos do 6.º ano:

O aluno utiliza unidades/convenções temporais como milénio, século, a.C./d.C., períodos e épocas para situar, no tempo, eventos, situações e processos de evolução da sociedade portuguesa e das suas interações com outras sociedades de diversos continentes desde o século XVIII ao século XX.

A professora faz questão de cumprir e de garantir que os alunos adquiram esta capacidade tão importante para a compreensão da História.

sexta-feira, 25 de novembro de 2011

Matemática – 5.º B

Iniciou-se a aula com uma ficha de consolidação sobre a formação de triângulos dadas apenas algumas referências, os ângulos e medidas.

A professora introduziu a noção de círculo e circunferência fazendo a distinção entre estes. Alguns alunos não estavam a compreender a diferença ao que a professora pegou em elásticos para fazer referência à circunferência.

Estudo Acompanhado – 5.º C

A primeira parte da aula, dada pelo professor, foi dedicada à realização de uma ficha como forma de exercitar a compreensão do oral. Na ficha estavam frases da história “Uma aventura no Carnaval” de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada e os alunos tinham de ouvir a história (reproduzida no computador) e ordenar as frases corretamente. No resto da aula um dos alunos contou algumas adivinhas e anedotas sobre elefantes.

Ciências da Natureza – 6.º B

Foi dia da minha aula de 45 minutos sobre o sistema respiratório. Comecei por explicar para que serve o sistema respiratório, como funciona e quais os órgãos e vias respiratórias constituintes deste sistema. Toda esta parte da aula teve o auxílio de um *Powerpoint* o qual continha imagens sobre o tema, ajudando a explicar. Para além da exposição da matéria os alunos foram questionados por mim e eles próprios questionavam-me. Todas as dúvidas foram pertinentes ajudando na compreensão do tema. No final desta explicação, entreguei uma ficha de trabalho para perceber se os conteúdos foram adquiridos.

Como meio de consolidar a aula, realizei uma experiência levando para a aula pulmões de porco com a traqueia. Introduzi um tubo na traqueia e, deste modo, consegui colocar ar dentro dos pulmões exemplificando o que acontece no nosso organismo. Depois de ter feito esta experiência passei por todas as mesas mostrando de perto, os pulmões a todos os alunos e deixando-os tocar.

Inferências/Fundamentação Teórica

Mesmo que tenhamos uma grande capacidade de transmissão oral dos conteúdos, nada se equipara à transmissão de conhecimentos pela via prática pois, este tipo de transmissão, para além de ajudar a visualizar o que queremos transmitir, desperta

também, a curiosidade e o interesse nos alunos.

Assim, o facto de ter proporcionado um momento prático após ter explicado a parte teórica surgiu da ideologia de Santos (2002), a qual revela que a interação conteúdo e processos permite ao aluno “(...) relacionar a teoria com a prática, compreender a natureza da atividade científica e compreender melhor os conceitos científicos.” (p. 61)

Esta junção da teoria com a prática dá uma bagagem informativa muito maior ao aluno, ficando este com uma perceção mais clara dos conteúdos lecionados, diminuindo o número de dúvidas sobre o tema.

Contudo, segundo Martins, Veiga, Teixeira, Tenreiro-Vieira, Vieira, Rodrigues e Couceiro (2007) não basta manipular é necessário:

(...) questionar, reflectir, interagir com outras crianças e com o professor, responder a perguntas, planejar maneiras de testar ideias prévias, confrontar opiniões, para que uma actividade prática possa criar na criança o desafio intelectual que a mantenha interessada em querer compreender fenómenos, relacionar situações, desenvolver interpretações, elaborar previsões. (p. 38)

Só desta forma faz sentido a exploração de um trabalho prático. Caso contrário, a manipulação só em si não ajuda no processo de aprendizagem.

terça-feira, 29 de novembro de 2011

Matemática – 6.º H

Dei aula de 45 minutos para a qual me foi pedido que fizesse uma revisão das potências. Decidi fazer um jogo porque quando falei com a professora fiquei a saber que depois da minha aula os alunos iam resolver uma ficha de trabalho sobre potências.

Comecei por explicar e esclarecer as regras organizando de seguida equipas. Cada par de alunos tinha um cartão com uma questão e assim que resolvessem individualmente o exercício tinham de passar para os colegas de trás o cartão e assim sucessivamente. O último par da equipa tinha de, depois de resolver a questão, ir até ao colega da frente entregar o cartão. Assim, todos os alunos resolveram os mesmos exercícios, pois as três equipas tinham as mesmas perguntas, aliando a isso a rapidez.

O jogo foi realizado com sucesso ao contrário da pontuação que não foi bem explicada pois faltou um aluno alterando a posição dos alunos na sala.

Língua Portuguesa – 6.º B

Nos primeiros 30 minutos os alunos foram com a professora até à biblioteca da escola ver a feira do livro, como se pode ver na figura 11. Nenhum aluno podia mexer nos livros, limitando o contacto e o prazer que advém dessa ação.

Depois da feira do livro voltámos para a sala de aula, onde a professora ditou aos alunos as tipologias de texto literário tendo apenas tempo para o texto narrativo e as suas características.



Figura 11 – *Alunos na feira do livro na biblioteca da escola*

História e Geografia de Portugal – 6.º E

A professora avançou nos conteúdos através do diálogo com os alunos e entregando uma ficha que continha o resumo daquilo que estava a ser falado. Para que tivesse uma lógica nos acontecimentos da história a professora explicou alguns conteúdos que não fazem parte do programa mas que ajudam à compreensão. O aluno X chegou atrasado e pediu desculpa à professora pelo sucedido. De seguida, como sempre, arrastou a mesa e a cadeira para o fundo da sala, mesmo encostado ao armário. Ali ficou até ao final da aula.

Inferências/Fundamentação Teórica

A feira do livro constitui um momento de prazer para a criança onde esta deve estar em contacto físico com os livros. O facto de a feira do livro ser feita na biblioteca da escola faz com que estejam reunidas todas as condições necessárias para a criança poder desfrutar de uma leitura agradável. Magalhães (2008) refere que as bibliotecas: “(...) são um bem precioso na criação da oportunidade de leitura.” (p. 58).

A escola representa aqui um papel importante na condução desta prática. Sim-

Sim, Duarte e Ferraz (1997) referem que:

(...) a escola terá que promover práticas pedagógicas que permitam a todos o acesso ao conhecimento e às capacidades e valores necessários para que, de forma crítica, conheçam e transformem o real em que se encontram inseridos, quer esse real seja o contexto escolar, a actividade profissional ou o quotidiano social. (p. 38)

Sendo a leitura um ato cultural a sua promoção, citando Magalhães (2008), “(...) em todos os locais, com especial incidência na escola (onde, e como referido, actualmente, as crianças passam a maior parte do dia), assume foros de obrigatoriedade.” (p. 58). Em suma, a escola desenvolve nos alunos capacidades imprescindíveis ao colocá-los em contacto com os livros em espaços apropriados para o efeito.

sexta-feira, 2 de dezembro de 2011

Matemática – 5.º B

Os alunos realizaram teste e de seguida fizeram um jogo da internet: “Letroca”. No decorrer da resolução do teste houve poucos momentos de silêncio.

Estudo Acompanhado – 5.º C

A professora de matemática começou por fazer uma revisão dos conteúdos para o teste que será na próxima aula. Os alunos estiveram muito distraídos não ouvindo o que a professora estava a dizer e respondendo erradamente a muitas perguntas.

O professor de português projetou no quadro um texto no qual não constava a pontuação. Toda a turma, em conjunto, ia dando a sua opinião sobre a pontuação do texto.

Ciências da Natureza – 6.º B

Nesta aula os alunos fizeram teste. Durante a realização do mesmo não houve um momento de absoluto silêncio pois os alunos estiveram constantemente a falar e a perguntar à professora o que era para fazer. O teste proposto aos alunos não apresentava qualquer grau de dificuldade, não sendo este adequado para aquela faixa etária, mas sim, para alunos do 2.º/3.º ano.

Inferências/Fundamentação Teórica

Durante a realização de uma prova escrita é necessário que seja criado um ambiente calmo onde o silêncio impere para que todos os alunos se consigam concentrar no trabalho que estão a realizar.

Contudo, o processo de comunicação entre os alunos por vezes pode ser muito complicado de gerir pois tal como nos diz Chiavenato (2004) “Cada pessoa tem as suas características de personalidade próprias que funcionam como padrão pessoal de referência para tudo o que ocorre no ambiente e dentro do próprio indivíduo.” (p. 152). Se o professor se munir de estratégias para controlar a distração dos alunos mais facilmente controlará a turma e, conseqüentemente, acabarão os momentos de conversa entre os alunos a menos que, seja permitido pelo professor.

terça-feira, 6 de dezembro de 2011

Matemática – 6.º H

A primeira tarefa dos alunos na aula de hoje foi realizar uma mini-ficha sobre potências. Estas mini-fichas são constantes no final de cada matéria que é introduzida. Isto permite à professora saber quem está com dificuldades para posteriormente conseguir ajudar os alunos. Os alunos conseguem perceber quais são as dúvidas que persistem.

Terminada a mini-ficha eu continuei a aula da semana passada e comecei por esclarecer a pontuação do jogo da aula passada uma vez que tocou e não tive tempo. Esclarecida a pontuação, comecei o jogo com a mesma estratégia da outra aula e quando acabaram de resolver todos os exercícios corrigi-os pedindo a alguns alunos que fossem ao quadro resolvê-los.

Terminada a minha aula a professora passou um vídeo de introdução à estatística.

Língua Portuguesa – 6.º B

Os alunos realizaram teste. Eu e a minha colega aproveitámos para ver a nossa aula, para a semana, com a professora.

História e Geografia de Portugal – 6.º E

Nos primeiros 45 minutos os alunos realizaram teste. No resto do tempo, a minha colega deu aula sobre a descoberta das ilhas atlânticas. Explicou muito bem todos os conteúdos e teve a preocupação de corrigir a postura dos alunos. Compreendidos os

conceitos foi aplicada uma ficha de trabalho que constará no seu relatório de estágio profissional.

Inferências/Fundamentação Teórica

Ao longo da minha aula tive sempre a preocupação de compreender o porquê dos alunos terem errado para que o erro não persista. Encarei a situação de uma forma completamente natural no processo de aprendizagem, numa perspetiva natural, formativa e promotora de sucesso. Também Ponte e Serrazina (2000) nos dizem que os erros dos alunos podem e devem ser tidos em conta:

(...) de um modo positivo no processo de aprendizagem; para que ele progrida, é preciso que perceba que a sua resposta está errada; a resposta correta não pode simplesmente substituir a resposta errada – deve construir-se a partir da resposta errada. (p. 103)

Tal como defendem estes autores, a importância de partir do erro para chegar à solução correta é o modo mais eficaz de ajudar o aluno a lidar e a superar o erro.

Foi exatamente o que consegui constatar nesta aula, pois foi através do erro do aluno que este, com a minha ajuda, chegou à resposta correta compreendendo realmente como o fazer. E prova disso foi que concluída esta etapa desafiei os alunos com um exercício semelhante para ver se tinham compreendido ou não e a verdade foi que os alunos revelaram ter tido anteriormente uma aprendizagem significativa conseguindo superar corretamente o exercício.

Perante estas situações, surge então a necessidade de planificar com antecedência as aulas uma vez que esta deve ter em conta a turma que temos à frente. Segundo Ribeiro e Ribeiro (1990) na planificação “(...) trata-se de selecionar estratégias de ensino que envolvem os alunos em actividades de aprendizagem apropriadas à consecução dos objectivos e dos conteúdos definidos” (p.433)

De acordo com Zabalza (2002), planificar é também:

prever possíveis cursos de acção de um fenómeno e plasmar de algum modo as nossas previsões, desejos, aspirações e metas num projecto que seja capaz de representar, dentro do possível, as nossas ideias acerca das razões pelas quais desejaríamos conseguir, e como poderíamos levar a cabo, um plano para as concretizar. (p.47)

A planificação revela-se assim uma atividade importante para a organização do

processo ensino-aprendizagem de uma turma, de maneira a que as crianças adquiram uma maior quantidade de conhecimentos possíveis, transmitidos pelo docente de diferentes formas e utilizando diversas estratégias.

sexta-feira, 9 de dezembro de 2011

Matemática – 5.º B

Hoje foi introduzido conteúdo novo na aula de matemática: as propriedades da adição. Mais uma vez a disposição no quadro não facilitava a compreensão. Estas propriedades foram explicadas pela professora e dados exemplos. A propriedade na qual surgiu mais dúvidas foi a propriedade associativa. O comportamento dos alunos, tal como já vai sendo hábito, não foi o indicado, o que originou uma repetição dos conteúdos por parte da professora.

Estudo Acompanhado – 5.º C

Na aula de Estudo Acompanhado foi o professor de Língua Portuguesa que esteve sempre a liderar a aula, não havendo intervenção por parte da professora. O professor usou algumas estratégias para chamar à atenção dos alunos, uma vez que, vinham muito agitados do intervalo. Começava por dizer o nome do aluno e depois retomava o diálogo com a turma. Mas, também optou pela estratégia de ao chamar pelo nome do aluno dizer bom dia. O que fazia com que os alunos percebessem que já estavam na aula. Foi entregue a cada aluno uma ficha na qual tinham de fazer um “diagnóstico” de como tinha corrido aquela disciplina neste 1.º semestre.

No final da aula, o professor fez a auto-avaliação e para confirmar a nota que dava a cada aluno confirmava com a professora. Quando tinham alguma dúvida em relação a alguma nota, perguntava-me a mim e aos meus colegas o que achávamos.

Ciências da Natureza – 6.º B

A minha colega deu aula durante os 90 minutos de aula sobre os cuidados a ter com o sistema respiratório, continuando assim o tema da minha aula. Os alunos estiveram participativos em toda a aula e com questões muito pertinentes.

No final da aula, distribui as fichas que os alunos tinham realizado na minha aula e incentivei-os a terem uma prestação cada vez melhor, pegando nos exemplos dos alunos ditos “problemáticos” que tiveram nota positiva, um deles conseguindo obter a classificação de “Muito Bom”.

Inferências/Fundamentação Teórica

Ao falar com os alunos sobre os resultados obtidos na minha ficha de trabalho pretendia incentivar todos os alunos, principalmente os alunos com mais dificuldades de aprendizagem a melhorarem a sua prestação. Sanches (2001) manifesta que:

Reconhecer e recompensar o esforço do aluno é uma aprendizagem que tem de ser feita, principalmente quando lidamos com alunos com problemas de aprendizagem que têm uma longa história de insucesso. O professor deve ser sensível a isso e fazer um elogio ou dar um feedback positivo para realizações ainda que modestas, deve saber pegar naquilo que o aluno tem de bom e mostrar-lhe como isso é importante para ele e para os outros. (p. 60)

Os alunos perante o elogio tendem a querer mostrar que conseguem superar as dificuldades, criando até, uma melhor relação com o professor onde se manifesta uma maior consideração para com este.

O comportamento inconstante dos alunos do 5.º B faz com que sejam repetidos os mesmo conteúdos em aulas diferentes o que não ajuda à progressão.

terça-feira, 13 de dezembro de 2011

Matemática – 6.º H

Neste dia os alunos resolveram uma mini-ficha de avaliação sobre potências que durou 45 minutos.

A aula terminou com a iniciação de estatística, por parte da professora, com a ajuda de um *Powerpoint*.

Língua Portuguesa – 6.º B

Hoje eu e a minha colega demos aula. As nossas aulas tiveram uma sequência lógica uma vez que eu comecei por dar a biografia e a minha colega a autobiografia. Iniciei a minha aula com a entrega da biografia do padre Bartolomeu de Gusmão fazendo a leitura modelo e posterior leitura e interpretação do texto por parte dos alunos.

Para interpretarem corretamente o texto esclareci primeiro as palavras difíceis e depois introduzi um pouco de História de Portugal para que os alunos conseguissem mais facilmente perceber a época em que o biografado viveu.

Após este esclarecimento, introduzi a noção de biografia indo à origem da palavra e explorando as características desta com a ajuda de um *Powerpoint*. Assimilado este conhecimento passei a aula para a minha colega de estágio que começou por perguntar

aos alunos o conceito de autobiografia entregando-lhes, de seguida, um texto autobiográfico de Sophia de Mello Breyner Andresen e fazendo a leitura modelo. Seguiu-se a leitura dos alunos sendo esta interrompida por perguntas gramaticais. Após estas questões foram explicadas as características da autobiografia através do diálogo e de um *Powerpoint*.

No final da aula, eu e a minha colega realizámos uma proposta de trabalho que consistiu em dividir a turma em duas partes e uma parte trabalhava a autobiografia e a outra a biografia do colega do lado.

História e Geografia de Portugal – 6.º E

A professora começou por entregar os testes de avaliação fazendo a correção do mesmo.

De seguida, dei aula sobre a costa ocidental africana explorando, através de um *Powerpoint* e do diálogo com os alunos, as características dos povos que se encontram no continente africano. As características incluíram os modos de vida, alimentação, costumes, tradições entre outros.

Para terminar a aula realizei uma ficha de trabalho.

Inferências/Fundamentação Teórica

Para que os alunos percebessem realmente o que é uma biografia e como se faz, decidi deixá-los explorar o tema pois penso que desta forma os alunos facilmente conseguem compreender este conteúdo. Serem os próprios alunos a encontrar as características de uma biografia é uma mais valia nesta aprendizagem.

Com esta estratégia os alunos assimilaram que a biografia é um género literário em que o autor narra a história da vida de uma pessoa ou de várias. Reis e Lopes (2007) dizem-nos que:

(...) a biografia constitui a representação, muitas vezes em forma de relato, da vida de uma determinada personalidade, no desenrolar da sua existência, no seu crescimento e maturação, nos eventos que lhe deram peculiaridade e mesmo nos incidentes que conduziram ao desaparecimento dessa personalidade. (p. 48)

Existem características neste tipo de texto que têm de ser respeitadas, nomeadamente a temporalidade. Os mesmos autores dizem-nos que:

O vector dominante de uma estratégia narrativa de feição biografista é, antes de mais, o respeito pela temporalidade eventualmente reelaborada pelo discurso; além disso, a biografia constrói-se em termos de revelação, patenteando gradual e calculadamente diferentes etapas de desenvolvimento de uma vida; uma tal construção exige não raro uma atitude selectiva por parte do biógrafo, que elege os eventos dignos de menção e despreza os irrelevantes. (p. 48)

Uma vez compreendida a estrutura de uma biografia, o aluno precisa de apelar aos conhecimentos já adquiridos na disciplina de Língua Portuguesa pois, só assim, conseguirá realizar com sucesso uma biografia.

Para além da abordagem feita, as TIC podem auxiliar e enriquecer as aulas, pois tal como afirma Silveira-Botelho (2009) as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) “quando eficazmente utilizadas, podem auxiliar a aprendizagem positivamente.” (p.104)

Reunidas todas estas estratégias como forma de abordar um conteúdo penso que foi uma mais valia nesta aula ajudando à compreensão dos alunos.

sexta-feira, 16 de dezembro de 2011

Matemática – 5.º B

Visto ser o último dia de aulas não foram dados conteúdos sendo a aula reservada para jogos educativos e terminando mais cedo.

Estudo Acompanhado – 5.º C

Nesta aula o professor não esteve presente pois esteve a fazer o jornal da escola. Assim, apenas esteve presente a professora e durante toda a aula os alunos viram filmes, à exceção dos últimos minutos que foram dedicados à representação de pequenas peças encenadas pelos alunos.

Ciências da Natureza – 6.º B

Não fugindo ao dia que se vivia na escola os alunos foram para a sala de aula fazer jogos, trocas de prendas e pequenas encenações de peças. A aula terminou mais cedo que o previsto.

Inferências

Apesar do dia ser apenas para a brincadeira o professor não deve nunca permitir determinado tipo de comportamentos dentro da sala de aula. Têm de ser impostos limites

no comportamento das crianças para que consigam fazer distinção dos momentos e do local em que estão naquele momento, independentemente da turma em questão.

terça-feira, 3 de janeiro de 2012

Matemática – 6.º H

No primeiro dia de aulas depois das férias do natal a professora faltou por motivos pessoais. Como tal, eu e os meus colegas de estágio ficámos com os alunos fazendo alguns jogos e vendo um documentário sobre a Matemática. Este documentário explicava a origem da Matemática e a aplicabilidade da mesma no nosso quotidiano.

Língua Portuguesa – 6.º B

Antes de introduzir a leitura de uma texto sobre o Charlin Chaplin, a professora explicou quem era e mostrou ainda alguns vídeos do mesmo de modo a ajudar a entender melhor o texto à posteriori.

Mais de metade da turma leu, sendo necessário ler o texto duas vezes. À medida que os alunos iam lendo a professora foi interrogando-os fazendo a interpretação e a análise do texto.

Por fim, foi colocado um vídeo com um anúncio da coca-cola que transmitia uma grande mensagem de positivismo. Os alunos tiveram de interpretar as frases que constavam no anúncio e facilmente perceberam a mensagem principal que nos é transmitida.

História e Geografia de Portugal – 6.º E

A aula iniciou-se com uma pequena conversa com os alunos sobre as notas do 1.º período. Prossegui a aula da professora com a entrega das fichas de trabalho que os alunos tinham feito na minha aula. Por fim, a professora situou os alunos no manual e prosseguiu com a matéria lembrando parte da aula que eu dei.

Inferências/Fundamentação Teórica

Face à grande exposição televisiva a que as crianças hoje em dia se sujeitam, colocá-las a pensar sobre aquilo que veem é benéfico pois ajuda a desenvolver o sentido reflexivo.

A importância da interpretação de uma mensagem audiovisual, como um anúncio televisivo, ajuda a criança, tal como refere Fonseca (2001), quando nos diz que a criança tem de “(...) aprender a ser um espectador activo, um explorador autónomo e um actor da

comunicação mediática.” (p. 32).

Sendo a reflexão um pilar importante no desenvolvimento da criança, esta pode ser desenvolvida a qualquer hora e em qualquer lugar sendo mais eficaz em temas e com materiais que despertam a curiosidade da criança.

sexta-feira, 6 de janeiro de 2012

Matemática – 5.º B

A professora faltou à aula tendo esta sido dada por mim e pelos meus colegas de estágio. Realizámos alguns jogos e colocámos um documentário sobre a história da Matemática, explorando os conteúdos apresentados.

Estudo Acompanhado – 5.º C

O professor colocou no quadro interativo as notas de cada aluno e foi, um a um, analisar as notas. O professor quis saber as perspetivas de cada um aconselhando-os de seguida.

Ciências da Natureza – 6.º B

A professora tentou, sem sucesso, fazer uma revisão do sistema respiratório e introduzir o conceito de hematose pulmonar. Este objetivo não foi conseguido pois a turma esteve sempre irrequieta chegando mesmo a haver pancadaria por três vezes. O novo conceito foi introduzido com um vídeo, o qual a maioria da turma não viu porque estava a conversar, a brincar e de pé. Raramente os alunos foram chamados à atenção para o mau comportamento, gerando ainda mais confusão. Em suma, nesta aula reinou mais uma vez a confusão sendo impossível a aprendizagem.

Inferências/Fundamentação Teórica

Os meios tecnológicos à nossa disposição constituem nos dias de hoje uma importante ferramenta no processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Proença (1990) “(...) a escola tem que aproveitar as vantagens da utilização dos audiovisuais, já que este responde a muitas necessidades da aprendizagem.” (p. 105). Apesar disso, Formosinho (2009) diz que:

(...) a simples presença das novas tecnologias na aula não assegura um ensino de qualidade, senão que é necessário saber utilizá-las criteriosamente, quer por parte dos docentes quer dos discentes, devendo distinguir-se entre a função didáctica de carácter primário (como a motivação) e de carácter secundário (como função inovadora e estruturadora/reestruturadora da realidade). (pp. 176-177)

O professor não pode recorrer apenas aos meios audiovisuais sem ter a preocupação de fazer uma boa gestão do mesmo, pois, quando se recorre a estes meios pretende-se transmitir conhecimentos aos alunos de uma forma diferente, o que não acontece se não for bem gerido.

terça-feira, 10 de janeiro de 2012

Matemática – 6.º H

Mais uma vez a professora faltou tendo eu e os meus colegas de estágio ficado com os alunos. Conversámos com os alunos sobre as características que, segundo estes, um professor deve ter para ser um bom professor e chegámos à questão em que os alunos tinham de compreender a dificuldade que é para um professor, controlar a turma. Para melhor exemplificar isso, um aluno foi para fora da sala enquanto falámos com o resto da turma, pedindo que se portassem mal enquanto o colega estivesse no papel de professor.

Língua Portuguesa – 6.º B

O meu colega deu aula durante os 90 minutos. Começou por ler um texto do Beethoven e explorou-o através do funcionamento da língua e da interpretação.

História e Geografia de Portugal – 6.º E

A professora nos primeiros 45 minutos deu a Lisboa quinhentista deixando o resto da aula para o meu colega dar a sua matéria. No final, aplicou uma ficha de trabalho.

Inferências/Fundamentação Teórica

As aulas dadas pelos meus colegas de estágio constituem um momento importante de aprendizagem para todos nós pois é através desta interação que se torna possível uma aprendizagem capaz de nos moldar enquanto futuros profissionais de educação. Pois cada um de nós tem a sua personalidade à qual integramos os conhecimentos que vão sendo transmitidos durante toda a nossa formação. Como tal, a observação por parte do professor experiente permite-nos aprender com as experiências e vivências deste.

Garcia (1999) refere que:

(...) esta visão do ensino mostra que se aprende a ensinar através de uma combinação de experiências directas e interacções com colegas e mentores sobre situações problemáticas. Através destas experiências, os principiantes são iniciados numa comunidade de práticos e no mundo da prática (p. 39)

Esta é uma das formas de adquirir conhecimentos para a futura vida de professor. O aluno estagiário, nesta etapa, deve ser capaz de tecer uma opinião construtiva da aula a que assistiu pois se fizer uma reflexão daquilo que disse e daquilo que o professor titular afirmou sobre a aula é uma mais valia para o seu crescimento profissional.

Na aula de Matemática do 6.º H em virtude da professora ter faltado aproveitámos para dialogar com os alunos, para tentar compreender o seu comportamento e dar-lhes oportunidade de se expressarem. A conclusão a que chegámos é que não é nada fácil gerir tantos alunos com interesses e capacidade diferentes.

sexta-feira, 13 de janeiro de 2012

Matemática – 5.º B

Apesar de no sumário estar a dizer que demos a multiplicação e a divisão nenhum desses conteúdos foram abordados. Foi entregue uma ficha de trabalho aos alunos sobre a subtração. Durante toda a aula os alunos andaram em pé, conversaram e a maioria dos alunos não resolveu a ficha. Quase no fim da aula a professora permitiu que os alunos realizassem um jogo no computador. Este jogo consiste em encontrar palavras com as letras que nos são dadas.

Estudo Acompanhado – 5.º C

Quatro alunos da turma encenaram uma pequena peça de teatro. Seguiu-se então a visualização de algumas partes de um vídeo. Este vídeo mostrava diferentes comportamentos em sala de aula. Depois de visto o vídeo, o professor dialogou com os alunos para perceber quais as suas opiniões. Seguiu-se a professora com a correção de uma ficha de trabalho sobre a subtração. Por fim, o professor entregou uma ficha de trabalho sobre as palavras derivadas por prefixação, sufixação e prefixação e sufixação realizando com os alunos a mesma.

Ciências da Natureza – 6.º B

Ao longo desta aula foram entregues três fichas de trabalho sendo este o único método usado. Apesar de no sumário ser referido a introdução do sistema respiratório do

peixe, as fichas continham apenas o sistema respiratório humano. Nem todos os alunos resolveram as fichas, havendo constantemente uma entrada e saída da sala que não foi controlado.

Para além disso, alguns alunos estiveram no computador a ver vídeos de futebol, ao mesmo tempo que os outros alunos conversavam, andavam de pé e inclusivé, faziam jogos. Foram várias as vezes em que a professora chamou à atenção dos alunos para o comportamento e a falta de atenção.

Inferências/Fundamentação Teórica

A gestão da sala de aula é um fator determinante e que tem de ser dominado pelo professor para que este consiga depois levar os seus alunos a uma aprendizagem. Arends (1997) diz que “Os gestores eficazes da sala de aula são consistentes no cumprimento das regras e na aplicação dos procedimentos. Se não o forem, qualquer conjunto de regras e de procedimentos rapidamente se dissolve.” (p. 193)

Tal como nos diz este autor, a partir do momento em que o professor não leva até ao fim o que disse que faria aos alunos, este está a transmitir que a sua palavra não tem qualquer valor levando a que estes desrespeitem qualquer coisa que aquele professor diga.

terça-feira, 17 de janeiro de 2012

Matemática – 6.º H

A minha colega de estágio deu aula nos primeiros 45 minutos, em que realizou diversos jogos para dar situações aleatórias. Um dos jogos foi simular o jogo do euromilhões onde os alunos preencheram um cupão verdadeiro.

Na segunda parte da aula a professora fez muitos exercícios com os alunos para consolidar a matéria que sairá na ficha que vão fazer.

Língua Portuguesa – 6.º B

Antes de continuar a estudar o livro “Ulisses” a professora fez uma revisão oral do que já tinham lido na aula anterior. Prosseguiu-se a leitura desta obra e a respetiva interpretação do mesmo.

História e Geografia de Portugal – 6.º E

A professora continuou a aula anterior.

Inferências/Fundamentação Teórica

As atividades lúdicas constituem momentos de prazer para a criança durante as quais esta se mostra disposta a assimilar conhecimentos. Para Dohme (2007) “(...) as atividades lúdicas estimulam a participação, criam um ambiente agradável, de cumplicidade entre o educador e o aluno, aumentando a aceitação e o interesse.” (p.12)

Jogar é ter um fim em si mesmo, os jogadores entram no mundo lúdico e praticam diversas ações com vontade, por vezes até com extrema energia.

No decorrer do jogo os jogadores experimentam múltiplas experiências educativas e sentimentos diferentes, que podem ser usados na vida quotidiana.

Segundo a mesma autora, “o jogo é uma excelente solução, porque com ele se pode trabalhar o desenvolvimento pessoal ao lado do exercício da vida em grupo” (p. 21). Com o jogo, podemos desenvolver múltiplas características a nível físico, intelectual, artístico, criativo, sentimental, afetivo, social e ético.

sexta-feira, 20 de janeiro de 2012

Matemática – 5.º B

A professora entregou fichas de trabalho sobre expressões numéricas e fez as respetivas correções.

Estudo Acompanhado – 5.º C

O professor aproveitou esta aula para avaliar os cadernos dos alunos dando, no final, um *feedback* dos mesmos e aconselhando os alunos a nível de organização. A professora realizou exercícios com os alunos através de uma ficha de trabalho.

Ciências da Natureza – 6.º B

Eu e a minha colega demos aula avaliada por uma professora da ESE sobre o sistema circulatório. Esta iniciou a aula falando sobre as partes constituintes do sistema circulatório. Para isso, utilizou um *Powerpoint*. Posteriormente, eu falei sobre a pequena e a grande circulação usando também um *Powerpoint* e mostrando, no final, um vídeo que abordava todos os conteúdos das nossas aulas.

Durante a exposição da minha aula fui confrontada com muitas perguntas, pois o tema suscita muitas curiosidades.

Para terminar as duas aulas, eu e a minha colega juntámo-nos e realizámos com os alunos uma atividade prática que consistia em manusear, ver e identificar o coração de

um porco. Os alunos tinham à disposição um coração fechado e outro aberto nunca obrigando nenhum aluno a tocar.

Inferências/Fundamentação Teórica

Uma vez que as nossas aulas são sempre supervisionadas por um professor, o qual nos dá aspetos bons e aspetos a melhorar constitui uma mais valia. Severino, (2007) escreve que “(...) para haver progressão do formando, este necessita de ter consciência dos pontos menos bons da sua opção, carecendo, para tal, de observar, de diagnosticar e de tomar posições num movimento dialéctico de acção-reflecção.” (p.42)

Após nos consciencializarmos dos aspetos a melhorar resta, numa próxima aula, tentar superar estes aspetos. Desta forma, ao longo do curso vamos conseguindo evoluir para que, mais tarde, consigamos ser bons profissionais de educação.

terça-feira, 24 de janeiro de 2012

Matemática – 6.º H

O meu colega deu a aula avaliada pela professora da ESE sobre números primos e frações, fazendo com os alunos uma revisão dos conteúdos já abordados no ano letivo anterior. Utilizou, em toda a aula, o quadro interativo tendo um programa que permitia explicar as frações. Concluiu a aula com a realização de uma ficha de trabalho como meio de consolidação.

Língua Portuguesa – 6.º B

A professora entregou uma ficha de trabalho com expressões idiomáticas. Os alunos tiveram algum tempo para estudar algumas expressões e depois realizaram uma ficha. No final, foi feita a resolução da ficha. Para concluir a aula os alunos realizaram uma cópia do manual.

História e Geografia de Portugal – 6.º E

O meu colega entregou as fichas de trabalho que fez com os alunos na sua última aula. Após isto, a professora colocou uma aluna na rua e prosseguiu a aula dando início à matéria do 6.º ano.

Inferências

Assistir à prestação do meu colega durante o dia de estágio nas diferentes áreas permite refletir sobre as estratégias utilizadas com as diferentes turmas bem como a relação estabelecida com os alunos.

sexta-feira, 27 de janeiro de 2012

Matemática – 5.º B

Os alunos resolveram exercícios sobre expressões numéricas através de uma ficha de trabalho. Nesta aula foram poucos os alunos que estiveram com atenção andando constantemente pela sala a brincar. Alguns alunos foram alertados para o mau comportamento e, inclusivé, a professora mandou um aluno para a rua o qual disse que não ia ficando a palavra da professora sem efeito.

Estudo Acompanhado – 5.º C

O professor de Língua Portuguesa leu uma adaptação de um conto de Aghata Crhistie onde alguns alunos eram as personagens.

Ciências da Natureza – 6.º B

O meu colega deu aula sobre os cuidados e as doenças do sistema circulatório. Para esta aula foi usado um *Powerpoint* e alguns vídeos que ilustravam exatamente o que estava a ser falado. Os alunos colocaram muitas dúvidas e participaram sempre que solicitado.

Inferências/Fundamentação Teórica

Perante uma situação de conflito, cabe ao professor orientar os seus alunos uma vez que este representa a autoridade/referência dentro da sala de aula.

Segundo a ideologia de Marques (2002), o professor “(...) assume-se como exemplo e como mentor dos alunos, devendo tratar os alunos com respeito, com carinho e com firmeza, não fechando os olhos aos comportamentos inadequados mas corrigindo com serenidade e calma.” (p.65 e 66)

Todos os comportamentos menos adequados devem ser corrigidos o que faz com que o professor, ao dar a sua palavra, não volte atrás pois, assim que os alunos percebem que o professor não cumpre aquilo que diz, passa a ser alguém a quem os

alunos não nutrem qualquer tipo de respeito levando à desordem e à desobediência em sala de aula.

terça-feira, 31 de janeiro de 2012

Matemática – 6.º H

A professora reservou esta aula para fazer exercícios sobre operações com frações explicando sempre com mais do que um raciocínio. Os alunos estiveram sempre muito participativos e interessados.

Língua Portuguesa – 6.º B

A professora, no início da aula, fez perguntas aos alunos sobre gramática. Quando se apercebeu que grande parte da turma não sabia os conteúdos pediu que estes estudassem porque no dia seguinte iriam fazer uma ficha de avaliação. Foi introduzida e explicada a diferença entre discurso direto e indireto sendo dado todas as condições para passar de um discurso para outro e vice-versa. Os alunos aplicaram este conhecimento fazendo exercícios orais e escritos.

História e Geografia de Portugal – 6.º E

A professora entregou os testes de avaliação referindo, sempre, a facilidade do mesmo, uma vez que um dos alunos com mais dificuldades teve positiva. Depois de comentar as notas, a professora fez a respetiva correção oral do teste continuando depois a aula com o auxílio de um *Powerpoint* para introduzir matéria nova.

Inferências/Fundamentação Teórica

Ao fazer comentários despropositados dirigidos aos alunos com dificuldades, e que geralmente têm negativa em todas as avaliações, origina-se um desconforto nestes alunos.

Mialaret (1999) expressa que “(...) um julgamento a priori negativo sobre o aluno leva-o a não dar o máximo do que poderia dar (a não ser que em certos casos, pelo contrário, o aluno que deseje aceitar o desafio).” (p. 133).

Ainda como nos diz este autor, os alunos a quem a professora faz estes comentários constantemente tendem a não querer evoluir nesta disciplina o que se tem verificado ao longo do estágio. A superação deste aluno ao obter nota positiva no teste deve ser encorajada para que continue a esforçar-se nas futuras avaliações.

sexta-feira, 3 de fevereiro de 2012

Matemática – 5.º B

Nesta aula, os alunos resolveram exercícios de uma ficha de trabalho sobre expressões numéricas. No decorrer de toda a aula os alunos estiveram instáveis, levando a que dois destes fossem colocados na rua pela professora. Enquanto a professora pedia aos alunos para resolverem os exercícios alguns destes falavam, andavam de pé, brincavam e inclusive três alunos foram para o computador ver vídeos. A partir deste momento começaram a cantar e a destabilizar ainda mais a aula.

Estudo Acompanhado – 5.º C

O professor de Língua Portuguesa começou por fazer a correção do teste o que originou alguma instabilidade pois os alunos não o queriam fazer. Apesar disso, acabaram por fazer a correção. Quando chegou a vez da professora de Matemática os alunos estiveram a resolver exercícios de uma ficha de trabalho com expressões numéricas. Por vezes a instabilidade da turma era tanta que o professor viu-se obrigado a interferir acalmando-os e mandando-os sentar.

Ciências da Natureza – 6.º B

A minha colega deu aula sobre o sistema urinário utilizando um *Powerpoint*. Os alunos colocaram muitas questões sobre o tema querendo esclarecer tudo. Para consolidar o tema da aula foi entregue a cada aluno uma ficha de trabalho.

Após isto, eu comecei a minha aula sobre a pele, explicando o motivo de irmos falar deste tema. Utilizei o *Powerpoint* para explicar a matéria no qual as imagens ilustravam o que estava a explicar. Para ajudar à compreensão utilizei dois pequenos vídeos os quais ilustravam o que tinha acabado de explicar.

Inferências/Fundamentação Teórica

Os alunos estiveram constantemente a participar na aula e esta participação não era apenas para esclarecer dúvidas, mas também, para serem eles a explicar determinado acontecimento. À medida que eu explicava, ou que um aluno explicava surgiam dúvidas, as quais eram debatidas com toda a turma. Para Astolfi, Peterfalvi e Vérin. (1998):

(...) as trocas de palavras concorrem para uma recuperação colectiva de tudo aquilo que permite tornar «fecundos» os conflitos cognitivos e desestabilizar os

obstáculos. Também aqui o professor efectua uma selecção entre aquilo que é dito, mas essa selecção consiste antes de mais em pôr em relevo as manifestações de obstáculos, em exacerbar, para os tratar, os pontos de vista divergentes entre os alunos. (p. 49)

Nesta troca de palavras gerei momentos de reflexão, guiando os alunos na sua aprendizagem. Esta atitude levou a que os alunos conseguissem chegar a uma explicação cientificamente aceite, a partir da qual eu explicava de uma forma mais clara os conteúdos.

terça-feira, 7 de fevereiro de 2012

Matemática – 6.º H

A professora realizou exercícios com os alunos explicando de várias maneiras os diversos exercícios.

Língua Portuguesa – 6.º B

A aula foi dada por uma funcionária da biblioteca. Nesta aula foi passado um *Powerpoint* com as imagens da história “Humberto e a Macieira” e, ao mesmo tempo, ouvia-se a narração da mesma. Depois de ouvida a história a professora bibliotecária fez perguntas de interpretação aos alunos. Para consolidar foi entregue uma ficha de trabalho que visava explorar ainda mais a história que os alunos ouviram anteriormente.

História e Geografia de Portugal – 6.º E

A professora esteve sentada durante toda a aula expondo oralmente a matéria com a ajuda de um *Powerpoint* e localizando os alunos no manual escolar.

Inferências/Fundamentação Teórica

A professora de Língua Portuguesa proporcionou aos seus alunos um momento de aprendizagem diferente e muito significativo pois, ao pedir a uma bibliotecária para contar uma história, esta centrou-se nas necessidades das crianças.

O bibliotecário é um profissional da informação que tem a função de um professor assumindo assim um papel educacional apesar de, na maioria das vezes, não atuar no espaço de sala de aula. Calixto (1996) diz-nos que:

O papel do bibliotecário escolar é primeiramente o de um educador, tanto nos aspectos formais como informais da educação. Apesar de poder não operar numa sala de aula tradicional, é mesmo assim, um professor. Planeia situações de aprendizagem na biblioteca escolar, apoia os estudantes na aprendizagem, selecciona recursos de informação relacionados com as aulas e mostra a professores e estudantes como usar estes recursos no ensino e aprendizagem. Os bibliotecários escolares são também responsáveis por uma efectiva administração e organização da biblioteca escolar. (p. 48)

O bibliotecário, com toda a informação e formação que possui, pode e deve unir-se aos professores. Segundo o mesmo autor “O apoio da biblioteca às actividades curriculares permite a professores e a alunos uma abordagem do ensino e aprendizagem de uma forma mais eficaz, informada e interessante.” (p. 70)

Com esta união entre profissionais da educação os alunos são os que mais beneficiarão ao serem estimulados com actividades interessantes, empolgantes e capazes de desenvolver múltiplas capacidades.

sexta-feira, 10 de fevereiro de 2012

Matemática – 5.º B

A professora entregou uma ficha de trabalho sobre as expressões numéricas informando os alunos que esta ficha seria para nota e, como tal, seria individual. Breves momentos depois, a professora percebeu que grande parte da turma não sabia resolver a ficha. Como tal, admitiu que os alunos se juntassem e resolvessem a ficha em grupo. Contudo, foram muitos os alunos que nem sequer tentaram resolver a ficha de trabalho.

Estudo Acompanhado – 5.º C

Os alunos resolveram uma ficha de trabalho sobre as expressões numéricas.

Ciências da Natureza – 6.º B

Os alunos fizeram teste.

Inferências/Fundamentação Teórica

A utilização constante da mesma estratégia como forma de transmissão de conhecimentos leva a que o comportamento dos alunos e a postura adotada seja de total desinteresse. Também Perrenoud (1995) diz que “O carácter repetitivo das tarefas escolares não contribui para fazer crescer o seu interesse. Quando descobrem uma tarefa nova, muitos alunos manifestam curiosidade.” (p. 69).

Seguindo a ideologia deste autor é importante que um professor se apetreche de inúmeras estratégias de ensino não caindo na rotina e estimulando os seus alunos para a aprendizagem.

terça-feira, 6 de março de 2012

Matemática – 6.º H

A minha colega deu aula sobre a razão e proporção. Através de um *Powerpoint* expôs a matéria nova. À medida que ia explicando, foi tirando dúvidas aos alunos. Para concluir a aula realizou uma ficha de trabalho.

Nos restantes 45 minutos de aula a professora titular resolveu com os alunos os exercícios do manual.

Língua Portuguesa – 6.º B

Fiz uma revisão dos conteúdos já abordados pela professora. O tema era sobre a conjugação pronominal simples e reflexa.

A aula iniciou-se com a audição de um texto de José Jorge Letria “O Gato Inventor”. Seguiu-se a interpretação do texto fazendo perguntas aos alunos. Uma vez compreendido o texto, os alunos leram-no e à medida que o faziam fui fazendo perguntas do Conhecimento Explícito da Língua.

Com o auxílio de um *Powerpoint* relembrei as regras, as quais a maioria dos alunos já não sabia. Após uma revisão dos conteúdos através de exemplos entreguei a cada aluno uma ficha formativa.

História e Geografia de Portugal – 6.º E

Os alunos fizeram teste de avaliação.

Inferências/Fundamentação Teórica

Uma vez que a aula de Língua Portuguesa serviu de revisão a um conteúdo já abordado pelos alunos, fui testando o conhecimento anteriormente adquirido através de perguntas exigindo sempre um correto uso da língua. Para Reis (2008) o professor deve: “Mobilizar o repertório de conhecimentos na resolução de problemas e para compreender e exprimir-se adequadamente, com vista a melhorar a proficiência linguística no modo oral e no modo escrito.” (p. 27).

Com estas medidas pretendi desenvolver nos alunos capacidades cognitivas

necessárias num bom falante de Língua Portuguesa tendo sempre em conta as aprendizagens feitas anteriormente.

sexta-feira, 9 de março de 2012

Matemática – 5.º B

Os alunos estiveram a falar de estatística, mais precisamente, de tabelas de frequências absolutas e relativas. Ao longo da aula a professora pediu que os alunos resolvessem fichas de trabalho sendo que, apenas uma minoria da turma o fez uma vez que grande parte da turma andava de pé e a brincar.

Estudo Acompanhado – 5.º C

Os alunos resolveram uma ficha de trabalho sobre estatística e enquanto o faziam o professor de português foi tirando anotações do comportamento dos alunos. Antes de se iniciar o trabalho de Língua Portuguesa o professor fez questão de referir o perfil de cada aluno dizendo que sabia, à partida, o futuro dos alunos. Todos os aspetos que foram ditos aos alunos foram negativos, passo a explicitar: “Eu acho que tu vais ser um assaltante de bancos.” ou “O aluno X é egoísta, estúpido, irritante, entre outras coisas.”

Depois deste discurso, os alunos contrariados, aprenderam a fazer um resumo.

Ciências da Natureza – 6.º B

A professora escreveu no quadro uma síntese sobre a matéria das plantas que se encontrava num manual. Após isto, os alunos, à medida que chegavam à sala, punham-se a passar para o caderno a informação. Para além disto os alunos resolveram mais duas fichas de trabalho. Todo o conteúdo das plantas foi dado através de fichas sem nunca a professora explicar como se processam as coisas.

Inferências/Fundamentação Teórica

O comportamento dos alunos na Área Curricular de Estudo Acompanhado alterou-se significativamente após os comentários do professor. Esta atitude levou a que dificilmente conseguisse levar os alunos a trabalhar tendo de recorrer à negociação.

Perrenoud (1999) refere-se à negociação como “(...) uma forma não só de respeito para com eles, mas também um desvio necessário para implicar o maior número possível de alunos em processos de projeto ou solução de problemas.” Mas, esta negociação só funciona, ainda segundo o mesmo autor, “(...) se o poder local for realmente partilhado e

se o professor escutar as sugestões e as críticas dos alunos, lidando corretamente com as situações.” (p. 62)

Apesar de o professor ter dado a oportunidade dos alunos se expressarem não lidou corretamente com a situação o que originou dificuldades na retoma ao trabalho.

terça-feira, 13 de março de 2012

Matemática – 6.º H

Nesta área disciplinar dei aula sobre as escalas. Apesar de ser previsto dar apenas 45 minutos acabei por dar os 90 minutos da aula uma vez que a professora estava adoentada. Decidi introduzir a noção de escala com a ajuda de um *Powerpoint* passando para a explicação da leitura e interpretação dos diferentes tipos de escalas, dando sempre vários exemplos. Coloquei dois problemas aos alunos sobre este tema para que, em conjunto, tentássemos explorar os diferentes tipos de raciocínios usados por cada aluno. Após a explicação entreguei a cada aluno uma ficha de trabalho.

Língua Portuguesa – 6.º B

A minha colega de estágio deu aula sobre as frases complexas por coordenação e subordinação servindo esta como revisão uma vez que a professora titular já deu todos os conteúdos gramaticais. A aula iniciou-se com a leitura modelo de um texto do manual “A primeira flor viva”. Concluída a leitura, os alunos responderam na oralidade a perguntas de interpretação seguindo-se a leitura por parte destes. À medida que iam lendo iam sendo interrompidos para responderem a perguntas do conhecimento explícito da língua. A partir de uma frase do texto a minha colega fez uma revisão do tipo de frases complexas concluindo a aula com uma ficha de trabalho.

História e Geografia de Portugal – 6.º E

Para este dia eu e os meus colegas de estágio preparámos uma aula em conjunto sobre as invasões francesas, em que cada um de nós representou um general usando um chapéu típico desta época e deste cargo. Eu comecei a aula fazendo uma breve introdução e revisão dos conteúdos já abordados na sala e introduzi a 1.º invasão. O meu colega explicou tudo o que estava relacionado com esta invasão introduzindo a 2.º invasão, a qual eu expliquei, passando depois para a parte da minha colega. Todos nós recorremos ao *Powerpoint* para uma melhor explicação. No final, colocámos um vídeo sobre a 2.º invasão e mostrámos ainda uma recriação de uma batalha para que os alunos conseguissem ver em especial a vestimenta típica da época.

Inferências/Fundamentação Teórica

Quando eu e os meus colegas preparávamos esta aula em conjunto, decidimos desde logo que os conteúdos teriam de ser explorados de uma forma diferente do habitual não esquecendo do encadeamento lógico da História. Reizinho (s.d) diz que a História deve “(...) dar lugar a exercícios de interpretação dos acontecimentos, que levem o aluno a encadeá-los logicamente, a ligá-los.” (p. 162). A interpretação que os alunos fizeram, quando conversámos com os eles no final da aula, revelou que, realmente compreenderam aquilo que foi explicado, conseguindo encaixar este período da História, nos conteúdos já assimilados anteriormente. Os conteúdos de História não devem assim, ser um mero exercício de memória mas sim, também, um exercício de raciocínio.

sexta-feira, 16 de março de 2012

Matemática – 5.º B

Uma vez mais a aula teve vários incidentes a nível de indisciplina a qual a professora nunca conseguiu controlar havendo alunos sempre em pé, a mexer no computador, a esconderem os materiais de outros alunos e a conversar. Enquanto toda esta agitação decorria, a professora introduziu o diagrama de caule e folhas pela primeira vez. Depois de ter dado todos os valores aos alunos a professora fez no quadro o diagrama sem dizer nada aos alunos.

Terminado o diagrama a professora explicou aos alunos como se fazia, contudo, explicou erradamente os conteúdos preenchendo erradamente o diagrama e chamando ao algarismo das unidades dezenas e vice-versa. Quando passou para um exercício do manual a professora fez a estrutura do diagrama e para o preencher recorreu às soluções do manual. Os alunos ao olharem para aquela resolução disseram que não foi assim que tinham feito anteriormente e a professora respondeu que era outra maneira de fazer. Só a partir do momento em que a professora viu as soluções do manual é que começou a explicar bem aos alunos.

Estudo Acompanhado – 5.º C

O professor falou com os alunos sobre o concurso que está a decorrer na escola para os alunos do 2.º Ciclo. O propósito deste concurso é colocar os alunos a escrever e, como tal, cada aluno tem de escrever um texto a partir de uma frase inicial. A preocupação principal dos alunos foi de saber se havia algum prémio. O professor disse

que não sabia qual era o prémio e todos os alunos tinham de fazer o texto. Alguns alunos não quiseram fazer e fizeram só uma frase pelo que, o professor agarrou na folha e rasgou. Assim, alguns alunos desistiram de fazer, havendo mesmo um aluno que saiu da sala após o professor rasgar o seu trabalho.

Ciências da Natureza – 6.º B

Os alunos fizeram teste de avaliação.

Inferências/Fundamentação Teórica

Para esta aula era necessário que a professora dominasse o diagrama de caule e folhas, de forma a passar claramente os conhecimentos pretendidos.

Azcárate (1999 referido por Gaio e Duarte, 2004), refere que o professor, com as suas ideias sobre a Matemática e o seu ensino, incluindo o seu conhecimento matemático, decide o tipo de atividades matemáticas apresentadas aos alunos. Assim, se ele não tiver desenvolvido competências matemáticas essenciais para o ensino não poderá contribuir para o seu desenvolvimento. (p. 126).

Um professor deve estar consciente do programa adotado pela escola e estar preparado convenientemente, conforme aquilo que é solicitado.

terça-feira, 20 de março de 2012

Matemática – 6.º H

Nesta aula a professora fez a correção de uma ficha de avaliação, tendo insistido essencialmente nos alunos com mais dificuldades e que demonstraram mais fragilidades nos exercícios. A correção foi feita no quadro sendo os alunos a responder sempre. Na segunda parte da aula a minha colega fez uma revisão das áreas das figuras geométricas e introduziu o volume focando-se especificamente no volume do cilindro. Esta aula foi dada pela minha colega pois foi uma tentativa de melhorar o que correu menos bem na aula anterior. Os conteúdos revistos e introduzidos foram feitos através de um *Powerpoint* e exercícios no quadro. Para terminar os alunos passaram para o caderno os trabalhos de casa para a próxima aula.

Língua Portuguesa – 6.º B

O meu colega deu aula de 90 minutos fazendo uma revisão das subclasses dos determinantes e dos pronomes explicando como reconhecer, numa frase, se é um

determinante ou um pronome. A aula iniciou-se com a revisão dos conteúdos através de um *Powerpoint* e do diálogo. Os alunos aproveitaram a aula para retirar dúvidas e consolidar a matéria. Terminada a revisão, prosseguiu-se a aula com a leitura modelo do texto passando depois para a leitura dos alunos. O texto foi explorado oralmente através de perguntas diretas concluindo a aula com uma ficha de trabalho.

História e Geografia de Portugal – 6.º E

A professora abordou conteúdos já dados como forma de revisão e introduziu matéria nova situando os alunos no manual escolar. Uma aluna foi colocada na rua e outros alunos foram avisados de que poderiam ir pelo mesmo caminho.

Inferências/Fundamentação Teórica

Esta atitude constante da professora em colocar os alunos na rua não ajuda a criança, bem pelo contrário, só despoleta um comportamento idêntico ao anterior. Para Carita e Fernandes (1997) o professor “Recorre então espontaneamente a procedimentos tradicionais, que conheceu enquanto aluno e continuam práticas correntes nas escolas: usa a autoridade, levanta a voz, grita e ordena, assim tentando repor (e impor) a ordem.” (p. 101).

Esta atitude depende também da relação que o professor tem com a turma, pois algumas vezes não existe qualquer motivo para o aluno ser repreendido e a verdade é que este é repreendido e colocado na rua. Ora, a criança ao não entender o porquê de ser colocado na rua, tende a desvalorizar a posição daquele professor não mostrando qualquer interesse nas suas aulas.

sexta-feira, 23 de março de 2012

Matemática – 5.º B

À medida que os alunos iam entrando na sala pediam à professora para fazer só jogos uma vez que é o último dia de aulas do 1.º período. A professora fez a correção do desafio de matemática do mês e depois disto os alunos fizeram jogos e alguns alunos estiveram no computador.

Estudo Acompanhado – 5.º C

Esta última aula do 1.º período serviu para fazer a correção do desafio de Matemática do mês e a auto-avaliação. Antes de darem a nota final a cada aluno os

professores foram-nos perguntando se concordávamos com a classificação. Alguns alunos não acharam justas as notas dos colegas o que gerou alguma confusão e, inclusivé, um aluno saiu da sala sem pedir autorização aos professores.

Ciências da Natureza – 6.º B

O meu colega deu aula neste último dia de aulas do 1.º período estando os alunos um pouco agitados. A aula tinha como tema as plantas e foram focadas especificamente as plantas carnívoras. Isto foi feito recorrendo a um *Powerpoint* e falando com os alunos. No final, realizaram uma proposta de trabalho sobre os constituintes da planta.

Inferências/Fundamentação Teórica

Em todas as aulas que dei em 2.º ciclo, bem como os meus colegas, insistimos sempre no cumprimento de regras de sala de aula. Uma das regras mais solicitadas aos alunos foi a colocação do dedo no ar cada vez que queriam participar nas aulas pois, quando esta regra não é cumprida afeta o ritmo da aula existindo necessidade de interromper constantemente para os chamar à atenção. Lopes (2001) diz que:

o “levantar o braço”, em particular, tem uma importante função reguladora do comportamento dos alunos. Permite que os alunos aprendam a falar um de cada vez, controlando a impulsividade da resposta ou, ocasionalmente, escolher um aluno que o professor sabe estar dentro do assunto, evitando-se assim distrações desnecessárias ou longas esperas que podem redundar em agitação dos alunos. (p. 115)

Uma vez estabelecidas as regras de funcionamento em sala de aula o professor não deve nunca descurar desta importante função reguladora tão pertinente para o bem estar de todos e para uma boa organização e interiorização dos conteúdos.

Concluído mais uma importante momento de estágio chego à conclusão de que os alunos nestas idades são muito interessantes pois, contrariamente ao 1.º ciclo estes revelam já alguma maturidade, um grande sentido de responsabilidade e cognitivamente é muito desafiante trabalhar com estes alunos. O professor ao trabalhar com estas faixas etárias tem de estar munido de inúmeras estratégias de ensino as quais têm de ser desafiantes para os alunos, capazes de suscitar o interesse de todos. Esta bagagem de conhecimentos tem de estar presente ao longo do 1.º ciclo também porém, tem de ser dada uma maior autonomia e responsabilidade ao aluno para que estes se sintam bem

em sala de aula.

É fundamental criar uma boa relação com os alunos bem como, estabelecer regras em que tanto o professor como os alunos as têm de cumprir. Assim feito, o professor desencadeará na sua turma um profundo interesse por tudo aquilo que está a ser desenvolvido em sala de aula não esquecendo também, do fortalecimento de laços afetivos que se cria entre o docente e os discentes.

1.7. 2.º ESTÁGIO INTENSIVO

Período de estágio: de 27 de fevereiro de 2012 a 2 de março de 2012

Faixa etária: 10/11 anos

1.7.1. Caracterização da escola:

Situado numa quinta com cerca de 4,5 ha, perto de Sintra, em pleno coração da zona saloia, o Colégio encontra-se situado numa zona sub-urbana bastante povoada.

O Colégio é formado por distintos blocos onde funcionam, respetivamente, o Pré-Escolar, o 1.º, o 2.º e o 3.º Ciclos.

São cerca de 1200 alunos, com idades compreendidas entre os 6 e os 15 anos, distribuídos por várias turmas do Pré-Escolar ao 9.º ano.

A maioria dos alunos é do Concelho de Sintra, embora também seja significativa a representatividade do Concelho da Amadora.

A maior percentagem de alunos vive com os pais e irmãos, havendo alguns agregados familiares que incluem também os avós. Relativamente às habilitações literárias dos pais, a maioria possui curso superior.

1.7.2. Caraterização da turma:

A turma é constituída por 26 alunos dos quais 9 são raparigas e 17 são rapazes.

A turma apresenta um elevadíssimo interesse em tudo o que acontece na sala, independentemente da disciplina, revelando também interesse em todas as atividades que estão a decorrer no colégio.

O rendimento de trabalho apresentado pela turma é elevadíssimo o que se pode comprovar mais tarde nos bons resultados obtidos.

1.7.3. Horário:

No quadro 8 encontra-se o Horário do 6.º ano B retirado do modelo do horário fornecido pela Professora da sala.

Quadro 8 – Horário do 6.º ano B

Horas	2ª. feira	3ª. feira	4ª. feira	5ª. feira	6ª. feira
8:45 – 9:30	HGP	EF	INF	ING	EMRC
9:35 – 10:20	MAT	EVT	EA	LPO	LPO
10:40 – 11:25	CN	EVT	LPO	MAT	LPO
12:45 – 13:30	AC	HGP	HGP	CN	MAT
13:35 – 14:20	LPO	CN	EM	EVT	MAT
14:35 – 15:20	ING	MAT	MAT	EF	FC
15:25 – 16:10	EVT	LPO	ING	EF	EM

Legenda:

HGP – História e Geografia de Portugal	ING – Inglês
LPO – Língua Portuguesa	EM – Educação Musical
MAT – Matemática	EF – Educação Física
CN – Ciências da Natureza	EA – Estudo Acompanhado
INF – Informática	FC – Formação Cívica
EVT – Educação Visual e Tecnológica	
EMRC – Educação Moral e Religião Católica	

1.7.4. Resumo do estágio

Escolhi esta escola para estagiar na valência de 2.º Ciclo para aumentar a minha experiência neste ciclo de escolaridade.

Uma das grandes diferenças de todas as escolas nas quais eu já estagiei é a organização da escola. Ao contrário de outras, neste colégio o aluno, assim que chega de manhã, dirige-se ao seu cacifo onde coloca todo o material que trouxe.

Leva apenas consigo o material para as duas aulas da manhã não andando sequer com a mala, transportam o material na mão. Ao terminar estas duas aulas o aluno tem intervalo durante o qual tem tempo para brincar, alimentar-se e preparar o material para a última aula da manhã.

Depois do almoço, o aluno necessita de levar o material para as duas aulas seguintes seguindo-se um intervalo no final destas aulas. Para terminar o dia o aluno vai buscar o material necessário para as duas últimas aula do dia. Os intervalos de cinco minutos que existem entre algumas aulas servem para os alunos trocarem de sala uma vez que não estão sempre na mesma.

Este momento que os alunos têm para ir buscar o material que necessitam permite que estes descontraíam um pouco com os colegas daí o interesse e o sossego que transmitem durante as aulas.

Ao longo dos cinco dias de estágio no colégio tive a oportunidade de acompanhar esta turma do 6.º ano vendo as diferentes estratégias e modos de atuar dos diferentes professores nas diferentes disciplinas. Esta foi uma mais valia a nível de aprendizagem para mim tendo este sido um estágio muito produtivo para a construção do meu ser pessoal e profissional.

Todos os professores apresentaram grandes preocupações nas transmissões dos conhecimentos variando constantemente as estratégias e os modos de explicar. Tive ainda a oportunidade de assistir à preparação para os testes, realização dos mesmos, realização de fichas de trabalho, trabalhos de grupo, aulas de natação, aulas de hipismo, campeonatos de conhecimentos da Língua Portuguesa e, inclusivé, acompanhar a turma numa visita de estudo ao Museu da Eletricidade.

Sempre que possível, intervi nas aulas de modo a conseguir estabelecer uma relação com os alunos e com os professores. Alguns professores concederam-me a oportunidade de explorar alguns conteúdos, nomeadamente a Matemática e a Ciências da Natureza.

Inferências/Fundamentação Teórica

O uso de estratégias diferentes em qualquer disciplina é uma mais valia para a aprendizagem dos alunos, tal como já referimos anteriormente. Porém, é necessário definir estratégia para que mais facilmente compreendamos o quão importante é a conceção destes atos. Segundo Ribeiro e Ribeiro (1989):

Por estratégia de ensino entende-se um conjunto de acções do professor orientadas para alcançar determinados objectivos de aprendizagem que se têm em vista. O termo «estratégia» implica um plano de acção para conduzir o ensino em direcções a objectivos fixados, traduzindo-se tal plano num determinado modo de se servir de métodos e meios para atingir esses resultados. (p.439)

A estratégia constitui então um meio para atingir um fim. Ao conceber uma estratégia o professor adapta-la-à à sua turma e aos conceitos que pretende transmitir. Quando a estratégia é pensada atempadamente e existe a preocupação de pensar numa estratégia este é com certeza um dos fatores determinantes para obter sucesso profissional assegurando também o sucesso dos alunos cognitivamente.

1.8. 8.^a SECÇÃO – 4.º ANO

Uma vez que a Prova Prática de Aptidão Profissional será realizada no 4.º ano do Jardim-Escola João de Deus/Olivais seguir-se-ão relatos do 1.º Ciclo do Ensino Básico novamente.

1.8.1. Caracterização da turma:

A turma do 4.º ano é constituída por 22 alunos. 16 alunos são rapazes e 6 alunas são raparigas.

Em geral, esta turma apresenta elevadas capacidades cognitivas sendo que, por vezes, não a aproveitam tanto quanto o poderiam fazer. Alguns alunos distraem-se com alguma facilidade não ajudando à aprendizagem em momentos específicos. A relação que estabelecem entre eles é muito boa e diria até saudável pois sempre que necessário conversam sobre algo que aconteceu e que foi menos positivo.

Sendo a maioria da turma constituída por rapazes a agitação faz-se sentir em alguns momentos.

1.8.2. Horário:

No quadro 9 encontra-se o Horário da turma retirado do modelo do horário fornecido pela Professora da sala.

Quadro 9 – Horário do 4.º ano

Horas	2.ª. feira	3.ª. feira	4.ª. feira	5.ª. feira	6.ª. feira
9h – 10h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
10h – 11h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
RECREIO					
11h30 – 12h	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
12h – 12h50	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Experiências
13h – 14h30	ALMOÇO				
14h30 – 15h20	Educação Física	Estudo do Meio	Música	Música	Estudo do Meio
15h20 – 16h10	Expressão Plástica	História	Inglês	Biblioteca	História
16h10 – 17h	Expressão Plástica	Estudo do Meio	História	Área Projeto	Assembleia de Turma
SAÍDA					

1.8.3. Relatos diários

terça-feira, 10 de abril de 2012

Hoje teve início o último momento de estágio que foi realizado nesta sala do 4.º ano. No primeiro dia do 3.º período os alunos fizeram exercícios de revisão de matemática ao qual se seguiu a correção da prova de aferição de Língua Portuguesa até à hora do almoço. A prova de aferição começa com um excerto de um texto o qual foi lido por todos os alunos em voz alta quando solicitados pela professora.

Da parte da tarde, depois do recreio do almoço, os alunos regressaram à sala de aula onde abordaram a área de História e Geografia de Portugal. Nesta área todos os alunos leram o apontamento sobre D. José I em voz alta e prosseguiu-se com a exploração do texto através do diálogo entre a professora e os alunos. Terminada esta aula, os alunos foram para sala de computadores com a professora titular a qual dá esta área curricular. Os alunos realizaram um jogo de criação de frases sendo necessário fazê-lo no *Word* ajudando assim os alunos a praticarem a utilização dos computadores.

Inferências/Fundamentação Teórica

O momento da utilização dos computadores é algo que os alunos anseiam muito pois, sendo uma tecnologia do presente, os alunos tentam acompanhar a evolução da mesma e querem aprender cada vez mais. A motivação é um fator preponderante para esta aprendizagem. Balancho e Coelho (1996) referem que “(...) o motivo deve variar com

o tipo de trabalho, a idade, o desenvolvimento físico e mental do aluno e a necessidade de lhe inculcar certos hábitos, atitudes e destrezas que a vida lhe exige; em toda a aprendizagem, porém, deve revelar-se a importância daquilo que o aluno aspira realizar. (p. 21).

Uma vez tendo em conta aquilo que o aluno deseja, aliado às aprendizagens necessárias para o seu desenvolvimento cognitivo, ocorre uma boa transmissão dos conhecimentos capazes de tornar esta vivência muito significativa para o aluno.

sexta-feira, 13 de abril de 2012

A professora falou com os alunos sobre as regras da prova de aferição procedendo-se à realização de uma prova de aferição de Matemática, servindo esta de treino e, durante a qual, a professora cumpriu todas as regras não esclarecendo qualquer tipo de dúvida. Concluída a prova, foi feita a leitura e interpretação oral do texto “Volta a Portugal...na asneira” do manual de Língua Portuguesa. Para além disto, a professora fez a exploração do funcionamento da língua. No decorrer desta aula a professora fez interdisciplinaridade com a área de Estudo do Meio explorando conteúdos já abordados.

Da parte da tarde, os alunos tiveram aula de História de Portugal falando sobre o rei D. João VI cognominado de “O Clemente”. Para introduzir este tema a professora falou com os alunos sobre as invasões francesas entregando depois um apontamento sobre o rei em questão. Os alunos leram o apontamento em voz alta quando solicitados pela professora e, para complementar, foram passadas cinco questões sobre o tema.

Inferências/Fundamentação Teórica

O professor por vezes centra-se demasiado nos conteúdos programáticos acabando por se esquecer no modo como os irá transmitir. Transmissão essa que fará toda a diferença na compreensão dos conceitos.

Das finalidades, objetivos e orientações metodológicas dos novos programas resulta a necessidade, segundo Manique e Proença (1994):

(...) de adopção de práticas pedagógicas que estimulem a construção do conhecimento por parte dos alunos, e de utilização de estratégias de ensino/aprendizagem que desenvolvam neles a autonomia pessoal e intelectual e que contribuam para a formação da consciência cívica, conducente a uma intervenção responsável na vida colectiva por parte dos cidadãos em formação. (p. 5)

Mais do que existir uma preocupação em transmitir apenas os conteúdos as estratégias utilizadas têm de ser repensadas e adaptadas a cada turma e a cada aluno. Só assim se conseguir suscitar algum interesse na criança.

terça-feira, 17 de abril e 2012

Neste dia, a aluna de Mestrado do Pré-escolar e 1.º Ciclo, que está na minha sala temporariamente, deu a sua manhã de aula até à hora do almoço. A primeira área explorada foi a de Língua Portuguesa, na qual foi lido o texto “A árvore” de Sophia de Mello Breyner. Concluída a leitura, foi feita a interpretação do texto e exploração do funcionamento da língua através da oralidade.

Para explorar a área de Estudo do Meio, a minha colega começou por questionar os alunos sobre o que entendem por silvicultura. Para explicar este conceito teve o auxílio de um *Powerpoint* o qual utilizou também para enumerar as diferentes árvores que fazem parte da silvicultura, a sua importância, os principais produtos extraídos das árvores e as regiões onde se pratica a silvicultura. Para finalizar a aula, foi feito um jogo cujo objetivo era associar alguns elementos às respetivas árvores.

Depois do intervalo da manhã, foi explicado aos alunos a diferença entre um número complexo e um número incompleto e como se faz a conversão de um número complexo para um número incompleto. Entregue a ficha informativa sobre este tema, procedeu-se à leitura da mesma seguindo-se a realização de uma ficha formativa.

Da parte da tarde os alunos exploraram a área de História começando por ler um apontamento sobre D. Maria I e realizando uma ficha de trabalho sobre a mesma. Os alunos podiam recorrer ao apontamento, quando não soubessem responder, mas tinham de assinalar com um asterisco as respostas consultadas para que a professora ficasse a saber onde tiveram dificuldades.

Inferências/Fundamentação Teórica

Apesar de na área das Ciências ser muito importante o trabalho manipulativo para uma melhor compreensão de conceitos, não se pode contudo, deixar de fazer também outro tipo de abordagens. Santos (2002) reporta-nos para a importância de colocar os alunos a pensar quando nos diz que o professor:

(...) deve fornecer actividades que levem os alunos a pensar sobre o conteúdo da Ciência e que não os envolva apenas em actividades manipulativas. A actividade da Ciência deve encorajar os alunos a usar processos de pensar, de modo a compreenderem o conteúdo da Ciência. (p. 74)

Ao dialogar com os alunos, a aluna estagiária transmitiu os conteúdos apelando ao desenvolvimento da capacidade cognitiva.

sexta-feira, 20 de abril de 2012

O dia de estágio iniciou-se com um ditado o qual foi interrompido para que uma das minhas colegas do Mestrado fizesse a sua Prova Prática de Aptidão Profissional. A aluna estagiária começou por dar pistas sobre o tema da aula mostrando algumas peças de puzzle, utilizando o quadro interativo, as quais continham a imagem do Mosteiro dos Jerónimos. A partir daqui, os alunos foram levados a conhecer o Mosteiro através de imagens contidas num *Powerpoint* e foi explicada a função do Mosteiro antigamente e hoje em dia.

Aproveitando o facto de o túmulo de Luís Vaz de Camões estar no Mosteiro dos Jerónimos, a minha colega passou para a área de Língua Portuguesa na qual os alunos tinham versos de uma parte dos *Lusíadas* e tinham de tentar colocar a estrofe como é na realidade. Foram dadas algumas pistas para ajudar os alunos.

Aproveitando o 5.º Dom de Froebell os alunos construíram a igreja a qual serviu de mote para fazerem um exercício. Este consistia em resolver pistas pois as mesmas permitiam dispor corretamente a “família do Bernardo” nos bancos da igreja do Mosteiro dos Jerónimos.

Para terminar a prova os alunos foram conduzidos ao exterior da sala onde realizaram um jogo. Neste jogo os alunos estavam sentados no chão dispostos numa fila indiana e o objetivo era ir passando a bola para o colega de trás, o último da fila tinha de

se levantar e passar para o topo da fila.

A seguir ao intervalo os alunos foram para a sala e, uma vez que a professora estava na reunião, o professor do outro 4.º ano foi à nossa sala passar duas operações com números complexos. Quando terminaram este exercício continuamos o ditado que tinham iniciado de manhã.

Da parte da tarde a professora realizou um jogo. A turma foi dividida em três equipas as quais iam perdendo ou ganhando pontos consoante o comportamento e quantidade de respostas corretas. A maioria das perguntas visava a área de Estudo do Meio, surgindo também uma pergunta de História.

Inferências/Fundamentação Teórica

Durante a realização da Prova Prática de Aptidão Profissional apercebi-me de que, por vezes, os alunos não tinham tempo de continuar o raciocínio em voz alta pois quando questionadas pela colega esta não dava muito tempo para que este processo decorresse conforme a necessidade do aluno. Pereira (2002) afirma que: “Ao invés de emendar a criança, de ter pressa em corrigi-la, haverá que interagir com a criança, dando-lhe tempo para que ela se explique melhor, para que ela elabore melhor a sua ideia e seja capaz de a verbalizar.” (p. 79).

Esta interação que o autor refere ajuda o aluno a desenvolver as suas ideias revelando-se muito satisfatório no desenvolvimento da criança a curto, médio e longo prazo.

terça-feira, 24 de abril de 2012

Uma colega do Mestrado do Pré-escolar e 1.º Ciclo deu a sua aula de manhã inteira. Começou com a área de Matemática a qual foi explorada até ao intervalo da manhã. O assunto abordado foi a conversão dos números complexos para números incomplexos. Depois de explicar aos alunos como se fazia esta conversão, entregou uma ficha informativa seguido de uma ficha formativa.

Em Língua Portuguesa a colega utilizou um *Powerpoint* para explicar as frases coordenativas, entregando no final uma ficha informativa e outra formativa.

Para concluir a manhã de aulas, a atividade económica explorada foi o comércio, fazendo uma exploração do comércio interno e externo (sendo este último subdividido em exportação e importação).

Inferências

Tal como já foi referido anteriormente, ter a oportunidade de assistir a aula dadas por colegas estagiárias, ajuda na minha formação enquanto futura professora.

sexta-feira, 27 de abril de 2012

O horário da turma hoje foi alterado devido ao Roullemant que ocorrerá na próxima segunda-feira. Como tal, da parte da manhã os alunos tiveram Expressão Plástica na qual concluíram a prenda para o dia da mãe.

Após a chegada dos alunos à sala depois do intervalo, eu e a minha colega concluímos com os alunos a última atividade referente à visita de estudo.

Da parte da tarde, os alunos fizeram a avaliação de Matemática, concluindo o dia de aulas com a aula de barro.

Inferências

Os alunos mostraram-se muito entusiasmados sempre que estiveram em contacto com as Expressões a qual constitui um momento fulcral para desenvolver múltiplas capacidades. Essas capacidades já foram referenciadas anteriormente neste relatório.

sexta-feira, 4 de maio de 2012

Da parte da manhã, os alunos foram distribuídos por grupos, tendo permanecido nesta disposição durante toda a manhã, e trabalharam os polígonos. Para introduzir este material a professora começou por explicar como era constituído e quais as regras de utilização. À medida que ia pedindo aos alunos para acrescentarem um cubo ao já existente ia perguntando as características. Depois de fazer várias vezes este exercício foram introduzidos os nomes de cada figura.

Depois disto, foi dado a cada grupo uma cartolina que continha as linhas que

limitavam uma figura. Os alunos tiveram de formar a figura que lhes calhou tendo de conjugar corretamente apenas as 10 peças que tinham à disposição. Alguns grupos conseguiram fazer esta tarefa e outros precisaram de consultar a ficha que continha parte da representação das peças (Figura 10).

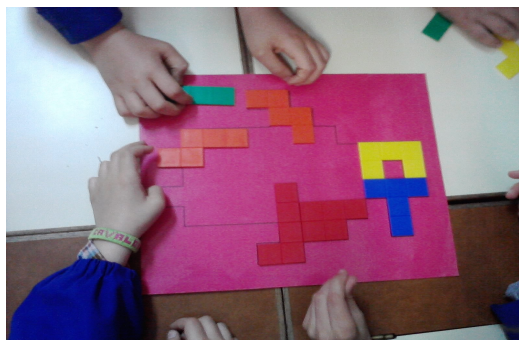


Figura 12 – *Alunos a trabalharem com os poliminós*

Esta aula foi interrompida pois estava na hora do Clube de Ciências. Nesta aula os alunos fizeram a experiência do ovo a qual comprovava os constituintes do ar. Da parte da tarde, os alunos concluíram a atividade de Matemática e desenvolveram os conhecimentos de História de Portugal.

Inferências/Fundamentação Teórica

Tal como todos os outros materiais manipuláveis, utilizados na área de Matemática, os poliminós também representam um importante meio de atingir o desenvolvimento cognitivo dos alunos. Caldeira (2009) defende que os poliminós “Permitem desenvolver o raciocínio lógico-educativo através de diversas atividades. “ (p. 423). Assim, a professora ao explorar de diferentes maneiras este material está a desenvolver nos seus alunos capacidades fundamentais tornando-se também num momento lúdico.

O Clube de Ciências é um momento muito aguardado por todos os alunos. A prática de atividades experimentais é muito importante num contexto escolar. Craidy e Kaercher (2001), relativamente a este propósito, afirmam que “(...) o ensino das ciências na educação infantil propicia a interacção com diferentes materiais, a observação e o registo de muitos fenómenos, a elaboração de explicações, enfim, a construção de conhecimento e de valores pelas crianças.” (p.163)

É interessante ver o quão importante este momento é para os alunos que no decorrer das atividades demonstram muito empenho e dedicação querendo sempre continuar a explorar.

terça-feira, 8 de maio de 2012

A minha manhã de aulas foi dada hoje tendo iniciado com a área de Língua Portuguesa. Comecei por colocar o som das ondas do mar procedendo à leitura de um excerto da obra de Sophia de Mello Breyner, *A Menina do Mar*. Após ter concluído a leitura questionei os alunos, na oralidade, de maneira a testar a compreensão oral. Continuando com o som das ondas do mar foi entregue a cada aluno o texto.

Após pedir a alguns alunos que lessem o texto fiz perguntas sobre o funcionamento da língua. Com uma breve história sobre a personagem do nosso texto introduzi a área de Matemática cujo tema era as equações de 1.º grau.

Começando com um enigma conduzi os alunos até à equação do 1.º grau solicitando que estes me dessem uma definição para equação. Depois de explicar o conceito de equação, ensinei os nomes de cada parte de uma equação efetuando exercícios na oralidade como meio de consolidação. Com o auxílio do quadro expliquei como realizar os cálculos de uma equação, à qual se seguiu a entrega da ficha informativa. Após ter sido feita a leitura desta ficha foi distribuída a ficha formativa. Depois do intervalo os alunos continuaram a resolução da ficha de Matemática.

Quando concluída a ficha por parte de todos os alunos, conduzi-os até à experiência de Estudo do Meio na qual os alunos estudaram a densidade dos líquidos e verificaram quais os líquidos mais/menos densos quando comparados.

Depois do almoço, a professora explicou como foi o reinado de D. Maria II fazendo de seguida a leitura individual sobre o apontamento desta rainha.

Inferências/Fundamentação Teórica

No decorrer das aulas que já lecionei tento sempre ter em consideração a diferença existente entre os alunos da turma vendo cada aluno como um ser único tentando adoptar estratégias diferentes de modo a conseguir chegar a todos eles. Grave-Resendes e Soares (2002) advogam que “A diversidade dos alunos exige diversidade de respostas no processo de ensino-aprendizagem.” (p. 25)

Ver cada aluno como um ser único leva a que o professor tenha de arranjar diferentes meios de chegar a cada um, aumentando assim a probabilidade de sucesso no que se refere à aprendizagem feita.

sexta-feira, 11 de maio de 2012

Uma vez que foi dia da prova de aferição de Matemática do 4.º ano, a manhã de estágio foi passada com a turma do 3.º ano numa visita de estudo ao teatro Bocage, para ver a peça de teatro “A alegre História de Portugal em 90 minutos”. Esta peça teve como propósito fazer uma revisão da História de Portugal nomeando todos os reis e presidentes que fizeram parte da nossa história. Esta informação foi transmitida de uma forma alegre e fazendo sempre a transposição para os acontecimentos atuais.

Da parte da tarde, voltei para a sala do 4.º ano onde a professora corrigiu alguns exercícios da prova de aferição, esclarecendo as dúvidas dos alunos, seguindo-se uma introdução do tema da pecuária.

Inferências/Fundamentação Teórica

As provas de aferição visam, segundo o Gabinete de Avaliação Educacional (GAVE), do Ministério de Educação, conferir as competências e objetivos essenciais no final do 1.º e 2.º Ciclos: “As provas de Aferição de Língua Portuguesa e de Matemática dos 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico visam avaliar o modo como os objetivos e as competências essenciais de cada ciclo estão a ser alcançados pelo sistema de ensino.”

Desta forma, os alunos fecham o ciclo de ensino aplicando todos os conhecimentos adquiridos ao longo do ano.

Terminada a prova pude verificar que os alunos mostraram-se muito satisfeitos com a sua prestação, dizendo que a prova tinha sido muito fácil.

terça-feira, 15 de maio de 2012

A minha colega deu aula de manhã inteira começando por explorar a área de Língua Portuguesa onde foi feita a revisão da notícia. A manhã de aula iniciou-se com a leitura do texto o qual falava sobre a comemoração do centenário do naufrágio do Titanic.

Depois de feita a leitura seguiram-se perguntas de interpretação passando à

estrutura da notícia. Fazendo interdisciplinaridade foi introduzido a pesca, conteúdo este da área de Estudo do Meio. Para concluir o tema os alunos leram a ficha informativa sobre a pesca. A meio desta aula os alunos dirigiram-se ao ginásio a fim de ouvirem uma pequena apresentação sobre os Açores.

Para introduzir o tema dos números negativos os alunos foram para o pátio da escola onde tiveram de procurar envelopes escondidos. Estes continham parte da história dos números negativos.

Após isto, os alunos foram para a sala onde, através de um *Powerpoint*, ficaram a perceber o que são os números negativos e onde os podemos encontrar no quotidiano. Foi distribuída uma ficha informativa procedendo-se à leitura da mesma. Para finalizar os alunos realizaram uma ficha formativa sobre os números negativos.

Da parte da tarde os alunos exploraram a área de História de Portugal na qual leram o apontamento sobre D. Maria II.

Inferências/Fundamentação Teórica

Ao introduzir um novo conteúdo de Matemática de uma forma diferente da habitual a minha colega proporcionou-lhes um momento lúdico, o qual estimulou os alunos para a aprendizagem da matemática.

Para a Comissão on Teaching Standards for School Mathematics (1994):

“(...) As actividades que os alunos realizam devem encorajá-los a raciocinar sobre ideias matemáticas, a estabelecer conexões, e a formular, enfrentar e resolver problemas.” (p. 34)

Uma vez motivados para a aula os alunos revelaram muito interesse nos conteúdos explorados na área da Matemática.

Integrado dentro da área de Estudo do Meio encontra-se a História de Portugal na qual os alunos vão fazendo as suas descobertas do nosso passado. Segundo as Metas de Aprendizagem do 1.º Ciclo no domínio da localização no espaço e no tempo, referentes ao 4.º ano, o aluno deve ser capaz de identificar: “(...) mudanças e permanências ao longo do tempo pessoal, local e nacional, reconhecendo diferentes ritmos (mudança gradual ou de ruptura) e direcções (progresso, ciclo, permanência, simultaneidade)”. Ao longo do estudo da História os alunos vão aprendendo as diferenças e semelhanças entre o passado e o presente quanto a recursos materiais, tecnológicos, económicos e sociais.

Os temas de História de Portugal despertam uma grande curiosidade nos alunos.

Através do conhecimento cronológico dos acontecimentos que decorreram na História portuguesa, os alunos desenvolvem noções temporais o que lhes permite ter uma percepção generalizada do tempo. Para Borràs (2001), “(...) a aquisição de categorias e noções temporais é uma necessidade para o indivíduo, para a estruturação do tempo pessoal e a plena integração no tempo colectivo.” (p. 408)

É importante que os alunos durante a frequência no Ensino Básico comecem a criar noções históricas e cronológicas dos acontecimentos, pois tal como afirma Borràs (2001): “(...) a correcta compreensão do tempo e de noções como simultaneidade e sucessão, continuidade e mudança é condição indispensável para abordar ao longo do ensino básico.” (p. 408)

Nesta altura, os alunos devem adquirir conhecimentos históricos que lhes permitam perceber e responder a inúmeras questões do dia-a-dia. O mesmo autor sugere que “(...) o desenvolvimento de um vocabulário histórico, cada vez mais amplo, é verdadeiramente fundamental.” A sua eficácia “(...) implica consequentemente a aquisição de conceitos sobre história.” Esta aquisição “(...) deve desenvolver-se gradualmente mas tem importância vital o trabalho realizado no 1.º ciclo do ensino básico.” (p. 414)

Assim, a área de História de Portugal deve ser vista, pelo professor, como uma área importante do saber tentando suscitar nos alunos um sentimento de interesse e de motivação para que estes queiram saber cada vez mais.

sexta-feira, 18 de maio de 2012

O dia iniciou-se com o ditado de um texto do manual de Língua Portuguesa. Seguiu-se depois a minha aula avaliada na qual falei sobre o Egito. Comecei por fazer a leitura modelo do texto “O papiro” solicitando depois aos alunos que fizessem a leitura. Seguiram-se perguntas de interpretação sobre o texto e a visualização de slides de *Powerpoint* no qual estavam imagens de todas as etapas da fabricação do papiro.

Foram feitas perguntas do funcionamento da língua passando para a explicação da escrita hieróglifa. Após os alunos saberem que tinham de desvendar os hieróglifos cuja chave estava no *Powerpoint* continuei a aula falando sobre a localização do atual e do antigo egito, a sociedade egípcia, o faraó e as etapas de preparação do corpo após a morte de um faraó.

Desvendado os hieróglifos cuja palavra escondida era “pirâmides” introduzi a área

de Matemática. Dialoguei com os alunos sobre as pirâmides, coloquei questões matemáticas relativas àquele sólido geométrico e entreguei uma ficha formativa na qual os alunos tinham a planificação de uma pirâmide quadrangular e tinham de calcular a área da base, a área das quatro faces triangulares e no fim, a área total da planificação.

A aula terminou quando ainda me faltava fazer a correção do último exercício. Assim que terminou a minha aula fui para a reunião na qual foram debatidas as opiniões das orientadoras da Prática Pedagógica em relação a todas as aulas que decorreram no presente dia.

Da parte da tarde, conclui a correção do último exercício de Matemática e falei mais um pouco com os alunos sobre algumas curiosidades sobre o Egito. Uma vez que tinha tempo, entreguei a todos os alunos um retângulo que continha hieróglifos com a respetiva letra a que corresponde procedendo-se assim ao corte dos hieróglifos e à formação de palavras e frases com os mesmos.

No final do dia, foi feita a assembleia de turma na qual os alunos falaram sobre as preocupações e confusões que acham que não estão bem.

Inferências/Fundamentação Teórica

Ao longo da aula tentei sempre utilizar uma linguagem clara para que, conseguisse chegar a todos os alunos e também, para que não restasse qualquer tipo de dúvidas. Morgado (2004) fala-nos que:

(...) a utilização permanente de uma linguagem clara e flexível que, sendo importante para todos os alunos, assume especial relevância para os que colocam maiores dificuldades, designadamente alunos com experiências familiares pouco estimulantes e com baixos níveis de comunicação, para os quais os níveis de comunicação na escola serão fundamentais. (p. 101)

Para além da linguagem clara, nunca menosprezei termos técnicos específicos explicando sempre o que significava pois acho importante que para além do significado os alunos saibam os termos científicos.

terça-feira, 22 de março de 2012

Foi feita uma prova de treino para as olimpíadas da Matemática. Concluída a prova, foi feito um exercício sobre o gráfico circular cujas questões sobre o mesmo os

alunos tiveram de passar do quadro. De seguida, foi feita a correção da prova das olimpíadas.

Ainda da parte da manhã foram feitas revisões de Estudo do Meio através da cópia de um resumo sobre os diferentes setores (primário, secundário e terciário). Da parte da tarde, os alunos foram para os computadores nos quais elaboraram uma ficha de trabalho de História.

Inferências

As provas de treino ajudam a colmatar dúvidas que surjam ou que ainda não estejam bem esclarecidas. Constitui portanto, um momento proveitoso para o aluno.

sexta-feira, 25 de maio de 2012

Na manhã de estágio a minha colega deu aula sobre o Mosteiro da Batalha começando por explorar um texto de Língua Portuguesa. O texto falava de uma lenda deste Mosteiro. Foi feita a leitura modelo passando-se à leitura do texto por parte dos alunos. Foram feitas perguntas de interpretação, análise morfosintática de algumas palavras e, por fim, a análise sintática de uma frase. A minha colega utilizou um *Powerpoint* para mostrar aos alunos algumas fotografias do Mosteiro explicando-lhes todas as informações necessárias sobre este tema. A Matemática foram dados desafios os quais os alunos resolveram nas folhas que lhes foram entregues.

Terminada a aula, todas as estagiárias se dirigiram para a reunião na qual foram discutidas as aulas deste dia.

Da parte da tarde, fez-se a leitura e interpretação do texto “Vinte meninas” e, também, exercícios de treino para a prova de avaliação de Língua Portuguesa. Durante os exercícios de treino para a prova a turma foi dividida e metade estavam na sala de aula, enquanto os restantes alunos estavam na aula de barro.

Inferências/Fundamentação Teórica

Ao longo das nossas aulas pude verificar que quando utilizávamos suportes tecnológicos como um *Powerpoint* as crianças estão, à partida, mais atentas e recetivas. De acordo com Silveira-Botelho (2009):

(...) uma utilização adequada das novas tecnologias é aquela que permite expandir, enriquecer, diferenciar, individualizar e implementar a globalidade dos objectivos curriculares. Portanto, as actividades desenvolvidas em redor da tecnologia devem ser perspectivadas como novas oportunidades educativas mas integradas num todo que lhes atribuirá e reforçará o seu sentido.” (p. 124)

Não fazendo um uso excessivo das novas tecnologias o professor consegue captar a atenção dos alunos para os mais diversos conteúdos e temas.

terça-feira, 29 de maio de 2012

Revisões para a prova de Matemática do 3.º período. Foram passados exercícios no quadro os quais os alunos passaram para a folha e resolveram.

Seguiu-se um ditado do texto “Caracóis portugueses” retirado do manual de Língua Portuguesa.

No final do dia os alunos realizaram o teste de Inglês.

Inferências/Fundamentação Teórica

Os testes de Inglês visam basicamente avaliar os alunos ao nível dos conhecimentos escritos, mais propriamente ao nível da gramática, não existindo uma preocupação em avaliá-los na oralidade. Azenha (1997) expressa que este tipo de avaliação acaba por ser “(...) encarada como um fim em si mesma e não como um meio de acesso à compreensão e à expressão correctas.” (p. 21). Para combater este tipo de avaliação, e seguindo ainda a ideologia do mesmo autor, ao professor compete “(...) circular pela sala de aulas e fazer uma observação atenta dos alunos enquanto trabalham, recolhendo assim dados de avaliação.” (p. 21) Através destas estratégias de avaliação o professor conseguirá mais facilmente auxiliar os alunos não alimentando o erro no pensamento do aluno.

sexta-feira, 1 de junho de 2012

Como hoje foi o dia da criança os alunos brincaram todo o dia. Estiveram disponíveis insufláveis no Jardim-Escola nos quais os alunos tiveram a oportunidade de brincar. Para além disso também estiveram disponíveis jogos tradicionais.

Inferências

Ao longo do dia os alunos mostraram-se muito empolgados com as brincadeiras.

terça-feira, 5 de junho de 2012

Uma vez que os alunos do 4.º ano se encontram na viagem de finalistas, no presente dia de estágio fui para a sala do 3.º ano. Os alunos tiveram toda a manhã a fazer revisões para a prova de Matemática que se realizará amanhã.

Ao chegar à sala, a professora retirou algumas dúvidas que tinham sido colocadas pelos alunos. Esclarecidas as dúvidas de todos os alunos foi distribuído uma ficha de trabalho com exercícios de preparação para a prova. Os alunos resolveram os exercícios passando-se de seguida à correção no quadro.

A professora pedia a alguns alunos para irem ao quadro resolver os exercícios ao mesmo tempo que passava por todas as carteiras verificando se os alunos estavam a trabalhar. Da parte da tarde, os alunos fizeram um ditado musical com a música dos Xutos e Pontapés. Antes da aula de Inglês a professora mandou um aluno para cada quadro e passou a mesma divisão para os dois.

Ambos os alunos revelaram dificuldades na resolução, o que fez com que a professora pedisse a mais dois alunos para irem aos quadros ajudar os alunos com dificuldades. Após ajudar os alunos, a professora pediu que arrumassem todo o material para que pudessem iniciar a aula de Inglês.

A professora de Inglês apelou sempre ao bom funcionamento da aula chamando sempre à atenção de alguns alunos com uma postura menos correta. Ao terminar a aula de Inglês a professora titular passou alguns exercícios de Estudo do Meio no quadro e os alunos passaram-nos para uma folha procedendo depois à realização dos mesmos.

A turma revelou ser respeitadora, quer entre si quer com a professora.

Inferências/Fundamentação Teórica

Ao longo deste dia de estágio pude comprovar a atitude de uma professora que se formou muito recentemente e que revelou características muito importantes num professor, nomeadamente, a preocupação em transmitir atitudes e valores para além de todas as estratégias utilizadas que foram as mais variadas possível em qualquer uma das áreas

abordadas. Morissette e Gingras (1994) dizem que:

quem ensina, ao querer intervir junto dos alunos no sentido de modificar as suas atitudes ou fazer com que adquiram atitudes novas tem de ter em consideração as já adquiridas e as necessidades imediatas, variar as técnicas e métodos pedagógicos, fazer com que os alunos passem por experiências tão ricas quanto possível, pôr em evidência as competências adquiridas e, finalmente, associar elementos de reforço aos sucessos alcançados. (p. 163)

A observação feita a professoras diferentes em interação com a mesma turma, ajuda compreender um pouco melhor a turma em si e cada aluno individualmente.

sexta-feira, 8 de junho de 2012

Neste dia de estágio foram à escola dez alunos. Como não pôde ser dada matéria nova os alunos resolveram as fichas de trabalho em atraso e fizeram jogos durante todo o dia de estágio.

Inferências

Os alunos facilmente se organizam e inventam novos jogos como forma de se entreterem ao longo do dia, demonstrando que gostam de estar com os colegas duma forma mais informal e descontraída.

segunda-feira, 11 de junho de 2012

Devido a alterações de funcionamento do Jardim–Escola a minha aula realizou-se neste dia apesar de não ser o meu dia de estágio.

Iniciei a aula com um vídeo de curta duração, o qual mostrava a transformação do planeta devido à poluição. Após conversar com os alunos sobre o vídeo, todos chegaram à conclusão do tema da nossa aula. Como tal, prossegui com um *Powerpoint* o qual continha uma imagem do ambiente não poluído e outra imagem com o ambiente poluído. Através destas duas imagens os alunos referiram algumas diferenças cruciais entre estes dois tipos de ambientes.

A partir daqui, nos outros slides tinha imagens sobre fatores que degradam o ambiente os quais foram explorados pelos alunos através do diálogo. Introduzi a Língua Portuguesa o discurso direto e indireto. Depois de me explicarem oralmente a diferença

entre estes dois tipos de discursos entreguei uma ficha informativa para que, de seguida, fizessem a ficha formativa sobre este conteúdo de Língua Portuguesa.

A Matemática introduzi o gráfico de pontos. Uma vez que os alunos ainda não conheciam este tipo de gráfico deixei que estes chegassem a algumas conclusões sozinhos. Para tal, mostrei um gráfico de pontos já feito e fui dialogando com os alunos. Após perceberem como funciona entreguei uma ficha formativa a qual foi preenchida à medida que eu dava indicações.

Inferências/Fundamentação Teórica

O essencial nesta aula foi transmitir valores sobre o meio ambiente. Desenvolver a consciência ambiental, nos dias de hoje, é crucial para que exista um melhoramento da nossa qualidade de vida. Roldão (1995) remete-nos exatamente para a importância deste ato quando diz que “(...) a necessidade de estudar o meio prende-se com a necessidade de consciencializar a criança acerca da realidade em que vive, preparando-a para compreender e intervir nessa realidade.” Corresponde também, “ (...) à necessidade de levar a criança a adquirir o sentido da relação homem/meio, e a compreender as suas implicações nas vivências sociais, económicas e culturais dos indivíduos e das sociedades.” (p. 27)

Como tal, segundo ainda a mesma autora, compreender as características naturais do meio e a sua influência na vida dos seres vivos e das sociedades humanas “(...) constitui uma primeira forma de consciência cívica, se através desse conhecimento se desenvolverem atitudes de respeito pela natureza, se promover a consciencialização das sociedades como complexas entre pessoas e grupos e da harmoniosa integração no meio natural.” (p. 33)

A partir desta consciencialização mais facilmente a criança percebe as implicações dos nossos atos no meio ambiente. Assim, facilmente esta se tornará numa cidadã responsável no futuro ajudando na preservação do ambiente.

terça-feira, 12 de junho de 2012

No decorrer de toda a manhã de estágio acompanhámos a turma a uma visita à escola Fernando Pessoa com o objetivo de ficarem a conhecer um pouco a mesma.

Ainda antes do almoço a professora falou e repreendeu os alunos devido às

classificações obtidas nas provas de aferição. Da parte da tarde explorou-se o apontamento do rei D. Carlos, sendo feita a leitura por parte de todos os alunos.

Inferências/Fundamentação Teórica

As informações que os resultados das provas fornecem servem para que todos os intervenientes do processo educativo reflitam sobre as práticas realizadas em sala de aula e fora desta, contribuindo, desta forma, para alterar ou não as práticas letivas. Segundo o GAVE (2012):

A informação que os resultados destas provas fornecem mostra-se relevante para todos os intervenientes no sistema educativo, alunos, pais, encarregados de educação, professores, administração e para os cidadãos em geral. Estes resultados permitem uma monitorização da eficácia do sistema de ensino, devendo ser objeto de uma reflexão ao nível de escola que contribua para alterar em sala de aula, que assim podem ser ajustadas de modo sustentado

Perante os resultados obtidos todos os intervenientes do processo educativo têm uma reflexão a fazer a qual ajudará numa futura situação de ensino-aprendizagem.

sexta-feira, 15 de junho de 2012

A minha colega deu aula de manhã inteira a qual foi distribuída ao longo de todo o dia de estágio. Até ao meio dia foi explorada a área de Língua Portuguesa na qual foi entregue um texto sobre a poluição do planeta a cada aluno prosseguindo-se a leitura do texto. As perguntas de interpretação do texto e as perguntas de funcionamento da língua foram feitas através de um jogo disputados por duas equipas, constituídas pela minha colega antes do jogo.

Durante uma hora os alunos tiveram o clube de Ciências no qual dois grupos apresentaram as suas experiências.

Da parte da tarde, a minha colega continuou a aula explorando a área de Estudo do Meio sobre a qualidade do ar, mais propriamente os efeitos da poluição atmosférica, e introduziu os números primos já na área de Matemática.

Inferências/Fundamentação Teórica

O tema explorado a Estudo do Meio pela minha colega vai de encontro ao programa de Estudo do Meio para o 1.º Ciclo mais propriamente para o 4.º ano de escolaridade. Segundo o Ministério da Educação (1998) o aluno deve “(...) reconhecer os efeitos da poluição atmosférica (efeito de estufa, a rarefação do ozono, chuvas ácidas...)” (p.136). Uma vez cumprido o programa veem-se assim transmitidos conteúdos necessários para esta faixa etária existindo um cumprimento do que é suposto transmitir aos alunos no presente ano letivo.

terça-feira, 19 de junho de 2012

Ao longo do dia de estágio só estiveram presentes 13 alunos. Da parte da manhã foram concluídos trabalhos em atraso e feitas duas fichas de trabalho de Matemática sobre padrões geométricos. Ainda antes do almoço, os alunos realizaram um ditado. No período da tarde os alunos realizaram uma ficha de trabalho de Estudo do Meio como forma de revisão dos conteúdos abordados ao longo do ano letivo.

Inferências

Nesta altura do ano letivo, em que já estão alguns alunos de férias, aqueles que continuam a ir à escola não se mostram muito satisfeitos cada vez que vão trabalhar. Manifestam o seu desagrado, existindo aqui uma importante intervenção da professora de modo a motivá-los para o trabalho.

sexta-feira, 22 de junho de 2012

Neste dia de estágio os alunos fizeram uma cópia de um texto do manual de Língua Portuguesa seguindo-se a conjugação de um verbo em todos os tempos e modos já aprendidos.

Da parte da tarde, os alunos tiveram clube de ciências no qual duas alunas do Mestrado de Pré-escolar e 1.º Ciclo fizeram experiências com os alunos sobre a eletricidade.

Concluídas estas experiências os alunos organizaram-se em grupos e terminaram o trabalho que já tinham iniciado cujo tema era os animais em vias de extinção.

Inferências/Fundamentação Teórica

Quando os alunos se organizaram em grupos para fazer o trabalho sobre os animais em vias de extinção, estes explicavam ao grupo que informação cada um tinha recolhido e qual a importância de o colocar no trabalho.

Freitas e Freitas (2002) expressam que:

a discussão com os colegas é de extrema importância não apenas nos aspectos cognitivos mas também nos sociais. O ter que explicar aos outros membros do grupo as informações recolhidas, as posições a que se chegou e o procurar realizar a integração (a partir do que cada um ou cada par escolheu, com o que os outros elementos do grupo recolheram, ou reflectiram, e noutras ocasiões com o que os outros grupos recolheram ou reflectiram) contribuem de forma muito decisiva para a reorganização das ideias e para a reestruturação do conhecimento. (p. 53)

Esta tomada de decisões em grupo bem como o diálogo estabelecido entre os alunos revela-se benéfico para todos sendo o lado social trabalhado e desenvolvido.

Capítulo 2

Planificações

2.1. Descrição do capítulo

O presente capítulo contém os planos de aula elaborados no decorrer do Estágio Profissional e, estará dividido em 7 partes: em relação às planificações do 1.º Ciclo encontra-se: plano de aula de Língua Portuguesa, plano de aula de Matemática e plano de aula de Estudo do meio; em relação às planificações do 2.º Ciclo encontra-se: plano de aula de Língua Portuguesa, plano de aula de Matemática, plano de aula de Ciências da Natureza e plano de aula de História e Geografia de Portugal. Todos os planos são seguidos de uma fundamentação científica.

2.2. A planificação e a importância de planificar

Não existe uma definição única para planificação, cada professor terá a sua, que é própria e reflete a forma como encara o processo de ensino/ aprendizagem. Existem definições como:

- Planear é definir com clareza o que se pretende do aluno, da turma, ou do grupo;
- É uma atividade que consiste em definir e sequenciar os objetivos do ensino e da aprendizagem dos alunos, determinar processos para avaliar se eles foram bem conseguidos, prever algumas estratégias de ensino/aprendizagem e selecionar recursos/ materiais auxiliares.

Zabalza (2000 baseado em Escudero, 1982) afirma que planificar é:

(...) prever possíveis cursos de acção de um fenómeno e plasmar de algum modo as nossas previsões, desejos, aspirações e metas num projecto que seja capaz de representar, dentro do possível, as nossas ideias acerca das razões pelas quais desejaríamos conseguir, e como poderíamos levar a cabo, um plano para as concretizar. (p.47)

Planificar é assim muito importante, pois é essencial que o professor tenha um fio condutor das suas aulas, é como um mapa de estrada, para se chegar a um destino onde se traça um caminho, embora durante o percurso se possam fazer desvios e no final chegar ao sítio pretendido. Assim, a planificação não deve ser rígida, pelo contrário, deverá ser uma previsão do que se pretende fazer, tendo em conta as atividades, material de apoio e essencialmente o contributo dos alunos.

Os planos de aula elaborados no decorrer da Prática Pedagógica foram, todos eles, baseados no Modelo T de aprendizagem, proposto por Martiniano Pérez (s.d.).

Modelo T porque, segundo o seu autor, e adaptado pelo método João de Deus, consta de um T de meios (conteúdos e métodos/procedimentos) e outro T de objetivos (capacidades/destrezas e valores/attitudes). Desta maneira, Pérez (s.d) defende que “ (...) de uma forma panorâmica e global, numa só folha, integramos todos os elementos de currículo a da cultura social e organizacional para ser aprendida na escola ao longo do curso escolar”. (p.40).

São valorizados vários “atributos” em prol do desenvolvimento de todas as capacidades do aluno. De acordo com o autor, é importante dar bastante ênfase às competências. Este pretende que, em determinados procedimentos, sejam desenvolvidas determinadas competências tais como capacidade, destrezas, valores e attitudes. Ainda segundo o mesmo, todos estes elementos são fundamentais para se aprender a aprender.

A planificação é uma ferramenta essencial para o professor permitindo uma melhor preparação para a sua aula.

A função principal da planificação é a de organizar e prever, de um modo flexível, a interação professor/alunos. Por conseguinte o ato de planificar apresenta-se como uma competência específica e imprescindível do professor que lhe permite configurar, através de um plano mental ou escrito, os vários elementos didáticos nos quais se baseará para estruturar o processo de ensino-aprendizagem, proporcionando-lhe uma redução da incerteza e insegurança.

Para Pacheco (1996), quando abordamos a planificação podemos falar:

(...) de um conjunto de conhecimentos, ideias, experiências sobre o fenómeno a organizar que actuará como apoio conceptual e de justificação do que se decide; de um propósito, fim ou meta a alcançar que indique a direcção a seguir; de uma previsão relacionada com o processo a seguir que se concretizará numa estratégia de procedimento na qual se incluem os conteúdos ou tarefas a realizar, a sequência das actividades e alguma forma de avaliação ou conclusão do processo. (p. 105)

Consequentemente, planificar consiste em ordenar o curso da acção que se pretende seguir, dando-se-lhe um sentido prático e orientado para as direcções desejáveis.

Ao planificar uma aula os professores decidem qual a melhor maneira de abordar um conteúdo colocando em questão várias hipóteses que podem ou não favorecer o sucesso de uma aula. Considerando como sucesso aquela aula em que os alunos estão motivados para a mesma e conseguem assimilar o conteúdo pretendido pelo professor.

Neste contexto, Pacheco (1996) diz que:

Os professores ao planificarem uma actividade consideram uma série de factores e tomam várias decisões. Têm que decidir sobre a matéria a abordar, a informação a dar aos alunos, os procedimentos a ensaiar, os livros e materiais a usar ou os exercícios a realizar. Ao tomarem estas decisões devem ter em conta o contexto no qual se trabalha, as capacidades e interesses dos alunos, currículo e outros aspectos como o plano global da escola e as restrições do horário. (p. 105)

Após planificar, o professor não pode esquecer-se de que esta não deve ser rígida, pelo contrário, deverá ser considerada como algo suscetível de mudança, deverá ser elaborada de maneira a que possa ser revista e melhorada, variando as estratégias e conteúdo, adaptando-se à situação real dos alunos.

Pais e Monteiro (1996) referem que a planificação de uma aula, “não tem obrigatoriamente que ser cumprida na sua totalidade”. (p.40) Na sala, o professor, quando confrontado com as questões levantadas pelos alunos, deve “ser capaz de decidir, no momento, se será mais eficaz cumprir a planificação feita ou responder às solicitações dos alunos e percorrer um outro caminho”. (p.40)

A importância de planificar não se aplica meramente a um ciclo de ensino mas sim a todos. Como tal, qualquer professor deve planificar as suas aulas quer este seja do 1.º ou do 2.º Ciclo.

O professor que está habilitado para a docência do 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico deverá ter sempre em conta o facto de ser de extrema importância a articulação entre estes dois ciclos de escolaridade nomeadamente no que refere à organização curricular.

2.3. Planificação do 1.º Ciclo do Ensino Básico

2.3.1. Planificação de Língua Portuguesa

De seguida, apresenta-se o quadro 10 com o plano de aula de Língua Portuguesa.

Quadro 10 – Plano de aula de Língua Portuguesa

<u>Jardim-Escola João de Deus – Olivais</u>	
Plano de Aula	
<u>Ano:</u> 4.º	<u>Estagiária:</u> Ana Robalo
<u>Duração:</u> 50 minutos	<u>Ano:</u> 1.º ano de Mestrado
<u>Dia:</u> 29 de outubro de 2010	<u>Turma:</u> 1.º/ 2.º ciclos
	<u>Número:</u> 1
<u>Área:</u> Língua Portuguesa	
<u>Conteúdos</u>	<u>Procedimentos</u>
<ul style="list-style-type: none">A carta	<ul style="list-style-type: none">Conversar com os alunos sobre os diferentes tipos de cartas;Explicar como elaborar uma carta;Elaborar uma carta destinada a outro colega. (A escolha do receptor é feita aleatoriamente pelo professor).
<u>Competências</u>	
<u>Capacidades / Destrezas</u>	<u>Valores / Atitudes</u>
<ul style="list-style-type: none">Raciocínio Lógico<ul style="list-style-type: none">- ser capaz de analisar- ser capaz de aplicarExpressão Oral e Escrita<ul style="list-style-type: none">- compreender- expressar ideias	<ul style="list-style-type: none">Tolerância<ul style="list-style-type: none">- bom ouvinte- ser capaz de compreenderCriatividade<ul style="list-style-type: none">- promover imaginação- espontaneidade
<u>Material:</u> Papel, envelopes, selos e ficha informativa.	
Baseado no Modelo T de Aprendizagem (Este plano pode estar sujeito a alterações)	

Esta aula foi preparada para um tempo de cerca de 50 minutos, os alunos estavam dispostos nas suas carteiras, organizados por filas como é hábito trabalharem.

Conversar com os alunos sobre os diferentes tipos de cartas; Antes de iniciar a aula, apelei aos conhecimentos dos alunos, valorizando os mesmos e averiguando o que os mesmos sabiam sobre esta temática.

Explicar como elaborar uma carta; Utilizei uma ficha informativa a qual continha a estrutura de uma carta formal e a de uma carta informal. Apelei à colaboração dos alunos mesmo no que refere à distribuição do material de apoio a esta aula. Após a entrega da ficha informativa, os alunos procederam à sua leitura e encontraram as diferenças entre os dois tipos de cartas. Uma vez reconhecidas as diferenças foi explicado aos alunos como elaborar uma carta.

Elaborar uma carta destinada a outro colega; Cada aluno teve de retirar um papelinho o qual continha o nome do colega para o qual tinham de escrever e o respetivo cargo ocupado. A partir daqui, o aluno tinha de saber reconhecer que tipo de carta escrever e elaborá-la. Uma vez concluída esta tarefa tinham de colocar a carta na caixa do correio da sala para posterior entrega aos respetivos destinatários.

O que pretendo com esta tarefa é, dotar os alunos com um conhecimento da língua que os ajudará no futuro pois a expressão escrita vai para além da caligrafia e ortografia. Já Sim-Sim, Duarte e Ferraz (1997) defendem que “(...) o ensino da expressão escrita não se esgota no conhecimento indispensável da caligrafia e da ortografia, mas abarca processos cognitivos que contemplam o planeamento da produção escrita.” (p.30)

A elaboração de uma carta torna-se assim numa ferramenta importante para o futuro do aluno. Garro (1989, citado por Azevedo, 2000) defende esta mesma ideia ao dizer que:

(...) a didáctica da expressão escrita funcional (telegramas, recibos, esquemas, guiões, cartas, receitas de cozinha...) e literária há-de ter na escola uma visão de futuro, porque grande parte da comunicação profissional, social e oficial se caracteriza por meio do texto escrito. (p. 85)

Esta capacidade de escrita tem assim de ser desenvolvida, para além de todos os conhecimentos essenciais na língua materna, uma vez que esta capacidade ajudará o aluno no seu futuro, quer a nível pessoal e social mas também a nível profissional.

A importância de aprender a interagir oralmente em situações formais, utilizando um discurso claro, adequado e fluente, está referenciado como sendo um domínio a desenvolver segundo o Ministério da Educação.

As aprendizagens específicas referentes ao acesso e ao domínio da linguagem escrita constituem uma grande importância. Segundo o Programa do 1.º Ciclo “ A produção de textos pela criança deverá incluir diferentes modalidades de escrita: escritos expressivos; escritos para comunicar algo a alguém; escritos para aprender e deverá integrar momentos próprios para ensino do planejamento da escrita e da revisão do melhoramento textual nas suas múltiplas dimensões.”

Ao desenvolver esta atividade com os alunos proporcionei um momento de reflexão sobre a língua através da qual, os alunos exploraram a diversidade linguística, o que segundo Sim-Sim (1998), “(...) é abrir-lhe uma porta para se aperceber que existem diferentes maneiras de dizer o mesmo e de aprender a aceitar tais diferenças.” (p. 271)

Toda esta diversidade linguística irá proporcionar à criança uma facilidade na aprendizagem e no desenvolvimento das competências de leitura e escrita. Quando este desenvolvimento é feito entre os colegas de turma no género de uma brincadeira, mais rapidamente os alunos despertarão para a descoberta da riqueza da língua.

2.3.2. Planificação de Matemática

De seguida, apresenta-se o quadro 11 com o plano de aula de Matemática.

Quadro 11 – Plano de aula de Matemática

Jardim-Escola João de Deus – Olivais

Plano de Aula

Ano: 4.º

Estagiária: Ana Robalo

Duração: 45 minutos

Ano: 1.º ano de Mestrado

Dia: 9 de novembro de 2010

Turma: 1.º/ 2.º ciclos

Número: 1

<u>Área:</u> Matemática	
<u>Conteúdos</u>	<u>Procedimentos</u>
<ul style="list-style-type: none">Noção de volume	<ul style="list-style-type: none">Explicar a noção de volume com uma experiência;Introduzir as unidades de medida do volume;Jogo das reduções.
<u>Competências</u>	
<u>Capacidades / Destrezas</u>	<u>Valores / Atitudes</u>
<ul style="list-style-type: none">Raciocínio Lógico<ul style="list-style-type: none">- realizar deduções- ser capaz de observarSocialização<ul style="list-style-type: none">- ser capaz de dialogar- ser capaz de se relacionar	<ul style="list-style-type: none">Cooperação<ul style="list-style-type: none">- saber partilhar- saber ser recetivoRespeito<ul style="list-style-type: none">- saber ouvir- saber aceitar
<u>Material:</u> Copos de plástico, plasticinas, água, algarismos móveis e marcadores.	

Baseado no Modelo T de Aprendizagem

(Este plano pode estar sujeito a alterações)

Explicar a noção de volume com uma experiência; Para introduzir a noção de volume decidi fazer uma experiência com os alunos. Os alunos foram organizados em grupos ao quais foram disponibilizados materiais para a experiência. A experiência consistia em marcar o nível de água num copo e de seguida colocar uma bola de plasticina e voltar a assinalar o nível da água. Através desta experiência pretendia-se que os alunos chegassem à noção de volume.

Introduzir as unidades de medida do volume; Uma vez compreendida e assimilada a noção de volume não podia deixar de associar as respetivas medidas de volume ao conceito, a fim de usar uma linguagem matemática mais correta.

Jogo das reduções; O jogo das reduções foi realizado com o propósito de proporcionar aos alunos um momento lúdico mas, através do qual, adquiriam uma capacidade cognitiva significativa para a aprendizagem. Neste jogo cada aluno tinha na mão um algarismo e qual, juntamente com os algarismos dos outros colegas, formava um número ao qual estava associado uma medida de volume. A partir daqui era pedido aos alunos que reduzissem a outra medida de volume. O grupo é que tinha de decidir qual a posição correta de cada aluno a fim de a redução ficar correta.

Como forma de tentar explicar o conceito de volume optei por fazer uma experiência pois penso que desta forma os alunos compreendem mais facilmente.

Grosso (2004) refere que “(...) a possibilidade de mergulharmos os sólidos em água colocada em recipientes graduados ou, nalguns casos, de os enchermos com substâncias líquidas é uma grande ajuda para actividades que envolvam o conceito de volume.” (p. 39).

Perceber corretamente o conceito de volume advém da importância de mais tarde o aluno precisar deste mesmo conceito. Caso este não seja bem compreendido dificilmente o aluno conseguirá superar dificuldades nesta área e, nomeadamente situações problemáticas que envolvam este conceito.

Durante a execução da atividade prática tentei sempre envolver todos os alunos pois considero ser extremamente importante este envolvimento. Tal como nos diz Silvestre *et al.* (2010):

(...) o conhecimento dos alunos não resulta apenas do que lhes é transmitido, mas também do sentido que eles conseguem dar ao conteúdo. O significado que os alunos dão às experiências de aprendizagem depende da forma como estes se envolvem na situação e na acção. (p. 79)

À medida que ia decorrendo esta atividade fui verificando se os conteúdos estavam a ser interiorizados e compreendidos solicitando diferentes explicações a quase todos os alunos.

Ao organizar os alunos em equipas tentei proporcionar um momento de socialização entre os mesmos e onde estes poderiam aprender a relacionar-se com os outros. O docente tem o papel de consciencializar os seus alunos sobre a presença dos outros na sua vida, devendo desenvolver um dos pilares em educação denominado aprender a viver juntos, e tal como refere Delors (1996) “a tarefa é árdua porque, muito naturalmente, os seres humanos têm tendência a sobrevalorizar as suas qualidades e as do grupo a que pertencem, e a alimentar preconceitos desfavoráveis em relação aos outros”. (p.83)

No entanto, embora a tarefa seja difícil é necessário colocá-la em prática pois como refere Silveira-Botelho (2009) “só conseguimos ter uma escola de qualidade se aceitarmos e reconhecermos as nossas diferenças sejam elas culturais, sociais, pessoais, étnicas, linguísticas ou religiosas. As crianças devem ser olhadas como indivíduos cada um diferente do outro”. (p.199)

Considero deste modo ser fundamental desenvolver o trabalho de grupo no qual os alunos vão desenvolver competências relacionais, afetivas e, neste caso específico capacidades cognitivas.

2.3.3. Planificação de Estudo do Meio

De seguida, apresenta-se o quadro 12 com o plano de aula de Estudo do Meio.

Quadro 12 – Plano de aula de Estudo do Meio

Jardim-Escola João de Deus – Olivais

Plano de Aula

Ano: 4.º

Estagiária: Ana Robalo

Duração: 40 minutos

Ano: 1.º ano de Mestrado

Dia: 9 de novembro de 2010

Turma: 1.º/ 2.º ciclos

Número: 1

<u>Área:</u> Estudo do Meio	
<u>Conteúdos</u>	<u>Procedimentos</u>
<ul style="list-style-type: none">Movimentos de rotação e translação	<ul style="list-style-type: none">Explicar os movimentos de rotação e translação;Identificar os movimentos de rotação e translação;Atividade prática sobre os movimentos.
<u>Competências</u>	
<u>Capacidades / Destrezas</u>	<u>Valores / Atitudes</u>
<ul style="list-style-type: none">Classificação<ul style="list-style-type: none">-identificação- distinçãoOrientação espaço/tempo<ul style="list-style-type: none">- explorar- observar	<ul style="list-style-type: none">Criatividade<ul style="list-style-type: none">- promover imaginação- curiosidadeSolidariedade<ul style="list-style-type: none">- saber partilhar- saber ajudar
<u>Material:</u> Candeeiro, globos terrestres e lanternas.	

Baseado no Modelo T de Aprendizagem

(Este plano pode estar sujeito a alterações)

Explicar os movimentos de rotação e translação; Com o auxílio de alguns materiais (candeeiro e globo terrestre) recriei o movimento de rotação e translação para ajudar a compreensão dos alunos sobre estes movimentos da Terra, uma vez que, a memória visual é muito importante para a compreensão.

Identificar os movimentos de rotação e translação; A fim de perceber se as aprendizagens tinham sido compreendidas pedi aos alunos para tentarem representar os movimentos da terra apenas com o movimento do corpo, chamando três alunos de cada vez atribuindo a cada um uma função a desempenhar na representação destes movimentos.

Assim, ao experimentarem os mesmos, os alunos facilmente compreenderam e assimilaram estes conceitos abstratos através da sua concretização.

Atividade prática sobre os movimentos; Após as explicações decidi proporcionar aos alunos um momento de exploração em grupo que lhes permitiu investigar as consequências destes movimentos nas diferentes partes do mundo.

Para fazer esta explicação decidi entregar a cada grupo um globo terrestre e dois bonecos autocolantes. Os alunos colaram-nos no globo e com a ajuda da lanterna incidindo a luz sobre o globo os alunos ficaram a compreender a importância e a diferença dos mesmos com o local onde estamos na terra. Desta forma, os alunos visualizaram o dia e a noite em diferentes partes da Terra.

O facto de ter colocado os alunos em grupo ajuda a que estes aprendam a cooperar e a discutir ideias em grupo, fator preponderante na nossa sociedade. Já Pereira (2002) diz que:

(...) a necessidade de cooperar com vista à melhoria de situações e de resolução de problemas coloca-se com frequência na actividade profissional e social. Colocar as crianças em situações de terem de agir cooperativamente é lançar as bases para a sua melhor inserção na sociedade futura. (p. 62)

Esta cooperação entre os alunos dota-os de um conhecimento e de uma capacidade de argumentação essencial para a sociedade em que estamos inseridos. Um futuro cidadão terá de saber discutir ideias, argumentar e decidir corretamente em relação às opções a tomar.

A forma como o professor educa os alunos e as oportunidades que cria são, para Formosinho (1998), “(...) decisivas para a vida actual da criança e para a vida futura do

cidadão que vai emergindo, portanto, para a construção da sociedade de amanhã.” (p. 8)
Ajudar os alunos no seu desenvolvimento e educação é o grande objetivo do professor.

Ao longo da aula e à medida que os alunos me questionavam sobre a matéria, tentei não responder logo conduzindo-os de uma forma sutil à resposta pretendida.

Para Pereira (2002): (...) responder de imediato à criança pode corresponder a uma oportunidade perdida de levar a criança a procurar e encontrar a resposta.” (p. 82)

Como forma de ultrapassar esta questão o mesmo autor sugere que o professor pode “(...) muitas vezes, devolver a pergunta ao aluno, pode reformular a pergunta e colocá-la à turma, formulando-a, até, de uma maneira mais adequada a que os alunos pensem no que precisam de fazer para poder responder à questão.” (p. 82)

O aproveitamento das perguntas dos alunos de forma a evoluírem para uma questão passível de ser respondida pelos próprios não é muitas vezes direta e necessita de passar por um pequeno diálogo, por vezes com os outros alunos.

2.4. Planificações do 2.º Ciclo do Ensino Básico

2.4.1. Planificação de Língua Portuguesa

De seguida, apresenta-se o quadro 13 com o plano de aula de Língua Portuguesa.

Quadro 13 – Plano de aula de Língua Portuguesa

<u>Escola do 2.º Ciclo</u>	
Plano de Aula	
<u>Ano e turma:</u> 6.º B	<u>Estagiária:</u> Ana Robalo
<u>Duração:</u> 45 minutos	<u>Ano:</u> 2.º ano de Mestrado
<u>Dia:</u> 13 de dezembro de 2011	<u>Turma:</u> 1.º/ 2.º ciclos
	<u>Número:</u> 1
<u>Área:</u> Língua Portuguesa	
<u>Conteúdos</u>	<u>Procedimentos</u>
<ul style="list-style-type: none">• Biografia	<ul style="list-style-type: none">• Iniciar a aula com a entrega de uma ficha com a biografia do Padre Bartolomeu de Gusmão;• Fazer a leitura e exploração do vocabulário;• Analisar textualmente e gramaticalmente a biografia;• Explicar, através do diálogo, o que é uma biografia;• Identificar as características da biografia;• Concluir a aula com a elaboração de uma biografia.
<u>Competências</u>	
<u>Capacidades / Destrezas</u>	<u>Valores / Atitudes</u>
<ul style="list-style-type: none">• Expressão oral e escrita<ul style="list-style-type: none">- organizar informações- expressar ideias• Classificação<ul style="list-style-type: none">- análise- comparação	<ul style="list-style-type: none">• Tolerância<ul style="list-style-type: none">- ser bom ouvinte- ser recetivo• Respeito<ul style="list-style-type: none">- saber ouvir- saber conviver
<u>Material:</u> Slide (<i>Powerpoint</i>) e fichas de trabalho.	
Baseado no Modelo T de Aprendizagem (Este plano pode estar sujeito a alterações)	

Iniciar a aula com a entrega de uma ficha com a biografia do Padre Bartolomeu de Gusmão; Para entregar a ficha pedi ajuda a dois alunos, os quais se prontificaram logo para me ajudar. Os alunos gostam bastante de colaborar na distribuição do material de apoio à aula e sentem-se muito importantes quando o fazem.

Através desta estratégia pode o professor fomentar e reforçar o bom comportamento e desempenho, estimulando todos os alunos e proporcionando uma interação entre os alunos e ele próprio.

Fazer a leitura e exploração do vocabulário; Antes de solicitar a leitura aos alunos decidi fazer a leitura modelo pois, Sim-Sim (2006) refere que, se “(...) a linguagem escrita exige competências não requeridas na comunicação oral” (p. 47) é natural que os alunos apresentem algumas dificuldades ao tentarem fazer uma leitura fluida. Assim, a leitura modelo feita pelo professor, talvez possa servir de apoio na ultrapassagem desses obstáculos. Foi com esse objetivo, que fiz a leitura modelo. Tentei fazer uma leitura em que realizei inflexões de voz, fui dinâmica, lendo de forma correta e apelando ao desenvolvimento destas características tão importantes da oralidade.

Terminada a leitura por parte dos alunos explorei o vocabulário pois existiam algumas palavras que os alunos não conheciam o que afetaria a interpretação da biografia. Sim-Sim, Duarte e Ferraz (1997) referem que “uma deficiente compreensão do oral leva à perda de informação e está altamente relacionada com a incapacidade de prestar atenção à mensagem ouvida e, conseqüentemente, de recuperar a informação transmitida oralmente.” (p. 26)

Relativamente ao vocabulário do texto, questionei os alunos sobre uma ou outra palavra que não entendessem. Para esclarecer os alunos foram utilizadas duas estratégias, por um lado um colega que soubesse o significado dizia por outro, recorremos ao dicionário para encontrar um sinónimo dessa palavra. Uma vez esclarecido o vocabulário, os alunos compreenderem exatamente a informação contida no texto.

Ao explorar um texto o professor não deve deixar de dar uma especial atenção ao léxico, tal como nos diz Borràs (2001): “O léxico deve ser focado sempre para a realidade do aluno, para que, progressivamente, se possa ir ampliando.” Neste sentido, “(...) a leitura será uma grande ajuda no momento de o aumentar e de conhecer diferentes registos da linguagem.” (p. 355)

É necessário consolidar certa terminologia para que ocorra uma boa aprendizagem em qualquer outra área.

Analisar textualmente e gramaticalmente a biografia; E, uma vez na disciplina de Língua Portuguesa não poderia deixar de fazer uma análise textual e gramatical. Esta foi feita através de perguntas feitas aos alunos e também, através do esclarecimento de dúvidas colocadas pela turma.

Explicar, através do diálogo, o que é uma biografia;

Para fazer a exploração do que é uma biografia decidi ir falando com os alunos levando a que fossem estes que explicassem o que era uma biografia pois para além de explorarem o conteúdo da aula estão também a explorar a oralidade. Para Morgado (2004), a qualidade dos comportamentos de oralidade na sala de aula:

(...) constitui como um dos mais significativos factores de um ensino de qualidade, sublinhando assim a importância de que se reveste a promoção regular de trocas verbais e questionamento dos alunos, bem como discussões em grupos ou que envolvam toda a classe. A verbalização por parte do aluno, nas situações de aprendizagem amplia a capacidade de aprendizagem e de integração das competências envolvidas. (p. 66)

Os alunos, de um modo geral, apresentaram uma boa capacidade argumentativa existindo porém alguns alunos com algumas dificuldades para expressarem as suas ideias o que torna esta tarefa importante em sala de aula.

Identificar as características da biografia; Uma vez compreendido o que é uma biografia é fundamental explicar quais as suas características para que, os alunos consigam elaborar uma.

Concluir a aula com a elaboração de uma biografia; Para terminar a aula e como forma de aplicar o que foi aprendido, os alunos concretizaram a biografia do colega do lado sendo necessário para isso, que ambos os alunos soubessem dialogar e trocar informações úteis para este trabalho. Tentei deste modo levar os alunos a socializarem entre eles ficando a conhecer um pouco melhor o colega do lado.

2.4.2. Planificação de Matemática

De seguida, apresenta-se o quadro 14 com o plano de aula de Matemática.

Quadro 14 – Plano de aula de Matemática

Escola do 2.º Ciclo

Plano de Aula

Ano e turma: 6.º H

Estagiária: Ana Robalo

Duração: 45 minutos

Ano: 2.º ano de Mestrado

Dia: 29 de novembro de 2011

Turma: 1.º/ 2.º ciclos

Número: 1

<u>Área:</u> Matemática	
<u>Conteúdos</u>	<u>Procedimentos</u>
<ul style="list-style-type: none">Potências: revisão de todas as operações com potências	<ul style="list-style-type: none">Iniciar a aula com uma breve explicação sobre o funcionamento do jogo das potências;Analisar todas as operações com potências presentes no jogo;Concluir o jogo das potências;Realizar uma pequena síntese sobre o conteúdo da aula.
<u>Competências</u>	
<u>Capacidades / Destrezas</u>	<u>Valores / Atitudes</u>
<ul style="list-style-type: none">Raciocínio lógico<ul style="list-style-type: none">- ser capaz de analisar- ser capaz de aplicarSocialização<ul style="list-style-type: none">- ser capaz de dialogar- ser capaz de se relacionar	<ul style="list-style-type: none">Cooperação<ul style="list-style-type: none">- saber colaborar- saber partilharTolerância<ul style="list-style-type: none">- ser bom ouvinte- ser recetivo
<u>Material:</u> Cartões.	

Baseado no Modelo T de Aprendizagem

(Este plano pode estar sujeito a alterações)

Iniciar a aula com uma breve explicação sobre o funcionamento do jogo das potências; Para esta aula decidi optar pela realização de um jogo uma vez que, esta aula era de revisão e, como tal, queria inovar fazendo uma aula diferente daquela a que os alunos estão habituados.

Perrenoud (1995) diz que:

Quando o professor tenta diversificar o ensino, uma didáctica nova permite-lhe, também, dentro de certos limites, estabelecer para os alunos mais fracos um regime de trabalho parcialmente independente das actividades do grupo-turma, o que pode ajudá-los a reencontrar o interesse, logo, a recorrerem menos vezes às estratégias defensivas a que o trabalho escolar tradicional os condenava. (p.133)

Perante uma metodologia nova os alunos mostraram-se bastante motivados existindo um envolvimento por parte de todos os alunos neste jogo. Os alunos com mais dificuldades na área de Matemática sentiram-se bastante confortáveis nesta situação não encontrando nenhum que estivesse incomodado ou que não quisesse continuar a tarefa.

Antes de começar o jogo expliquei todas as regras e o funcionamento deste para que, depois, os alunos fossem autónomos na realização do jogo.

Analisar todas as operações com potências presentes no jogo; Depois de todos os grupos terem concluído as respostas presentes em todos os cartões fiz a correção dos exercícios com a participação de todos os grupos uma vez que, as perguntas eram iguais para todos eles. Achei importante fazer esta correção pois o jogo só por si não tem qualquer interesse, mas uma vez corrigidas as questões já passa a ter um valor pedagógico.

Realizar um jogo com os alunos foi uma forma de conseguir transmitir os conhecimentos de uma forma lúdica e suscitando o interesse de toda a turma.

Moreira (2004) refere que “(...) se o indivíduo obtém sensações e emoções positivas de uma determinada actividade, vai tender a envolver-se mais nessa actividade, para obter sensações positivas”. (p.71)

Ao sentir-se confortável com a atividade, o aluno tende a querer participar no jogo os quais, segundo Caldeira (2009): “(...) estimulam a criatividade, a formulação e a reformulação de conceitos, a elaboração de diferentes estratégias para se chegar a um resultado, o respeito às regras, etc. Têm como proposta desenvolver o raciocínio lógico e dedutivo (p. 356).

Nesta aula e ao escolher uma estratégia que os alunos não estão habituados, foi gratificante perceber que todos, sem exceção, gostaram de desenvolver estas atividades e fizeram aprendizagens significativas. Inclusivamente do ponto de vista comportamental os alunos estiveram atentos, recetivos e realizaram no final uma breve síntese revelando essas mesmas aprendizagens.

Concluir o jogo das potências; E, porque os alunos dão bastante importância aos pontos, conclui o jogo dizendo qual a equipa vencedora.

Realizar uma pequena síntese sobre o conteúdo da aula; Terminado o jogo foi altura de fazer uma revisão das regras das operações com potências com a finalidade de retirar qualquer dúvida que ainda existisse.

Esta aula permitiu assim, que os alunos desenvolvessem competências cognitivas, sociais e organizacionais as quais considero fundamentais para o desenvolvimento de uma criança.

2.4.3. Planificação de Ciências da Natureza

De seguida, apresenta-se o quadro 15 com o plano de aula de Ciências da Natureza.

Quadro 15 - Plano de aula de Ciências da Natureza

<u>Escola do 2.º Ciclo</u>	
Plano de Aula	
<u>Ano e turma:</u> 6.º B	<u>Estagiária:</u> Ana Robalo
<u>Duração:</u> 45 minutos	<u>Ano:</u> 2.º ano de Mestrado
<u>Dia:</u> 25 de novembro de 2011	<u>Turma:</u> 1.º/ 2.º ciclos
	<u>Número:</u> 1
<u>Área:</u> Ciências da Natureza	
<u>Conteúdos</u>	<u>Procedimentos</u>
<ul style="list-style-type: none">Sistema respiratório	<ul style="list-style-type: none">Introduzir o tema da aula com um breve diálogo com os alunos;Partir do conhecimento dos alunos para explicar os conteúdos com a ajuda de um <i>Powerpoint</i>;Realizar uma ficha de trabalho;Explorar os pulmões verdadeiros de um porco e identificar os órgãos constituintes do sistema respiratório.
<u>Competências</u>	
<u>Capacidades / Destrezas</u>	<u>Valores / Atitudes</u>
<ul style="list-style-type: none">Expressão oral e escrita<ul style="list-style-type: none">- identificar- expressar ideiasClassificação<ul style="list-style-type: none">- distinção- observação	<ul style="list-style-type: none">Cooperação<ul style="list-style-type: none">- saber colaborar- saber partilharTolerância<ul style="list-style-type: none">- ser bom ouvinte- ser recetivo
<u>Material:</u> Slides (<i>Powerpoint</i>), pulmões de porco, luvas e fichas de trabalho.	
Baseado no Modelo T de Aprendizagem (Este plano pode estar sujeito a alterações)	

Introduzir o tema da aula com um breve diálogo com os alunos; Através do diálogo com os alunos fui dando algumas pistas sobre o tema da aula. Os alunos facilmente chegaram ao tema mostrando-se entusiasmados e começando a fazer logo imensas perguntas às quais eu disse que responderia mais tarde.

Partir do conhecimento dos alunos para explicar os conteúdos com a ajuda de um *Powerpoint*; Os alunos já possuíam alguns conhecimentos sobre o tema apesar de não utilizarem os termos cientificamente corretos. O *Powerpoint* continha imagens que ajudaram a tirar algumas dúvidas colocadas pelos alunos.

Realizar uma ficha de trabalho; A ficha de trabalho surgiu como forma de consolidar os conhecimentos e porque necessitava de um momento de avaliação nesta área disciplinar.

Explorar os pulmões verdadeiros de um porco e identificar os órgãos constituintes do sistema respiratório;

Depois de saberem a constituição do sistema respiratório e de consolidarem este novo conhecimento com uma ficha de trabalho, achei interessante proporcionar-lhes um momento nunca antes feito com aquela turma o que justifica toda a excitação e empolgamento depois de ter explicado o que ia acontecer.

Através das atividades experimentais os alunos têm oportunidade de manusear materiais para a observação de determinados fenómenos.

Galvão, Reis, Freire e Oliveira (2006) defendem que “tendo cada atividade experimental os seus próprios objetivos, cabe ao professor optar por aquela que melhor se adapte aos seus propósitos, considerando o nível de ensino dos seus alunos.” (p. 61)

Atendendo à turma em questão, a estratégia utilizada teve de ser planeada com antecedência não esquecendo de calcular todo o tipo de riscos que correria ao fazê-la, pois os alunos revelavam por vezes alguns comportamentos desadequados. Esta foi uma tentativa de os alunos ficarem com os conhecimentos mais consolidados através de uma atividade experimental.

Esta consolidação dos conteúdos através da aprendizagem pela acção têm, segundo Piaget (citado por Canavarro *et al.* (2001)), “(...) um papel fundamental no desenvolvimento. São as experiências de aprendizagem activas que tendem a promover o desenvolvimento cognitivo, enquanto que as experiências passivas têm um impacto mínimo.” (p. 25).

Dada a importância deste tipo de aprendizagem para os alunos e uma vez surgida a oportunidade para o fazer seria impensável deixar passar a mesma. Este momento foi tão marcante para os alunos que após a aula ter terminado, foram muitos os alunos que não quiseram sair da sala só para poderem continuar a mexer nos pulmões. Nos dias seguintes todos os alunos me perguntavam se era eu que ia dar aula e se numa próxima vez podia trazer mais atividades deste género para a sala de aula. Fica assim comprovada a importância deste tipo de atividades com as crianças não podendo o professor limitar-se a utilizar sempre a mesma metodologia.

A diversidade de metodologias não acarreta só vantagens para os discentes, pois quando o professor utiliza estratégias diferentes este presencia e comprova o quão agradável é para os alunos este tipo de aulas. Este vai-se sentindo mais confiante no seu trabalho o que se revela mais tarde no seu desempenho, o qual vai progredindo à medida que os bons resultados vão surgindo.

Assim, o professor ao diversificar os modos de transmissão das inúmeras aprendizagens estará a incentivar os seus alunos para uma aprendizagem significativa não descurando do seu lado profissional o qual se vai desenvolvendo, tornando-o num profissional com competências cada vez mais elevadas.

2.4.4. Planificação de História e Geografia de Portugal

De seguida, apresenta-se o quadro 16 com o plano de aula de História e Geografia de Portugal.

Quadro 16 – Plano de aula de História e Geografia de Portugal

<u>Escola do 2.º Ciclo</u>	
Plano de Aula	
<u>Ano e turma:</u> 6.º E	<u>Estagiária:</u> Ana Robalo
<u>Duração:</u> 45 minutos	<u>Ano:</u> 2.º ano de Mestrado
<u>Dia:</u> 13 de dezembro de 2011	<u>Turma:</u> 1.º/ 2.º ciclos
	<u>Número:</u> 1
<u>Área:</u> História e Geografia de Portugal	
<u>Conteúdos</u>	<u>Procedimentos</u>
<ul style="list-style-type: none">O império português no séc. XVI: os territórios em África	<ul style="list-style-type: none">Rever conhecimentos já adquiridos sobre o tema através do diálogo;Introduzir novos conteúdos sobre os territórios em África (povos, costumes, dialetos, hábitos alimentares, etc.) com o auxílio de um <i>Powerpoint</i>;Entregar uma ficha de trabalho sobre o tema da aula.
<u>Competências</u>	
<u>Capacidades / Destrezas</u>	<u>Valores / Atitudes</u>
<ul style="list-style-type: none">Expressão oral e escrita<ul style="list-style-type: none">- identificar- expressar ideiasSocialização<ul style="list-style-type: none">- ser capaz de se relacionar- ser capaz de dialogar	<ul style="list-style-type: none">Respeito<ul style="list-style-type: none">- saber ouvir- saber esperarTolerância<ul style="list-style-type: none">- ser bom ouvinte- ser capaz de apoiar
<u>Material:</u> Slides (<i>Powerpoint</i>) e ficha de trabalho.	
Baseado no Modelo T de Aprendizagem (Este plano pode estar sujeito a alterações)	

Rever conhecimentos já adquiridos sobre o tema através do diálogo;

Conversando com a turma apercebi-me que alguns alunos tinham uma vaga ideia sobre o tema da aula e aproveitei estas ideias para prosseguir a minha aula. Pereira (2002) diz que : “ Cabe ao professor justamente procurar saber quais os conhecimentos da criança e tomar esses conhecimentos como o ponto de partida para a construção e aquisição de novos conhecimentos.” (p. 76) Uma vez aproveitados os conhecimentos dos alunos, estes sentem-se valorizados, ficando interessados na aula e na matéria em exposição a fim de conseguirem participar nas aulas seguintes.

Introduzir novos conteúdos sobre os territórios em África (povos, costumes, dialetos, hábitos alimentares, etc.) com o auxílio de um *Powerpoint*; O *Powerpoint* ajudou a ilustrar muito bem os conteúdos que quis transmitir aos alunos. Apesar disso, não me limitei apenas a este recurso pois criei vários momentos de reflexão sobre a matéria em que tinham de ser os próprios alunos a encontrar uma lógica para o acontecimento das coisas. Esta ideia vai de encontro ao que Sanches (2001) idealiza pois, segundo este “os alunos não podem continuar a ser receptores passivos, eles têm de interagir.” (p.45). É através desta interação que os alunos se sentem motivados para participar adquirindo mais conhecimento.

Foram vários os momentos de reflexão em que os alunos tiveram um grande destaque sendo que, por vezes, eu limitava-me a conduzi-los nestes conflitos cognitivos geradores de aprendizagem.

Entre os vários objetivos gerais da História, Landsheere (1992) salienta que esta área deverá “contribuir para o desenvolvimento global do aluno propondo-lhe tarefas de aprendizagem que exigem, ao máximo, a aplicação de processos cognitivos superiores.” (p. 211).

A par da importância concedida a este objetivo geral, sempre que me foi possível organizei momentos cognitivos capazes de desenvolver os alunos.

Os alunos revelaram gostar destes momentos, através dos quais tentavam explorar cada mais os conteúdos da disciplina querendo sempre relatar experiências pessoais.

A área disciplinar de História e Geografia de Portugal tem um contributo essencial na formação da criança pois esta, segundo a Organização Curricular e Programas do 2.º Ciclo, Ministério da Educação (ME) (1998) permite “(...) o alargamento da compreensão do espaço e do tempo, de modo a proporcionar a progressiva conceptualização da realidade, efetuando-o numa perspetiva, sempre que oportuno globalizante, promovendo

o tratamento disciplinar nos ciclos seguintes.” (p. 77)

Através desta disciplina pretende-se então que o aluno favoreça o seu conhecimento do presente e do passado, despertando-lhes o interesse pela intervenção no meio em que vivem.

Esta área curricular é por si só alvo de grande interesse por parte dos alunos. Este interesse só se manterá caso o professor da disciplina arranje estratégias capazes de os continuar a cativar para estes conteúdos. O modo como são expostos os conhecimentos desta disciplina terão um grande impacto na motivação da criança.

Um dos motivos de grande interesse que todos os alunos revelam é o saber de curiosidades sobre determinadas matérias. Muitas destas curiosidades surgem de familiares dos alunos que vão transmitindo os seus conhecimentos às crianças, as quais se mostram entusiasmadas quando as transmitem a toda a turma.

Estes conhecimentos vindos de familiares devem ser alimentados pois, tal como já referi anteriormente neste relatório, a triangulação escola-aluno-família origina um bem estar e uma segurança para a criança que a ajudará a crescer.

Capítulo 3

Dispositivos de Avaliação

3.1. Descrição do capítulo

Este capítulo encontra-se dividido em sete partes, cada uma delas apresenta a avaliação de uma atividade de uma determinada área curricular. Os três primeiros dispositivos de avaliação dizem respeito 1.º Ciclo na qual aparece a área de Língua Portuguesa, a segunda diz respeito à área de Matemática e a terceira refere-se à área de Estudo do Meio. Os quatro últimos dispositivos de avaliação ao referentes ao 2.º Ciclo aparecendo pela seguinte ordem: área de Língua Portuguesa, área de Matemática, área de Ciências da Natureza e, por fim, a área de História e Geografia de Portugal.

Todas as secções apresentam uma contextualização da atividade realizada, em seguida a descrição dos parâmetros e critérios estabelecidos. Posteriormente, será apresentado um quadro com as cotações atribuídas e uma grelha de avaliação bem como a sua descrição. Os resultados serão apresentados em forma de gráfico (de barras) seguindo-se a respetiva interpretação.

3.2. A avaliação e a importância de avaliar

A avaliação é um processo através do qual o professor consegue acompanhar e colmatar o processo de ensino-aprendizagem e que é um alvo de constante aperfeiçoamento, pretendendo, conduzir todos os alunos a um sucesso pleno no programa de estudos em que estão inseridos. A avaliação torna-se assim num ponto de partida privilegiado para o estudo do processo de ensino-aprendizagem.

A função do professor é variar as condições em que se encontram os alunos para responder o melhor possível às suas dificuldades de aprendizagem.

A função de avaliar corresponde assim, segundo Ribeiro e Ribeiro (1990), a “ (...) uma análise cuidada das aprendizagens conseguidas face às aprendizagens planeadas, o que se vai traduzir numa descrição que informa professores e alunos sobre os objetivos atingidos e aqueles onde se levantaram dificuldades.” (p.337).

Esta informação fornecida quer ao professor quer ao aluno vai ajudar ambos no processo de aprendizagem do aluno. Permite ao professor uma clarificação das capacidades e competências adquiridas pelos alunos fazendo com que o professor consiga pôr em prática novas estratégias ajudando o aluno na sua aprendizagem. Para além do professor, o aluno é o mais beneficiado com a avaliação pois este tomará

consciência das suas dificuldades e limitações tentando colmatá-las com a ajuda do professor.

Para uma correta avaliação é necessária uma medição dos conceitos adquiridos pelos alunos. Sem esta medida o professor limitava-se a avaliar o aluno segundo uma opinião/ideia pouco fundamentada, sem se basear em dados comprovados e suficientemente abrangentes. Dava também azo a uma avaliação muito subjetiva, o que poderia não refletir a verdadeira assimilação de conceitos por parte dos alunos. Também Zabalza (1994) defende que:

Sem a medição, uma valoração isolada dá lugar a uma “opinião” subjetiva e não a uma avaliação. A mera percepção, o parecer do professor, não é apoio suficiente para realizar uma avaliação correta, que tem como um dos seus requisitos a fundamentação apoiada em dados, objetivos ou subjetivos, mas suficientemente contrastados. É esse o papel da “medição. (p. 220)

Como bom profissional que um professor deve ser, o rigor com a avaliação é fundamental, devendo esta ser objetiva e igual para todos os alunos. Isto para que, nenhum aluno seja avaliado com base apenas numa opinião que o professor tem do mesmo mas sim em critérios e parâmetros específicos para o bom desenvolvimento intelectual do aluno.

A classificação surge assim como uma escala de valores que segundo Leite e Fernandes (2002) é “(...) a operação pela qual se faz corresponder a dados materiais , qualitativamente definidos, expressões que representam o número de unidades que eles contêm.”. (p.23). A classificação vai permitir comparar e seriar resultados servindo de base a decisões relativas à promoção ou não dos alunos no sistema escolar.

Existem três tipos fundamentais de avaliação ao qual o professor recorre: a avaliação diagnóstica, avaliação formativa e avaliação sumativa. Todos estes tipos de avaliação não representam formas alternativas de avaliação mas sim formas complementares, não havendo qualquer tipo de dispensa de nenhuma.

Ribeiro e Ribeiro (1990) defendem também que os três tipos de avaliação têm: “(...) funções distintas, em momentos distintos, tendo o professor que recorrer a todas.” (p. 342). A interligação destes diferentes tipos de avaliação vai permitir ao professor colmatar todas as dificuldades dos alunos. Isto porque a avaliação diagnóstica vai aferir quais os conhecimentos que o aluno já sabe e quais as medidas mais adequadas face aos objetivos em vista.

Ribeiro e Ribeiro (1990) definem que a avaliação diagnóstica tem como objetivo fundamental: “(...) proceder a uma análise de conhecimentos e aptidões que o aluno deve possuir num dado momento para poder iniciar novas aprendizagens.” (p. 342)

Geralmente esta avaliação ocorre no início de uma unidade ou no início de cada período, sendo também possível aplicá-la no decorrer do processo de aprendizagem, visando entender quais os conhecimentos já assimilados pelo aluno e quais as dificuldades latentes em cada aluno em específico.

A classificação é dada com base numa escala de tipo Likert (Quadro 17), sendo atribuídos valores de 0 a 10. Tendbrink (2002) refere que “(...) as escalas de avaliação são instrumentos úteis para observar o desempenho e as realizações dos estudantes.” (p. 257) Acrescenta também que, “(...) uma escala de observação normalmente consiste num conjunto de características ou comportamentos a julgar e algum tipo de hierarquia.” (p. 259) Por sua vez “(...) o observador usa a escala para indicar a qualidade, quantidade ou nível de rendimento observado.” (p. 259)

Quadro 17 – Escala de Likert

Entre 0 e 2,9	Fraco (F)
Entre 3 e 4,9	Não Satisfaz (NS)
Entre 5 e 6,9	Satisfaz (S)
Entre 7 e 8,9	Bom (B)
Entre 9 e 10	Muito Bom (MB)

A avaliação formativa apresenta um papel paralelo ao da avaliação diagnóstica sendo esta utilizada no decorrer da aprendizagem e aplicada sistematicamente. Para além disso, permite ao professor realizar um melhor acompanhamento do aluno, uma vez que este tipo de avaliação vai permitir identificar as “falhas” do aluno. Ribeiro e Ribeiro (1990) confirmam esta ideia afirmando que a avaliação formativa:

(...) acompanha todo o processo de ensino-aprendizagem, identificando aprendizagens bem sucedidas e as que levantaram dificuldades, para que se possa dar remédio a estas últimas e conduzir a generalidade dos alunos à proficiência desejada e ao sucesso nas tarefas que realizam. (p. 348)

Surge então a importância da aplicação deste tipo de avaliação ao longo da aprendizagem dos alunos proporcionando mais facilmente uma ajuda adequada a cada aluno.

A avaliação sumativa distingue-se, facilmente, da avaliação diagnóstica e formativa ao nível da estrutura e intenção. O mesmo autor refere que a avaliação sumativa: “ (...) procede a um balanço de resultados no final de um segmento de ensino-aprendizagem, acrescentando novos dados aos recolhidos pela avaliação formativa e contribuindo para uma apreciação mais equilibrada do trabalho realizado.” (p. 359)

Esta avaliação permite ao professor tomar consciência dos conhecimentos adquiridos, ou não, mesmo depois de aplicada a avaliação formativa. A avaliação sumativa completa, assim, um ciclo de avaliação em que já foram utilizadas tanto a avaliação diagnóstica como a avaliação formativa.

3.3. Dispositivos de Avaliação do 1.º Ciclo

3.3.1. Dispositivo de Avaliação de Língua Portuguesa

A avaliação que se segue diz respeito a uma atividade de Língua Portuguesa sobre os pronomes pessoais, realizada no dia 29 de março de 2011, no 2.º ano, com 26 alunos em ambiente de sala de aula, tendo faltado dois alunos. Esta ficha de trabalho serviu como meio de consolidação dos pronomes pessoais. Em anexo, (**Anexo A** – Proposta de Trabalho de Língua Portuguesa) deixo um exemplar deste dispositivo de avaliação.

Este conteúdo programático foi dado pela primeira vez nesta aula o que suscitou alguma curiosidade por parte dos alunos. Comecei por dar exemplos muito simples para que os alunos compreendessem o que é um pronome pessoal e qual a sua função. A partir daqui, foram dados vários exemplos pelos alunos nos quais já aplicavam corretamente os pronomes pessoais nas frases. Isso permitiu que algum tempo depois fosse possível realizar um jogo sobre os pronomes pessoais, nos quais os alunos tinham frases no quadro, em cartolina, e tinham de aplicar o pronome pessoal correto. Só então foi aplicada a avaliação.

3.3.1.1. Descrição de parâmetros, critérios e cotações

1. a) Identificação de pronomes pessoais: pretende-se que o aluno identifique os pronomes pessoais presentes nas frases. Foram estabelecidos os seguintes critérios para avaliar este parâmetro:

- Identifica corretamente os seis pronomes pessoais;
- Identifica corretamente os cinco pronomes pessoais;
- Identifica corretamente os quatro pronomes pessoais;
- Identifica corretamente os três pronomes pessoais;
- Identifica corretamente os dois pronomes pessoais;
- Identifica corretamente um pronome pessoal;
- Não identifica.

1. b) Classificação dos pronomes pessoais quanto à pessoa: pretende-se que o aluno classifique o pronome pessoal quanto à pessoa. Assim, perante um dado pronome o aluno terá de classificar quanto à pessoa. Foram estabelecidos os seguintes critérios para avaliar este parâmetro:

- Classifica seis pronomes pessoais quanto à pessoa;
- Classifica cinco pronomes pessoais quanto à pessoa;
- Classifica quatro pronomes pessoais quanto à pessoa;
- Classifica três pronomes pessoais quanto à pessoa;
- Classifica dois pronomes pessoais quanto à pessoa;
- Classifica um pronome pessoal quanto à pessoa;
- Não classifica.

1. c) Classificação dos pronomes pessoais quanto ao número: pretende-se que o aluno, perante um pronome pessoal, classifique o mesmo quanto ao número. Foram estabelecidos os seguintes critérios para avaliar este parâmetro:

- Classifica seis pronomes pessoais quanto ao número;
- Classifica cinco pronomes pessoais quanto ao número;
- Classifica quatro pronomes pessoais quanto ao número;
- Classifica três pronomes pessoais quanto ao número;
- Classifica dois pronomes pessoais quanto ao número;

- Classifica um pronome pessoal quanto ao número;
- Não classifica.

2. Relação entre pronome e verbo na frase: pretende-se que o aluno faça a relação entre o pronome e o verbo na frase. Ou seja, perante uma frase o aluno tem de saber aplicar o pronome correto. Foram estabelecidos os seguintes critérios para avaliar este parâmetro:

- Completa corretamente as cinco frases;
- Completa corretamente as quatro frases;
- Completa corretamente as três frases;
- Completa corretamente as duas frases;
- Completa corretamente uma frase;
- Não completa nenhuma frase corretamente

3. a) Substituição de nomes por pronomes pessoais: pretende-se que o aluno substitua o nome por um pronome pessoal. Foram estabelecidos os seguintes critérios para avaliar este parâmetro:

- Substitui corretamente nas duas frases;
- Substitui corretamente uma frase;
- Não substitui.

3. b) Escrita das frases: pretende-se que o aluno escreva corretamente as frases. Foram estabelecidos os seguintes critérios para avaliar este parâmetro:

- Escreve corretamente as duas frases;
- Escreve corretamente uma frase;
- Substitui corretamente numa frase mas com erros ortográficos;
- Não respondeu.

As cotações utilizadas nesta avaliação estão compreendidas entre zero e dez variando a classificação consoante as cotações obtidas. Este tipo de cotação permite ao professor ser mais específico no sentido em que consegue avaliar objetivamente cada parâmetro e respetivos critérios. Seguidamente apresenta-se uma tabela onde são atribuídas cotações a cada critério.

Tabela de Parâmetros de avaliação

Língua Portuguesa 1.º ciclo – 2.º Ano

Quadro 18 – Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade de Língua Portuguesa

	Parâmetros	Critérios		Cotações
1. a)	Identificação de pronomes pessoais	Identifica corretamente os 6 pronomes pessoais	2,0	2,0
		Identifica corretamente os 5 pronomes pessoais	1,75	
		Identifica corretamente os 4 pronomes pessoais	1,5	
		Identifica corretamente os 3 pronomes pessoais	1,25	
		Identifica corretamente os 2 pronomes pessoais	1,0	
		Identifica corretamente 1 pronome pessoal	0,5	
		Não identifica	0	
1. b)	Classificação dos pronomes pessoais quanto à pessoa	Classifica 6 pronomes pessoais quanto à pessoa	2,0	2,0
		Classifica 5 pronomes pessoais quanto à pessoa	1,75	
		Classifica 4 pronomes pessoais quanto à pessoa	1,5	
		Classifica 3 pronomes pessoais quanto à pessoa	1,25	
		Classifica 2 pronomes pessoais quanto à pessoa	1,0	
		Classifica 1 pronome pessoal quanto à pessoa	0,5	
		Não classifica	0	
1. c)	Classificação dos pronomes pessoais quanto ao número	Classifica 6 pronomes pessoais quanto ao número	2,0	2,0
		Classifica 5 pronomes pessoais quanto ao número	1,75	
		Classifica 4 pronomes pessoais quanto ao número	1,5	
		Classifica 3 pronomes pessoais quanto ao número	1,25	
		Classifica 2 pronomes pessoais quanto ao número	1,0	
		Classifica 1 pronome pessoal quanto ao número	0,5	
		Não classifica	0	
2.	Relação entre pronome e verbo na frase	Completa corretamente as 5 frases	1,5	1,5
		Completa corretamente as 4 frases	1,25	
		Completa corretamente as 3 frases	1,0	
		Completa corretamente as 2 frases	0,75	
		Completa corretamente 1 frase	0,5	
		Não completa nenhuma frase corretamente	0	
3. a)	Substituição de nomes por pronomes pessoais	Substitui corretamente nas 2 frases	1,0	1,0
		Substitui corretamente 1 frase	0,75	
		Não substitui	0	
3. b)	Escrita das frases	Escreve corretamente as 2 frases	1,5	1,5
		Escreve corretamente 1 frase	1,25	
		Substitui corretamente numa frase mas com erros ortográficos	1	
		Não respondeu	0	

3.3.1.2. Grelha de avaliação da atividade

Quadro 19 – Grelha de avaliação da atividade de Língua Portuguesa

Parâmetros	Identificação de pronomes pessoais	Classificação dos pronomes pessoais quanto à pessoa	Classificação dos pronomes pessoais quanto ao número	Relação entre pronome e verbo na frase	Substituição de nomes por pronomes pessoais	Escrita das frases	Total
CrITÉrios	2	2	2	1,5	1	1,5	10
Alunos							
1	2	2	2	1,5	1	1,5	10
2	2	2	2	1,5	1	1,5	10
3	2	2	2	1,5	1	1	9,5
4	2	2	2	1,25	1	1,5	9,75
5	2	2	2	1,5	1	1	9,5
6	2	2	2	1	1	1,5	9,5
7	2	2	2	1	1	1	9
8	2	2	2	1,5	1	1	9,5
9	2	2	2	1,25	1	1	9,25
10	2	2	2	1,25	1	1	9,25
11	2	2	2	1,25	1	1	9,25
12	2	2	2	1,25	1	1,5	9,75
13	2	2	2	1,5	1	1,5	10
14	2	2	2	1,5	1	1	9,5
15	2	2	2	1,5	1	1	9,5
16	2	2	2	1,5	1	1,5	10
17	2	2	2	1,5	1	1,5	10
18	2	2	2	1,5	1	1	9,5
19	2	2	2	1,5	1	1,5	10
20	2	2	2	1,5	1	1,5	10
21	2	2	2	1,5	1	1,5	10
22	2	2	2	1,5	1	1,5	10
23	2	2	2	1,5	1	1	9,5
24	2	2	2	1,5	1	1	9,5
25	2	2	2	1,5	1	1	9,5
26	2	2	2	1,5	1	1,5	10
27	—	—	—	—	—	—	—
28	—	—	—	—	—	—	—
Média	2	2	2	1,41	1	1,25	9,66

3.3.1.3. Apresentação dos resultados em gráfico

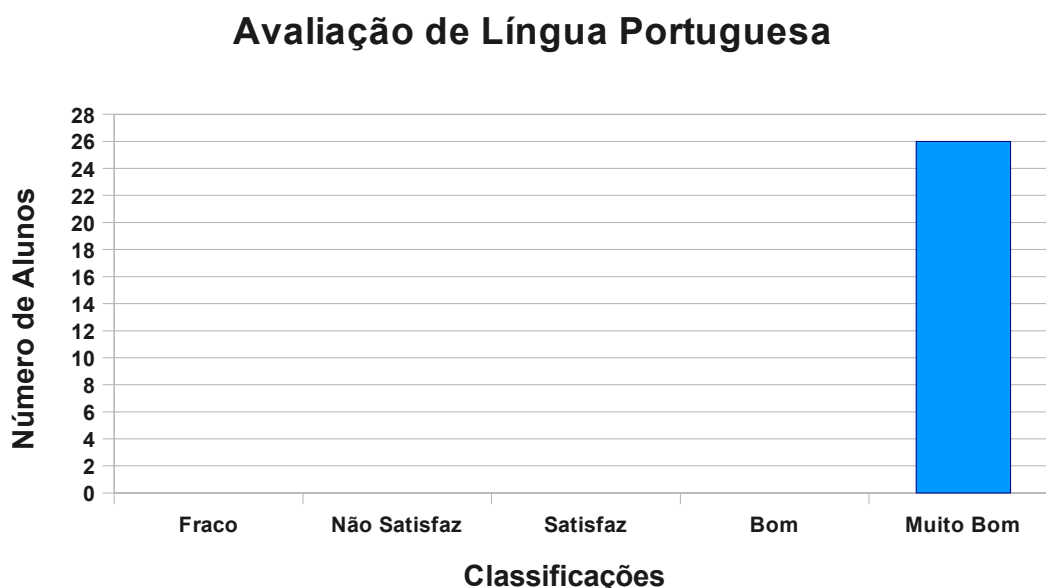


Figura 13 – Resultados da avaliação da atividade sobre os Pronomes pessoais

3.3.1.4. Análise de gráfico

A grelha foi realizada para vinte e oito alunos, a totalidade das crianças da sala mas dois alunos não realizaram esta atividade. Os alunos 27 e 28.

De acordo com os dados recolhidos, no que diz respeito ao primeiro parâmetro, alínea a, **Identificação de pronomes pessoais**, verifiquei que todos os alunos conseguiram atingir os objetivos pretendidos com êxito, identificando os pronomes pessoais.

Ainda no primeiro parâmetro, alínea b, **Classificação dos pronomes pessoais quanto à pessoa**, e , alínea c, **Classificação dos pronomes pessoais quanto ao número**, todos os alunos conseguiram realizar com êxito a questão, tendo todos os alunos acertado.

Relativamente ao segundo parâmetro, **Relação entre pronome e verbo na frase**, vinte e três alunos resolveram o exercício corretamente obtendo a cotação máxima. Dois alunos estiveram muito perto de atingir a cotação máxima tendo errado apenas uma frase. Creio que por distração Apenas um aluno errou duas frases.

No segundo parâmetro, **Substituição em frases de nomes por pronomes pessoais**, dezanove alunos conseguiram fazer corretamente sem qualquer hesitação. Os restantes sete alunos não conseguiram a cotação máxima apenas porque se enganaram a escrever dando erros ortográficos.

No terceiro parâmetro, alínea a), **Substituição de nomes por pronomes pessoais**, todos os alunos conseguiram alcançar a cotação máxima da questão tendo respondido corretamente..

Tal já não se verificou no terceiro parâmetro, alínea b), **Escrita das frases**, onde apenas treze alunos conseguiram atingir a cotação máxima e os outros treze alunos não atingiram a cotação máxima devido a erros ortográficos.

De um modo geral os alunos mostraram ter adquirido a noção de pronome pessoal bem como a sua função na nossa língua.

Numa abordagem geral através do Gráfico 2, posso concluir que os 26 alunos conseguiram resolver todos os exercícios corretamente, totalizando 10 pontos, o que representa a cotação máxima. Os resultados obtidos permitem verificar que a turma não apresenta dificuldades com a matéria, pois não existiram notas abaixo de Muito Bom.

3.3.2. Dispositivo de Avaliação de Matemática

A avaliação apresentada a seguir diz respeito a uma ficha de trabalho de Matemática a qual contém desafios matemáticos, que foi realizada no dia 28 de outubro de 2010, no 4.º ano constituída por 22 alunos. Destes 22 alunos faltaram 3 tendo apenas 19 alunos em sala de aula. Em anexo, (**Anexo B-** Proposta de Trabalho de Matemática) deixo um exemplar deste dispositivo de avaliação.

O tema da aula foi solicitado pela professora titular da sala. Como tal, optei pelo uso desta ficha de trabalho que permitiu verificar quais os alunos que apresentam dificuldades na resolução deste tipo de exercícios onde na maioria dos casos, são exercícios do quotidiano e que podem surgir a qualquer momento.

3.3.2.1. Descrição de parâmetros, critérios e cotações

1. Aplicação da operação da divisão: pretende-se que o aluno aplique corretamente a operação da divisão. Foram estabelecidos os seguintes critérios para avaliar este parâmetro:

- Realiza corretamente as operações e dá a resposta correta;
- Realiza as operações corretamente mas não dá a resposta;
- Só apresenta a resposta e não realiza a operação;
- Não realiza corretamente o exercício.

2. Sequenciação: pretende-se que o aluno faça corretamente a sequência. Foram estabelecidos os seguintes critérios para avaliar este parâmetro:

- Ordena corretamente as quatro opções;
- Ordena corretamente as três opções;
- Ordena corretamente as duas opções;
- Ordena corretamente uma opção;
- Não ordena.

3. a) Aplicação da operação da divisão e da subtração: pretende-se que o aluno aplique corretamente a operação da divisão e da subtração. Foram estabelecidos os seguintes critérios para avaliar este parâmetro:

- Faz corretamente as operações e apresenta a resposta;
- Faz corretamente as operações e não apresenta a resposta;
- Só apresenta a resposta e não realiza a operação;
- Não responde.

3. b) Aplicação da operação da divisão: pretende-se que o aluno aplique corretamente a operação da divisão. Foram estabelecidos os seguintes critérios para avaliar este parâmetro:

- Realizou corretamente as operações e a resposta ;
- Faz corretamente as operações e não apresenta resposta;
- Só apresenta a resposta e não realiza as operações;
- Não responde.

4. Raciocínio lógico: pretende-se que o aluno apele ao raciocínio lógico. Foram estabelecidos os seguintes critérios para avaliar este parâmetro:

- Dá a resposta correta e explica com operações ou esquemas;
- Apenas dá a resposta corretamente;
- Não responde corretamente mas apresenta uma explicação válida;
- Não responde.

5. Raciocínio lógico: pretende-se que o aluno apele ao raciocínio lógico. Foram estabelecidos os seguintes critérios para avaliar este parâmetro:

- Dá a resposta correta e explica com operações ou esquemas;
- Apenas dá a resposta corretamente;
- Não responde corretamente mas apresenta uma explicação válida;
- Não responde corretamente

Todos os critérios utilizados nesta ficha de trabalho que serviu de avaliação visavam avaliar principalmente o raciocínio lógico dos alunos, não dando tanto importância aos erros ortográficos ou caligrafia visto o ano de escolaridade em que se encontram.

Não quero com isto menosprezar a importância de corrigir os erros ortográficos pois considero ser essencial este tipo de procedimento contudo, e uma vez que os principais objetivos não se centravam na avaliação do tipo ou quantidade de erros dados pela criança, decidi não contabilizar os mesmos nesta avaliação.

Não posso deixar de referir também que apesar de não contar para esta avaliação fiz questão de assinalar todos os erros ortográficos. Quando procedi à entrega desta correção chamei à atenção dos alunos para os erros dados, com a perspectiva de que os

mesmos não voltem a repetir-se ficando assim assimilado pela criança a escrita correta de determinadas palavras.

É importante ter sempre atenção a estes aspetos contudo, neste tipo de exercícios o principal é que todos os alunos consigam compreender o problema e o consigam explicar claramente através de esquemas ou cálculos. Não desprezando nunca a importância de ter um problema bem resolvido, quer isto dizer, com os respetivos cálculos ou esquemas não esquecendo porém que se trata de uma pergunta a qual necessita obrigatoriamente de uma resposta.

As cotações utilizadas nesta avaliação estão compreendidas entre zero e dez variando a classificação consoante as cotações obtidas. Este tipo de cotação permite ao professor ser mais específico no sentido em que consegue avaliar objetivamente cada parâmetro e respetivos critérios. Seguidamente apresenta-se uma tabela onde são atribuídas cotações a cada critério.

Tabela de parâmetros de avaliação
Matemática
1.º ciclo - 4.º Ano

Quadro 20 – Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade de Matemática

	Parâmetros	Critérios		Cotações
1.	Aplicação da operação da divisão	Realiza corretamente as operações e dá a resposta correta	2,0	2
		Realiza as operações corretamente mas não dá resposta	1,5	
		Só apresenta a resposta e não realiza a operação	1,0	
		Não realiza	0	
2.	Sequenciação	Ordena corretamente as 4 opções	2	2
		Ordena corretamente as 3 opções	1,5	
		Ordena corretamente as 2 opções	1	
		Ordena corretamente as 1 opções	0,5	
		Não ordena	0	
3. a)	Aplicação da operação da divisão e da subtração	Faz corretamente as operações e apresenta a resposta	1,5	1,5
		Faz corretamente as operações e não apresenta resposta	1	
		Só apresenta a resposta e não realiza a operação	0,5	
		Não responde	0	
3. b)	Aplicação da operação da divisão	Realizou corretamente as operações e a resposta	1,5	1,5
		Faz corretamente as operações e não apresenta resposta	1,0	
		Só apresenta a resposta e não realiza as operações	0,5	
		Não responde	0	
4.	Raciocínio Lógico	Dá a resposta correta e explica com operações ou esquemas	1,5	1,5
		Apenas dá a resposta corretamente	1,0	
		Não responde corretamente mas apresenta uma explicação válida	0,5	
		Não responde	0	
5.	Raciocínio Lógico	Dá a resposta correta e explica com operações ou esquemas	1,5	1,5
		Apenas dá a resposta corretamente	1,0	
		Não responde corretamente mas apresenta uma explicação válida	0,5	
		Não responde	0	

3.3.2.2. Grelha de avaliação da atividade

Quadro 21 – Grelha de avaliação da atividade de Matemática

Parâmetros	Aplicação da operação da divisão	Sequenciação	Aplicação da operação da divisão e da subtração	Aplicação da operação da divisão	Raciocínio lógico	Raciocínio lógico	Total
Critérios	2	2	1,5	1,5	1,5	1,5	10
Alunos							
1	2	2	1,5	0,5	1,5	1	8,5
2	2	2	1,5	0,5	1,5	1,5	9
3	2	2	1,5	0,5	1,5	1,5	9
4	1,5	2	1,5	0,5	1	1	7,5
5	2	2	1,5	1,5	1,5	1	9,5
6	1,5	2	1,5	1,5	1,5	1	9
7	2	2	1,5	1,5	1,5	1	9,5
8	2	2	1,5	1,5	1,5	1	9,5
9	2	2	1,5	1,5	0,5	1	8,5
10	2	2	1,5	1,5	1,5	1,5	10
11	2	2	1,5	1,5	1,5	1,5	10
12	2	2	1,5	1,5	1,5	1	9,5
13	2	2	1,5	0	1	0	6,5
14	2	2	1,5	0,5	0,5	1,5	8
15	2	2	1,5	1,5	1,5	1,5	10
16	1,5	2	0	0	1,5	1,5	6,5
17	2	2	1,5	0,5	1,5	1	8,5
18	2	2	1,5	0,5	1,5	1	8,5
19	1,5	2	1,5	0,5	1,5	1	8
20	—	—	—	—	—	—	—
21	—	—	—	—	—	—	—
22	—	—	—	—	—	—	—
Média	1,89	2	1,42	0,92	1,34	1,13	8,71

3.3.2.3. Apresentação dos resultados em gráfico

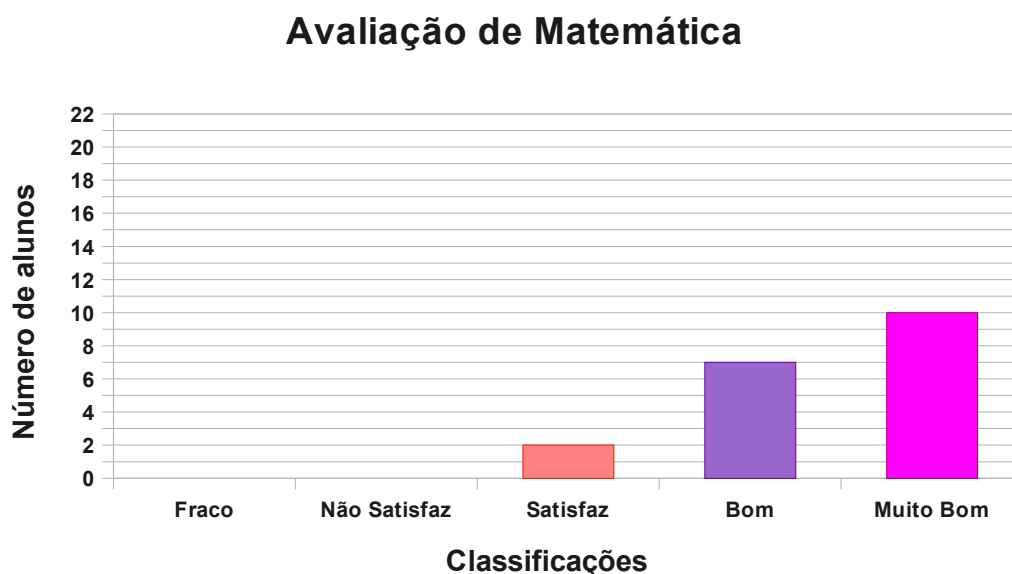


Figura 14 – Resultados da avaliação da atividade sobre Desafios Matemáticos

3.3.2.4. Análise de gráfico

A grelha foi realizada para vinte e dois alunos, a totalidade das crianças da sala mas três alunos não realizaram esta atividade Os alunos 20, 21 e 22.

De acordo com os dados recolhidos, no que diz respeito ao primeiro parâmetro, **Aplicação da operação da divisão**, verifiquei que quinze alunos conseguiram atingir os objetivos pretendidos com êxito, aplicando a operação da divisão.

Relativamente ao segundo parâmetro, **Sequenciação**, todos os alunos resolveram o exercício corretamente obtendo a cotação máxima.

No terceiro parâmetro, alínea a), **Aplicação da operação da divisão e da subtração**, dezoito alunos conseguiram fazer corretamente sem qualquer hesitação. Apenas um aluno não respondeu à questão.

No terceiro parâmetro, alínea b), **Aplicação da operação da divisão**, nove alunos conseguiram alcançar a cotação máxima da questão tendo respondido assertivamente. Contudo, oito alunos não conseguiram obter a cotação máxima apenas porque se

limitaram a dar só a resposta não apresentando cálculos.

No quarto parâmetro, **Raciocínio lógico**, quinze alunos tiveram a cotação máxima, dois alunos apenas deram a resposta à questão e outros dois alunos apenas apresentaram uma justificação lógica não tendo dado a resposta à questão.

No quinto e último parâmetro, **Raciocínio lógico**, sete alunos tiveram a cotação máxima pois apresentaram uma explicação válida com a devida resposta. Onze alunos limitaram-se a dar apenas a resposta e só houve um aluno que não respondeu à questão.

Observando o Gráfico 3, pode verificar-se que apenas três alunos conseguiram alcançar a nota máxima desta atividade não tendo errado nenhum exercício. Quatro alunos tiveram noventa e cinco décimas errando muito poucas coisas. Apenas três alunos tiveram nove pontos conseguindo ainda a pontuação máxima de Muito Bom. Assim, dez alunos tiveram Muito Bom. Quatro alunos tiveram oitenta e cinco décimas, dois alunos tiveram oito valores, um aluno teve setenta e cinco décimas tendo, no total, sete alunos a classificação de Bom. Dois alunos tiveram sessenta e cinco décimas tendo estes dois alunos a classificação de Satisfaz.

Posso concluir que, de forma geral, os alunos compreenderam bem os exercícios pois nenhum deles obteve classificação negativa, no entanto, talvez seja necessário voltar a trabalhar o tema através de outras estratégias para que os alunos que não realizaram corretamente todos os exercícios tenham oportunidade de consolidar melhor os seus conhecimentos.

3.3.4. Dispositivo de Avaliação de Estudo do Meio

Este dispositivo de avaliação de Estudo do Meio surgiu como meio de consolidação dos conhecimentos adquiridos sobre os répteis, tema este abordado na aula, antes de ser feita a avaliação. Esta ficha de trabalho de Estudo do Meio foi realizada no dia 22 de fevereiro de 2011, no 1.º ano, com 27 alunos em ambiente de sala de aula. Em anexo, (**Anexo C-** Proposta de Trabalho de Estudo do Meio) deixo um exemplar deste dispositivo de avaliação.

Antes de ser realizada esta avaliação os alunos tiveram a possibilidade de visualizar algumas imagens que especificavam características dos répteis, dando como exemplo a tartaruga. Mais tarde criei a oportunidade a todos os alunos de interagir com uma tartaruga real.

3.3.4.1. Descrição de parâmetros, critérios e cotações

1. Desenho das características: pretende-se que o aluno desenhe as características dos répteis. Foram estabelecidos os seguintes critérios para avaliar este parâmetro:

- Desenha quatro características dos répteis;
- Desenha três características dos répteis;
- Desenha duas características dos répteis;
- Desenha uma característica dos répteis;
- Não desenhou.

2. a) Características dos répteis: pretende-se que o aluno identifique as características dos répteis. Foram estabelecidos os seguintes critérios para avaliar este parâmetro:

- Identifica seis características dos répteis;
- Identifica cinco características dos répteis;
- Identifica quatro características dos répteis;
- Identifica três características dos répteis;
- Identifica duas características dos répteis;
- Identifica uma característica dos répteis;
- Não respondeu

2. b) Escrita dos conceitos: pretende-se que o aluno escreva as características dos répteis. Foram estabelecidos os seguintes critérios para avaliar este parâmetro:

- Escreve corretamente seis características;
- Escreve corretamente cinco características;
- Escreve corretamente quatro características;
- Escreve corretamente três características;
- Escreve corretamente duas características;
- Escreve corretamente uma característica;
- Escreveu sem erros ortográficos;
- Escreveu com erros ortográficos;
- Não respondeu.

3. Ordenação de números cardinais: pretende-se que o aluno ordene corretamente os números cardinais de 1 a 57. Foram estabelecidos os seguintes critérios para avaliar este parâmetro:

- Ligou corretamente;
- Não ligou corretamente

As cotações utilizadas nesta avaliação estão compreendidas entre zero e dez variando a classificação consoante as cotações obtidas. Este tipo de cotação permite ao professor ser mais específico no sentido em que consegue avaliar objetivamente cada parâmetro e respetivos critérios.

Seguidamente apresenta-se uma tabela onde são atribuídas cotações a cada critério.

Tabela de Parâmetros de avaliação

Estudo do Meio 1.º ciclo – 1.º Ano

Quadro 22 – Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade de Estudo do Meio

	Parâmetros	Critérios		Cotações
1.	Identificação das características	Desenha 4 características dos répteis	2,5	2,5
		Desenha 3 características dos répteis	2,0	
		Desenha 2 características dos répteis	1,5	
		Desenha 1 característica dos répteis	1,0	
		Não desenhou	0	
2. a)	Características dos répteis	Identifica 6 características dos répteis	2,5	2,5
		Identifica 5 características dos répteis	2,0	
		Identifica 4 características dos répteis	1,75	
		Identifica 3 características dos répteis	1,50	
		Identifica 2 características dos répteis	1,0	
		Identifica 1 característica dos répteis	0,5	
		Não respondeu	0	
2. b)	Escrita dos conceitos	Escreve corretamente 6 características	2,25	2,5
		Escreve corretamente 5 características	2,00	
		Escreve corretamente 4 características	1,75	
		Escreve corretamente 3 características	1,50	
		Escreve corretamente 2 características	1,0	
		Escreve corretamente 1 característica	0,5	
		Escreveu sem erros ortográficos	0,25	
		Escreveu com erros ortográficos	0	
		Não respondeu	0	
3.	Ordenação de números cardinais	Ligou corretamente	2,5	2,5
		Não ligou corretamente	0	

3.3.4.2. Grelha de avaliação da atividade

Quadro 23 – Grelha de avaliação da atividade de Estudo do Meio

Parâmetros	Desenho das características	Características dos répteis	Escrita dos conceitos	Ordenação de números cardinais	Total
Cotações Alunos	2,5	2,5	2,5	2,5	10
1	2,5	2,5	1,75	2,5	9,25
2	2,5	2,5	2	2,5	9,5
3	2,5	2,5	2,5	2,5	10
4	2,5	2,5	2	2,5	9,5
5	2	2,5	1,75	2,5	8,75
6	2,5	2,5	2	2,5	9,5
7	2,5	2,5	1,75	2,5	9,25
8	2,5	2,5	1,75	2,5	9,25
9	2,5	2,5	1,75	2,5	9,25
10	2,5	2,5	2	2,5	9,5
11	2,5	2,5	2	2,5	9,5
12	2,5	2,5	1,75	2,5	9,25
13	2,5	2,5	2	2,5	9,5
14	2,5	2,5	1,75	2,5	9,25
15	2,5	2,5	2	2,5	9,5
16	2,5	2,5	1,75	2,5	9,25
17	2,5	2,5	1,75	2,5	9,25
18	2,5	2,5	2	2,5	9,5
19	2,5	2,5	1,75	2,5	9,25
20	2,5	2,5	2	2,5	9,5
21	2,5	2,5	1,75	2,5	9,25
22	2	2,5	2	2,5	9
23	2,5	2,5	2,5	2,5	10
24	2,5	2,5	1,5	2,5	9
25	2,5	2,5	1,5	2,5	9
26	–	–	–	–	–
27	–	–	–	–	–
Média	2,46	2,5	1,89	2,5	9,35

3.3.4.3. Apresentação dos resultados em gráfico

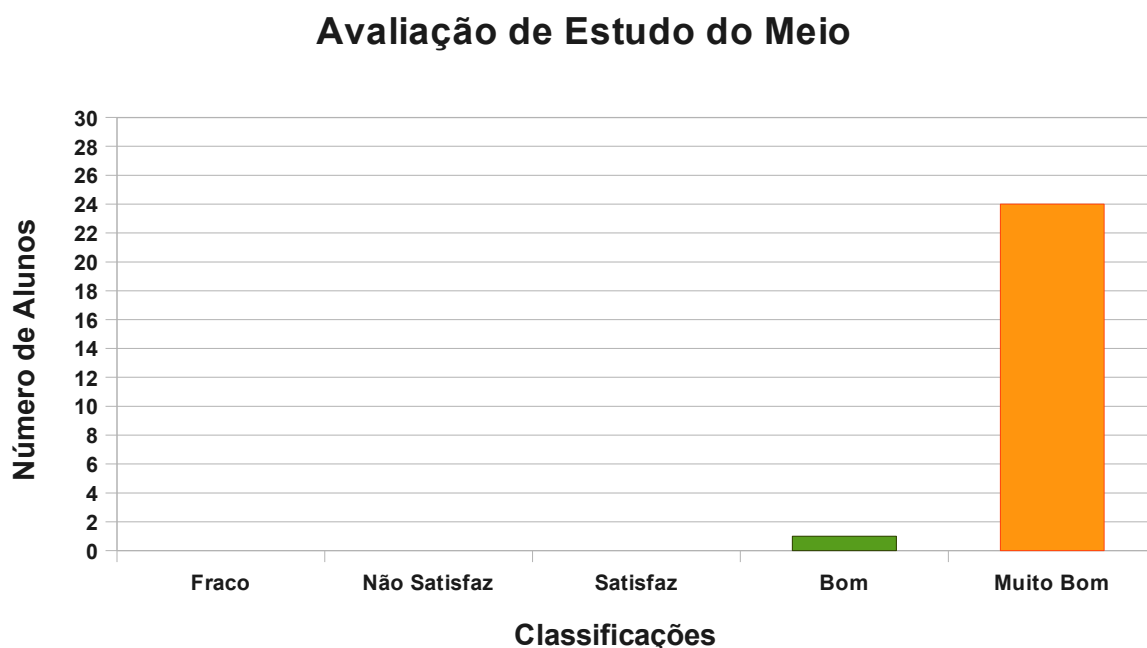


Figura 15 – Resultados da avaliação da atividade de Estudo do Meio

3.3.4.4 Análise de gráfico

A grelha foi realizada para vinte e cinco alunos, pois faltaram 2 alunos no dia em que se realizou a atividade.

De acordo com os dados recolhidos, no que diz respeito ao primeiro parâmetro, **Desenho das Características**, verifiquei que todos os alunos conseguiram atingir os objetivos pretendidos, identificando as características principais dos répteis à exceção de dois alunos que não desenharam uma das características creio que, por dúvida, da representação real.

Relativamente ao segundo parâmetro, alínea a), **Características dos répteis**, todos os alunos resolveram com êxito a questão não revelando assim, qualquer tipo de dificuldade na identificação das características.

Já no segundo parâmetro, alínea b), **Escrita dos conceitos**, apenas dois alunos conseguiram escrever corretamente as seis características. Dez dos alunos só conseguiram escrever corretamente cinco características, tendo na maioria dos casos

errado a mesma palavra. Onze alunos escreveram corretamente quatro características errando duas características. Dois alunos conseguiram escrever corretamente apenas três características.

No último parâmetro, **Ordenação de números cardinais**, todos os alunos conseguiram fazer corretamente sem qualquer hesitação.

Numa abordagem geral através do Gráfico 1, posso concluir que vinte e quatro alunos conseguiram obter a cotação máxima designada de “Muito Bom”. Apenas um aluno obteve a cotação de “Bom” errando poucas coisas.

Assim, posso concluir que esta atividade foi conseguida no sentido em que, a matéria foi explicada e explorada antes de ser realizada a avaliação. Apesar desta matéria ter sido dada pela primeira vez nesta aula, a área de Estudo do Meio constitui uma área de grande interesse para os alunos levando a que estes se interessem e tentem saber cada vez mais.

3.4. Dispositivos de avaliação do 2.º Ciclo

3.4.1. Dispositivo de avaliação de Língua Portuguesa

Este dispositivo de avaliação de Língua Portuguesa surgiu como meio de consolidação dos conhecimentos adquiridos sobre a conjugação pronominal simples e reflexa, tema este abordado na aula, antes de ser feita a avaliação. Esta ficha de trabalho de Língua Portuguesa foi realizada no dia 6 de março de 2012, no 6.º ano, com 24 alunos em ambiente de sala de aula. Em anexo, (**Anexo D – Proposta de Trabalho de Língua Portuguesa**) deixo um exemplar deste dispositivo de avaliação.

Antes de ser realizada esta avaliação os alunos tiveram a possibilidade de rever os conteúdos através do auxílio de um *Powerpoint* e do diálogo.

3.4.1.1. Descrição de parâmetros, critérios e cotações

1. Classificação das afirmações sobre as regras de pronominalização: pretende-se que o aluno classifique as afirmações de verdadeiro ou falso. Foram

estabelecidos os seguintes critérios para avaliar este parâmetro:

- Classifica corretamente as 5 afirmações;
- Classifica corretamente as 4 afirmações;
- Classifica corretamente as 3 afirmações;
- Classifica corretamente as 2 afirmações;
- Classifica corretamente 1 afirmação;
- Identifica uma característica dos répteis;
- Não classifica.

2. Substituição de palavras por pronomes pessoais: pretende-se que o aluno substitua as palavras por pronomes pessoais. Foram estabelecidos os seguintes critérios para avaliar este parâmetro:

- Substituiu corretamente 2 pronomes na mesma frase nas cinco frases possíveis;
- Substituiu corretamente 2 pronomes na mesma frase nas quatro frases possíveis;
- Substituiu corretamente 2 pronomes na mesma frase nas três frases possíveis;
- Substituiu corretamente 2 pronomes na mesma frase nas duas frases possíveis;
- Substituiu corretamente 2 pronomes na mesma frase numa frase possível;
- Substituiu corretamente 1 pronome em cinco frases possíveis;
- Substituiu corretamente 1 pronome em quatro frases possíveis;
- Substituiu corretamente 1 pronome em três frases possíveis;
- Substituiu corretamente 1 pronome em duas frases possíveis;
- Substituiu corretamente 1 pronome numa frase possível;
- Não substituiu;
- Escreveu sem erros de ortografia;
- Escreveu com erros de ortografia.

As cotações utilizadas nesta avaliação estão compreendidas entre zero e dez variando a classificação consoante as cotações obtidas. Este tipo de cotação permite ao professor ser mais específico no sentido em que consegue avaliar objetivamente cada parâmetro e respetivos critérios.

Seguidamente apresenta-se uma tabela onde são atribuídas cotações a cada critério.

Tabela de Parâmetros de avaliação
Língua Portuguesa
2.º ciclo – 6.º Ano

Quadro 24 – Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade de Língua Portuguesa

	Parâmetros	Critérios		Cotações
1.	Classificação das afirmações sobre as regras de pronominalização	Classifica corretamente as 5 afirmações	3	3
		Classifica corretamente as 4 afirmações	2,5	
		Classifica corretamente as 3 afirmações	2	
		Classifica corretamente as 2 afirmações	1,5	
		Classifica corretamente 1 afirmação	1	
		Não classifica	0	
2.	Substituição de palavras por pronomes pessoais	Substituiu corretamente 2 pronomes na mesma frase nas cinco frases possíveis	4	7
		Substituiu corretamente 2 pronomes na mesma frase nas quatro frases possíveis	3,2	
		Substituiu corretamente 2 pronomes na mesma frase nas três frases possíveis	2,4	
		Substituiu corretamente 2 pronomes na mesma frase nas duas frases possíveis	1,6	
		Substituiu corretamente 2 pronomes na mesma frase numa frase possível	0,8	
		Substituiu corretamente 1 pronome em cinco frases possíveis	2	
		Substituiu corretamente 1 pronome em quatro frases possíveis	1,6	
		Substituiu corretamente 1 pronome em três frases possíveis	1,2	
		Substituiu corretamente 1 pronome em duas frases possíveis	0,8	
		Substituiu corretamente 1 pronome numa frase possível	0,4	
		Não substitui	0	
		Escreveu sem erros de ortografia	1	
		Escreveu com erros de ortografia	0	

3.4.1.2. Grelha de avaliação da atividade

Quadro 25 – Grelha de avaliação da atividade de Língua Portuguesa

Parâmetros	Classificação das afirmações sobre as regras de pronominalização	Substituição de palavras por pronomes pessoais	Total
Cotações	3	7	10
Alunos			
1	1,5	1,6	3,1
2	-	-	-
3	-	-	-
4	2	4,2	6,2
5	-	-	-
6	-	-	-
7	2,5	4,6	7,1
8	2,5	3,8	6,3
9	2	6,2	8,2
10	1,5	5,4	6,9
11	2	6,6	8,6
12	2,5	0,8	3,3
13	1,5	0	1,5
14	3	5,8	8,8
15	2	4,2	6,2
16	2,5	5,8	8,3
17	3	5,8	8,8
18	3	5,8	8,8
19	2,5	5,8	8,3
20	2,5	6,2	8,7
21	1,5	0	1,5
22	2	5	7
23	1,5	6,2	7,7
24	1,5	0	1,5
25	2	4,6	6,6
26	1,5	2,6	4,1
27	2	0	2
28	2,5	0,8	3,3
Média	2,13	3,83	5,95

3.4.1.3. Apresentação dos resultados em gráfico

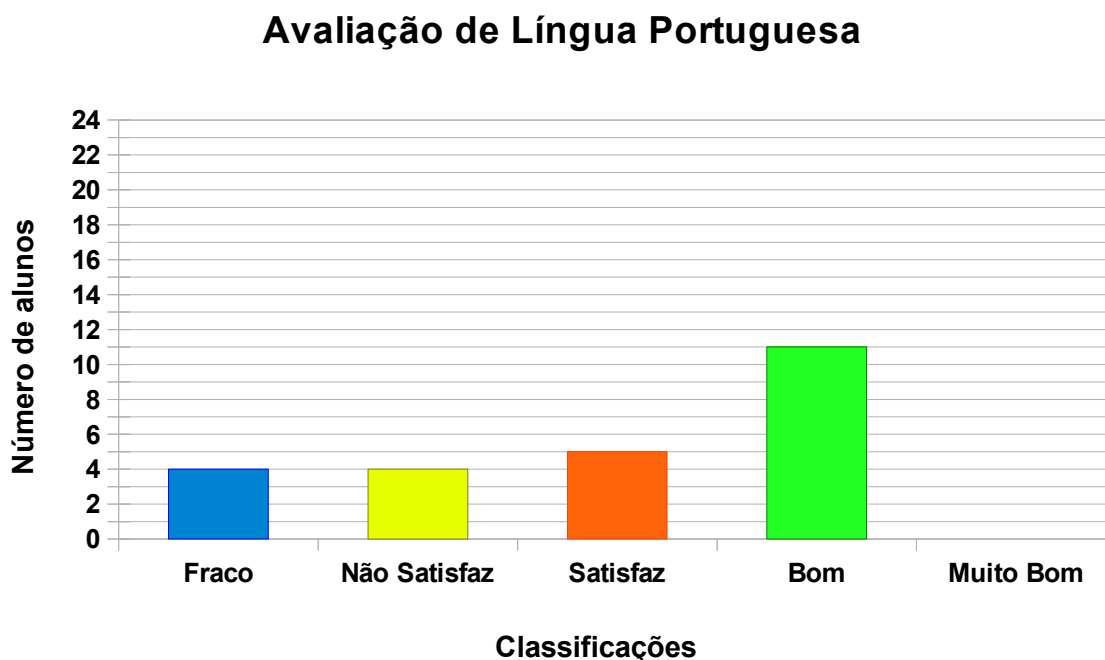


Figura 16 – Resultados da avaliação da atividade de Língua Portuguesa

3.4.1.4. Análise de gráfico

A grelha foi realizada para vinte e quatro alunos, pois faltaram 4 alunos no dia em que se realizou a atividade. Os alunos 2, 3, 5 e 6.

De acordo com os dados recolhidos, no que diz respeito ao primeiro parâmetro, **Classificação das afirmações sobre as regras de pronominalização**, verifiquei que apenas três alunos conseguiram atingir os objetivos pretendidos, classificando corretamente todas as afirmações. Contudo, apenas sete acertaram quatro classificações errando uma. O resto da turma só conseguiu classificar três ou menos afirmações.

Relativamente ao segundo parâmetro, **Substituição de palavras por pronomes pessoais**, os alunos revelaram bastantes dificuldades na aplicação dos pronomes pessoais. Os valores obtidos nesta questão foram muito baixos, onde apenas quatro alunos estiveram perto de obter a cotação máxima.

Numa abordagem geral através da Figura 11, posso concluir que nenhum aluno conseguiu obter a cotação máxima designada de “Muito Bom”. Onze alunos obtiveram a cotação de “Bom” errando poucas coisas, cinco alunos tiveram “Satisfaz”, quatro tiveram

“Não Satisfaz” e outros quatro tiveram Fraco.

Nesta aula de revisão dos conteúdos, os alunos não revelaram estar a par da matéria sendo por isso necessário fazer uma explicação mais exaustiva bem como realizar diversos exercícios de aplicação desta matéria. Deste modo, e diversificando o máximo possível as estratégias para este fim penso que os alunos conseguiriam obter melhores resultados.

3.4.2. Dispositivo de Avaliação de Matemática

A avaliação que se segue diz respeito a uma atividade de Matemática sobre escalas, realizada no dia 13 de março de 2012, no 6.º ano, com 28 alunos em ambiente de sala de aula, não faltado nenhum aluno. Esta ficha de trabalho serviu como meio de consolidação das escalas.. Em anexo, (**Anexo E** – Proposta de Trabalho de Matemática) deixo um exemplar deste dispositivo de avaliação.

Este conteúdo programático foi dado pela primeira vez nesta aula o que suscitou alguma curiosidade por parte dos alunos. Inicialmente expliquei os conteúdos através de um *Powerpoint* dando constantemente vários exemplos e insistindo na leitura e interpretação de escalas. Só então foi aplicada a avaliação.

3.4.2.1. Descrição de parâmetros, critérios e cotações

1. Identificação do significado de escalas: pretende-se que o aluno identifique o significado de escalas. Foram estabelecidos os seguintes critérios para avaliar este parâmetro:

- Identifica corretamente o significado de 2 escalas e de forma completa;
- Identifica corretamente o significado de 2 escalas e de forma incompleta;
- Identifica corretamente o significado de 1 escala e de forma completa;
- Identifica corretamente o significado de 1 escala e de forma incompleta;
- Não identifica;
- Escreveu a resposta sem erros ortográficos;
- Escreveu a resposta com erros ortográficos.

2. Cálculo da proporção: pretende-se que o aluno calcule a proporção a fim de saber a distância real. Foram estabelecidos os seguintes critérios para avaliar este parâmetro:

- Calcula corretamente e de forma completa a proporção;
- Calcula corretamente e de forma incompleta a proporção;
- Não calcula;
- Escreveu a resposta sem erros ortográficos;
- Escreveu a resposta com erros ortográficos.

3. Cálculo da proporção e identificação da escala: pretende-se que o aluno calcule a proporção e identifique a escala. Foram estabelecidos os seguintes critérios para avaliar este parâmetro:

- Calcula corretamente e de forma completa a proporção;
- Calcula corretamente e de forma incompleta a proporção;
- Não calcula;
- Escreveu a resposta sem erros ortográficos;
- Escreveu a resposta com erros ortográficos;
- Identificou a escala ;
- Não identificou a escala.

4. Identificação da escala: pretende-se que o aluno identifique a escala. Foram estabelecidos os seguintes critérios para avaliar este parâmetro:

- Identifica corretamente as 2 escalas;
- Identifica corretamente 1 escala ;
- Não identifica;

As cotações utilizadas nesta avaliação estão compreendidas entre zero e dez variando a classificação consoante as cotações obtidas. Este tipo de cotação permite ao professor ser mais específico no sentido em que consegue avaliar objetivamente cada parâmetro e respetivos critérios.

Seguidamente apresenta-se uma tabela onde são atribuídas cotações a cada critério.

Tabela de Parâmetros de avaliação
Matemática
2.º ciclo – 6.º Ano

Quadro 26 – Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade de Matemática

	Parâmetros	Critérios		Cotações
1.	Identificação do significado de escalas	Identifica corretamente o significado de 2 escalas e de forma completa	1,5	2
		Identifica corretamente o significado de 2 escalas e de forma incompleta	1,25	
		Identifica corretamente o significado de 1 escala e de forma completa	1	
		Identifica corretamente o significado de 1 escala e de forma incompleta	0,75	
		Não identifica	0	
		Escreveu a resposta sem erros ortográficos	0,5	
		Escreveu a resposta com erros ortográficos	0	
2.	Cálculo da proporção	Calcula corretamente e de forma completa a proporção	1,5	2
		Calcula corretamente e de forma incompleta a proporção	1	
		Não calcula	0	
		Escreveu a resposta sem erros ortográficos	0,5	
		Escreveu a resposta com erros ortográficos	0	
3.	Cálculo da proporção e identificação da escala	Calcula corretamente e de forma completa a proporção	3	4
		Calcula corretamente e de forma incompleta a proporção	2	
		Não calcula	0	
		Escreveu a resposta sem erros ortográficos	0,5	
		Escreveu a resposta com erros ortográficos	0	
		Identificou a escala	0,5	
		Não identificou a escala	0	
4.	Identificação da escala	Identifica corretamente as 2 escalas	2	2
		Identifica corretamente 1 escala	1	
		Não identifica	0	

3.4.2.2. Grelha de avaliação da atividade

Quadro 27 – Grelha de avaliação da atividade de Matemática

Parâmetros	Identificação do significado de escalas	Cálculo da proporção	Cálculo da proporção e identificação da escala	Identificação da escala	Total
Critérios Alunos	2	2	4	2	10
1	1,75	1,5	2	2	7,25
2	1,75	2	2	2	7,75
3	2	2	3	0	7
4	1,75	0	0	0	1,75
5	2	1,5	3,5	2	9
6	2	1,5	0	2	5,5
7	2	1	0	0	3
8	2	2	4	2	10
9	2	2	4	2	10
10	2	1,5	2,5	2	8
11	1,75	1	2,5	2	7,25
12	0,75	1,5	3	2	7,25
13	1,75	0	0	1	2,75
14	1,75	1,5	2,5	2	7,75
15	1,75	2	2,5	2	8,25
16	1,75	1,5	2,5	1	6,75
17	1,5	1,5	2,5	2	7,5
18	0	1,5	2,5	2	6
19	1,75	2	4	2	9,75
20	2	2	2,5	2	8,5
21	2	1,5	2,5	2	8
22	1,75	2	3,5	0	7,25
23	1,75	1,5	2,5	2	7,75
24	2	1,5	3	2	8,5
25	1,5	2	4	2	9,5
26	1,5	2	4	2	9,5
27	2	1,5	2,5	2	8
28	2	2	0	2	6
Média	1,89	2	1,42	0,92	8,71

3.4.2.3. Apresentação dos resultados em gráfico

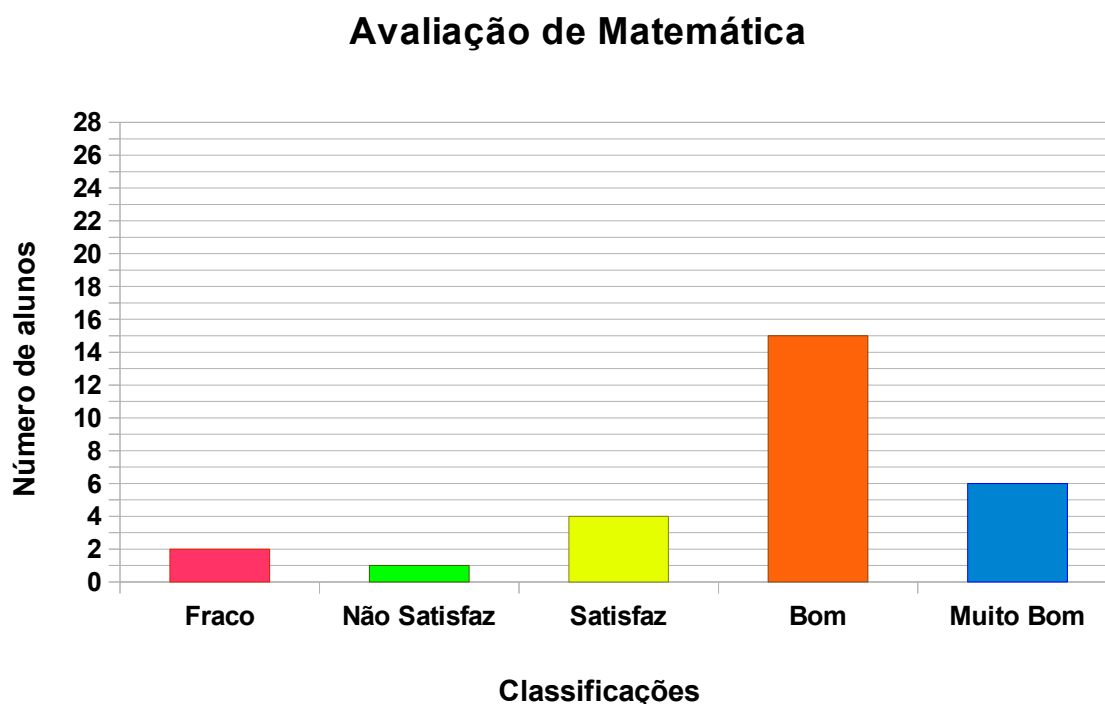


Figura 17 – Resultados da avaliação da atividade de Matemática

3.4.2.4. Análise de gráfico

A grelha foi realizada para vinte e oito alunos, não faltando nenhum aluno no dia em que se realizou a atividade.

De acordo com os dados recolhidos, no que diz respeito ao primeiro parâmetro, **Identificação do significado de escalas**, verifiquei que doze alunos conseguiram atingir os objetivos pretendidos, identificando o significado de escalas. Onze alunos identificaram corretamente o significado de duas escalas, mas de forma incompleta não obtendo a pontuação máxima. Os restantes cinco alunos tiveram algumas dúvidas neste exercício e uma aluna não fez o exercício.

Relativamente ao segundo parâmetro, **Cálculo da proporção**, onze alunos tiveram a pontuação máxima, treze alunos responderam corretamente mas com erros ortográficos, dois alunos conseguiram calcular corretamente a proporção mas de forma incompleta e dois alunos não realizaram o exercício.

Já no terceiro parâmetro, ***Cálculo da proporção e identificação da escala***, cinco alunos calcularam e identificaram a escala corretamente obtendo a cotação máxima da pergunta. Onze alunos fizeram bem o cálculo e a identificação da escala contudo, escreveram com erros ortográficos sendo penalizados por isso. Dois alunos calcularam corretamente a proporção mas não identificaram a escala e apresentavam erros ortográficos. Três alunos calcularam bem e sem erros ortográficos contudo, não identificaram a escala. Dois alunos calcularam corretamente mas de forma incompleta a proporção, tal como apresentavam erros ortográficos e não identificaram a escala. Por fim, cinco alunos não fizeram o exercício.

Numa abordagem geral através da Figura 12, posso concluir que dois alunos tiveram a cotação máxima, ou seja, não erraram nada e não apresentaram qualquer erro ortográfico o que me fez classificá-los de “Excelente”. Apesar de saber que esta classificação não existe na minha escala fiz questão de o fazer só para os alunos como forma de incentivo. Quatro alunos estiveram muito perto da cotação máxima, obtendo a classificação de “Muito Bom”. Quinze alunos tiveram “Bom” . Quatro alunos foram classificados com “Satisfaz”, um aluno teve “Não Satisfaz” e dois alunos tiveram “Fraco”.

Uma vez que apenas três alunos tiveram nota negativa, posso concluir que esta atividade foi conseguida no sentido em que, a matéria foi explicada e explorada antes de ser realizada a avaliação. Contudo, penso que faltou uma abordagem mais específica para alguns alunos em particular, o que se refletiu nos resultados. Para estes alunos a estratégia tem de ser numa vertente mais prática para que depois consigam passar para a concretização destes exercícios.

3.4.3. Dispositivo de Avaliação de Ciências da Natureza

A avaliação que se segue diz respeito a uma atividade de Ciências da Natureza sobre o sistema respiratório humano, realizada no dia 25 de novembro de 2011, no 6.º ano, com 26 alunos em ambiente de sala de aula, faltado apenas dois alunos. Esta ficha de trabalho serviu como meio de consolidação do sistema respiratório humano. Em anexo, (**Anexo F** – Proposta de Trabalho de Ciências da Natureza) deixo um exemplar deste dispositivo de avaliação.

Este conteúdo programático foi dado pela primeira vez nesta aula o que suscitou

alguma curiosidade por parte dos alunos. Inicialmente expliquei os conteúdos através de um *Powerpoint* dialogando e esclarecendo dúvidas colocadas pelos alunos. Concluída a explicação os alunos realizaram a ficha de trabalho à qual se seguiu uma demonstração dos movimentos respiratórios com o auxílio de pulmões de porco verdadeiros. Uma vez que junto aos pulmões ainda trazia a traqueia foi através desta que inseri um pouco de mangueira e soprei várias vezes para dentro dos pulmões para uma melhor percepção.

3.4.3.1. Descrição de parâmetros, critérios e cotações

1. Identificação da constituição do sistema respiratório humano: pretende-se que o aluno identifique todas as partes constituintes do sistema respiratório humano. Foram estabelecidos os seguintes critérios para avaliar este parâmetro:

- Identifica 9 partes do sistema respiratório;
- Identifica 8 partes do sistema respiratório;
- Identifica 7 partes do sistema respiratório;
- Identifica 6 partes do sistema respiratório;
- Identifica 5 partes do sistema respiratório;
- Identifica 4 partes do sistema respiratório;
- Identifica 3 partes do sistema respiratório;
- Identifica 3 partes do sistema respiratório;
- Identifica 1 parte do sistema respiratório;
- Não identifica.

2.

2.1. Identificação dos movimentos de inspiração e expiração: pretende-se que o aluno identifique o movimento de inspiração e o movimento de expiração. Foram estabelecidos os seguintes critérios para avaliar este parâmetro:

- Identifica corretamente 2 movimentos;
- Identifica corretamente 1 movimento;
- Não identifica.

3. Classificação de afirmações: pretende-se que o aluno classifique as afirmações de verdadeiro ou falso sobre o sistema respiratório humano. Foram estabelecidos os seguintes critérios para avaliar este parâmetro:

- Classifica corretamente 6 afirmações;
- Classifica corretamente 5 afirmações;
- Classifica corretamente 4 afirmações;
- Classifica corretamente 3 afirmações;
- Classifica corretamente 2 afirmações;
- Classifica corretamente 1 afirmação;
- Não classifica.

As cotações utilizadas nesta avaliação estão compreendidas entre zero e dez variando a classificação consoante as cotações obtidas. Este tipo de cotação permite ao professor ser mais específico no sentido em que consegue avaliar objetivamente cada parâmetro e respetivos critérios.

Seguidamente apresenta-se uma tabela onde são atribuídas cotações a cada critério.

Tabela de Parâmetros de avaliação
Ciências da Natureza
2.º ciclo – 6.º Ano

Quadro 28 – Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade de Ciências da Natureza

	Parâmetros	Critérios		Cotações
1. 1.1.	Identificação da constituição do sistema respiratório humano	Identifica 9 partes do sistema respiratório	3,6	3,6
		Identifica 8 partes do sistema respiratório	3,2	
		Identifica 7 partes do sistema respiratório	2,8	
		Identifica 6 partes do sistema respiratório	2,4	
		Identifica 5 partes do sistema respiratório	2,0	
		Identifica 4 partes do sistema respiratório	1,6	
		Identifica 3 partes do sistema respiratório	1,2	
		Identifica 2 partes do sistema respiratório	0,8	
		Identifica 1 parte do sistema respiratório	0,4	
		Não identifica	0	
2. 2.1.	Identificação dos movimentos de inspiração e expiração	Identifica corretamente 2 movimentos	1,0	1,0
		Identifica corretamente 1 movimento	0,5	
		Não identifica	0	
3.	Classificação de afirmações	Classifica corretamente 6 afirmações	5,4	5,4
		Classifica corretamente 5 afirmações	4,5	
		Classifica corretamente 4 afirmações	3,6	
		Classifica corretamente 3 afirmações	2,7	
		Classifica corretamente 2 afirmações	1,8	
		Classifica corretamente 1 afirmação	0,9	
		Não classifica	0	

3.4.3.2. Grelha de avaliação da atividade

Quadro 29 – Grelha de avaliação da atividade de Ciências da Natureza

Parâmetros	Identificação da constituição do sistema respiratório humano	Identificação dos movimentos de inspiração e expiração	Classificação de afirmações	Total
Crêrios	3,6	1	5,4	10
Alunos				
1	3,6	1	2,7	7,3
2	–	–	–	–
3	2,8	1	1,8	5,6
4	2,4	1	4,5	7,9
5	2,8	1	5,4	9,2
6	3,6	1	4,5	9,1
7	2,8	1	2,7	6,5
8	3,6	1	2,7	7,3
9	2,4	1	4,5	7,9
10	2,4	1	2,7	6,1
11	3,6	1	4,5	9,1
12	1,6	1	2,7	5,3
13	1,2	1	2,7	4,9
14	3,6	1	4,5	9,1
15	3,6	1	4,5	9,1
16	3,6	1	5,4	10
17	3,6	1	5,4	10
18	3,2	1	3,6	7,8
19	2,4	1	5,4	8,8
20	3,6	1	4,5	9,1
21	–	–	–	–
22	2,8	1	3,6	7,4
23	3,6	1	4,5	9,1
24	1,6	1	1,8	4,4
25	2,8	1	4,5	8,3
26	1,6	1	3,6	6,2
27	3,2	1	0,9	5,1
28	2,8	1	4,5	8,3
Média	2,88	1	3,77	7,65

3.4.3.3. Apresentação dos resultados em gráfico

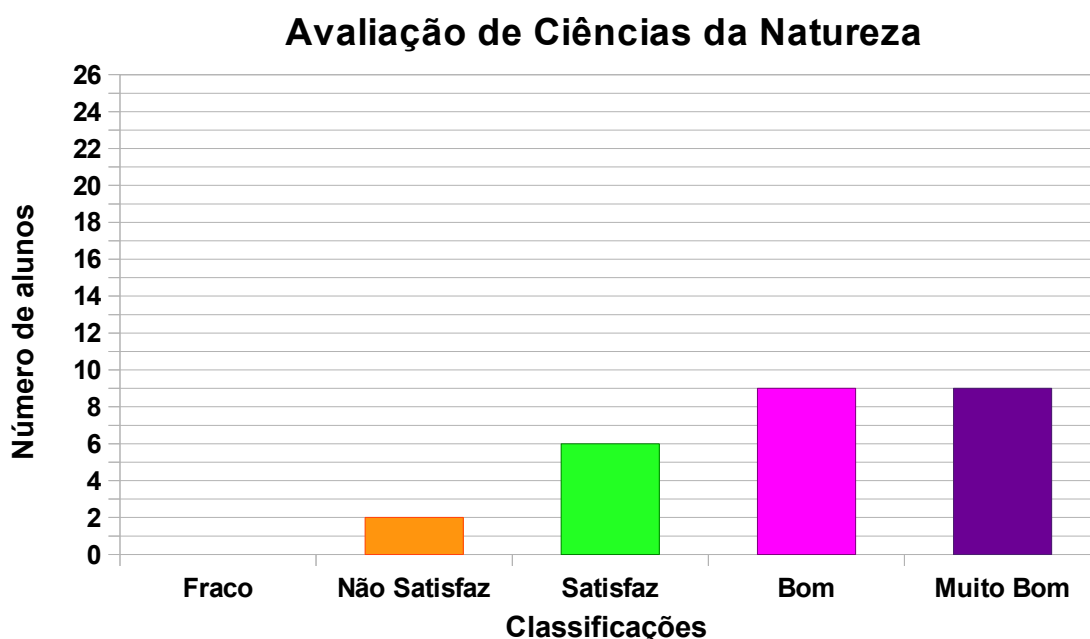


Figura 17 – Resultados da avaliação da atividade de Ciências da Natureza

3.4.3.4. Análise de gráfico

A grelha foi realizada para vinte e seis alunos, faltando dois alunos no dia em que se realizou a atividade.

De acordo com os dados recolhidos, no que diz respeito ao primeiro parâmetro, **Identificação da constituição do sistema respiratório humano**, verifiquei que dez alunos conseguiram atingir os objetivos pretendidos, identificando toda a constituição do sistema respiratório humano. Dois alunos erraram apenas uma parte do sistema respiratório humano, seis alunos identificaram sete partes, quatro identificaram seis partes, três identificaram quatro partes e uma identificou três partes.

Relativamente ao segundo parâmetro, **Identificação dos movimentos de inspiração e expiração**, todos os alunos tiveram grande êxito ao obter a cotação máxima.

Já no terceiro parâmetro, **Classificação de afirmações**, quatro alunos classificaram corretamente as seis afirmações. Dez alunos classificaram cinco afirmações

errando apenas uma. Três alunos classificaram corretamente quatro afirmações, seis alunos classificaram corretamente três afirmações, dois alunos classificaram corretamente duas afirmações e apenas um aluno só conseguiu classificar corretamente uma afirmação.

Numa abordagem geral através da Figura 13, posso concluir que nove alunos conseguiram obter a cotação máxima designada de “Muito Bom”, destacando dois alunos que não erraram mesmo nada e eu atribui a nota de “Excelente”. Nove alunos obtiveram a classificação de “Bom”, seis alunos tiveram “Satisfaz” e apenas dois alunos tiveram “Não Satisfaz” ficando abaixo do pretendido.

Assim, posso concluir que esta atividade foi conseguida apesar de dois alunos terem negativa. Estes dois alunos têm Necessidades Educativas Especiais o que me faz pensar que de uma forma geral a turma revelou um bom desempenho. Uma vez que a área de Ciências se revela ser uma área em que os alunos têm bastante interesse, as explicações dadas são acompanhadas pelos alunos sem qualquer dificuldade. Depois da ficha de trabalho foi essencial terminal a aula com a visualização dos pulmões de um porco, existindo um encadeamento lógico de ideias e terminando a aula com uma conclusão.

3.4.4. Dispositivo de Avaliação de História e Geografia de Portugal

A avaliação que se segue diz respeito a uma atividade de História e Geografia de Portugal sobre o império português no século XVI – os territórios em África, realizada no dia 13 de dezembro de 2011, no 6.º ano, com 24 alunos em ambiente de sala de aula, faltado quatro alunos. Esta ficha de trabalho serviu como meio de consolidação do império português no séc. XVI. Em anexo, (**Anexo G** – Proposta de Trabalho de História e Geografia de Portugal) deixo um exemplar deste dispositivo de avaliação.

Este conteúdo programático foi dado pela primeira vez nesta aula. Inicialmente expliquei os conteúdos através de um *Powerpoint* pedindo sempre a participação dos alunos. Concluída a explicação os alunos realizaram a ficha de trabalho.

3.4.4.1. Descrição de parâmetros, critérios e cotações

1.

1.1. Identificação da costa ocidental africana: pretende-se que o aluno identifique a costa ocidental africana. Foram estabelecidos os seguintes critérios para avaliar este parâmetro:

- Identifica corretamente;
- Não identifica.

1.2. Justificação da construção da feitoria: pretende-se que o aluno justifique o porquê da feitoria ter sido construída. Foram estabelecidos os seguintes critérios para avaliar este parâmetro:

- Justifica corretamente com 2 razões;
- Justifica corretamente com 1 razão;
- Justifica corretamente mas com erros ortográficos;
- Não justifica.

1.3. Identificação do nome dos lugares de comércio: pretende-se que o aluno identifique o nome dos lugares de comércio. Foram estabelecidos os seguintes critérios para avaliar este parâmetro:

- Identifica corretamente;
- Não identifica.

2. Completa a tabela utilizando palavras chave: pretende-se que o aluno complete a tabela utilizando as palavras chave. Foram estabelecidos os seguintes critérios para avaliar este parâmetro:

- Completa corretamente 8 espaços;
- Completa corretamente 7 espaços;
- Completa corretamente 6 espaços;
- Completa corretamente 5 espaços;
- Completa corretamente 4 espaços;
- Completa corretamente 3 espaços;
- Completa corretamente 2 espaços;

- Completa corretamente 1 espaço;
- Não completa.

3. Completa as palavras cruzadas: pretende-se que o aluno complete as palavras cruzadas sobre o tema. Foram estabelecidos os seguintes critérios para avaliar este parâmetro:

- Completa corretamente 6 palavras;
- Completa corretamente 5 palavras;
- Completa corretamente 4 palavras;
- Completa corretamente 3 palavras;
- Completa corretamente 2 palavras;
- Completa corretamente 1 palavra;
- Não completa.

As cotações utilizadas nesta avaliação estão compreendidas entre zero e dez variando a classificação consoante as cotações obtidas. Este tipo de cotação permite ao professor ser mais específico no sentido em que consegue avaliar objetivamente cada parâmetro e respetivos critérios.

Seguidamente apresenta-se uma tabela onde são atribuídas cotações a cada critério.

Tabela de Parâmetros de avaliação
História e Geografia de Portugal
2.º ciclo – 6.º Ano

Quadro 30 – Cotações atribuídas aos critérios definidos na atividade de História e Geografia de Portugal

	Parâmetros	Critérios		Cotações
1. 1.1.	Identificação da costa ocidental Africana	Identifica corretamente	0,5	0,5
		Não identifica	0	
1.2.	Justificação da construção da feitoria	Justifica corretamente com 2 razões	2,0	2,0
		Justifica corretamente com 1 razão	1,5	
		Justifica corretamente mas com erros ortográficos	1,0	
		Não justifica	0	
1.3.	Identificação do nome dos lugares de comércio	Identifica corretamente	0,5	0,5
		Não identifica	0	
2.	Utiliza as palavras chave sobre os produtos comercializados	Completa corretamente 8 espaços	4,0	4,0
		Completa corretamente 7 espaços	3,5	
		Completa corretamente 6 espaços	3,0	
		Completa corretamente 5 espaços	2,5	
		Completa corretamente 4 espaços	2,0	
		Completa corretamente 3 espaços	1,5	
		Completa corretamente 2 espaços	1,0	
		Completa corretamente 1 espaço	0,5	
		Não completa	0	
3.	Realiza as palavras cruzadas	Completa corretamente 6 palavras	3,0	3,0
		Completa corretamente 5 palavras	2,5	
		Completa corretamente 4 palavras	2,0	
		Completa corretamente 3 palavras	1,5	
		Completa corretamente 2 palavras	1,0	
		Completa corretamente 1 palavra	0,5	
		Não completa	0	

3.4.4.2. Grelha de avaliação da atividade

Quadro 31 – Grelha de avaliação da atividade de História e Geografia de Portugal

Parâmetros	Identificação da costa ocidental africana	Justificação da construção da feitoria	Identificação do nome dos lugares de comércio	Completa a tabela utilizando palavras chave	Completa as palavras cruzadas	Total
Critérios Alunos	0,5	2	0,5	4	3	10
1	0,5	2	0,5	4	2,5	9,5
2	0	1,5	0	4	2	7,5
3	-	-	-	-	-	-
4	0,5	1,5	0,5	4	1,5	8
5	0,5	0	0,5	4	3	8
6	0,5	1,5	0,5	4	3	9,5
7	0,5	1,5	0,5	4	2	8,5
8	0,5	1,5	0,5	4	3	9,5
9	0	1,5	0,5	4	3	9
10	0	1	0	4	1	6
11	-	-	-	-	-	-
12	0,5	1,5	0,5	4	1,5	8
13	0,5	2	0,5	4	3	10
14	0,5	1,5	0	4	1	7
15	0,5	1,5	0	4	2	8
16	0,5	1,5	0,5	4	2,5	9
17	0,5	0	0	4	0	4,5
18	0	1	0	0	1,5	2,5
19	0	1	0,5	4	1,5	7
20	0	1	0	4	1,5	6,5
21	-	-	-	-	-	-
22	0	0	0	2	1	3
23	0	1	0	4	2,5	7,5
24	0,5	1,5	0	4	2	8
25	0,5	1,5	0,5	4	3	9,5
26	0,5	1,5	0,5	4	2,5	9
27	-	-	-	-	-	-
28	0	1	0	4	1	6
Média	0,31	1,23	0,27	3,75	1,98	7,54

3.4.4.3. Apresentação dos resultados em gráfico

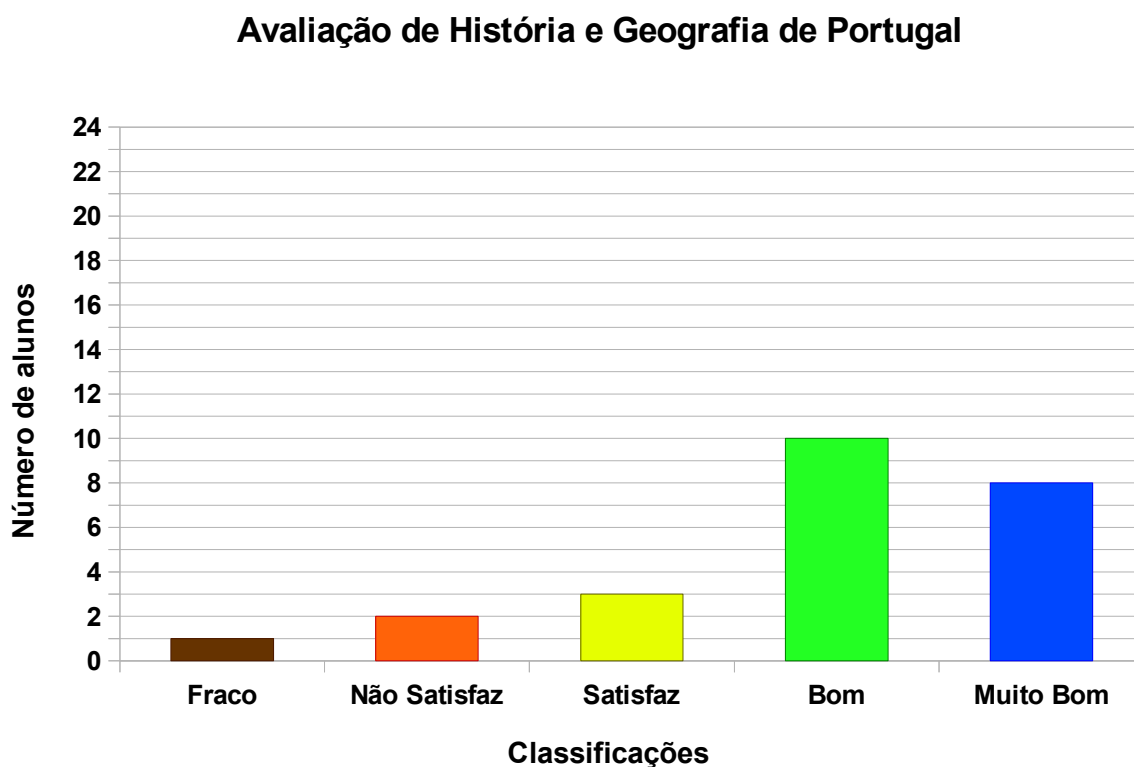


Figura 18 – Resultados da avaliação da atividade de História e Geografia de Portugal

3.4.4.4. Análise de gráfico

A grelha foi realizada para vinte e quatro alunos, faltando quatro alunos no dia em que se realizou a atividade.

De acordo com os dados recolhidos, no que diz respeito ao primeiro parâmetro, **Identificação da costa ocidental africana**, verifiquei que quinze alunos conseguiram atingir os objetivos pretendidos. Nove alunos erraram a questão.

Relativamente ao segundo parâmetro, **Justificação da construção da feitoria**, dois alunos conseguiram fazer corretamente o pretendido. Treze alunos justificaram corretamente mas utilizando apenas uma razão tendo por isso uma classificação inferior aos anteriores. Seis alunos justificaram corretamente mas foram penalizados devido aos erros ortográficos. Apenas três alunos não responderam à questão.

Já no terceiro parâmetro, ***Identificação do nome dos lugares de comércio***, treze alunos identificaram corretamente e onze alunos não fizeram corretamente a identificação.

No quarto parâmetro, ***Completa a tabela utilizando palavras chave***, vinte e dois alunos completaram corretamente os 8 espaços, um aluno completou corretamente 4 espaços e outro aluno não fez o exercício.

Por fim, no quinto parâmetro, ***Completa as palavras cruzadas***, seis alunos tiveram o exercício todo correto, quatro alunos erraram uma palavra, quatro completaram corretamente 4 palavras, cinco alunos completaram corretamente 3 palavras, quatro alunos completaram corretamente 2 palavras e apenas uma aluna não resolveu o exercício.

Numa abordagem geral através da Figura 14, posso concluir que oito alunos tiveram a classificação de “Muito Bom” destacando um aluno que teve tudo certo. Dez alunos tiveram “Bom”, três alunos “Satisfaz”, dois alunos “Não Satisfaz” e só um aluno teve “Fraco”.

A conclusão que tiro é que a nível geral a aula foi bem sucedida tendo em conta os resultados obtidos. Contudo, para que numa próxima vez todos os alunos consigam atingir o mínimo proposto, tenho de trabalhar mais com os alunos com mais dificuldades levando a que sejam eles a chegarem a algumas conclusões da matéria que está a ser estudada, envolvendo-os mais na dinâmica da aula.

REFLEXÃO FINAL

1. Considerações finais

Ao terminar o meu curso torna-se importante refletir sobre todo o percurso feito.

Inicialmente, na Licenciatura, a minha ideia era ser educadora de infância e professora do 1.º Ciclo. Porém, à medida que tinha contacto com os alunos, na realidade educativa em que estavam inseridos, comecei a aperceber-me que o grande desafio e o que me deixava empolgada para fazer mais e melhor eram realmente os alunos do 1.º e do 2.º ciclo. É para mim um enorme desafio e um prazer imenso trabalhar com as crianças nestas idades.

Apesar da componente teórica ao longo do curso foi no estágio que tomei consciência da realidade da Prática Pedagógica. Esta revelou-se indispensável para consciencializar-me da realidade, adquirir conhecimentos e desenvolver competências práticas. Tal como referem Ponte e Serrazina (2000):

(...) não basta ao professor conhecer teorias, perspectivas e resultados da investigação. Tem de ser capaz de construir soluções adequadas, para os diversos aspectos da sua acção profissional, requer não só a capacidade de mobilização e articulação de conhecimentos teóricos, mas também a capacidade de lidar com situações práticas, com as quais contacta pela primeira vez nesse importante ano de formação (p. 38)

O estágio é também imprescindível para a construção da identidade profissional do docente. Segundo Korthagen citado em Flores e Simão (2009):

(...) os alunos futuros professores reflectem sobre o seu pensamento, sentimento, desejo e acção sobre os mesmos aspectos nos seus alunos. O objectivo desta reflexão é torná-los mais conscientes sobre a forma como são orientados por alguns sinais durante o seu ensino, incluindo sinais vindos de dentro da pessoa, tais como sentimentos de irritação ou de precipitação. (p. 48)

O contacto com inúmeros e diferentes docentes contribuiu também para o meu crescimento pois através das sugestões, opiniões e críticas construtivas, fizeram-me refletir ajudando a ultrapassar os insucessos e a alcançar os sucessos. Quintas *et al.* (1997) referem que o futuro professor deve “(...) analisar as suas acções, decisões e sucessos/insucessos e deste modo, constituir-se num instrumento de desenvolvimento profissional.” (p.124). Estas reflexões quando feitas em conjunto com profissionais de educação, como é o caso das Orientadoras da Prática Pedagógica, ajudaram a superar dúvidas, receios, a evoluir e a querer fazer sempre mais e cada vez melhor.

A componente prática, na qual tivemos a oportunidade de dar aulas, foi um desmistificar de ideias pré-concebidas e, ao mesmo tempo, uma descoberta ao longo destes anos de formação.

Tentar compreender os alunos que temos à nossa frente, gerir atitudes, valores e conflitos fez-me desenvolver múltiplas estratégias de transmissão de conhecimento e de gestão de toda uma panóplia de acontecimentos no meio envolvente.

A partir da Prática Pedagógica que realizei com as diferentes faixas etárias nos diferentes anos gostaria de apresentar aqui uma pequena reflexão sobre as características que mais se salientaram nas crianças com quem estagiei. Apresentarei a mesma por ordem crescente de idade:

no 1.º ano, o aluno:

- cria laços afetivos muito fortes com a professora;
- requer um contacto físico capaz de encontrar na professora um aconchego maternal;
- necessita de estratégias de ensino diversificadas sendo que a transmissão de uma forma lúdica tem primazia;

no 2.º ano, o aluno:

- afetivamente continua a necessitar de criar laços fortes com a professora;
- cognitivamente já apresenta uma evolução significativa em relação ao 1.º ano;
- necessita que a triangulação aluno-escola-família seja estabelecida e fortalecida ao longo do tempo;

no 3.º ano, o aluno:

- adquire uma certa autonomia na concretização das suas tarefas;
- desenvolve muito as suas capacidades de raciocínio;
- faz uma grande distinção entre rapazes e raparigas;

no 4.º ano, o aluno:

- consegue atingir um elevado grau de raciocínio;
- demonstra um grande interesse em tudo o que lhe é desconhecido;
- revela um grande sentido de responsabilidade e autonomia;
- interessa-se bastante em acompanhar os avanços tecnológicos;
- necessita de uma palavra de incentivo e de aconchego, sendo esta forma mais valorizada do que o contacto físico;

no 5.º ano, o aluno:

- já demonstra uma grande autonomia e responsabilidade nomeadamente no que diz respeito aos seus pertences;
- ainda demonstra uma grande cumplicidade com o professor no campo afetivo;
- demonstra interesse em saber tudo o que acontece na sociedade;
- tal como no 4.º ano revela um grande interesse em acompanhar os avanços tecnológicos;

no 6.º ano, o aluno:

- já se revela com uma autonomia e responsabilidade que se distingue dos anos anteriores;
- tende a querer saber muito mais do que os conhecimentos que o professor transmite;
- insere-se e cria fortes laços de amizade com os colegas;
- estabelece uma relação de confiança e respeito com o seu professor;

Concluídas as características dos alunos que mais se salientaram no decorrer do meu estágio, não posso deixar de fazer referência às minhas aulas filmadas que, tendo sido feitas ainda na Licenciatura, tiveram uma grande relevância no meu processo de formação pois ajudaram-me a emendar atitudes menos assertivas.

Formosinho, Machado e Oliveira-Formosinho (2010) manifestam que “O exercício da docência faculta ao professor o treino de competências profissionais. Estas trazem-lhe um saber experiencial que lhe formata a acção docente.” (p. 51).

Uma vez compreendida a importância da prática e da observação de aulas fiz sempre semanas de estágio intensivo mesmo quando não existia qualquer tipo de obrigatoriedade. No decorrer dessas semanas realizei estágio em diferentes instituições de ensino (quer públicas quer privadas), com vista a absorver conhecimentos e experiências diversas. Após uma reflexão sobre esta minha decisão cheguei à conclusão que foi uma escolha assertiva tendo em conta as experiências vivenciadas e a aquisição de conhecimentos que me proporcionaram.

Assim concluo que os conhecimentos teóricos que adquiri através da pesquisa envolvida na elaboração deste relatório, aliados à experiência prática que vivenciei ao longo do meu percurso formativo, ser-me-ão fundamentais no meu futuro enquanto docente e ajudar-me-ão a analisar, planear e agir de forma a proporcionar às crianças um ensino de qualidade.

Loughran (citado por Flores e Simão, 2009) refere que “se os alunos futuros professores “sentirem” genuinamente o que é ensinar e aprender através de experiências autênticas, há maior probabilidade de encararem a situação de uma forma pessoalmente mais significativa.” (p. 27)

Para além da componente prática ao longo de toda a formação um dos aspetos fundamentais na minha formação foi, sem dúvida, a construção de dispositivos de avaliação os quais me ajudaram a perceber a importância desta prática e o modo como se processa. Pude perceber que a avaliação tem como principal objetivo melhorar a educação, pois é uma forma de o professor regular a eficácia ou ineficácia das suas estratégias.

Fernandes (2005) acentua que o uso frequente e regular de “práticas de avaliação promovem uma melhoria bastante significativa das aprendizagens das crianças, o que se traduz numa melhora da qualidade geral do sistema educativo.” (p. 157)

Como pude verificar cada criança é um ser único que vai evoluindo e crescendo à medida que os anos vão passando, com a grande responsabilidade por parte do professor de a acompanhar e orientar neste processo da construção da sua identidade pessoal.

Assim sendo, encaro todo este percurso como sendo uma forma imprescindível para o meu crescimento bem como, a elaboração deste relatório que achei essencial refletir sobre as ações educativas que presenciei e que pratiquei.

2. Limitações

Uma das grandes limitações para a concretização desta relatório foi o diminuto tempo existente face às diversas atividades, tais como: a preparação de aulas, a realização de material para as mesmas, as pesquisas bibliográficas que por vezes foram difíceis de aceder, os testes e trabalhos para todas as Unidades Curriculares na Escola Superior de Educação João de Deus (ESE JD). Outra condicionante foi a biblioteca da ESE JD que por vezes não tinha um horário compatível com as minhas únicas horas disponíveis para fazer a pesquisa bibliográfica e, quando a tinha, existia alguma escassez de livros originado pelo incumprimento do prazo de devolução dos livros, por parte dos leitores, levando a dias ou mesmo semanas de espera.

3. Novas pesquisas

No decorrer da minha pesquisa para este relatório e ao longo do meu estágio deparei-me com assuntos e temas que foram abordados superficialmente. Para tal, e com vista a acompanhar a grande diversidade de alunos que compõem uma turma, tenciono no futuro continuar a minha formação nas mais diversas áreas e assuntos. Um das áreas que pretendo continuar a explorar são as Necessidades Educativas Especiais para que, caso tenha algum aluno com limitações, o consiga acompanhar adequadamente no seu desenvolvimento.

Para além desta área, continuarei as minhas pesquisas e estudos não apenas para me capacitar de novos conhecimentos teóricos, mas também para contribuir para o aumento da minha sabedoria prática sobre estratégias que possa adequar à realidade educativa onde esteja inserida.

Dada a importância do trabalho em equipa na formação de crianças pretendo envolver-me em projetos dentro e fora da escola de modo a estabelecer laços com a comunidade educativa e com as famílias. Acredito e defendo que estas conexões fazem toda a diferença no processo de desenvolvimento da criança.

Como boa profissional que pretendo ser tentarei sempre estar a par dos conhecimentos e dos avanços tecnológicos não esquecendo nunca do meu lado prático e reflexivo, fator preponderante na minha evolução profissional.

Referências Bibliográficas

Referências bibliográficas:

- Abrantes, P. (2003). *Os sentidos da escola: identidades juvenis e dinâmicas de escolaridade*. Oeiras: Celta Editora.
- Abrantes, P. (2001a). *Currículo Nacional do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Abrantes, P. (2001b). *Reorganização curricular do ensino básico: princípios, medidas e implicações: decreto-lei 6/2000 de 18 de Janeiro*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Abrantes, P. & Araújo, F. (2002). *Avaliação das Aprendizagens: das concepções às práticas*. Ministério da Educação: Departamento da Educação Básica.
- Abrantes, P. & Serrazina, L. & Oliveira, I. (1999). *A Matemática na Educação Básica*. Ministério da Educação. Departamento da Educação Básica.
- Alarcão, I. (1996). *Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão*. Porto: Porto Editora.
- Alliende, F. Condemarín, M. (1987). *Leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Almeida, A. (1998). *Visitas de estudo: concepções e eficácia na aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Altet, M. (1997). *As Pedagogias da Aprendizagem*. Lisboa. Instituto Piaget.
- Alves, L. A. M. (1994). *Expressão dramática e teatro*. (1.º edição). Lisboa: Edições ASA.
- Alves, M. P. C. (2002). A Avaliação e o Desenvolvimento Profissional do Professor. In Moreira, A. F. B. & Macedo, E. F. (org.). *O Currículo, Práticas Pedagógicas e Identidades*. Porto: Porto Editora.
- Amado, J. S. (2001). *Interacção pedagógica e indisciplina na aula*. Porto: ASA.
- Arends, R. I. (1995). *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGrawHill.
- Azenha, M. (1997). *Ensino-Aprendizagem das Línguas Estrangeiras*. Porto: Edições ASA.
- Azevedo, M. (2000). *Teses, relatórios e trabalhos escolares – sugestões para estruturação da escrita*. Lisboa: Universidade Católica.
- Azevedo, F. (2000). *Ensinar e aprender a escrever através e para além do erro*. Porto: Porto Editora.
- Balancho, M. J. & Coelho, F. M. (1996). *Motivar os alunos – Criatividade na Relação Pedagógica: Conceitos e Práticas*. Lisboa: Texto Editora.

- Barbeiro, L. F. & Pereira, L. A. (2007). *Ensino da escrita: A Dimensão Textual*. Ministério da Educação: Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Borràs, L. (2001). *Os docentes do 1.º e do 2.º ciclos do ensino básico – áreas curriculares I – Matemática, Língua Portuguesa e Estudo do Meio*. Setúbal: Marina Editores.
- Brickman, N. A. & Taylor, L. S. (1991). *Aprendizagem activa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cachapuz, A. (1995). *O ensino das Ciências para a excelência da aprendizagem*. Em A. D. Carvalho (Ed.), *Novas Metodologias em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Caldeira, M. F. (2009). *Aprender a Matemática de uma Forma Lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Calixto, J. A. (1996). *A biblioteca escolar e a sociedade de informação*. Lisboa: Caminho.
- Calp., Amorim, M. C. e Virgo (2002). *Competências, currículo e planificação do 1º ciclo do ensino básico : 3.º ano*. Braga : Nova Educação.
- Canavarro, J. M. & Pereira, A. I. F. & Pascoal, P. (2001). *Diferenciação Pedagógica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Carita , A. & Fernandes, G. (1997). *Indisciplina na sala de aula: como prevenir? como remediar?*. Lisboa: Presença.
- Charlier, É. (2001). Formar professores profissionais para uma Formação contínua articulada à prática. Em Paquay, L. & Perrenoud, P. & Altet, M. & Charlier, É. (2.ª edição), *Formando Professores Profissionais: Quais estratégias? Quais competências?*. Porto Alegre: Artmed.
- Chiavenato, I. (2004). *Gerenciando com as pessoas: transformando o executivo em um excelente gestor de pessoas*. Lisboa: Elsevier.
- Comission on Teaching Standards for School Mathematics. (1994). Normas profissionais para o ensino da matemática. Lisboa : APM : IIE.
- Condemarin, M. & Chadwick, M. (1987). *A Escrita Criativa e Formal*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cordeiro, M. (2010). *O Livro da Criança – Do 1 aos 5 anos*. (5.ª edição). Lisboa: A Esfera dos Livros.
- Craidy, C., & Kaercher, G. (2001). *Educação infantil - Para que te quero?* Porto Alegre: Artmed Editora.
- Cunha, A.C. (2008). *Ser professor: bases de uma sistematização teórica*. Braga: Casa do professor.

- Cury, A. (2004). *Pais brilhantes, Professores fascinantes – como formar jovens felizes e inteligentes*. (1.º edição). Cascais: Pergaminho.
- Delors, J. (1996). *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Porto: Edições ASA.
- Diogo, J. M. L. (1998). *Parceria escola-família : a caminho de uma educação participada*. Porto: Porto Editora.
- Dohme, V. (2007). *O valor educacional dos jogos: jogos e dicas para empresas e instituições de educação*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Domingues, I. (1995). *Controlo disciplinar na escola: processos e práticas*. Lisboa: Texto Editora.
- Duarte, I. (2008). *O Conhecimento da Língua: Desenvolver a Consciência Linguística*. Ministério da educação: Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Estanqueiro, A. (2010). *Boas Práticas na Educação – O Papel dos Professores*. Lisboa: Editorial Presença.
- Fernandes, D. (2005). *Avaliação das Aprendizagens: Desafios às Teorias, Práticas e Políticas*. Lisboa: Texto editores.
- Flores, M. A. & Simão, A. M. V. (2009). *Aprendizagem e Desenvolvimento Profissional de Professores: Contextos e Perspectivas*. Mangualde: Edições Pedagogo.
- Fonseca, A. et al. (2008). *Aprender e Ensinar na Escola*. Chamusca, Portugal: Edições Cosmos.
- Fonseca, T. (2001). *A televisão e a multiculturalidade: apropriação de mensagens televisivas por crianças de diferentes etnias*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Formosinho, J. Machado, J. e Oliveira-Formosinho, J. (2010). *Formação, Desempenho e Avaliação de Professores*. Viseu: Edições Pedagogo.
- Formosinho, J. O. (coord.) (2009). *Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias – Estudos de Caso*. Lisboa: Direcção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Formosinho, J. (1998). *O ensino primário: de ciclo único do ensino básico a ciclo intermédio da educação básica*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Formosinho, J. O. (1998). *Modelos curriculares para a educação de infância*. (2.ª edição). Porto: Porto Editora.
- Freitas, L. V. e Freitas, C. V. (2002). *Aprendizagem Cooperativa*. Porto: Edições ASA.
- Gaio, A. & Duarte, T. (2004). O conhecimento da matemática do professor do 1.º ciclo. In: A. Borralho; C. Monteiro & R. Espadeiro, *A matemática na formação do professor*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Ciências de Educação. Secção de Educação e Matemática.

- Galvão, C., Reis, P., Freire, A. e Oliveira, T. (2006). *Avaliação de Competências em Ciências*. Porto: Edições ASA.
- Garcia, C. M. (1999). *Formação de Professores – Para uma Mudança Educativa*. In Narciso, I. Porto: Porto Editora.
- Gérard, F.; Maingain, A. & Dufour, B. (2008). *Abordagens Didáticas da Interdisciplinaridade*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Gomez, M. T, Mir, V. & Serrats, M. G. (1993). *Como criar uma boa relação pedagógica*. Porto: Edições ASA.
- Grave-Resendes, L. e Soares, J. (2002). *Diferenciação Pedagógica*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Grosso, C. (2004). *Grandezas e Medidas, Áreas e Volumes*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Hetzer, H. (1959). *Psicologia Pedagógica*. (2.^a edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Hohmann, M. e Weikart, D. P. (1997). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Jesus, J. M. S. (2002). *Educação do Movimento*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Jesus, S. N. (1996). *Influência do professor sobre os alunos*. Porto: Edições ASA.
- Kowalski, I. (2000). Educação estética: a fruição nos primeiros anos do ensino básico. Em Biblioteca do Educador, *Educação pela arte*. (p. 119-126). Lisboa: Horizonte.
- Landsheere, V. (1992). *Educação e Formação*. Porto: Edições ASA.
- Lebrun, M. (2002). *Teorias e métodos pedagógicos para ensinar e aprender*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Leite, C. e Fernandes, P. (2002). *Avaliação das aprendizagens dos alunos. Novos contextos, novas práticas*. Porto. Edições ASA.
- Lopes, J. A. (2001). *Problemas de comportamento, problemas de aprendizagem, e problemas de “ensinagem”*. Coimbra: quarteto.
- Lopes, J. A, Velasquez, M. G, Fernandes, P. P. & Bartolo, V. N. (2004). *Aprendizagem, ensino e dificuldade da leitura*. Coimbra: Quarteto.
- Lourenço, O. M. (1997). *Psicologia de desenvolvimento cognitivo: teoria, dados e implicações*. Coimbra: Livraria Almedina.

- Ludke, M., & André, M. (2008). *Pesquisa em Educação - Abordagens Qualitativas*. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária.
- Magalhães, V. F. (2008). A promoção da leitura literária na infância: um mundo de verdura a não perder. Em Sousa, O. C. & Cardoso, A. P. (2010). *Desenvolver competências em língua portuguesa : percursos didácticos*. Lisboa : Colibri, CIED.
- Manique, A. P. e Proença, M. C. (1994). *Didáctica da História: Património e História Local*. Lisboa: Texto Editora.
- Marques, R. (2002). *Valores éticos e cidadania na escola*. Lisboa: Presença.
- Marques, R.; Davies, D. & Silva, P. (1993). Os Professores e as Famílias – A Colaboração Possível. Lisboa: Livros Horizonte.
- Martins, I. P. & Veiga, M. L. & Teixeira, F. & Tenreiro-Vieira, C. & Vieira, R. M. & Rodrigues, A. V. & Couceiro, F. (2007). *Educação em ciências e ensino experimental: formação de professores*. Ministério da Educação: Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Mata L. (2008). *À descoberta da escrita*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Mialaret, G. (1999). *Psicologia da educação*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Mialaret, G. (1981). *A Formação dos Professores*. Coimbra: Almedina.
- Ministério da Educação (2006). *Organização Curricular e Programas Ensino Básico – 1.º Ciclo* (6.ª ed.). Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- Ministério da Educação. (2004). *Programas do 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (2001). *Currículo nacional do ensino básico – competências essenciais*. Lisboa: Departamento da Educação Básica.
- Ministério da Educação (1998). *Organização Curricular e Programas*. Ministério da Educação: Departamento da Educação Básica.
- Morais, J. (1997). *A arte de ler : psicologia cognitiva da leitura*. Lisboa: Edições Cosmos.
- Moreira, D., & Oliveira, I. (2003). *Iniciação à Matemática Jardim – de – Infância*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Moreira, P. (2004). *Ser professor: competências básicas...3*. Porto: Porto Editora.
- Moreira, P. (2002). *Ser professor: competências básicas*. Porto: Porto Editora.
- Morgado, J. (2004). *Qualidade na educação : um desafio para os professores*. Barcarena: Editorial presença.

- Morgado, J., (2001). *A Relação Pedagógica: Diferenciação e Inclusão*. (2.ª edição). Editorial Presença. Lisboa.
- Morissette, D. & Gingras, M. (1994). *Como ensinar atitudes : planificar, intervir, avaliar*. Porto: Asa.
- Niza, S. (1998). *Criar o gosto pela escrita: formação de professores*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Oliveira, M. (2010). *A sequência didáctica como estratégia para o desenvolvimento integrado de competências*. Em Sousa, O. C. & Cardoso, A. P. (2010). *Desenvolver competências em língua portuguesa : percursos didácticos*. Lisboa : Colibri, CIED.
- Pacheco, J. A. (1996). *Currículo: Teoria e Práxis*. Porto: Porto Editora.
- Pacheco, J. (1995). *Formação de professores: teoria e praxis*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia – Universidade do Minho.
- Pais, A. & Monteiro, M. (1996). *Avaliação – uma prática diária*. Lisboa: Editorial Presença.
- Papalia, D. E., Olds, S. W. & Feldman, R. D. (2001). *O Mundo da Criança*. (8.ª edição). Lisboa: McGraw-Hill.
- Pato, M. H. (1995). *Trabalho de Grupo no Ensino Básico, Guia prático para Professores* (2ª edição). Lisboa: Texto Editora.
- Patrocínio, T. (2002). *Tecnologia, educação e cidadania*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Pereira, A. (2002). *Educação para a ciência*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Pérez, M. (s.d). *Desenho curricular de aula como modelo de Aprendizagem-Ensino*. Comunicação apresentada no Seminário Internacional I.
- Perrenoud, P. (1999). *Construir as competências desde a escola*. Porto Alegre: Artmed.
- Perrenoud, P. (1995). *Ofício de aluno e sentido do trabalho escolar*. Porto: Porto Editora.
- Peterson, P. D. (2003). *Professor do ensino básico – Perfil e formação*. Lisboa: Piaget.
- Pombo, O., Guimarães, H. M. & Levy, T. (1994). *A interdisciplinaridade – Reflexão e experiência*. Lisboa: Texto Editora.
- Ponte, J. P., & Serrazina, M. L. (2000). *Didáctica da matemática do 1º ciclo*. Lisboa : Universidade Aberta.

- Ponte, J. P. (1997). *As novas tecnologias e a educação*. Lisboa: Texto Editora.
- Proença, M. C. (1990). *Ensinar / Aprender História*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Quintas, H., Arco, J., Mestre, M. e Gonçalves, M. R. (1997). *Identificação de níveis de reflexão em alunos em formação inicial*. Actas do I Congresso Nacional de Supervisão. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Reis (2008). *Programas de Português do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Reis, C. & Lopes, A. C. (2007). *Dicionário de narratologia*. (7.^a edição). Coimbra: Almedina.
- Reizinho, E. J. C. (s.d). *Introdução à pedagogia: teoria e prática*. Mira-Sintra: Publicações Europa América.
- Ribeiro, A. C. (1997). *Objectivos educacionais no horizonte do ano 2000 : princípios orientadores de planos e programas de ensino*. Lisboa : Texto Editora.
- Ribeiro, A. C. & Ribeiro, L. C. (1990) *Planificação e avaliação do ensino-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Ribeiro, A. C. & Ribeiro, L. C. (1989). *Planificação e Avaliação do Ensino-Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Rodari, G. (1993). *Gramática da fantasia*. (4.^a edição). Lisboa: Editorial Caminho.
- Rodrigues, D. D. (2002). *A Infância da Arte e a Arte da Infância*. Lisboa. Edições ASA.
- Roldão, M. C. (1999). *Os professores e a gestão do currículo : perspectivas e práticas em análise*. Porto : Porto Editora.
- Roldão, M. C. (1995). *O estudo do meio no 1.º ciclo: fundamentos e estratégias*. Lisboa: Texto editora.
- Sá, J. (2002). *Renovar as práticas no 1.º ciclo pela via das ciências da natureza*. Porto: Porto Editora.
- Salvador, C. C. et al (2000). *Psicologia do ensino*. Porto Alegre: Artmed.
- Sanches, I.R. (2001). *Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula*. Porto: Porto Editora.
- Santos, M. C. (2002). *Trabalho experimental no ensino das ciências*. Lisboa: Instituto de inovação educacional.
- Saraiva, M. (1999). Organização do ensino e da aprendizagem e avaliação pedagógica in Pimenta, L.; Martinez, R.; Saraiva, L.; Pinto, J. (1999). *Dimensões de formação na educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Sêco, J. (1997). *Chamados pelo nome: da importância da afectividade na educação da adolescência*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, Ministério da Educação.

- Serrazina, M. L. & Matos, J. M. (1988). *O Geoplano na Sala de Aula*. Lisboa: Associação dos Professores de Matemática.
- Severino, M. A. F. (2007). *Supervisão em educação de infância: supervisores e estilos de supervisão*. Penafiel: Editorial Novembro.
- Silva, M. E. (2008). A escrita de textos: da teoria à prática. In O. Sousa & A. Cardoso (Coord.). *Desenvolver competências em língua portuguesa*. Lisboa: Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais da Escola Superior de Educação de Lisboa.
- Silveira-Botelho, A. T. (2009). *As tecnologias de informação e comunicação na formação inicial de professores em Portugal: uma prática educativa na Escola Superior de Educação João de Deus*. Dissertação de Doutoramento da Universidade de Málaga: Facultad de Ciencias de la Education.
- Silvestre, A. I., Nunes, C. C., Rocha, G., Sousa, H., Pesquita, I., Segurado, I., Oliveira, I., Almiro, J., Ponte, J. P., Bandarra, L., Capela, M., Serrazina, M. L., Alves, M. S., Dias, P., Carvalho, R. e Marques, T. (2010). *O Professor e o Programa de Matemática do Ensino Básico*. Lisboa: Associação de Professores de Matemática.
- Sim-Sim, I. (2007). *O Ensino da Leitura: A Compreensão de textos*. Ministério da Educação: Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.
- Sim-Sim, I. (2006). *Ler e ensinar a ler*. Lisboa: Edições ASA.
- Sim-Sim, I. (1998). *Desenvolvimento da Linguagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Sim-Sim, I. Duarte, I. e Ferraz, M. J. (1997). *A língua materna na educação básica: Competências Nucleares e Níveis de Desempenho*. Lisboa: Ministério da educação.
- Sousa, A. (2003). *Educação pela arte e arte na educação*. Bases psicopedagógicas. Lisboa: Instituto Piaget.
- Sousa, A. B. (2001a). *Educação em Valores na Pré-Escolaridade e no 1º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Sousa, A. B. (2001b). *Educação moral através da expressão dramática na pré-escolaridade e no 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Sousa, M. L. D. (1993). *A interpretação de textos na aula de português*. Porto: ASA.
- Sousa, O. e Costa, C. (2010). O texto no ensino inicial da leitura e da escrita. In. P. Cunha (1996). *Ética e educação*. Lisboa: Universidade Católica Editora.
- Sousa, M. E. (1999). *A biblioteca escolar e a conquista dos leitores*. Revista Malasartes [Cadernos de Literatura para a Infância e Juventude], n.º1, 22-26

Sousa, O. C. (2010). *Do trabalho de texto à reflexão linguística*. Em Sousa, O. C. & Cardoso, A. P. (2010). *Desenvolver competências em língua portuguesa : percursos didáticos*. Lisboa : Colibri, CIED.

Sousa, O. & Cardoso, A.(2008). *Desenvolver competências em língua portuguesa*. Lisboa : CIED.

Sousa, O. C. & Cardoso, A. P. (2010). *Desenvolver competências em língua portuguesa : percursos didáticos*. Lisboa : Colibri, CIED.

Spodek, B., Saracho, O. (1998). *Ensinando crianças de três a oito anos*. Porto Alegre: Editora Artmed.

Stavenhagen, R. (1996). *Educação para uma Mundo Multicultural*. Em Delors, J., *Educação: Um Tesouro a Descobrir*. Lisboa: Edições ASA.

Tendbrink, T. (2002). *Evaluacion. Guia practica para profesores*. Madrid: Narcea S.A..

Trillo, F. & Bolívar, A. & Pinto, F.C. & Caride, J.A. & Rubal, X. & Trillo, F. & Zabalza, M. (2000). *Atitudes e valores no ensino*. Lisboa: Instituto Piaget.

Varela, A. (2004). *Enciclopédia dos pais: ajuda escolar*. Rio de Mouro: Círculo de Leitores.

Veloso, R. M. (2001). *Literatura Infantil e Práticas Pedagógicas*. Malasartes, Cadernos de Literatura para a Infância e a Juventude, n.º 6, Lisboa.

Vieira, F. (1993). *Supervisão: uma prática reflexiva de formação de professores*. Porto: Edições ASA.

Villas-Boas, M. A. (2000). *A Parceria entre a Escola, a Família e a Comunidade: Trabalhos de Casa para desenvolvimento da Literacia*. Lisboa: Ministério da Educação.

Zabalza, M. A. (2002). *Planificações e desenvolvimento curricular na escola*. Porto: Edições ASA.

Zabalza, M. A. (2000). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola*. Porto: Edições ASA.

Zabalza, M.A. (1994). *Planificação e desenvolvimento curricular na escola* (2.ª edição). Rio Tinto, Portugal: Edições ASA.

Zeichner, K. (1993). *A formação reflexiva de professores: ideias e práticas*. Lisboa:Educa.

Webgrafia:

Araújo, R. M. B. (2002). *O Desenvolvimento da Criança: de 10, 11 e 12 anos*. Recuperado em 2012, Abril 8, de

<http://www.montesiao.pro.br/estudos/crianca/caract_faixaetaria.html>.

GAVE: Recuperado em 2012, junho 14, de <http://www.gave.min-edu.pt>.

Jesus, S. N. (2008). Estratégias para motivar os alunos. Recuperado em 2012, março 25, de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/index>.

Metas de Aprendizagem do 1.º Ciclo. Recuperado em 2012, abril de <http://www.metasdeaprendizagem.min-edu.pt/ensino-basico/metas-de-aprendizagem/metas/?area=14&level=2>.

Metas de Aprendizagem do 2.º Ciclo. Recuperado em 2012, maio de <http://www.metasdeaprendizagem.min-edu.pt/ensino-basico/metas-de-aprendizagem/metas/?area=26&level=4>

Moura, L. T. (s.d). *A Relação da Afectividade com a Inteligência*. Recuperado em 2012, abril 12, de <http://www.profala.com/arteducesp78.htm>.

Ramalho, V. (2007). *A mentira*. Portal da Criança. Recuperado em 2012, março 22, de <http://www.portaldacrianca.com.pt/artigosa.php?id=28>.

ANEXOS

ANEXO A

Proposta de Trabalho de Língua Portuguesa

Jardim-Escola João de Deus - Olivais

Ficha formativa - Língua Portuguesa

Nome: _____ Data: _____

1. Circunda os pronomes pessoais e completa o quadro como no exemplo:

	Pessoa	Singular	Plural
Eu vou descansar na cama.	1. ^a	×	
Tu estás satisfeito com as notas.			
Ele tem um livro novo.			
Ela brinca com o computador.			
Nós gostamos de passear.			
Vós sois muito amigas.			
Elas jogam à bola no quintal.			

2. Completa as frases com os pronomes pessoais adequados.

- _____ hoje vamos à piscina.
- _____ queres vir também?
- _____ tem dois irmãos pequenos.
- _____ penso ficar em casa.
- _____ brinca com a boneca.



3. Reescreve as frases utilizando um pronome pessoal para evitar repetições.

a. O João esqueceu-se que tinha aula de Português. O João faltou.

b. A Inês vive no Porto. A Inês não conhece a cidade de Lisboa.

ANEXO B

Proposta de Trabalho de Matemática

Jardim-Escola João de Deus – Olivais

Ficha formativa – Matemática

Nome: _____ Data: _____

Desafios

1) A FAMÍLIA DE TARTARUGAS

No jardim de casa do carteiro Pedro vive uma família de 4 tartarugas que pesam em conjunto 16 kg. A tartaruga mãe pesa metade da tartaruga pai, e as tartarugas filhas pesam, cada uma, metade da tartaruga mãe. Quanto pesa cada tartaruga?

2) UMA CORRIDA DE BICICLETAS

O Carlos, o Luís, o Pedro e o Rui resolveram fazer uma corrida de bicicleta para comemorar o dia Mundial dos correios, dia 9 de outubro. Descobre a ordem de chegada dos 4 ciclistas, seguindo as pistas:

- Ninguém empatou.
- O Pedro chegou à frente do Carlos e do Luís.
- O Rui chegou à frente do Luís.
- O Carlos chegou à frente do Rui.

1º - _____

2º - _____

3º - _____

4º - _____

3) OS SELOS

A Luisinha tem 48 selos na sua coleção. Dos seus 48 selos a Luisinha ofereceu $\frac{1}{6}$ deles à Matilde.

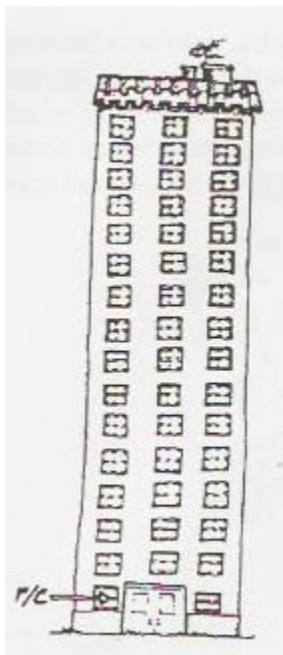
3.1) Com quantos selos ficou a Luisinha?

3.2) Quantos selos recebeu a Matilde de oferta?

4) O BANDO DE AVES

Quantas aves tinha o bando que o carteiro Pedro viu, sabendo que na última fila estavam apenas oito aves e que quando voam em bando dispõem-se em triângulo?

5) O ELEVADOR



O carteiro foi entregar uma carta registada à dona Anita que mora num prédio de quinze andares. Quando entrou no elevador, já este estava quase cheio. O carteiro carregou no botão do andar onde mora a dona Anita, mas a viagem não foi direta porque o elevador tinha a memória avariada. Subiu do rés-do-chão até ao 8º andar, desceu 2 andares e depois 4, voltou a subir 1 andar e por fim, 7. Estava finalmente no andar onde mora a dona Anita. Qual é esse andar?

ANEXO C

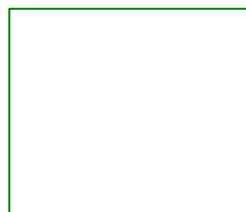
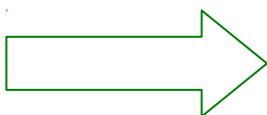
Proposta de Trabalho de Estudo do Meio

Nome: _____ **Data:** _____

Répteis

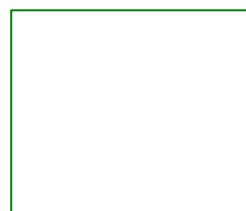
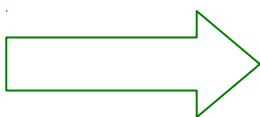
1. Desenha as principais características dos répteis e completa as palavras com as vogais que faltam:

Reproduzem-se por:



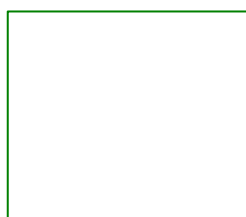
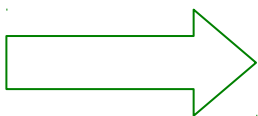
___v___s

Respiram por:



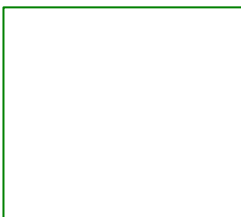
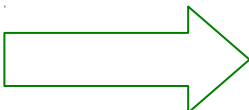
P___lmõ___s

O seu corpo é revestido de:



___sc___m___s

Para se deslocarem :

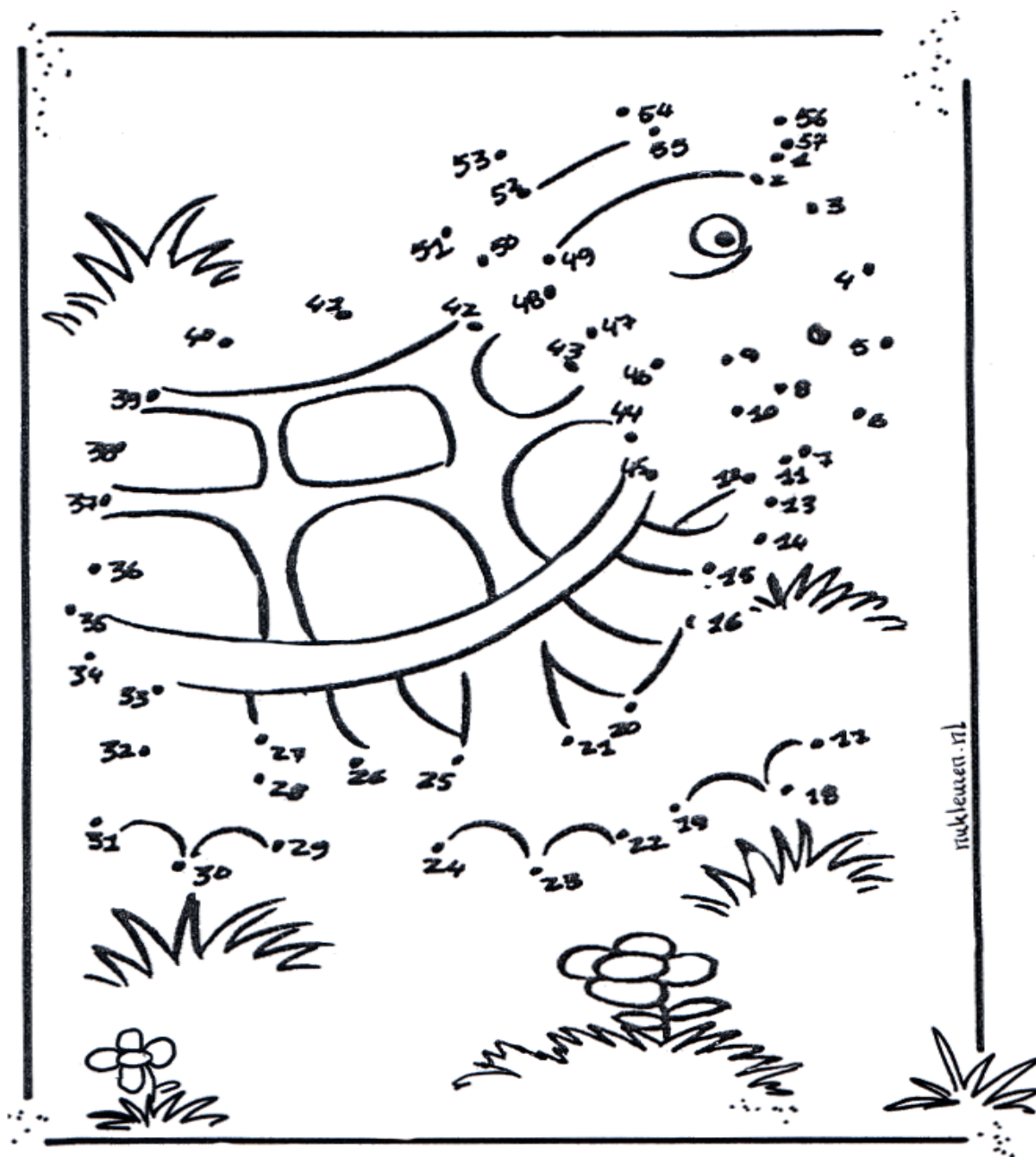


R___st___j___m

___nd___m

N___d___m

2. Une os pontos de 1 a 57 e descobre que animal está aqui escondido.



ANEXO D

Proposta de Trabalho de Língua Portuguesa (2.º Ciclo)

Ficha formativa – Língua Portuguesa - Conjugação Pronominal Simples e Reflexa

Nome: _____ N.º: _____ Turma: _____ Data: _____

1. Classifica com V (verdadeiro) ou F (falso) as seguintes afirmações.

1.1. No futuro e no condicional, os pronomes tomam as formas lo, la, los, las e integram-se no interior da forma verbal. _____

1.2. Quando a frase é introduzida por que, os pronomes pessoais colocam-se depois da forma verbal. _____

1.3. Quando a forma verbal termina em r, s ou z, corta-se o r, s, ou z e os pronomes tomam as formas lo, la, los, las. _____

1.4. Quando a forma verbal termina em m ou ditongo nasal, retira-se o m ou ditongo nasal e os pronomes apresentam-se sob as formas no, na, nos, nas. _____

1.5. No futuro do conjuntivo e no presente do condicional, os pronomes me, te, se, nos, vos, se, são integrados no meio da forma verbal.



2. Tendo em conta as regras já adquiridas substitui as palavras sublinhadas pelos pronomes pessoais adequados.

2.1. O jornalista e o amigo viram o gato. _____

2.2. O Leonardo fez uma invenção. _____

2.3. Farei a invenção com prazer. _____

2.4. Comeste os ratos? _____

2.5. O gato pôs asas nos peixes. _____

2.6. O jornalista publicou a reportagem. _____

2.7. Eu e ele teremos uma conversa. _____

2.8. Tu divulgarás a invenção. _____

2.9. É preciso que ele faça a invenção. _____

2.10. Termine a entrevista. _____

ANEXO E

Proposta de Trabalho de Matemática
(2.º Ciclo)

Ficha formativa - Escalas

Nome: _____ N.º: ____ Turma: ____ Data: _____

1. Diz o significado de:

1.1. Um mapa está desenhado à escala $\frac{1}{500}$.

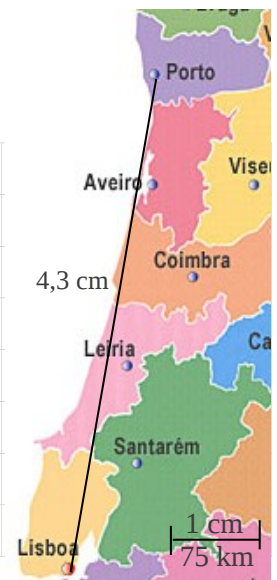
1.2. A abelha está desenhada à escala 3 : 1 .



2. Num projeto, uma piscina tem 5,5 cm de comprimento e a escala utilizada é de 1 : 200. Qual é o comprimento real da piscina?

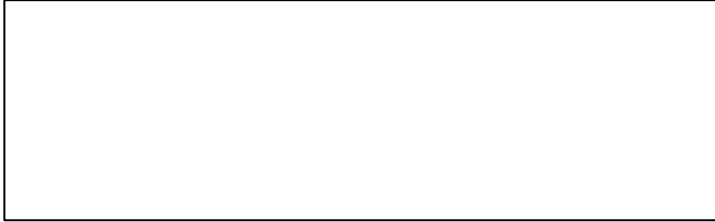
3. No mapa a distância entre Porto e Lisboa é 4,3 cm.

Qual é a distância real entre as duas cidades?



4. Qual é a escala de um mapa em que:

4.1. 1 cm corresponde a 50 m?

A large, empty rectangular box with a black border, intended for the student to write the answer to question 4.1.

4.2. 1 cm corresponde a 100 Km?

A large, empty rectangular box with a black border, intended for the student to write the answer to question 4.2.

ANEXO F

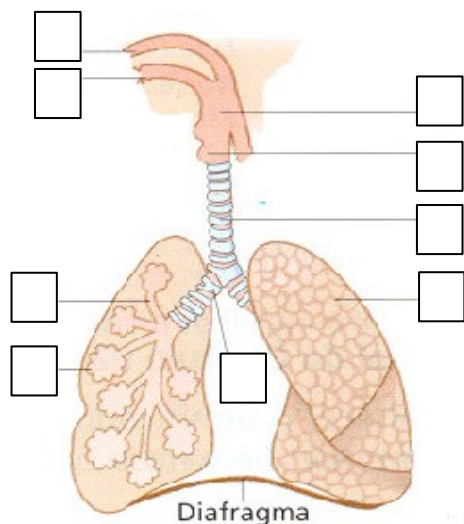
Proposta de Trabalho de Ciências da Natureza (2.º Ciclo)

Ciências da Natureza – 6.º ano
Ficha formativa – Sistema respiratório

Nome: _____ N.º: ____ Turma: _____ Data: _____

1. A figura seguinte representa o sistema respiratório humano.

1.1. Completa a legenda da figura 1, colocando em cada o número respetivo:



- 1 Traqueia
- 2 Alvéolo pulmonar
- 3 Bronquíolo
- 4 Brônquio
- 5 Pulmão
- 6 Laringe
- 7 Fossas nasais
- 8 Faringe
- 9 Boca

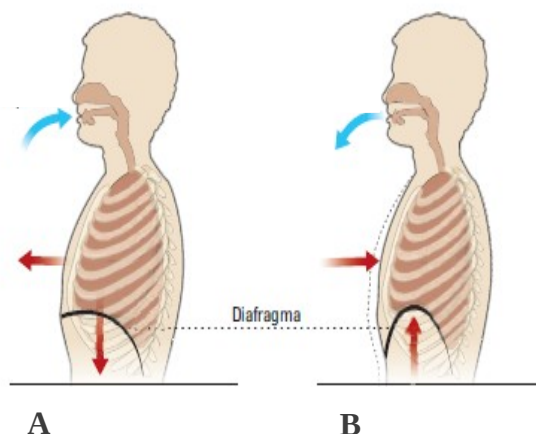
Figura 1

2. Os esquemas A e B representam alterações da caixa torácica durante os movimentos respiratórios.

2.1. Regista, nas alíneas seguintes, as palavras **Inspiração** e **Expiração** de modo a traduzir a fase correta de cada movimento.

A - _____

B - _____



3. Classifica as seguintes afirmações assinalando com **V** as verdadeiras e **F** as falsas.

- A. A expiração corresponde ao mecanismo através do qual o ar entra nos pulmões. _____
- B. A pleura consiste numa membrana dupla que reveste os pulmões. _____
- C. A inspiração corresponde ao mecanismo pelo qual o ar é expulso para o exterior. _____
- D. O conjunto de uma inspiração seguida de uma expiração designa-se ciclo cardíaco. _____
- E. A função das vias respiratórias é permitir que o ar entre e saia dos pulmões. _____
- F. O percurso do ar é: nariz, faringe, laringe, traqueia, bronquíolos e alvéolos pulmonares. _____

ANEXO G

Proposta de Trabalho de História e Geografia de Portugal (2.º Ciclo)

História e Geografia de Portugal - 6.º ano

Ficha formativa - O império português no séc. XVI - Os territórios em África

Nome: _____ N.º: ____ Turma: ____ Data: _____

1. Lê o texto e observa o mapa da figura 1.

El-Rei D. João II, vendo que nas terras recentemente descobertas havia riquezas que aumentavam o seu rendimento, ordenou que se construísse uma fortaleza no sítio onde se fazia tráfico do ouro, que chamavam Mina.

1.1. A Mina localizava-se na costa oriental ou ocidental de África?

1.2. Porque razão seria necessário construir uma fortaleza no sítio da Mina?



figura 1

1.3. Que nome tinham esses lugares de comércio que os Portugueses estabeleceram na costa africana?

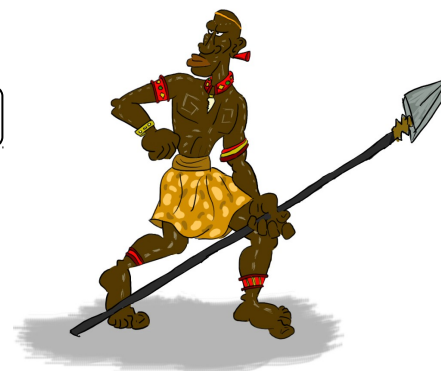
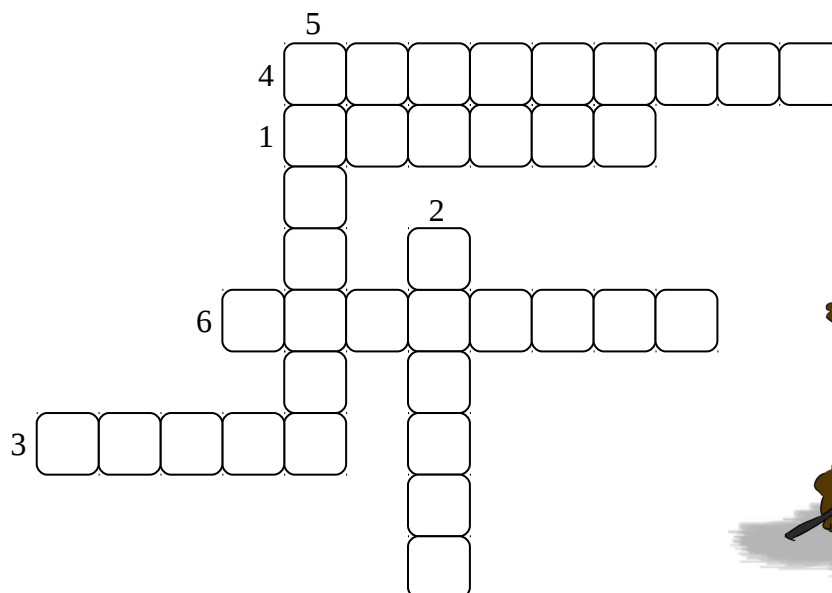
2. Completa a tabela utilizando as palavras chave.

Palavras chave

ouro
sal
trigo
marfim
escravos
panos
malaguetas
objetos de cobre e latão

Os portugueses comercializaram com os africanos	
Ofereceram	Receberam
<input type="checkbox"/> _____	<input type="checkbox"/> _____
<input type="checkbox"/> _____	<input type="checkbox"/> _____
<input type="checkbox"/> _____	<input type="checkbox"/> _____
<input type="checkbox"/> _____	<input type="checkbox"/> _____

3. Completa as palavras cruzadas.



- 1 - Local onde foi construída a primeira feitoria.
- 2 - Os povos africanos estavam organizados em _____.
- 3 - Os portugueses ao chegarem a terras de África avistaram povos de raça _____.
- 4 - O homem africano podia ter várias mulheres. Assim, praticava a _____.
- 5 - Local onde viviam os africanos.
- 6 - Principal atividade entre os portugueses e os povos africanos.